

CAMILO CASTELO BRANCO

O DEMÓNIO
DO OURO



N I M P R E N S A
N A C I O N A L

CAMILO CASTELO BRANCO
O DEMÓNIO
DO OURO



Edição de Ivo Castro

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

LISBOA - 2020

© **N** I M P R E N S A
N A C I O N A L

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
prelo.incm.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

Design da coleção: Undo
Paginação e capa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Tipos de letra: Znikomit e Minion Pro

Edição digital gratuita, abril de 2020
© Imprensa Nacional-Casa da Moeda

O DEMONIO DO OURO

ROMANCE ORIGINAL

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

I VOLUME

LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA E COMP.^A

68 – Praça de D. Pedro – 68

1873

© **N** I M P R E N S A
N A C I O N A L

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

PRIMEIRO VOLUME

João Veríssimo Vieira, mestre de primeiras letras na vila da Póvoa de Lanhoso, em 1750, era homem de bem, e suficientemente entendido no seu magistério. Tinha estudado para padre, e prometia então, com o porte exemplar de sua mocidade, vir a ser modelo de clérigos; mas, aos vinte e um anos, quando já revestia sobrepeliz e garganteava salmos nos mortuórios, viu em hora esquerda uma pobre quanto esbelta moça de olhos tão feiticeiros que não houve mais desenliçar-se dela.

Estes amores correram clandestinos até ao lance em que lhe cumpria ao minorista desviar-se da vereda do sacerdócio para caminho mais insilveirado de espinhos, como usa ser o da honra quando ela por aí vem a remediar culpas.

João Veríssimo, apesar de seus pais, que antepunham a batina à honestidade do filho, casou pobre, e começou desde logo a ensinar rapazes na Póvoa de Lanhoso, saindo da freguesia de Geraz, donde era natural.

E vivia resignado, se não contente, instruindo-se nas horas feridas do ensino, e esperando que o pai, mais ao diante, lhe perdoasse por amor de Deus e por amor à honra.

Debalde esperou.

Quando nasceu a primogénita de quem ele fiava a reconciliação com a família, o avô não quis ser padrinho. A recusa doeu-lhe no coração de pai, mas levemente perturbou a serenidade do

homem probro. Dizia ele com a filha nos braços e as lágrimas na face:

– Olha, mulher, se esta inocentinha não fez o milagre de me restituir a amizade de meus pais, é que Deus o quer assim, e não há que esperar. Vivamos, como até aqui, do nosso trabalho.

– Pois sim; – dizia Luísa, menos paciente – mas teu pai é mau homem! Isso é ele!

– Não é mau; é do barro comum – emendava o marido – Tinha vontade de ter um padre em casa, porque o lavrador vizinho ordenou o filho. Se este desejo procedesse do sentimento religioso, e não da vaidade, meu pai ter-me-ia obrigado a casar contigo, a querer eu mentir a Deus e à sociedade, manchando o hábito sacerdotal; mas a vaidade pode mais que o dever nas pobres almas ignorantes dos lavradores, onde a religião não entra acompanhada dos preceitos de bem-viver neste mundo.

– Pois, sim, sim; – tornava Luísa, percebendo pouco das serenas reflexões do homem – teu pai é tão ruim de condição que te não há de deixar nada... Tu verás, João...

– Alguma coisa me deixará; e, se não deixar, Deus lhe não peça contas à sua alma, que eu por mim dou-as por saldadas.

Este filial e cristianíssimo propósito seria bastante útil à alma do lavrador no outro mundo, para onde foi, depois de haver dado o melhor do casal a outro filho, e inredado em hipotecas fraudulentas o restante da fazenda, por tais artes que João Veríssimo apenas herdou umas courelas que lhe não rendiam o pão de dois meses. Mas, se os votos de Luísa pesarem na balança do supremo juízo, o lavrador penará no abismo eternamente, dado que o marido, por sua parte, quando a esposa lhe praguejava o pai, mentalmente pedisse a Deus perdão para a alma do defunto, e também para a ambição desculpável da mulher, que aleitava com seio mal nutrido uma filha criada para a extrema pobreza.

Esta filha era uma criança em extremo linda. A mãe havia sido uma das mais bonitas moças de Geraz, onde as houve de tal

fama que já o padre Carvalho, na *Chorografia*, nota de «formosas e presumidas» as raparigas daquele sítio.

Chamou-se Eulália a menina.

Como a sua infância passou ao abrigo dos ardores e frios do clima, o alvor do rosto e mimo infantil não desbotaram, como acontece às raparigas das aldeias, cuja beleza desmerece cedo. Eulália era as alegrias e desvelos de João Veríssimo, que indiscretamente a ia educando como se dali houvesse de passar à sociedade, às salas, às cidades, onde a inteligência e graças espirituais das mulheres dão realces à formosura. Luísa, bem aconselhada pela própria ignorância, desavinha-se com o homem à conta dos estudos da rapariga; e, se as palavras eram ineficazes, arrancava às mãos de Eulália o livro, e punha-lhe a roca na cinta.

Não obstante, a menina, antes dos sete anos, lia correntemente, e argumentava em aritmética, e no mais, com Manuel, o melhor discípulo de João Veríssimo.

Este Manuel era um rapaz nascido em Rendufinho, filho duma jornaleira, que morrera quando ele fazia um ano. Não tinha pai, pela mesma razão que a mãe não tivera marido. Se entre os homens, que passaram à porta da choupana, onde a jornaleira estava amortalhada, ia o pai da criancinha que chorava em um berço de canastra, ele não se abaixou a tomar o órfão nos braços.

Manuel até aos cinco anos criou-se no regaço da Providência. Só esta palavra divina explica o viver daquele menino, que mendigava quando ainda não sabia proferir a palavra «pão»; e dormia, sereno e lívido como um anjo de mármore, as noites de dezembro, nos alpendres dos lavradores e nos degraus dos cruzeiros.

Quando prefez seis anos, apareceu na Póvoa em companhia de outros rapazinhos que iam à lição, com os seus saquitéus à bandoleira, onde levavam o alfabeto, a cartilha, a sentença, o pão da merenda, e o atarrachado tinteiro de chifre, com pena de pato. Manuel seguira-os embelezado naqueles utensis escolares. Viu-os entrar na escola, e foi depós eles, apesar de o empurrarem com desabrimento.

– Que é isso?! – perguntou o mestre.

– É este rapaz, que não é da lição, e quer entrar – respondeu um dos discípulos.

– Deixem-no entrar! Quem lhes deu a vocês o atrevimento de repelirem quem quer entrar na minha casa? Vem cá, rapaz!

O pequeno entrou airoso, bem que as lágrimas lhe apon-tassem nas pálpebras.

– Porque choras? Aqueles bateram-te? – tornou o professor.

O pequeno olhou contra eles, e abafou o queixume. Via-se que o hábito de sofrer e chorar sem carpir-se lhe havia extraído nas lágrimas o agro-doce da vingança.

– Que queres tu? Donde és?

– De Rendufinho.

– Quem é teu pai?

– Não sei. Minha mãe morreu há muito... Deus lhe fale n'alma.

Um moço já espigado, que o conhecia, explicou ao mestre que o rapazito era filho duma jornaleira, e andava às esmolas, e a dormir por aí, sabia Deus onde.

– Mas admiro que teu pai, o rico alferes de Cima-de-Vila, não saiba onde Deus quer que durmam os pobrezinhos! – disse o mestre em tom agastado – Teu pai é um lavrador de mão cheia, e este menino órfão e esfarrapado era filho de uma jornaleira que vendia por baixo preço o seu suor a teu pai... Ah! ricos, ricos...!

E, voltando-se para o rapazinho, continuou:

– Tens fome? Queres comer?

– Não, senhor; já comi caldo na casa do Eiró. Vou lá todos os dias à esmola.

– Então que queres?

– Queria aprender a ler.

João Veríssimo deteve-se alguns instantes a contemplar o menino. Neste exame silencioso, não se cuide que o mestre lhe andava devassando as bossas da inteligência, ou a descortinar se na fronte

escampada lhe preluziam brilhantes destinos. Nada disso. No que ele cismava era em vestir e alimentar a criança – precisões que ele antepunha à caridade de o ensinar.

– Senta-te ali, rapaz – mandou o mestre, apontando-lhe a extrema inferior de um dos seis bancos paralelos.

Manuel sentou-se com tanto acanhamento quanta era a alegria que lhe pulava nos olhos.

Às duas da tarde, hora da merenda, João Veríssimo saiu da vasta quadra da escola, recomendando ao rapazio que se portasse com juízo, e levou consigo o pequeno.

– Quem é este rapaz tão roto?! – perguntou Luísa.

– É um pobrinho que quer saber ler.

– Boa vai ela! – disse a precavida mulher, já receosa das costumadas liberalidades do marido.

– Vê se lhe dás alguma coisa de merendar – disse o mestre.

– Tenho aqui metade do meu pão e peras da merenda – acudiu Eulália.

– Dá-lhe o pão e as peras, filha – aprovou o pai.

A pequena foi ao seu açafatinho, tirou de lá o que tinha, e levou-o ao pequeno.

– Deus lhe dê saúde – disse Manuel, recusando brandamente a esmola – eu agora não tenho fome.

Insistiu o mestre, e o rapaz aceitou; mas, em verdade, não tinha fome: o júbilo de se ver na escola, como ele depois dizia, pusera-lhe um nó na garganta.

– Este pequeno – disse João à mulher que estivera observando o caso em silêncio e mal assombrada – fica por enquanto conosco.

– O quê?! – acudiu Luísa.

– Fica em nossa casa até ver se algum proprietário da Póvoa o aceita para moço, e consente que ele frequente a escola.

– E, se ninguém o quiser?

– Quero-o eu.

– Para moço! Temos grandes posses para ter criados...

– Também não é preciso tê-las grandes, mulher. Ah! Luísa, Luísa! Tomara-te eu menos ambiciosa, e serias mais feliz... Muito pobre imaginas tu que é Deus! Dizes todos os dias: «Creio em Deus Pai, criador do céu e da terra»; e receias que o Pai, autor de todas as riquezas que contêm o céu e a terra, não tenha para esta criança um caldo e uma enxerga...

– Ele terá, eu é que não... – replicou rebeldemente a mulher, que era o tipo comum das cristãs das nossas aldeias, as quais destampam às vezes em remos demonstrativos de que a ironia com as coisas divinas também se encontra em espíritos broncos por onde não passou o suão ardente da dúvida.

João Veríssimo era bom; mas não era pusilânime com sua mulher. Enquanto ele contradissesse, Luísa questionava; porém logo que o marido arrugasse a testa, e friccionasse um beicho no outro, calava-se ela.

Assim sucedeu com o agasalho do órfão.

Alegrava-se o caridoso homem, vendo Eulália abeirar-se do mocinho maltrapido, e fitá-lo com ar de compaixão.

O pequeno, olhando-a com o encolhimento do respeito, parecia adivinhar a piedade que inspirava àquela criatura, linda como os anjos do painel da Senhora da Assunção, que ele vira na igreja de Sobradelo.

O mestre não dormiu bem sossegado naquela noite, posto que o dormir, quando a caridade nos acalenta o sono, haja de ser dulcíssimo.

– Que tens que não pegas a dormir, João? – perguntava Luísa estranhando-lhe a vigília – Em que dianho pensas?

– No rapazinho.

– O rapazinho está a dormir, homem! Que mais queres?

– Quero ver se lhe dou pai; ora aqui tens o que eu quero, mulher.

– Se lhe dás pai? Em boa te vais meter!... Como hás de tu dar-lhe pai, se ele o não tem?... Sabes tu que mais? Olha se dormes... Tu dás em doudo!...

Atilada mulher! Voltou-lhe as costas, e adormeceu.

E ele continuou a cismar.

À primeira luz da manhã, ergueu-se.

Era dia santificado.

Deixou a mulher a dormir, beijou a face da filha, alumiada pela projeção da luz froixa do oratório, orou à imagem de Jesus crucificado, e saiu na direção de Rendufinho.

Era o alvorecer de um dia ameníssimo de agosto.

As músicas, que ressoavam nos arvoredos agitados pelas quentes lufadas do sol nascente, harmonizavam com o contentamento daquele obreiro obscuro e feliz. Ali não ia o deserdado, raivando contra a sociedade que o deixara desbalizar do seu património. Como se tivesse pejo e escrúpulo de confessar sua pobreza em meio dos milhares de esplêndidas obras, o homem, que tinha a riqueza duma filha, relançava os olhos por de sobre os zimbórios e torres das casas ricas, enquanto os olhos da alma iam embevecer-se no sorriso da filha adormecida.

E o que ele não via ao dobrar uma colina donde se enxerga entre verduras a igreja de Rendufinho a alvejar!

Sobranceando a Póvoa, negrejava o castelo de Lanhoso, ereto em rocha, recortado de ameias, lardeado de bastiões, golpeado de seteiras, ali perpetuado, rebatendo as injúrias de nove séculos, imagem, símbolo da raça forte que, ao passar por lá, empedrou um dos seus gigantes, como vigia eterna das gerações que se desforçam a camartelo da sua vergonhosa afeminação. Ali o primeiro Afonso

... a mãe, que tão pouco o parecia

... em ferros ásperos atava*

Lá foi que D. Rodrigo Gonçalves Pereira de Berredo, esposo atraído por um frade de Bouro, pegou o fogo pelos quatro ângulos, assando a esposa, o frade, os criados, as bestas, tudo, criminosos e inocentes, desde a adúltera até ao frade, o frade talvez

* Camões, *Lus.* CANT. III, est. XXXI e XXXIII.

inocentíssimo, embora o genealógico D. Pedro, conde de Barcelos, mentiroso como todos os linhagistas, referindo o caso, duvide da inocência do monge.

Ao nascente, surgia d'entre copas de carvalheiras seculares a Torre dos Godinhos, onde vivera o conde D. Fafes Serrazim de Lanhoso, o rico-homem, pai de D. Godinho, e avô de D. Fafes Luz, fundador de Fafe. Não vá o leitor, enganado por mim, à cata da torre solarenga dos Godinhos. Há menos de trinta anos que o paço feudal foi aluído. Da pedra enegrecida por dez séculos, e talvez esquadriada por mãos de suevos, fez-se a parede de um chavascal, e uma cozinha de casa alagartada de azulejos, onde provavelmente mora e ingorda um sujeito que se serve com os últimos descendentes de D. Fafes.

Ao sul, em S. Martinho, campeava a Torre dos Motas. Ali vivera Mem de Gundar, coevo do conde D. Henrique. E, defronte, ao norte, o solar torreado dos Machados, edificado por aquele D. Martim, que lascou a machado as portas de Santarém, quando Afonso Henriques desengastou do crescente sarraceno a tão disputada joia da sua coroa vacilante.

Estas referências históricas decerto não preocupavam o ânimo de João Veríssimo. Os monumentos da velha Galiza, aquelas relíquias dos netos de Pelágio não lhe proponderavam tanto no espírito como os seis anos da criança que não tinha mãe, e não sabia a quem dar nome de pai.

À entrada de Rendufinho, o professor bateu no portal da casa de um padre que havia sido seu condiscípulo em latim.

– Madrugaste, João! – disse o clérigo – A que vens?

– À procura do pai dum esfarrapadinho da tua freguesia. Conheces um pequeno de seis anos, que pede esmola, e é filho duma jornaleira, falecida há cinco anos, que trabalhava em casa do Tibúrcio de Cima-de-Vila?

– Era a Carlota das Courelas; conheço o rapazito – respondeu padre Bento com desnatural empenço na voz.

– Sabes quem seja o pai dele?

– Sei o que por aí se disse a tal respeito. Essa mulher veio ainda muito nova servir em nossa casa; mas aí pelos dezoito anos, pegou de doudejar, e minha mãe impontou-a. Quando ela apareceu com o filho, disse muita gente que o pai da criança era o Tibúrcio de Cima-de-Vila. Eu não sei decerto...

– Pois claro é que tu ao certo não podes saber isso, padre Bento; – obtemperou João Veríssimo – porém, dizes tu que é voz pública ser Tibúrcio o pai do pobrezito...

– Sim... é o que corre – afirmou o padre embaraçado, não sabemos porquê, talvez escrúpulo do consentir num boato duvidoso.

– Ora olha tu – voltou o outro – que eu increpei asperamente o Tibúrcio, quando o filho dele, que é meu discípulo, me disse que o rapazinho pernoitava sabia Deus por onde! Há presságios que só se explicam por influxo providencial!... Pois sabes tu que mais? Estou resolvido a procurar o Tibúrcio, e a dizer-lhe que proteja aquele menino, embora o não trate como filho. Que te parece?

– Parece-me que não fazes nada... – acudiu sem detença o padre – Deixa-te disso... que não lhe apanhas vintém...

– Se nada fizer, é porque a opinião pública está enganada a respeito da filiação do rapaz. Se o Tibúrcio é pai, há de atender-me, hei de tocar-lhe o coração. Que os homens são maus; isso é da Bíblia; mas que os pais são bons, isso é do céu, é graça que de lá desce com as almas inocentes das criancinhas. Suceda o que suceder, lá vou.

– Não fazes nada, João... – insistiu o padre – Olha que o Tibúrcio é um selvagem, que não te percebe, se lá fores com discursos e retóricas. Manda-te logo dizer o que pretendes pelo claro; e, assim que tu lhe falares em filho natural, nem o diabo tem mão nele. Verás que te manda pôr no olho da rua.

– E eu obedeço-lhe, sacudindo na sua testada o pó dos meus sapatos.

– Toma o meu conselho... –olveu o padre – Pede-lhe uma esmola para vestir o rapaz; mas não lhe dê a perceber que o julgas pai; e, mais ao diante, pode ser que se te ajeite boa ocasião de lho ir inculcando como filho.

– Acho-te razão, padre Bento – condescendeu o mestre, refletindo
– Tenho assim dois meios por onde chegarei ao meu propósito: se é pai, falo-lhe ao coração; se não é, movo-lhe a caridade...

– Justamente.

– E por um dos dois sentimentos conseguirei que ele o proteja, que o recolha, e o alimente e o vista, enquanto eu o vou habilitando para o negócio. Está decidido. Abraço-te pelo prudente conselho, e cá vou. O que passar, contar-to-ei.

– Pois vai. Torno a recomendar-te que nem por sombra lhe deixes desconfiar que tu suspeitas que ele seja o pai do rapaz...

– Intendi, padre Bento, intendi. Até logo.

II

Tibúrcio, mais conhecido por «alferes de Cima-de-Vila» encontrou João Veríssimo no caminho da igreja, para onde ia assistir à missa. Abraçou cordialmente o mestre de seu filho Jerónimo, e quis saber que novidade o levava a Rendufinho.

– A falar com vossemecê sobre uma obra de caridade.

– Alguma esmola para as obras da Senhora da Abadia?

– Não, senhor. Eu não peço para obras de pedra; venho pedir para o edifício duma alma.

A mulher de Tibúrcio, que também ia, intendeu que João Veríssimo pedisse para uma alma do purgatório; mas o marido, de natureza menos subtil e pia, nem sequer percebeu isso.

– Ora explique-se lá, *padre* João! – voltou o lavrador – Eu cá, desde que o vi de coroa e sobrepeliz a cantar aos defuntos, intendi que você era padre, e custa-me a chamar-lhe outra coisa! A falar verdade, ó sôr João, você fez boa asneira em se casar! Podia estar a esta hora abade, com o seu passal, com o seu património, e levar boa vida; assim, está pobre, a aturar canalha, casado, com filhos... Quantos tem?

– Tenho uma menina, sr. Tibúrcio.

– Está feito; do mal o menos; podia já ter cinco ou seis, e dar-se ao demo para os sustentar.

– Anjo bento! ao demo, não! tens palavradadas, Tibúrcio! – atalhou a mulher, trejeitando como escandalizada da impiedade.

– Pois então? – repisou o alferes de Cima-de-Vila – onde havia de ir este homem buscar pão para sustentar seis filhos?!

– Aos celeiros onde vão as aves que não fiam nem tecem, às searas de Deus, que tão pai é de um como de seis filhos do pobre – respondeu João Veríssimo.

– *Amen*, – apoiou a senhora Maria do alferes.

– Isso é bom nos sermões, padre João – refutou ironicamente Tibúrcio – mas, cá no amanhã da vida, não pega. Os pardais verdade é que não tecem nem fiam, e sustentam-se das sementeiras; mas de vez em quando levam a sua chumbada, que se regalam. Responda lá a isto, se é capaz...

– Tem bastante filosofia a réplica... – disse entre si João Veríssimo.

– Então que quer o sôr João? –olveu o lavrador – A obra de caridade que é? Diga lá; se for objeto que se possa fazer, faz-se.

Tinham entrado ao adro da igreja, e já a sineta dava o último sinal.

– Conversaremos depois da missa – disse o professor.

O celebrante era padre Bento Ribeiro.

Ao primeiro *dominus-vobiscum*, o levita, voltado para os fiéis, mostrava um rosto seráfico, um quebranto de olhos inlevados em ascéticas visões, um mavioso de voz tremente da piedosa comoção com que chamava o Senhor a ser parte nas almas daquela cristandade.

João Veríssimo edificara-se daquele místico aspeito, ao mesmo tempo que Tibúrcio sorria para ele de esguelha.

Ao *orate-fratres*, o mesmo gesto untuoso do padre, a mesma edificação do mestre, e o mesmo sorriso esconso do alferes.

– De que se ri este homem?! – dizia de si consigo João Veríssimo.

Ultimado o santo sacrifício, os dois saíram juntos.

– Quem vê aquela cara de santo de pau de bucho não atrema com o velhaco que ali está! – disse Tibúrcio.

– A cara de quem? – perguntou o outro.

– De quem há de ser?! A do padre Bento, pois você não o conhece?!

– Conheço há doze anos, desde a escola.

– E então que lhe parece o tal amigo?

– Um homem inofensivo e um bom clérigo.

– Bom clérigo! um sedutor de cachopas, bom clérigo! Ah! então você, sôr João, se o não é, faz de mim tolo... Para cá vem barrado!... Que ele engane com as suas imposturas a gente estúpida, isso é dos livros; mas você que estudou dez anos, pelos modos, chamar àquilo bom clérigo, isso há de perdoar que lhe diga que é pagar bom burro ao dízimo...

Como a sr.^a Maria do alferes se avizinhasse dos dois e ouvisse a prática deprimente dos créditos alheios, admoestou o marido a não murmurar de padre Bento, que era sagrado pelas ordens.

– Da coroa para cima – emendou o alferes, com gracejo de cabo de esquadra.

– Anda daí! – instou a boa mulher com medo de maior sacrilégio.

– Pois vamos lá almoçar, padre João – condescendeu Tibúrcio – e depois falaremos no caso que o cá trouxe; mas, a respeito da bondade do tal padre Bento, temos conversado.

Findo o frugal almoço, e apartados ambos para o eirado, João Veríssimo expôs assim o seu requerimento:

– Amigo e sr. Tibúrcio, ontem entrou na minha escola um menino de seis anos, quase nu, e com cara de fome. Perguntei-lhe a que ia; respondeu que queria aprender a ler. Averigui quem fosse, e dele e de seu filho Jerónimo soube que era desta freguesia, filho de uma jornaleira desta casa, chamada a Carlota das Courelas, já defunta.

O alferes interrompeu-o com uma risada seca, batendo-lhe duas palmadas nos ombros.

– Que é?! – perguntou o mestre-escola.

– Vá dizendo, que eu cá vou tomando nota.

– Nota de quê?

– Vá dizendo ao que veio, homem!

– Vim pedir a vossemecê que repartisse dos sobejos do seu rendimento algumas migalhas ao orfãozinho, a fim de que ele possa, vestido e alimentado, estudar.

– Não tem mais nada a pedir?

– Não, senhor.

– Então, ouça lá, sôr João Veríssimo, e não me fale à mão. A Carlota das Courelas era uma raparigaça com um palmo de cara que não tinha inveja à mais bonita desta comarca. Veio ainda cachopa servir para casa do António da Mó, que era o pai do padre Bento Ribeiro. Por lá esteve coisa de seis anos, e não lhe faltaram rapazes remediados que a conversaram para o bom fim; mas ela não dava trela a nenhum porque o estudantinho, pelos modos, ia estudando para padre e para brejeiro ao mesmo tempo. O grande caso é que a mãe do rapaz, desconfiando do filho e da moça, mandou a rapariga à mãe, com um recado de que não queria em sua casa mulheres desaustinadas. A mim me disse então a mãe do estudante que pusera fora a moça com medo que o filho se apaixonasse e casasse como você fizera com a tecedeira de Geraz. Ora a Carlota, assim que soube que o estudante viera de Braga a férias, fugiu das Courelas, e apresentou-se ao rapaz a chorar e a dizer que estava resolvida a deitar-se ao Cávado, se ele a deixasse. O tratantório lá se desfez da rapariga com as razões de grande maroto que já era então; e ela, que teve medo de voltar para a sua terra, ficou por aqui a trabalhar de jornaleira por esses lavradores, dormindo num cardenho que minha mulher lhe deu de graça. Eu não lhe sei dizer se a rapariga era boa se má. Por aí dizem que ela andaria melhor se esganasse o padre e se atirasse depois ao rio; mas o que também dizem é que o padre Bento, já depois que dizia missa com aquela cara que você lhe viu, ainda era o mesmo que a guardava dos outros, cioso como quartão galego. O grande caso é que a rapariga deu à luz o filho; e, assim que este facto sucedeu, o padre saiu da freguesia, e por lá andou ano e meio a paroquiar aí para Barroso. Neste entrementes, a Carlota pegou de padecer,

e morreu hética, dizendo a quem lho ouviu – a mim e a mais alguém – que o pai do seu filho era o padre da Mó. Ora agora, já você sabe, sôr João, a quem há de pedir de comer e vestir para o rapaz. Vá lá; bote-lhe a sua fala; veja o que ele diz: e, se o patife não der nada, volte por aqui, e falaremos.

João Veríssimo estacou a olhar com pasmo de emparvecido para o lavrador. Queria refutar a história por lhe parecer incrível que padre Bento o não desviasse da porta do alferes, se ele era o pai da criança, o desonrador da mãe, o cru libertino que desamparara os dois. Não cabia isto nos limites que ele assinalara ao mal, ao pecado, à perversidade humana. Mas com que argumentos combater a acusação de Tibúrcio? Dir-lhe-ia que o padre lhe assacava a paternidade do órfão? Isso seria levantar estrondoso escândalo, sem daí provir algum proveito à criança. E, de mais, a história da infeliz Carlota, referida tão singelamente pelo alferes, oferecia carácter verdadeiro e irrefutável; e, por isso mesmo, o assombro de João Veríssimo era natural. E, recordando-se das instâncias do padre a fim de que nem por sombra falasse a Tibúrcio no filho, compreendeu melhormente a cautela velhaca, mas ainda assim indiscreta, do seu condiscípulo.

Neste em meio, o lavrador esperava que o mestre-escola dissesse alguma coisa.

– Você ficou estarecido, padre João! – exclamou o alferes, abanando-o pelos ombros.

– Profundamente magoado, senhor Tibúrcio... – respondeu o mestre, enxugando da frente as camarinhas do suor.

– Então já percebeu porque eu me ria da cara do padre? Fique intendendo que está ali o maior tratante do reino, e que aquele homem não arde há muito na Inquisição porque não sei que governo é este que não deixa queimar os padres sem vergonha nem temor de Deus. Olhe que já daqui foi uma queixa ao arcebispo contra ele; o padre foi lá chamado, e com aquelas caramunhas de santarrão que você lhe viu, enganou o arcebispo, e voltou para aí, a esbravejar contra os caluniadores. Mas deixe-o andar, e espere-lhe pela volta...

– À vista do que me diz, não sei que faça, meu amigo – tornou o professor indeciso. – Eu não sei como hei de pedir a tão mau homem que proteja o pobre rapazinho...

– Olhe, sôr João, eu não dou duas rasas de milho pelo dote que esse homem há de dar ao filho; mas, apesar de tudo, digo-lhe que vá ter com ele, que nada se perde. Você sabe pintar as coisas a preceito. Veja se lhe toca no interior. O homem acabou de tomar a sagrada hóstia há pouco; pode ser que o demo lhe fugisse do corpo. Aproveite a maré; que ele, depois do meio dia, tem dentro de si o diabo a nadar em vinho; e lá por horas mortas lê uns livros que esconde de todos os padres que lá vão. Olhe que, para ter tudo, até borrachão se fez; mas é tão hipócrita, que se prega a dormir toda a tarde, e diz à parva da mãe que está a fazer oração mental. Ah! bom fueiro!...

João Veríssimo despediu-se com o intento de recolher-se, e dar como encontrado o pai do órfão naquele altíssimo e soberano Espírito que lho encaminhara a casa.

Tinha pejo de se encontrar rosto a rosto com padre Bento. Era ele o invergonhado! Há almas delicadíssimas que levam até semelhantes extremidades, não sei se o pudor de sua pureza, se a compaixão dos vícios alheios.

Desandou, pois, caminho da Póvoa, por um atalho desconhecido da casa do padre; mas foi pontualmente por aí que o padre lhe saiu ao encontro na revolta duma barroca. O levita, que uma hora antes consagrava o corpo e o sangue do mansíssimo holocausto da redenção, ia agora de clavina, correão e rede, polvorinho e matilha de perdigueiros, espingardear as aves da serra, feri-las, afogá-las entre os dedos que exalçaram a hóstia, estrangulá-las na correagem da bandola, e insanguentar as mãos que levava ainda frescas da água lustral do tremendo sacrifício.

Ao dar de cara com o antigo condiscípulo, exclamou um tanto enfiado:

– Como vi que te demoravas, deixei lá recado para me desculpares, porque está à minha espera o abade de Águas-Santas.

– Pois então não te demores, que eu também, por temer o calor, que já é grande, meti por este atalho, onde há mais sombra
– disse serenamente João Veríssimo.

– Então que fizeste? Já agora dize o que passaste.

– Não fiz nada.

– Não quer saber de histórias, heim?

– Contou-me uma...

– Uma quê? Uma moeda de oiro?

– Não: uma história de lágrimas. Disse-me como a Carlota das Courelas foi primeiro casta e bela, e depois desonrada, e mãe, e abandonada, por fim. Contou-me também que o pai do órfão mendicante era um padre...

– Um padre! – atalhou o outro, batendo maquinalmente no chão com a cronha da espingarda.

– Sim, um padre. Eu não me espantei. Os sacerdotes cristãos, nos primeiros e melhores séculos do catolicismo, tinham filhos, e amavam-os. Santo Agostinho estremecia uma filha que teve da sua companheira do lar, não sei se esposa, se amante. Muitos bispos e grandes prelados portugueses houveram filhos, que educaram e legitimaram com licença dos reis e dos papas. Os papas também amaram os filhos, se os tinham. Já vêes que eu só poderia com razão espantar-me que o amante de Carlota e pai de Manuel desamparasse a mãe no leito da morte e o filhinho no berço da mais desvalida infância. Ora tu que és padre, e conheces os teus colegas bons e maus, deves em consciência procurar o pai do orfãozinho que eu lá tenho, e dizer-lhe que lhe dê um caldo pelo amor de Deus, pelas angústias que sofreu Carlota, e pelas lágrimas da fome e do frio que a criancinha tem chorado.

As últimas palavras já foram arrancadas por entre soluços.

Padre Bento, mais estupefacto do que comovido, preparava-se para refutar a indireta alusão, quando o professor, estendendo o braço, até lhe quase tocar com a mão nos beiços, disse:

– Não me respondas agora, Bento; fala à consciência do padre, e noutra ocasião me responderás. Adeus.

E, apertando o passo, desapareceu da vista do outro, que ficou imóvel por largo tempo com o queixo encostado à boca da arma.

Passados vinte minutos, os cães latiram dentro dum soveiral, que entestava com uma vasta clareira tapetada de lestras e urzes. Quase simultaneamente estrondeou a detonação de um tiro, seguida de brados e silvos com que os caçadores costumam dar alor e brio aos cães.

João Veríssimo olhou do topo de um cerro para a encosta de outro onde se desenovelava a fumarada do tiro, e entreviu o padre Bento, saltando de rochedo em rochedo, na piugada provavelmente de um coelho ferido com que ele esperava cevar o seu remorso, e armar intrada ao demónio da tarde na onda do vinho, como dizia o epigramático Tibúrcio.

III

- Achaste o pai do rapaz? – perguntou Luísa, galhofando.
 - Achei.
 - Sim! Então quem é?
 - Sou eu.
 - Salvo seja! Ainda mais essa! Olha se me metes em casa mais uma boca!...
 - E mais uma alma, que Deus confia à tua caridade, Luísa
 - respondeu mansamente o marido.
 - Ó homem, tu não vês que todo o teu ganho são seis vinténs por dia?
 - Bem sei.
 - E que tens uma filha com dois vestidinhos velhos?
 - Bem sei.
 - E então? Sabes isso, e trazes para casa um rapaz que há de comer e vestir?! Que me melem, se tu estás escorreito, homem!...
- João Veríssimo amparou entre as mãos a face caída para o seio, meditou dolorosamente, e ofereceu a Deus o coração para que lho resguardasse das razões penetrantes da mulher.
- E ela, compreendendo compadecida o silêncio do marido, abeirou-se dele com brandura, e disse-lhe:
- Não te aflijas... Olha, João, deixa ficar o rapaz, que ele me ajudará a dobrar as meadas; e, se eu hei de perder tempo na rua, vai ele aos recados. Deixa-o ficar... Deus bem sabe que somos pobres; há de ajudar-nos...

– Boa rapariga! – disse o mestre-escola estreitando-a ao seio – Ouviu-me Deus... Onde está a nossa Eulália?

– Está no quintal a ensinar o *Abêcê* ao Manuel. Ainda há pouco veio dizer-me que ele já sabe nove letras.

– Já sabe doze! – exclamou a festiva menina, assomando à porta – Ó meu pai, que rapazinho tão esperto! É um gosto ensiná-lo!

– Então queres que ele cá fique?

– Tomara eu... – disse Eulália.

– E comer? Bem sabes que somos pobres, filha!

– Ai! ele não come quase nada... Do caldo que a mãe lhe deu ao almoço comeu somente metade... Olhe uma coisa... eu reparto com ele do meu quinhão, quer, meu pai?

– E vestir? – perguntou João Veríssimo, beijando-a, e amimando-lhe as faces.

A menina refletiu alguns segundos, e disse:

– Eu arranjo...

– Que arranjas tu?

– Vou pedir à minha madrinha da casa das Agradas que me dê a roupa velha dos fidalguinhos...

– Lembreste bem, meu amor! – aprovou o pai – os Ferreiras de Melo das Agradas são corações que intendem a língua dos anjos falada pelos teus lábios inocentes... Pois seja assim: irás à tarde com o pequeno a casa de tua madrinha, e já de lá o trarás vestido de ponto em branco.

Assim se fez.

Era já um galante menino, a entremostrear nas feições mimosas, posto que tismadas do sol, a beleza da mãe. Assim o confessava Luísa, que a tinha conhecido, na flor dos anos e da virtude, não sem inveja da primazia que os rapazes davam à das Courelas, quando as duas mocetonas por aquelas romarias de entre Ave e Cávado, andavam à compita de qual mais conversada.

O professor esperou alguns dias o resultado da conferência de padre Bento com a consciência do pai de Manuel. João Veríssimo confiara quase nada da unção e delicada censura de suas palavras;

mas, ainda assim, apostaria que o levita, guardadas as cautelas competentes ao seu ofício, socorreria o rapazinho, quando mais não fosse, por se esquivar aos perigos de averiguações sobre a paternidade do filho de Carlota.

Baldaram-se-lhe todas as conjeturas. Padre Bento da Mó procedeu como os homens de bem que entregam à revelia as calúnias, e apela da iniquidade dos homens para o foro da consciência própria. Ninguém pensaria outra coisa, ouvindo-lhe as missas tão pausadamente meditadas e aqueles gestos arrobados de eremita ao voltar para o povo a cara escandecida dos fervores internos.

O alferes de Cima-de-Vila, obrigado pela palavra, perguntou por escrito ao mestre se o padre *dera de si* – frase bem posta, à qual João Veríssimo respondera com evasivas para não dar azo a que o lavrador divulgasse a sovinação imoral do seu discípulo. E o lavrador, optando pela hipótese de que padre Bento *dera de si*, dispensou-se de dar alguns graeiros da sua tulha.

Ficou, pois, o órfão de todo em todo filho da caridade de João Veríssimo, benquisto de Luísa, e querido de Eulália como se fosse sua irmã.

O menino cumpria obrigações de criado, saindo às módicas compras, barrendo a aula, espanando os bancos e as mesas, regando o papel dos traslados, e estudando ao mesmo tempo que moirejava na casa. Admirava-se o mestre da memória do rapaz; mas ainda mais da inteligência com que devolvia em ideias as fórmulas aprendidas de cor. De si consigo reparava João Veríssimo na dissimilhação que distanciava tanto a cabeça do padre Bento da cabeça do órfão: desconcertos da natureza que faziam lá certas implicâncias no ânimo de João Veríssimo; porque ele acharia mais bem concertado o mundo, se os troncos podres não abrolhassem gomos viçosos.

– O Bento da Mó – dizia ele à mulher – foi sempre muito bronco; deu-me muito trabalho a convencê-lo de que chamando-se *Bento*, não devia assinar-se *Vento*.

– Mas *Vento* é como se diz – observou Luísa que, desde os seus tempos de sécia, aprendera com as senhoras de Geraz a protestar contra a galegagem do *b* em *vom*, em *vagem*, em *vavoso*, em *va-vugem*, e finalmente em *Vento*.

João Veríssimo discorreu, mas não ilustrou a mulher, nem a convenceu da incapacidade intelectual do padre, tão inversa da aptidão do filho.

Entretanto, Manuel, que adotara do seu benfeitor o apelido de *Vieira*, assim que pôde escrever o seu nome, na escrita, que então chamavam *matéria*, avantajou-se a todos os seus condiscípulos, a termos de, na volta dos nove anos, ser elevado à honra de decurião da 2.^a classe. Em aritmética ninguém lhe fazia sombra, nem o próprio mestre, que se prezava de saber *quebrados* a preceito, lhe emendava um algarismo.

Esta precoce aptidão do mocinho valeu muito ao mestre na enfermidade que o teve de cama um inverno inteiro. Era Manuel quem ensinava os rapazinhos em tudo que João Veríssimo pudera instruí-lo, tirante os discursos religiosos com que, aos sábados, o professor explicava a doutrina.

Durante a longa doença de seu marido, Luísa vendera dois cordões e arrecadas, que em solteira ganhara na tecelagem, para suprir ao cirurgião e à botica. Desfizera-se também de parte do seu bragal, que lhe havia custado o pão da boca, e tudo fora insuficiente para que se não empenhasse com alguns lavradores, pais dos discípulos de seu homem.

João Veríssimo ergueu-se em maio de 1752; mas tão quebrado de corpo e alma que mais parecia erguer-se com saudades da morte. Via-se muito pobre, muito duvidoso da convalescença, e sobretudo desesperançado de poder restituir à arca de Luísa o oiro e o linho. Aquela honrada paciência com que ele se aguentara na pobreza relativa parecia ainda ampará-lo; mas escondia-se para chorar; e, chorando, balbuciava o nome da filha como quem oferecia a Deus as suas orações recomendadas pela inocência de um anjo.

Examinando os seus discípulos, elogiou Manuel na presença deles, com tão sensibilizado louvor que o abraçou, dizendo que os meninos haviam ganhado com a substituição, e o substituto ganhara também a eterna gratidão de seu mestre.

Voltou João Veríssimo a reger a escola; porém poucos dias exercitou o pesadíssimo encargo que dantes lhe fora tão agradável.

Afora a extenuação da convalescença mal alimentada, o professor principiou a queixar-se de que via uma nuvem ao redor dos objetos brancos, e grande infraquecimento de vista em ambos os olhos. No discurso de dois meses, o nevoeiro condensou-se a ponto de já mal divisar as coisas alumiadas por claridade brilhante. Por fim, apenas entrevia os contornos dos vultos, que se lhe figuravam erradamente na distância.

Cegou aos trinta e três anos de idade.

Só por Deus se percebe a conformidade com que João Veríssimo assistiu àquela morte da vida exterior, ao vasquejar da luz, que de todo se lhe apagou, fechando-lhe no seio da treva as imagens de Luísa, de Eulália, e de Manuel, o granjeador do pão mesquinho de sua família! Se ouvia o imprudente soluçar da mulher, pedia-lhe que não chorasse, porque ele sentia consolações interiores e esperanças muito seguras de tornar a ver. Se a filha, já mocinha de treze anos, lhe orvalhava a mão trémula de carinho, o pai aconchegava-a do seio, beijava-lhe a face, tateava-lhe as feições, anediava-lhe os cabelos, e dizia-lhe que a estava vendo, tal qual era, com a vista do coração. E sorria-lhe, como nos santos dias da paz, da saúde e do trabalho.

Às vezes, amparado no braço de Manuel, ia à escola, assistia silencioso às lições, rolava os olhos cinzentos para o lado donde lhe soava a infantil voz do seu órfão, que tartamudeava na presença do mestre. Aos sábados exercitava as suas antigas práticas, discorrendo, com mais levantado espírito que dantes, acerca dos precários bens da vida, exaltando a paciência à supremacia de virtude principal, donde derivam todos os meandros que reverdecem a alma esterilizada pela desgraça. Os discípulos raramente o percebiam.

Alguns tosquenejavam com sono; outros cochichavam com os seus convizinhos, e Manuel, quer o percebesse quer não, enfitava-lhe, nos olhos apagados, os seus, nublados de lágrimas.

Na correnteza destes sucessos, um padre de Fonte-Arcada, avisado da cegueira do mestre de Lanhoso, tomou o pulso ao seu saber, e achou-se bem rijo de inteligência para abrir escola. Esta notícia perturbou o ânimo de João Veríssimo, e talvez o prostrasse, a não lhe ser preciso acudir aos clamores aflitos da mulher. Pediu-lhe ela a brados que fosse em pessoa rogar ao padre que desistisse do propósito de lhe tirar os discípulos.

A isto respondeu o cego que, se saísse a mendigar, não iria pedir o pão a quem lho quisesse tirar.

Esta palavra *mendigar* arrancou um convulso gemido do peito de Manuel Vieira. É porque ele tinha mendigado: sabia que o pão, dado sem caridade, traz peçonha que precisa ser diluída nas lágrimas. Viu-se, sete anos antes, à porta dos lavradores, que o achavam muito novo e franzino para criado, e, ao remessarem-lhe uma côdea não invejada dos mastins, lhe bradavam: *Vai guardar umas cabras, vadio!*

Entretanto, o clérigo de Fonte-Arcada abriu aula, e para logo os rapazes mais e menos vizinhos desta freguesia mudaram de mestre, a contento dos pais que desdenhavam a capacidade do filho da Carlota das Courelas para ensinar os condiscípulos que o não respeitavam e, por inveja, o escarneciam. Diminuíram de repente os estipêndios de João Veríssimo, e de tal sorte que, a poucos mais passos da desgraça que andava depressa, houve fome em casa do cego.

IV

João Veríssimo despedira os poucos discípulos que, movidos de inútil compaixão, o não tinham abandonado. Era preciso aproveitar a sala da escola na armação de dois teares, para Luísa e Eulália.

Manuel viu acabar a escola, e faltou-lhe ânimo para perguntar se devia procurar sua vida noutra parte; mas bastou-lhe intendê-lo assim nos olhos chorosos de Eulália, e no gesto com que o fitavam, quando os mocinhos, ao despedirem-se, beijaram pela última vez a mão do cego.

João Veríssimo deu-lhes um adeus soluçado de termos carinhosos, recomendando, a cada um por sua vez, que embora deixassem esquecer o pouco saber que dele tinham aprendido, nunca se esquecessem dos seus conselhos de vida honesta, mais precisos à vida feliz do que a sabedoria. Depois, acrescentou:

– Vem tu agora cá, meu Manuel.

O rapazinho abeirou-se dele, beijando-lhe a mão com que o cego lhe apertara a sua.

João Veríssimo prosseguiu:

– Não podes continuar a viver connosco, menino. Tens treze anos; podes já ir granjeando o pão do futuro. Nesta casa é que não tens futuro nenhum. Entraste nela com fome há sete anos, e saís com fome. Enquanto houvesse nela algum escasso passadio, muito me custaria separar-te de nós; mas tu, bem vês, filho, minha mulher e Eulália vão tecer para me sustentarem; e, se os ganhos não derem para tanto, eu, abordado ao cajado de cego, irei pedir.

Manuel orvalhou de pranto as mãos do mestre, murmurando:

– Não diga isso... Irei eu, que já pedi...

– Hás de ir, hás de, mas irás ainda uma vez pedir para ti. Vais daqui amanhã cedo a Rendufinho, a casa do sr. padre Bento... Conheces o sr. padre Bento Ribeiro?

– O da Mó?

– Sim, conheces?

– Conheço, sim, senhor. Algumas vezes me mandou dar uma tigela de caldo, quando me via sentado à porta do quinteiro.

– Bem, isso é bom agouro para o feliz resultado do meu plano... Ele tratava-te bem, Manuel?

– Dava-me o caldo...

– Pois, querendo Deus, hás de ser bem sucedido. Tu chegas lá, e dizes-lhe que és o filho da Carlota das Courelas. Pergunta-te ele então o que queres, e tu respondes que eu te ensinei a ler, escrever e contar a fim de te guiar para a vida do negócio... Intendes?

– Sim, senhor.

– Fala-lhe com desembaraço, ouviste? Mostra-te espartinho como és para que ele sinta vontade de te proteger. Depois, contas-lhe a verdade: que eu ceguei, e despedi os poucos discípulos que me não deixaram; que te quero mandar para uma loja do Porto ou de Braga; mas que nem tenho conhecimentos, nem sequer o bastante para te arranjar enxoval. Toma bem sentido...

– Sim, senhor.

– Se vires que ele te escuta com atenção, dize-lhe que a tua vontade era ir para o Brasil, onde o sr. padre Bento da Mó tem parentes ricos; e então pede-lhe que, por alma de seu pai, te pague a passagem, como empréstimo, que tu lá irás saldando no Brasil com os teus ordenados quando já fores caixeiro. Dize-lhe tudo isto, Manuel, com a tenção de cumprires a tua palavra, e vê o que ele te responde... Mas que é isso?! estás a chorar, rapaz?

– Vossemecê não tem razão de queixa de mim... – balbuciou Manuel – Quer que eu vá para o Brasil, e não o torne a ver...

– E, se me não tornares a ver, filho, pede a Deus por mim como eu lhe pedirei por ti. Quero que vás, porque me adivinha o coração que hás de vir a ser ainda o amparo da minha pobre família, que também é tua. Lembra-te sempre de Eulália como de tua irmã e da mãe dela como se fosse a tua. Deves querer ir, Manuel, por amor de nós; não é somente por amor de ti. Convence-te de que tens à tua conta amparar três pessoas muito pobres, e irás alegremente. Vês tu? parece-me que já não choras!... Ora, dá-me cá um abraço, e vai dizer a Eulália que não chore, que eu bem a ouço soluçar.

Manuel foi à cozinha, onde Eulália, sentada no escabelo, abafava os gemidos no avental. Sentou-se junto dela, e articulou algumas palavras afogadas por lágrimas. Chegou Luísa neste comenos e chorou com eles; mas, ao sentirem avizinhar-se o cego, calaram-se todos, como se mutuamente se pedissem compaixão por ele. Chegou-se João à lareira, e disse risonho:

– Venho farejar que acepipes cá tens no borrarho à espera do apetite, Luísa...

– Alguns há, João...

– Lamentações? Antes isso que alguma iguaria indigesta.

– Tens ovos e toicinho, gostas?

– Isso é muito melhor que tristezas; mas quantas lágrimas te custou esse jantar?

– Se custou algumas foi ao Manuel – disse Luísa.

– Ao Manuel? onde foste buscar isso, menino? Ele está aqui, o Manuel, não está?

– Estou, sim, senhor. Os ovos e o toicinho deu-mo o José da Fonte a troco de seis traslados que eu lhe fiz ontem para ele copiar.

– Está bom, está bom; mereceste bem a paga. A tua letra é muito bonita. Já vais tirando proveito das tuas prendas.

– E, se vossemecê me der licença – tornou o rapazinho – ensino os quebrados ao Joaquim da Gaivota, que me dá todos os dias alguma cousa.

– O que eu quero é o que já te disse, Manuel. Desde amanhã em diante nem eu nem tu pensamos senão em te ires à cata da

tua vida no negócio. Levanta-te cedo para vires almoçar. E tu, Eulália, em vez de chorar, pede a Deus que Manuel encontre a caridade que vai procurar. Lembrai-vos ambas de que eu estou morto, ou pior que morto; estou em sepultura de trevas; mas sento-me convosco à mesa, onde o vosso trabalho me alimenta. Quem está vivo é este menino, de quem eu espero o que um pai espera do filho mais amável. Não lhe tireis as forças com as vossas lástimas. Deixai-o ir, se a sua boa estrela estiver onde eu cuido que ela está.

Ao primeiro luzir da seguinte manhã, Manuel vestiu o seu fato de cotim, e foi a Rendufinho, onde não voltara desde que a piedade de João Veríssimo o remiu de mendigar à porta dos lavradores.

Bateu ao portal de padre Bento, e soube que ele tinha ido para a igreja dizer missa. Foi à igreja e ajoelhou a pedir a Deus que lhe desse força para deixar o cego, e a pobre família que o abrigara e educara. No templo estava ele só, e algumas mulheres idosas.

Era em estação de maior sáfara agrícola. Homens e raparigas andavam a sachar e a mondar nos milharais. Acontecia, naquela sazão, não haver pessoa que ajudasse à missa, quando os padres se não ajudavam uns aos outros como interessados que eram de resgatarem do fogo do purgatório almas, a seis vinténs. Neste dia, padre Bento por muitas vezes tinha vindo ao arco da capela-mor à procura de quem pudesse gargarejar com ele o latim do sacrifício incruento. Ralava-o a impaciência de ir para o monte, sabendo de mais a mais que outro clérigo seu vizinho lhe andava na pista de uma galinhola. Como fosse intardecendo, resolvera já não dizer missa, quando deu tino de entrar alguém. Saiu à porta da sacristia e viu o rapazito desconhecido, orando, lá em baixo ao pé da pia da água-benta.

– Ó rapaz! – bradou ele lá do altar-mor – sabes ajudar à missa?

– Sei, sim, senhor.

– Louvado seja Deus! tão novinho! – murmuraram as devotas banhadas de consolação na esperança de darem às suas almas em jejum o pasto santo da missa daquele dia.

– Então vem cá – disse o padre.

Manuel foi à sacristia, e beijou a mão do sacerdote, como lá se usa com estes pais espirituais – bom costume que é muitas vezes a manifestação implícita dos deveres dos filhos para com os seus pais orgânicos.

Padre Bento da Mó olhou-o de soslaio, e perguntou-lhe:

– Donde és tu?

– Sou cá da freguesia.

– És? eu não te conheço! – tornou o padre reparando.

– Há seis anos que saí de cá.

– Então de quem és?

– Sou filho da Carlota das Courelas, Deus lhe fale n'alma.

O padre encarou-o sem sobressalto e com certo ar de curiosidade.

– Tu não estavas em casa do João Veríssimo, na Póvoa?

– Sim, senhor. Ele cegou...

– E saíste de lá?

– Não, senhor; vim a Rendufinho... à conta de falar com vossa mercê.

– Mandou-te cá o teu mestre? – acudiu o padre, carregando o sobrolho.

– Sim, senhor. Vim... a...

– Então que queres? – interrompeu o padre, enfiando a alva, que o rapazinho lhe aconchegava da cintura, apanhando-a em refegos, debaixo do cingulo por modo que a orla caísse igual nos artelhos do levita.

– Eu direi a vossa mercê depois da missa – respondeu Manuel, algum tanto desanimado com o ar desabrido das perguntas e dos gestos.

Padre Bento levava para o altar o espírito azedado de conjecturas, e talvez de rancor a João Veríssimo. Notaram as devotas que ele, neste dia, ingrolara a missa muito depressa, e andava muito atabalhado, à imitação de certos padres em quem elas não tinham fé. Ao virar a sua cara para os fiéis, padre Bento não dava semelhanças de querubim, nem de serafim: era padre,

e mais nada naquele dia. Consumado o sacrifício, e desrevestidas as sagradas vestes, o sacerdote encostou-se ao gavetão dos paramentos, e perguntou:

– Dize lá então o que queres.

Manuel expos, com bastante embaraço e com os olhos no pavimento, o recado que aprendera de João Veríssimo, sem ser interrompido.

Quando o pequeno se calou, padre Bento meditou alguns momentos. É natural que nesta meditação intrasse o contentamento de não ser descoberto pelo seu condiscípulo ao filho da Carlota das Courelas; mas, ao mesmo tempo, inquietava-o o receio de vir a ser divulgado pai do rapaz, se se recusasse a beneficiá-lo, por aquele mesmo que na sua admirável prudência o estava propriamente ameaçando. Pagar-lhe, porém, passagem para Pernambuco e recomendá-lo aos parentes, a tanto não o obrigavam a caridade de homem, nem o coração de pai, nem o temor do descrédito.

Destes raciocínios, apressados pela sedução do almoço e cobiça da galinhola, saiu com esta seca resposta:

– Dize lá ao teu mestre que eu dinheiro para pagar-te a passagem não o tenho, porque está o milho todo nas tulhas, e o vinho nas pipas; mas que te dou alguma coisa para ajuda. Que mande cá buscar uma moeda de ouro, que é o mais que posso dar-te.

Voltou Manuel com a resposta, e ia alegre. A falta de recursos detê-lo-ia entre a família, que lhe parecia mais sua quanto a fome o obrigava a trabalhar no serviço dela. Depois, com a moeda de ouro, iria procurar patrão a Braga ou ao Porto, onde pudesse ter a miúdo cartas em que Eulália lhe falasse de si e de seus pais. Estas razões deu-as o pequeno a João Veríssimo, que lhas ouviu com tristeza, murmurando a intervalos:

– Ah! padre! padre!...

– O rapaz tem razão... – interveio Luísa – Em toda a parte é Brasil para quem quer trabalhar. Deixá-lo ir para Braga ou para o Porto.

– Quem conheces tu lá, mulher! – contestou o cego – a quem havemos de o mandar? Tu cuidas que Manuel chega a qualquer

dessas cidades, e, sem proteção nem recomendação de ninguém, encontra patrão que o aproveite? Valha-nos Deus... Como há de ser isto? a quem recorreremos?

– Eu arranjo... – exclamou Eulália.

João Veríssimo voltou a face risonha para a filha, e disse:

– Tu arranjas tudo, rapariga! Então que arranjas tu? Pedes ao teu anjo-da-guarda que vá com o Manuel?

– Peço ao padrinho das Agradas que me dê uma carta para alguém de Braga ou do Porto.

– E lembraste bem, filha. Vai lá com ele. Não se perca tempo.

Saíram juntos os dois pequenos. Ao caminharem vagarosamente, paravam de vez em quando, silenciosos, enxugando os olhos. Outras vezes, apertavam o passo, alentados por alguma doce fantasia que a esperança lhes pintava. Depois, quedavam-se outra vez reconcentrados em triste meditação, até que ela, ou ele, rompia nestas expressões reanimadoras:

– Havemos de tornar a viver juntos!

– Assim que eu ganhar alguma coisa – dizia Manuel com passageira jovialidade – venho pôr loja na Póvoa. Eu tenho treze anos; daqui a três já sou caixeiro; depois, com mais três, arranjo dinheiro para abrir a loja. Tu verás, Eulália... Verás, que daqui a seis anos, já tu não hás de estar a tecer nem tua mãe. Ponto é que Deus me ajude...

– Tu depois esqueces-te de nós... – murmurou Eulália.

Manuel respondeu com soluços que o abafavam. Aquela ofensa doera-lhe mais do que a violência do apartamento.

Eulália abraçou-o com lágrimas de arrependida; pediu-lhe perdão, desculpando-se com o amor que lhe tinha, e prometeu nunca mais o magoar com semelhante desconfiança.

Nestas maviosas alternativas, chegaram a casa dos Ferreiras de Melo das Agradas. Foi Eulália quem deu o recado entre dorida e alegre, e logo obteve uma carta para um mercador de panos por atacado, no Porto, na rua do Loureiro, a fim de que este negociante desse ao marçano o destino mais pronto em qualquer ramo de comércio.

Destinou-se o dia da partida, contando com a moeda do padre Bento para o inxoval, que devia ser pouco maior que o coração do padre.

Foi Manuel a Rendufinho receber a esmola prometida, e soube que o antigo amo de sua mãe andava arredio da freguesia por ter batido com um estadulho em dois lavradores que lhe haviam matado duas galinholas dentro da sua tapada. Volveu à Póvoa com a ruim nova, e condoeu-se das lástimas que fez o cego.

– Não se aflija vossemecê – dizia Manuel – que eu tanto vou com dinheiro como sem ele. Pouco me basta daqui ao Porto para comer; e a roupa lá ma dará o patrão, se eu a merecer.

E, como João Veríssimo decidisse que se esperasse a volta de padre Bento, o pequeno fingiu assentir, doendo-lhe enganar o mestre, venerado e adorado como pai.

Havia ali, porém, uma pessoa a quem Manuel não queria nem podia enganar: era Eulália. Contou-lhe em segredo que havia de ir, sem despedir-se do pai nem da mãe, porque não tinha ânimo; e, sem que ela lhe perguntasse como lhe sobejava alento para despedir-se da sua irmãzinha, o pequeno explicou a sua ideia com esta candura:

– Eles já têm idade e podem morrer sem eu mais os ver, por isso me não despeço de teu pai e tua mãe; mas tu és nova como eu, e hás de ser viva quando eu tornar, se Deus quiser...

E, estando ela muito fita nos olhos lagrimosos do seu companheiro de infância, Manuel acrescentou:

– Se eu alguma vez for rico, tudo que eu tiver é teu. Olha que ainda me lembro que me deste a tua merenda no primeiro dia que eu vim ter a esta casa faminto e esfarrapado.

Fez o que dissera. Despediu-se de Eulália, depois da última ceia. A mãe da menina viu caírem as bagadas de Manuel na tigela do seu caldo; mas calou-se para não afligir o marido. A mocinha, já precavida para o último adeus, também chorava; e, depois da reza com que o cego, como se fosse feliz, bendizia a Providência, acompanhou-o até à porta do seu quarto, abraçou-o, e estrangulou os gemidos, receando que os pais lhos ouvissem.

Como não pudera adormecer, Manuel Vieira erguera-se antes da aurora para se pôr a caminho. Já tinha entroixada a sua roupa, que era leve carga. Ao lançar mão da espécie de asa que fizera com o lenço em que a infardelara, achou uma bocetinha de papelão. Abriu-a, examinou-a à luz froixa da alvorada, e reconheceu uma cruz de cobre, que Eulália trouxera no pescoço, pendente do seu cordão de retrós. Sob o crucifixo estava um papel em que Manuel enxergou estas palavras: «Manuel, não te esqueças de nós, nem tires do teu pescoço esta cruz que te dá a tua irmã.» O rapazinho beijou o Cristo, pendeu-o do pescoço, e ajoelhou de mãos postas e olhos absortos em uma estrela que se esmaiaava ao nascente. Rezou as santíssimas orações das lágrimas, levantou-se com a energia que dá a fé às almas inocentes, relançou a vista à volta de si por todas as coisas meio escuras do seu pobre quarto, e saiu pé ante pé.

Estava já longe de casa, quando deu tino de lhe ir no encaço um cão, que ele havia apanhado dois anos antes na corrente do rio, já no extremo da vida apenas acabava de nascer. Enxugara-o, aquecera-o, alimentara-o, dera-lhe o gasalhado da sua cama e assistira vaidoso à restauração daquela vida, como quem continuava a obra do Criador, estorvada pela crueza de outras criaturas. Depois, assim que o cachorrinho ganhara pelagem luzidia, e pegou de brincar, graciosamente deu-o de mimo a Eulália.

Quando viu o cão, parou, afagou-lhe a cabeça, estreitou-lha ao peito, disse-lhe adeus como se nos olhos do irracional reluzisse a inteligência daquela palavra. Depois apontou-lhe com império para casa, trejeitando o movimento de baixar-se para o apedrejar. O cão estremeceu como espantado da transição das carícias para o arremesso, e desviou-se com a cauda recolhida, parando aos poucos, curveteando e sacudindo-se entre tímido e alegre, se Manuel também parava a vê-lo ir e a incitá-lo com ameaças.

«Pequenezas!» diz o leitor. – Grandezas, grandezas das muito tristes, e menos faladas.

Ao descair da tarde, o mocinho chegou a Braga sem fome, porque, a meia-jornada, mendigou à porta de um lavrador que lhe deu caldo, depois de o ter injuriado como vadio.

Em Braga pediu agasalho em uma estalagem, onde por felicidade estava um almocreve da Póvoa de Lanhoso, que lhe deu ceia e cama na parte da manjedoura devoluta.

Ao raiar da seguinte manhã, Manuel despediu-se do almocreve, que lhe aprovisionou o fardel com alguns alimentos. O rapazinho pediu ao caritativo homem que dissesse a seu mestre João Veríssimo que o encontrara de boa saúde e satisfeito. E, logo que se apartou do benfeitor, tirou da algibeira um caderno de costaneira, cosido pela lombada, quase todo em branco, e escreveu, a lápis, o nome do almocreve com a seguinte nota: «em 2 e 3 de junho de 1758 deu-me de comer em Braga. Deus lhe pague.»

Ao pôr do sol chegou ao Porto, e logo à entrada perguntou pela rua do Loureiro. Defronte do mosteiro de S. Bento entrou em uma loja de fazendas brancas para obter a vigésima informação. Aproximou-se do mostrador, e esperou que o lojista lhe atendesse a pergunta.

Estava o mercador dobrado sobre o balcão a escrever contas, questionando-as ao mesmo tempo com outro sujeito que da parte de fora também escrevia, riscava, e recomeçava alguma operação aritmética dificultosa.

O mercador, ou não deu tino do rapaz, ou, se o viu, cuidou ser freguês de tão pouca monta que não merecia atenção.

Proseguiu a disputa já acalorada entre os dois à conta de um erro que nenhum sabia emendar. O de casa argumentava a favor da infalibilidade da sua operação, visto que o de fora se considerava prejudicado por ela.

Entretanto, Manuel era todo ouvidos e percepção, examinando os dois, e relançando a furto a vista sobre os dois cadernos esgaravanhados de algarismos e sinais aritméticos.

No mais aceso da contenda, o de fora esmurraçou o balcão, e disse em mau português, mesclado de inglês, uma grave afronta ao de dentro, colocando-o no dilema de estúpido ou aladroadado.

A questão versava em reduzir *ruyders*, moeda de ouro holandesa, a libras esterlinas, e converter estas em moeda portuguesa. Pelos modos, a imperícia do negociante português corria o páreo com a incapacidade do britânico, por ser aquela uma hora imprópria de contas em cabeça e estômagos legitimamente ingleses. A diferença favorável ao mercador dava-lhe uma vantagem dobrada sobre a operação do outro, que se inraivecia quando o contendor lhe bradava:

– Se eu me engano, sr. John Bearsley, aí tem papel e pena, faça a conta.

– A conta! a conta! – gritava o inglês – Homem! vossemecê não ver impossível este resultado!

– Não quero saber de histórias. Aí está papel, trabalhe, e emende.

– Este senhor tem razão – interveio o pequeno, apontando para o inglês.

Encararam ambos no rapaz, que, antes de ser interrogado, continuou:

– Os senhores fazem conta ambos ao florim de câmbio que vale dez soldos comuns; mas a diferença está em que o florim deste senhor (indicando o inglês) é o de vinte soldos ou placas, ou quarenta dinheiros de grosso.

– Oh! – exclamou o britânico – É isso, menino! Vê, vê vossemecê? Brutalidade minha e sua!

– Tem razão... – acedeu de pronto o negociante, sem desviar os olhos do rapaz mal trajado.

– O menino é caixeiro? – perguntou John Bearsley.

– Não, senhor; venho da minha terra para me arrumar no negócio.

– Sim? já tem patrão?

– Não, senhor. Vinha perguntar aqui onde mora este negociante – respondeu Manuel, mostrando o sobrescrito da carta.

O mercador português leu, e murmurou:

– Vais mal; é negociante de escada acima; os marçanos lá são aguadeiros, e nunca de lá saiu caixeiro com a vida em ordem. Queres tu cá ficar?

E, ao mesmo tempo o inglês, descurando as boas práticas da cortesia, disse:

– Tem já dois patrões, o menino, que pode escolher. Este senhor ou eu. Escolha vossemecê, menino.

E Manuel Vieira respondeu sem meditar:

– O senhor.

Este senhor apontado era o inglês.

– Bom! – volveu John Bearsley – Venha comigo.

E, voltando-se para o negociante, disse com fino sorriso:

– Amanhã cá mando este meu caixeiro saldar contas.

Manuel sobraçou a troixa, e seguiu o patrão, que, a intervalos, parava esperando o rapazinho, que não ousava ir de par com ele.

Dando ele conta de sua preferência, entre os dois negociantes, dizia na primeira carta a João Veríssimo:

«Desconfiei que o português queria enganar o outro, por isso me agradei menos dele; e também porque o português me falou com modos brutais, e o outro com bondade, tratando-me como se eu estivesse bem vestido.»

John Bearsley era, àquele tempo, um dos mais opulentos comerciantes britânicos no Porto, já neto do primeiro Bearsley que se estabeleceu nesta praça em 1602.

A sua casa em Portugal consignava para a de Londres, onde residia seu irmão Roberto, o maior importador de vinhos e exportador de algodões que então, apesar das tentativas industriais do marquês de Pombal, fornecia os portos de Portugal e América portuguesa.

Ao cabo de um mês de serviço na casa britânica, Manuel Vieira vestia limpamente, era estimado dos caixeiros que lhe admiravam a humildade, e a nenhuma conta nem fatuidade da destreza com que jogava com os algarismos, removendo com tímida modéstia as dificuldades que embaraçavam os rudes guarda-livros daquele tempo. Se estes lhe perguntavam quem tão habilmente o exercitara em contas, respondia que seu mestre fora a *Taboada de Garrido*, livrinho surrado com que ele estava sempre conversando, nas horas forras da aprendizagem do inglês, em que muito o queria industriado John Bearsley.

– Logo que o sr. Manuel souber inglês, vai para Londres. Preciso lá ter quem saiba correntemente as duas línguas – disse-lhe o patrão.

O caixeiro não respondeu; mas deu mostra de ouvir a notícia com descontentamento.

– Ficou triste? não quer ir? – voltou o inglês.

– Vou para onde vossa mercê me mandar; mas fiquei triste, é verdade, porque o meu benfeitor está cego, e eu esperava ganhar alguma coisa para socorrê-lo e à sua família.

– E quem o priva disso? Diga quanto lhe quer dar, e escreva ao seu benfeitor que mande aqui receber a sua mesada.

Brilhou o júbilo nos olhos do rapaz, que a custo se conteve que não beijasse a mão de John.

– Quanto quer dar-lhe? – voltou o inglês.

Manuel meditou, e respondeu:

– Queria dar-lhe o que ele recebia dos discípulos todos, quando tinha escola. Se vossemecê achar que é muito, eu, depois, quando tiver ordenado, irei descontando.

– Quanto era isso por mês?

– Três mil e seiscentos réis.

– Pois dá-lhe Manuel três mil e seiscentos réis, e dou-lhe eu outro tanto, em prémio da boa educação que tão honrado mestre lhe ministrou. Escreva-lhe hoje mesmo, que é dia de correio, e diga-lhe que vai lá passar o Natal, e despedir-se; porque Manuel Vieira, daqui a cinco meses, há de estar pronto em inglês.

Desta feita, o respeito não bastou a soffrear-lhe o impulso da gratidão exultante: abeirou-se de Bearsley, com o jeito de quem lhe pedia a mão para beijar-lha.

O inglês, sem lho consentir, tocou-lhe brandamente no ombro, dizendo-lhe com desacostumada meiguice:

– Há de ser feliz, moço. Olhe que há duas riquezas: a do oiro e a da honra. Às vezes, juntam-se as duas, raras vezes, sim; mas unem-se. Outras, fica a do oiro, que não é nada sem a da honra. Outras vezes, a da honra dá alegrias, que se não compram com o oiro. Percebe, Manuel? Agouro-lhe que há de ter as duas; mas, se as não tiver, há de ter a que dá a felicidade, quando é sozinha. Tem catorze anos. A sua inteligência é maior que a idade. Digo-lhe isto

porque o seu futuro há de ir sempre guiado por estas máximas, e porque seu excelente mestre lhe preparou o espírito para as perceber. Vá escrever-lhe.

Dois dias antes deste em que Manuel Vieira escrevia, João Veríssimo ouvia ler a Eulália a resposta de uma carta que seu pai escrevera ao irmão, ao senhor da casa, pedindo-lhe, em extrema necessidade, algum recurso. Desculpava-se o irmão com as más colheitas de pão e vinho; com o gorgulho que dera nas tulhas, com o bicho que comera os feijões, com o azedamento dos vinhos tombados nos tonéis, com a ferrugem das oliveiras. E, por derradeiro, ajuntava: «Se queres que a rapariga sirva, manda-a para cá; mas tua mulher que me não ponha cá os pés, porque foi a causa da tua desgraça.»

– Oh filha! – exclamou o cego agitando-se aflito.

– Que é, meu pai?

– Para que leste essas palavras, estando aqui tua mãe?

– Eu não sabia o que dizia a carta... – desculpou-se Eulália.

Luísa soluçava, enfreado as pragas que lhe esbravejavam no génio iracundo contra o cunhado. Esta boa criatura, desde que o marido cegara, nunca mais proferiu expressão que pudesse acerbar as tristezas do infeliz. A paciência dele ensinara-lhe a conformidade, ou pelo menos a repressão da cólera. Acontecia às vezes bater com força nos beiços para rebater o borbotão de bílis que lhe apoiava de dentro contra os avaros e cruéis irmãos de seu marido. Bem quisera Luísa, neste lance da carta, sufocar também a ira; mas não estava prodígio tamanho em natureza já tão nobremente contrafeita.

– Não chores, Luísa – tartamudou o cego – Vem aqui ao pé de mim...

– Não choro, não, homem... – consolou ela, achegando-se com as lágrimas já embebidas no avental – Vê lá se me achas lágrimas na cara!...

– Ah! pobrezinha, tu não enganas o coração que te vê mais à luz do céu do que te viam os olhos! Pois então, se não choras, eu to agradeço... Sentai-vos aqui ambas ao pé de mim... Conversemos... Estamos muito pobres? não é verdade?

– Não, João... – acudiu Luísa, – ainda temos que vender...

– E, depois?

– Depois, se houver quem nos dê teias, e se Eulália puder ajudar-me, que Deus lhe dê mais saúde da que tem, tudo se arranjará melhor ou pior.

– Ou *pior* – replicou, sorrindo, o cego – Esse *pior* é alguma melhoria que nos faça esquecer a penúria de hoje?... Ora, minhas queridas almas, minha santa mulher e minha amada filha, vou abrir-vos o meu coração, e já pedi a Deus que vos desse força para aceitardes o meu plano. Que acabei eu de receber agora nessa carta? A recusa da esmola que pedi a um irmão. Já sei o que é mendigar, e mendiguei à porta de meu irmão, que devia ser a última. Qualquer outra, onde eu fosse bater, não me seria fechada tão desamoravelmente. Meu irmão não sabe o que faz. Perdoe-lhe, porque sei que estas más ações não se fazem a ocultas da divina Providência. O castigo há de vir para ele, com dores maiores do que estas por onde chegou até nós a miséria. Enfim, Luísa... está dado o primeiro passo... Vou pedir por portas, vou mostrar a minha cegueira à caridade pública; e tu, Eulália, em vez de ires servir teu tio, serás a mocinha de teu cego pai.

Luísa expediu um grande grito, apertou a testa com as mãos e fugiu da saleta, para desafogar em choro onde o marido a não ouvisse. Eulália, entretanto, aproximou-se mais do pai, apertou-lhe a mão, beijou-o, limpou-lhe o rosto, por onde resvalavam duas grossas lágrimas, e disse-lhe:

– O pai não há de ir pedir: vou eu sozinha.

– Tu? – acudiu João Veríssimo – Criança!... Ninguém te daria esmola. A caridade quer que a comovam com a velhice, com os aleijões, chagas, e cegueira. E tu, meu amor, tens mocidade e saúde para ganhares um caldo a trabalhar desde o romper do sol até ao cantar do galo nas terras e na lareira de algum lavrador. Ora vai, filha, vai ter com tua mãe, dá-lhe consolações, e dize-lhe que eu a estou ouvindo chorar.

Saiu Eulália, e voltou logo dizendo ao pai que estava à porta o Leonardo Cigano que lhe queria falar.

– Que entre... É alguma carta do nosso Manuel.

Entrou o almocreve, que havia dado em Braga ceia e cama ao rapazinho. Riam-se os olhos do jovial vizinho do cego, sempre grato ao mestre dos seus três filhos, já bem encaminhados no comércio.

– Sr. João! – exclamou o Cigano, assim apelidado por ser oriundo da raça vagabunda de boémios – Boas novas do Manuel!

– Que me diz, sr. Leonardo!? viu-o?

– Foi ele procurar-me à estalagem e deu-me esta carta para vossemecê, e mais moeda e meia de ouro, que aí vai. Conte... O rapaz está rijo e fero, e espigado que parece ter mais palmo e meio. Se vossemecê o visse de rabona e calção atado com fivela, não o conhecia!... Está um pimpão... Ora aí tem, veja se está certo o dinheiro... e adeus que vou cuidar dos machos... É verdade, Eulália... Já me esquecia de te dizer que trago na entrecarga seis varas de beitolha vermelha que te manda o Manuel para um saiote e umas roupinhas. Vai lá buscá-la, e trata de crescer para casares com ele, ouviste, rapariga? Que bem te fade Deus, que linda hás de tu ser como a tua mãe! Adeusinho.

João Veríssimo riu da bondosa galhofa de Leonardo, e passou a carta a Eulália para que a lesse, dando ao mesmo tempo à mulher o dinheiro com a mão tremente do alvoroço que lhe ia no coração.

– Aí tens, Luísa... É uma esmola que eu não pedi; mas, filha, vê lá, nessa carta como é que Manuel pode remeter-nos tamanha esmola.

Manuel referia a conversação que tivera com o inglês, o destino que seu patrão lhe traçara, e, enfim, a dádiva do dinheiro, com a

promessa de a repetir todos os meses. Ajuntava o caixeiro que iria passar o Natal com o seu mestre, e despedir-se dos seus benfeitores até quando Deus quisesse.

João Veríssimo tomou nas suas as mãos da esposa e da filha, dizendo-lhes com religiosa suavidade de voz e semblante:

– Vedes aqui Deus? Vedes o fruto da nossa caridade? Reco-lhemos há sete anos um pobrinho. O pão e a roupa, que lhe demos, sobejava-nos. Pequeníssimo sacrifício fizemos. Eu dei-lhe tudo que sabia, sem me custar; mas desinteressadamente: era a caridade estreme. Depois que ceguei, a pobreza aconselhou-me, ou antes forçou-me a deixá-lo ir procurar sua vida. Dizia-me o coração que, alguma vez, Nosso Senhor me enviaria por Manuel, já homem e remediado, a paga da nossa boa ação. Há três meses que o menino daqui saiu esmolando, e ele aí está entre nós a cumprir já a missão divina! Minhas filhas, quem quiser ter a mão de Deus sempre ao alcance das lágrimas, e o bálsamo divino ao pé da dor que não se merece, há de interpor entre si e a Providência algum infeliz daqueles que Jesus chamaria para o seu lado. A caridade é a felicidade dos que dão e dos que recebem, é...

Luísa, vendo que o discurso levava fôlego de homilia, atalhou a religiosa expansão do marido, propondo que se acendesse o lume, e se cozinhasse alguma coisa digna de celebrar as alegrias da família.

VII

Na antevéspera do Natal, John Bearsley proveu de boas consoadas o caixeiro, mandando-lhe que as repartisse com seu mestre, e lhe assegurasse a certeza da mesada e outro qualquer socorro que lhe pedisse.

- Demore-se dez dias - disse o inglês - que há de partir para Londres no dia 7.

Quando o moço assomou à porta da farta casinha de João Veríssimo, e Luísa e Eulália, atarefadas nas iguarias da ceia de Natal, expediram exclamações de júbilo, o cego chorou copiosamente porque não podia ver o seu filho. Em fervores de fé, pedira com ânsia a Deus o milagre dos seus olhos; se Deus, porém, lhe não alumiar a escuridade exterior, compensara-o com a consolação de sentir-se apertado nos braços do menino que também chorava.

Resvalaram depressa aqueles poucos dias de felicidade. No penúltimo, Eulália pediu a Manuel que lhe escrevesse a ela todos os meses uma cartinha dentro da que mandava ao pai. Depois, levou-o consigo aos lugares por onde em pequeninos tinham andado: à orla verde do ribeiro, à quebrada do monte estofada de musgos e fetos, à sombra da carvalheira, onde ainda se via um ramo vergado pela redouça em que se bamboavam, quando pequenitos de sete anos.

Na freguesia de Fonte-Arcada, caminho da casa das Agradas, onde Manuel Vieira quis ir beijar a mão do fidalgo, que lhe dera a carta

de proteção, e desculpar-se de a não ter aproveitado, viram os dois alegres caminheiros um caçador que vinha ao seu encontro, com boa matilha de cães.

– Lá vem o padre Bento da Mó – disse Manuel – Se ele me tivesse dado a moeda que me prometeu, havia de ficar muito contente por me encontrar agora.

– Eu o arrenego!... – exclamou Eulália.

– Porquê? fez-te algum mal?...

– A mim, não... Eu te contarei... deixa-o passar.

O padre, olhando fixamente o moço, que se descobrira a distância de alguns passos, perguntou-lhe se não era o filho da Carlota das Courelas.

– Sou, sim, senhor.

– Então, onde estás agora?

– No Porto, sr. padre Bento.

– E vai-te lá bem?

– Graças a Deus, muito bem.

– Já ganhas alguma coisa?

– Sim, senhor; já ajudo a viver meu pai.

– Teu pai? – acudiu o padre com espanto – então quem é teu pai?!

Manuel, meditando a razão da pergunta, respondeu:

– Eu chamo pai ao sr. João Veríssimo que me criou e ensinou; outro pai não no tenho, nem no conheço. Vossemecê bem sabe que eu andava a pedir, quando fui dar à Póvoa, e lá fiquei em casa do mestre, e de lá saí a pedir esmola, para o Porto, porque meu pai não tinha que me dar...

– Bem sei, bem sei... – tornou o padre precipitando as palavras com perturbação diante daquele menino de catorze anos, que o estava involuntariamente vexando – Eu mandei saber à Póvoa se ainda lá estavas para te dar a moeda que te prometi...

– Muito obrigado, sr. padre Bento. Se vossemecê ma tivesse emprestado então, eu poderia pagar-lha agora. Meu pai esqueceu-se de me dizer que vossemecê mandara o dinheiro... mas... muito obrigado.

– Não to disse, porque chorou muito quando eu lhe li a carta do senhor padre – atalhou Eulália. – Vossemecê – prosseguiu ela voltando-se contra o caluniador do alferes de Cima-de-Vila – dizia-lhe que mandava a moeda porque queria, e não porque tivesse obrigação de o fazer; mas que o não tornassem a incomodar com peditórios; que vossemecê não tinha medo de calúnias. Foi como foi.

– Como a espertalhona da rapariga se espivita! – disse o padre com sorriso farsola, enquanto Manuel encarava nela, e ouvia com muita atenção palavras que não entendeu.

E Eulália, com gesto de aborrecida e porte de mulher já feita, acrescentou:

– Meu pai mandou-lhe outra vez a moeda de ouro, e mandou-me escrever isto assim: «Não te escrevo, porque estou cego; e não te respondo à letra porque é minha filha que escreve estas linhas. Descansa, padre Bento, no repouso da tua consciência, que eu não te caluniarei.» Foi assim ou não?

– Foi assim, rapariga, foi. E daí?

– E daí vamos embora, Manuel, que o meu padrinho da Agrad, quando for duas horas, deita-se a dormir a sesta, e depois não lhe podes falar.

E, tirando o rapaz pelo braço, seguiu avante, deixando o padre a sentir a vergonha de se ver diante de si próprio um vil.

– Eu não percebi – disse Manuel – a carta que o padre mandou, nem a resposta que o pai lhe deu.

– Também eu não. Conte a minha mãe o que se passou, e ela também não entendeu; mas, daí a dias ou semanas, indo eu e mais ela a Rendufinho levar uma teia a casa do tio Tibúrcio, tocou à missa, e entramos na igreja. Nisto, subiu para o altar o padre Bento; e minha mãe, assim que o enxergou, ergueu-se e saiu da igreja, dizendo-me: «Deus nos livre da missa de tal padre, que já está vestido e calçado no inferno, o Senhor me perdoe.» Perguntei-lhe porquê, e ela só me disse: «Tu o saberás, quando fores grande». Estou morta por ser grande – ajuntou Eulália acentuando mui gravemente as palavras.

Manuel foi indo muito recolhido em pensamentos que lhe não esclareciam nada, até que avistaram a casa das Agras, onde foi contar as suas fortunas aos Ferreiras de Melo, abraçando respeitosamente o menino que o vestira com os seus fatos quando, aos seis anos, despia os farrapinhos das primeiras calças de estopa com que atravessara alguns invernos, invejando o aconchego que tinham à lareira os cães perdigueiros do padre Bento da Mó.

Mui naturalmente disse Manuel ao cego que havia encontrado o padre Bento, e repetiu o diálogo que tiveram, e a intervenção azougada de Eulália. João Veríssimo ouviu-o inquietamente, receoso de ser interrogado pela justa curiosidade do rapaz; Luísa, porém, acenando a Manuel que se calasse, e distraindo a atenção do marido, se abstou a perguntas, aumentou suspeitas, de qualquer coisa extraordinária, no espírito atiladíssimo do moço.

Naquele dia, véspera da saída de Manuel Vieira para o Porto, apareceu o alferes de Rendufinho em casa de João Veríssimo, a fim de lhe dizer que, depois de grandes diligências, não pudera mover o irmão, senhor da casa, a dar-lhe algum socorro. Nesta comissão andara dois meses empenhado o Tibúrcio com outros amigos, ignorando que o desvalido cego vivia remediado com a esmola do patrão de Manuel.

Escutou-o com alegre rosto João Veríssimo, e disse-lhe:

– Eu já não receio a fome da minha família, sr. Tibúrcio. Aqui está o meu filho Manuel que nos tem há dois meses fartos e felizes.

– Este rapaz, – disse o alferes com a mais desafrontada naturalidade – não é o filho do padre Bento da Mó?!

João Veríssimo abriu a boca arquejante, e não respondeu. Manuel pregou os olhos no rosto do cego, esperando resposta. Eulália soltou uma exclamação de espanto e encarou no moço. Luísa bateu com a mão na testa, e trejeitou, dando aos ombros, como a dizer ao alferes que cometera uma dolorosa imprudência.

Tibúrcio, que não percebeu a indecência do dito, nem achou o caso para tamanhos escarcéus, insistiu:

– Homem, eu já lhe disse a vossemecê o que ouvi dizer à Carlota das Courelas. O pai deste rapaz é o padre Bento; mas – prosseguiu, dirigindo-se a Manuel – não te dou os parabéns; melhor te iria se fosses filho de um jornalista.

– Sr. Tibúrcio – atalhou João Veríssimo muito aflito – peço-lhe o favor de se calar. Manuel é meu filho.

E, voltando o rosto para onde julgava que estivesse o rapaz, disse-lhe:

– Vai despedir-te do Leonardo Cigano, meu filho; e tu Eulália, vai com ele.

Assim que os pequenos saíram, continuou o cego:

– Sr. Tibúrcio, desculpo-o da mágoa que me causou, porque eu não tive ocasião de lhe dizer que este rapaz ignorava quem fosse seu pai.

– E que tem que o saiba? – perguntou o lavrador, cruzando os braços, e batendo no solho com os tacões ferrados das botas.

– Eu lhe digo, sr. Tibúrcio. Publicar que o padre é pai deste menino é fazer mal ao padre sem fazer bem ao rapaz. Escondam-se os escândalos, quando o descobri-los não produz benefício a alguém; e muito mais se devem esconder quando disparam em prejuízo de um homem e descrédito de uma classe. Há muitos padres bons a quem a ignomínia do mau padre iria afligir. Depois disto, devo dizer-lhe que me criei nas aulas com o Bento, foi meu companheiro de quarto seis anos, em Braga, não posso nem devo ser o pregoeiro dos seus erros, nem o censor dos seus pecados; como amigo, não devo; como homem e pecador, falta-me a autoridade de juiz. Isto pelo que respeita ao padre; agora, quanto ao meu Manuel, não queria eu que ele, tanto no começo da vida, soubesse que há maldades grandes neste mundo, e que há um pai que viu seu filho a pedir-lhe esmola, e a cobrir o corpo nu com farrapos de estopa, e a dormir debaixo dos alpendres, quando os cães dos lavradores o não corriam. Não queria eu, sr. Tibúrcio,

que este menino soubesse que foi criado tão desamparadamente como um cãozinho encontrado à beira do caminho, farejando por instinto o aconchego da mãe que já não vive. Agora que ele sabe que o padre Bento é seu pai, há de fazer-me perguntas; e eu, ou lhe hei de mentir, ou responder de modo que ele vá daqui a sentir que há infâmias de baixo do céu e que Deus permite dar-se em coração de filho o fel do ódio contra seu pai. Que vem a ganhar com isso o Manuel? De minha casa saiu ele, conhecendo somente a pobreza; mas a pobreza honrada. Isto não abate o ânimo nem o irrita contra a ordem do mundo; mas o saber que sua mãe morreu difamada e miserável, repulsa de parentes e amigas, por causa de servir as paixões brutais de um homem que não perdoou ao seu filho inocentinho as fragilidades da mãe, sua vítima, isto, sr. Tibúrcio, é mau fermento para se atirar ao coração nobre de um rapaz de catorze anos. A tristeza e a indignação principiam desde já a desfazer-lhe na candura com que ele entra as portas da vida...

– Mas ele algum pai havia de ter... – interrompeu o alferes de Cima-de-Vila, depois de ter franzido por vezes a testa, significando o desgosto que lhe estava causando o palavreado confuso de João Veríssimo.

E como o interlocutor não redarguisse prontamente, insistiu:

– Ele algum pai havia de ter, tanto monta que fosse o padre, como outro da mesma raça. Sabe vossemecê que mais, padre João?

– Não me chame padre ao homem, ó tio Tibúrcio! – atalhou Luísa.

– Deixe-me chamar-lhe padre, mulher, enquanto ele pregar sermões da laia desse que aí pregou agora. Mas sabe vossemecê que mais? Eu não percebo lá as indrominas da sua moral. Eu, no seu lugar, dizia ao rapaz: «queres saber quem é teu pai? é o padre Bento; ora agora, faze de conta que ele é como os lobos que não conhecem os seus cachorros, e por isso às vezes são mordidos por eles. Faze de conta que esse homem não te é nada; mas sempre fica sabendo que te é preciso seres honrado se não te queres parecer com teu pai.» Isto é que eu lhe dizia, e tanto me importava que o

padre Bento tivesse menos confessadas e menos missas, como que o diabo o levasse para a beira dos outros padres como ele que lá tem nas profundas do abismo.

João Veríssimo refutou vitoriosamente os argumentos do lavrador; mas não conseguiu diminuir a reputação de planeta que tinha alcançado no ânimo de Tibúrcio. «Planeta» – no vocabulário imaginoso do alferes – era um quase sinónimo de tolo.

Luísa, quando Tibúrcio saiu, foi esperar Manuel, e, chamando-o de parte, disse-lhe que não perguntasse nada ao seu homem, a respeito do que ouvira ao alferes de Cima-de-Vila.

A isto respondeu Manuel serenamente:

– Que hei de eu perguntar-lhe? Tomara eu não ter sabido o que sei... que é de mais. Mas olhe, minha mãe, diga-lhe, quando eu me tiver ido embora, que eu só me queixaria de um pai que me desprezasse, tendo-lhe eu o amor que tenho àquele que me deu o que os filhos mais felizes acham no coração de seus pais.

Luísa pediu explicação destas frases, e sentiu o desvanecimento de as ouvir explicadas por sua filha. É certo que a esperteza natural não consente, aos catorze anos, as inocências que a gente imagina. Eulália entendeu, mais depressa que sua mãe, que Manuel, sendo filho de padre Bento, não lhe tinha amor de filho nem se doía da crueldade do pai.

Eram louváveis, e todavia inúteis as cautelas de Luísa.

João Veríssimo, quando estava a só com Manuel, falou-lhe assim:

– Ouviste hoje, meu filho, uma triste novidade, que eu nunca te daria. Sabes já quem é teu pai.

– Sei... – murmurou Manuel, beijando a mão do cego, que o estreitou ao peito.

– Esta novidade perturbará as alegrias da tua mocidade, filho? O teu coração sofrerá porque tens pai a quem não podes dar este doce nome?

– Não, senhor; eu não sofro nada por isso – respondeu o moço com a voz estremecida de lágrimas.

– Não? mas porque choras então, Manuel?

– Choro com pena de minha mãe... Eu queria que ela vivesse... ou que não tivesse morrido tão desgraçada...

Manuel deu largas à torrente das lágrimas, que tinham em si a doçura da saudade vaga, mas doridamente sublime, pela sua mãe que não conhecera.

Os orfãozinhos, a quem Deus no decurso de vida funesta deu intendimento das carícias de mãe que não conheceram, são os que mais do íntimo da alma as choram. Quando o amor vibra os prelúdios das grandes paixões, e a mulher-esposa nos dá um ideal da mulher-mãe, então sentimos que à nossa cadeia de felicidade faltaram os melhores elos, e que dos primeiros anos da vida nos não ficou memória alguma suave. E como há de imaginar-se quinhoeiro das boas coisas deste mundo quem não passou a infância ao alcance da vista amorosa de sua mãe?

Manuel, o angélico espírito criado ao calor do honrado coração daquele cego, chorava então com os olhos da alma postos no catre em que sua mãe expirara. E logo que, à beira desse grabato, ele não imaginava o homem, que lhe mostravam como pai, tal homem devia ser-lhe pouco menos de odioso.

VIII

A casa comercial dos Bearsley, em Londres, no Porto e na Índia inglesa assentava sobre bases de opulência herdada na correnteza de três séculos. O mais velho dos três irmãos, Roberto Bearsley, era àquele tempo um dos vinte e quatro diretores da Companhia da Índia, residentes em Inglaterra. Esta diretoria representava então a máxima importância da riqueza aliada à honra. O terceiro irmão, Jaime, residia em Bengala, dirigindo e explorando o veio mais rico dos avultados haveres da casa Bearsley.

Manuel Vieira entrou na casa de Londres, por tanta maneira recomendado, que desde logo lhe assinou Roberto ordenado mais avantajado, sob condição de lecionar no seu idioma os outros escriturários da casa, e receber deles o que lhe faltava na prática da língua inglesa.

Afeiçãoou-se-lhe particularmente o primeiro guarda-livros, de nome Johnson, homem de meia idade, cortês, e de porte indicativo de muito seleta linhagem, e tendências a outra mais nobre ocupação social. O pai deste guarda-livros acabara desastrosamente; porém, herdara a seu filho nobilíssimo nome.

Passara assim o caso triste, muito falado em Londres, quando Manuel Vieira ali chegou. O conde Ferrer, fidalgo de primeira ordem e par do reino, desbaratara o mais grosso de sua grande casa em libertinagens. A requerimento de sua família, e dos credores, foi-lhe cassado o direito de administrar os bens, e nomeada tutela.

Procurou-se um homem de provada honra, a quem a gerência dos arruinados bens do conde Ferrer fosse confiada.

Johnson Fowler, negociante de medianos haveres e proverbial probidade, aceitou constrangidamente a proposta dos parentes e credores do conde.

Estipuladas as pensões do pródigo, Johnson recusou-se a aumentá-las, sem temor das ameaças do conde. Um dia, o fidalgo, exasperado contra as esquivanças de seu administrador, mandou-o chamar, encarecendo a urgência do motivo. Apesar dos sustos e rogos da esposa e dos filhos, Johnson compareceu à hora marcada no palácio do conde. Foi recebido com insolente altivez, e injuriado na presença de outros fidalgos que se estavam banquetecendo com o ébrio perdulário. O inflexível administrador redarguiu ao insultador com severidade, sem deslizar do respeito devido ao fidalgo, e da prudência que cumpria guardar com um homem vinolento.

Este, porém, alucinado pelo orgulho que as bebidas sobre-excitaram, ordenou-lhe que se ajoelhasse, e lhe pedisse perdão, que ia morrer.

– Se vou morrer – disse Johnson Fowler – ajoelharei; mas para pedir perdão a Deus, e não ao meu assassino.

Proferidas estas palavras com firmeza, ajoelhou. E o conde, cambaleando, entrou num quarto, donde saiu logo, aperrando uma pistola, cuja carga entrou no coração de Johnson. Seguiu-se instantaneamente a morte.

O conde não tentou fugir, apesar das instâncias dos amigos. Nas declamações que bradava contra o cadáver, gloriava-se de haver desafiado seus trinta avós insultados por um vilíssimo peão. Nestas apóstrofes vindicativas o encontraram os quadrilheiros, que se apossaram dele com o desassombro usado com os homicidas de baixa ralé.

Instaurou-se ao conde Ferrer processo na câmara alta, cujo membro era. Poucos dias volvidos, o par do reino foi condenado à forca. E por sobre a pena afrontosa, cresceu a ignomínia da

sentença que mandou fosse o cadáver do réu entregue aos cirurgiões para dissecções anatómicas. Alegaram seus amigos e parentes, ao pedirem o corpo do justicado para o jazigo de seu pai, que ele era ainda parente da casa real. Debalde apelaram. O cadáver foi cortado a pedaços no anfiteatro do hospital.

O filho do assassinado corria com o pequeno e mal prosperado negócio de seu pai, quando Roberto Bearsley, um dos credores do conde, que mais instara Johnson a aceitar a administração, e a final o demovera de sua repugnância – para desagrar a consciência honrada – o chamou ao seu escritório e lhe deu um dos lugares subalternos a guarda-livros com grande ordenado. Volvidos poucos anos, elevou-o ao primeiro lugar no escritório e na sua confiança.

Os grandes salários do primeiro guarda-livros de casa tão abastada explicavam até certo ponto as demasias com que Johnson se distinguia, quanto a luxo, entre os homens de sua profissão. Não obstante, os amigos do desventurado administrador do conde de Ferrer rumorejavam que o filho dificilmente guardaria ou passaria a netos a honra herdada de seu pai. O pompear tão impróprio de seu ofício, entre ingleses modestos, dava azo a desconfianças, se não da fidelidade do guarda-livros, sem dúvida de sua incapacidade para ajuntar medíocres haveres.

Bearsley repelia qualquer insinuação mostrando confiar-se inteiramente no seu caixeiro, conquanto alguma vez, com delicados rodeios, lhe tocasse no prejuízo da imoderada ostentação. Johnson respondia que era solteiro, que não tinha família a seu cargo, porque sua irmã casara rica, e sua mãe era falecida; e acrescentava que a liberalidade de seu patrão lhe dava largas a viver com os regalos invejados de pequenas almas.

E semelhante resposta nunca foi desmentida nos balanços da casa, examinados minudenciosamente por Bearsley, no discurso de doze anos.

Quando Manuel Vieira orçava pelos dezenove, Johnson promoveu o estimável moço a seu segundo ajudante, com o beneplácito do

patrão. Mais livre de encargos e mais endinheirado para divertir-se, Vieira, algumas vezes, acompanhou o seu chefe ao *Sadler's Wells Theatre*, onde se representavam peças náuticas espetaculosas e grandemente admirativas para o aluno de João Veríssimo. Outras vezes deliciava-se menos no *Royal Surrey Theatre*, que era àquele tempo um circo equestre, onde Johnson Fowler, com grande espanto de Manuel e crítica dos ricos e pobres, se dispndia em valiosos brindes às amazonas, e liberalidades de *lord* milionário aos *clowns* e palhaços.

Sucedo muito a miúdo prender-se afetuosamente um homem presunçoso e bizarro de outro que é modesto e recolhido em si. Compadecerem-se assim duas índoles desconformes parece anomalia, e é tão somente uma entre as muitas incongruências sobre as quais parece fundamentar-se a ordem e o concerto deste mundo misterioso como o seu Criador. Que um estouvado se cative de outro, bem é de ver e esperar; mas que um génio inquieto e apontado a coisas extraordinárias se compraza na estima de uma alma reportada e doce, seria ato para grandes estranhezas, se não fosse usual. Talvez porque a compleição amorável de Manuel Vieira lhe desse um ar de bondade e até de sincera admiração, quando o galhardo Johnson estadeava suas qualidades desvanecidas, se formasse daí entre a candura de um e a jactância do outro a liga que nos não parece bem razoável. Aos homens galãs, luxuosos e envaidecidos quadra belamente o ar crédulo e respeitoso, e sobretudo maravilhado de pessoas em cujo semblante não ressumbre inveja nem ironia.

Manuel Vieira não aplaudia nem censurava as bandarrices e o flaino aparalvilhado do seu colega. Seduziam-no as graças fidalgas de Fowler, achava-o distinto entre os graduados em mais aforada jerarquia, contentava-se de lhe merecer umas certas confidências, em que ele era todo alma atenciosa, porque, a espaços, um nome de mulher, aureolado de frases amorosas, lhe suscitava o nome de outra que, àquela hora, lhe estava escrevendo cartas ditadas por seu pai cego, ou lhas escrevia inspirada diretamente de si mesma.

Também Manuel falava a Johnson de Eulália; e o seu tafal amigo sorria-se, e murmurava: «Criancice».

– Esses amores da aldeia – dizia-lhe o inglês – são como flores da serra que murcham depressa. Logo que mudaste o coração para as cidades, faze de conta que a imagem da tua Eulália montesinha há de cá viver tanto como um *bouquet* de boninas colhidas nas serras de Portugal. E então para onde tu vieste com o amor da tua serraninha, rapaz! Para Londres, onde Deus pôs as mais formosas mulheres do mundo, como indemnização por não nos ter dado o sol!

Manuel Vieira replicava froixamente em honra da sua dama, e antes queria ouvir as confidências de Johnson que sujeitar as suas humildes esperanças aos motejos do amigo. Não havia, de mais a mais, confronto possível entre as amadas *miss* do inglês e a pobre mocinha da Póvoa de Lanhoso. As requestadas do primeiro guarda-livros de Bearsley eram herdeiras opulentas da classe comercial de *Regent Street* ou fidalgas com ascendentes coevos e quinhoeiros das proezas de João-sem-Terra.

Entre as primeiras havia uma que parecia prevalecer a todas no amor respeitoso de Johnson: era Ana Bearsley, filha única de Jaime, residente em Bengala, e presuntiva herdeira de alguns milhões, sendo ainda então solteiros, e já avançados em idade, o tio de Londres, e o residente no Porto. Esta menina completava então a sua educação em Inglaterra, prefazendo dezenove anos. Alguns dias santificados passava-os em casa do tio Roberto, lendo a Bíblia, com aquela gravidade escultural digna dos livros de Ezequiel, dos Reis, e outros poetas realistas das devassidões de Babilónia.

Raríssimos acasos, no lapso de seis anos, ocasionaram encontrar-se o caixeiro Manuel com miss Ana Bearsley. Ele, inclinando a fronte respeitosa, via saltar da carruagem aquela senhora alta, inflexa, hirta, loira, serena, pautada nos movimentos e profundamente lúgubre nos monossilabos. E ela, perpassando como sombra da sua sombra, não via por entre as espirais dos

caracóis as cortesias silenciosas dos caixeiros, tirante as de Johnson Fowler, a quem era permitido apertar-lhe a mão, articulando com dificuldade quatro confragosas sílabas inglesas.

O filho da ilustre vítima do conde Ferrer seria poeta, quando confidenciava a Manuel Vieira os seus íntimos inlevos por tal menina, se não amiudasse tanto os cálculos do património que a indeusava com a divinização de dois milhões, ou talvez três, de libras esterlinas. Dizia-lhe então o português que uma mulher com tanto dinheiro havia de dar menos felicidade que uma pobre. E, perguntando Johnson a explicação de tamanho absurdo, respondeu Manuel Vieira que das mulheres assim ricas a felicidade procedia da riqueza e não delas. Com a qual resposta o inglês desatava risadas muito judiciosas, e por compaixão de filósofo tão escuramente esquisito ensinava-o a considerar a mulher opulenta a compensação única de que a Providência nos indemnizava do pecado de Eva, por causa de quem a raça humana fora condenada a cavar ouro nas minas, com o rosto suado e sujo. Manuel, ouvindo isto, comparava as máximas santas de João Veríssimo, e imaginava que as neblinas de Londres não deixavam entrever o céu por onde o pobre mestre-escola da Póvoa divisava Deus.

Neste em meio, apareceram pretendentes à mão de Ana Bearsley. Da câmara dos *lords*, um fidalgo escocês, o mais grado dos dezesseis que a Escócia enviara ao parlamento, rivalizava com Warren Hastings, homem poderoso que, ao diante, foi governador geral da Companhia da Índia.

Roberto Bearsley oscilava entre os dois pretendentes, quando se lhes antepôs um terceiro, filho natural do conde de Chesterfield, nascido em França de uns famosos amores que o douto *lord*, amigo de Voltaire e Montesquieu, lá contraíra em anos juvenis. A este filho escrevera o conde as cartas desonestas e corruptoras que vogaram impressas e dão à nação inglesa o exclusivo de um pai apostado a corromper seu filho, em público, e em letra redonda.

Estava este moço em Londres, entregue aos cuidados e ciência do doutor William Dodd, teólogo de fama, poeta, ministro da religião protestante, e notável escritor. O seu educando orçava já pelos vinte e cinco anos. Tinha no coração os preceitos epistolares do pai, corroborados por doutrinas e exemplos do preceptor. O douto Dodd era um dissimulado libertino que ofuscava com ouro as vistas das testemunhas dos seus desenfreamentos. Esse ouro decerto não era seu. Os bens que mordomizava ia-os desfalcando, sob pretexto de acudir à honra do filho de Chesterfield; e, como antevisse a quebra de haveres medianos, que tanto seriam o património do seu educando, aconselhou-lhe e promoveu o casamento com Ana Bearsley, uma das mais ricas burguesas de Londres.

Endereçou-se o doutor a Roberto Bearsley, que consultou seus irmãos e a sobrinha. Philippe, futuro conde, foi apresentado a miss Ana, que o amou, sem dar valia às qualidades do nascimento, deslumbradas pela gentileza do fidalgo e graças do talento cultivadas pelo pedagogo. A resposta do pai e do tio confirmaram a da noiva.

No entanto, Johnson Fowler, colhido de salto e derrubado da esperança em que o haviam embalado ambição e orgulho, maquinou desfazer o casamento pactuado, desacreditando os costumes de Philippe em práticas com Roberto Bearsley. Acusava-o de pródigo, de esbanjador de seus bens, e futuro dissipador dos haveres de uma família do comércio, à qual se ligava por infame cobiça, no propósito de desculpar ante os seus iguais a desigualdade do casamento pela posse de alguns milhões.

Conseguiu abalar o ânimo do tio da noiva; mas não o demoveu da palavra dada. Ainda assim, Johnson insistiu em deslustrar o filho de Chesterfield, asseverando que ele se dava pressa em casar porque estava perto o dia de pagar uma letra, já reformada no Banco, e cumpria que o pagamento improrrogável saísse do cofre dos Bearsley.

Roberto não redarguiu ao seu guarda-livros; mas acreditou-o.

No mesmo dia, dirigiu-se ao futuro esposo de sua sobrinha, e disse-lhe:

– Se tem alguma letra a vencer no Banco, disponha dos meus recursos, e pague-a antes de casar para que não se diga que a pagou do dote de sua mulher.

– Não devo nada a ninguém – respondeu Philippe com o desassombro da verdade.

– Olhe que o enganaram, sr. Johnson – disse Bearsley ao guarda-livros – Philippe não deve nada.

E o guarda-livros abriu serenamente a carteira e tirou dela uma cópia de Registro das letras descontadas no *Bank of England*, pela qual se demonstrava estar a vencer-se uma de 5.000 libras, aceite por Philippe Dormer Stanhope de Chesterfield.

E acrescentou:

– Não sou caluniador; prezo muito a felicidade de miss Ana Bearsley; mas, se me fosse mister caluniar alguém para que ela fosse feliz, nem assim o faria. Sou filho de Johnson Fowler, assassinado no seu posto de honra.

Roberto, apertando-lhe rijamente a mão, disse:

– Filho digno de tal pai!

Pouco depois, o educando do doutor William Dodd recebia uma carta do negociante inglês com duas ou três máximas acerca do vício da mentira. Rematava a breve missiva desligando-se o signatário do compromisso, visto que a mentira de Philippe Chesterfield, fidalgo de vetusta linhagem, autorizava e absolvía a transgressão da palavra de um plebeu.

Philippe, sem deferir tempo, apresentou-se a Roberto Bearsley, exigindo com justa altivez uma satisfação em presença de testemunhas. O negociante, obrigado pela sobrançeria do fidalgo, ofereceu a certidão do registro da letra, depois de haver referido o que passara com o destinado marido de sua sobrinha. O moço negou firmemente a autenticidade da certidão, e convidou Bearsley e as testemunhas a irem ao Banco naquele momento.

Assim se fez.

Foi apresentada a certidão e conferida com o registro: achou-se ser verdadeiro o traslado. Pediram a letra para exame. Philippe tomou-a entre as mãos convulsas, atentou nela com os olhos torvos e congestionados, largou-a, afincou os dedos nas fontes e bradou:

– Eu não escrevi esta assinatura; pela minha honra o juro! E, se não puder provar que a minha assinatura foi falsificada, matar-me-ei!

As contorções de assombro e cólera eram mais persuasivas que o protesto do suicídio em um país onde o *spleen* matava mais gente que o receio da desonra.

Roberto e os circunstantes encaravam com mediana sensibilidade o frenesi do aflito moço. Um dos diretores presentes lembrava-se de quem havia sido o honrado portador da letra; por isso mesmo, a probidade do filho do conde se lhe figurava suspeitíssima.

Neste comenos, Bearsley perguntou se seria possível descobrir-se o apresentante daquela letra a desconto.

– É; – respondeu austeramente o diretor.

– Quem? – exclamou com veemência Philippe.

– Foi o honrado doutor William Dodd – disse o banqueiro.

– Dodd! – voltou o mancebo. E, voltado para uma das testemunhas, continuou precipitando as palavras: – Entre na minha carruagem, vá procurar o doutor Dodd, e diga-lhe que eu o estou esperando aqui.

Esta deliberação impressionou favoravelmente Roberto, apesar da boa fama do doutor.

– V. Ex.^a suspeita que o seu honesto preceptor lhe roubasse a firma? – perguntou o banqueiro ao filho de Lord Chesterfield.

– Sim – respondeu altaneiramente o fidalgo.

– Ofende acerbamente um homem de bem – voltou o banqueiro.

– E o senhor – tornou o moço – me dará a mim contas da valia em que tem o meu carácter, infamando-me de caluniador!

Interveio o respeitável Bearsley na altercação chamando de parte Philippe, a fim de lhe pedir que não alcunhasse de falsificador de firmas o doutor Dodd, sem suficientes provas.

Entretanto, voltou a pessoa encarregada de conduzir o precetor, e disse que, dada a ordem ao doutor, este quisera saber o fim para que era chamado; e, como o enviado o informasse por alto, da questão da letra, William Dodd, arrancando um grito, caíra sem sentidos.

Ouvido isto, Philippe deu ordem que o trouxessem preso, porque já não sairia dali sem completa desafronta. Acercaram-no então as pessoas, que já eram muitas, atraídas pela novidade do conflito, pedindo-lhe que se considerasse ilibado da mínima desconfiança. Pôde muito com ele Roberto, que o levou pelo braço, e conduziu para sua casa, desoprimindo-se do gravame que lhe dava o ter injuriado o noivo de sua sobrinha.

Pouco depois, o ministro eclesiástico, o capelão da casa real, o doutor teólogo, o poeta eminente William Dodd era recolhido à cadeia de Newgate, a de mais severa e temerosa catadura entre todos os cárceres de Londres. Enquanto o processo por falsificação percorria os trâmites legais, Dodd, confiado no rei, nos admiradores de seu espírito e até na generosidade do discípulo, esperava o perdão. Era, para em pouco o dizer, poeta aquele desventurado que confiava em tanta coisa, ali, naquela terra de Londres, onde à volta dum preso de Newgate eram mais os algozes que os amigos. Entretinha-se ele na cadeia a escrever um livro que ainda hoje é lido com admiração: *Pensamentos escritos no cárcere*. Mal tinha fechado a sua melhor obra, vestiram-lhe a alva, e inforcaram-o, sem impedimento de haver a Corporação de Londres pedido ao rei o perdão do infeliz doutor.

Eis aqui um cadáver pesando, de tal modo, sobre a consciência de Johnson Fowler. Dizia-se que no contador do supliciado apareceram 4.500 libras destinadas a resgatar a letra falsificada. Com mais alguns meses de vida aquele homem, justicado aos 48 anos, poderia morrer com exterioridades de honrado.

Quanto a Philippe Chesterfield, lavado das manchas que o tornavam indigno de miss Ana Bearsley, foi acariciado por ela e seu tio; mas os fidalgos seus parentes impropertaram-lhe a baixeza de ligar-se com a sobrinha do vilão que lhe duvidara da honra. Se ele a amava, maior triunfo alcançou a soberba de raça. Philippe fez saber ao comerciante que uma fortíssima razão o impedia de lhe casar com a sobrinha. «Se o sr. Roberto» – escrevia o fidalgo – «pudesse usar uma espada, e aventurar a sua vida a troco de outra que tem na terra nome ilustre, bater-nos-íamos em desforço de uma já agora insanável injúria à minha dignidade. Depois, se eu saísse do campo com vida, iria oferecê-la sem nódoa a miss Ana Chesterfield. Doutro modo, se eu não posso armar cavaleiro o sr. Roberto, também não posso descer a nobilitar quem me injuriou, matando-o, ou morrendo.»

Assim devia escrever um neto de Ricardo, – Coração de Leão!

Estavam um dia Johnson e Vieira moralizando a sentença que condenou ao patíbulo o doutor William Dodd.

Manuel lera-lhe os poemas eróticos, escritos na juventude, e condoera-se daquele belo talento infamado pela ignomínia do crime e da morte.

Dizia Johnson:

– O poeta não diminui o odioso do falsificador. Salutar exemplo aos que nos trazem imbaídos com uma reputação pânica!

– Funestíssima habilidade a de imitar letras! – observou Vieira.

– Essa habilidade é vulgaríssima; mas nenhum homem honrado se lembra que a tem. Queres tu ver?

Johnson escreveu os dois nomes *Manuel Vieira* tão semelhante à assinatura do outro, que nem uma linha faltava na alabirintada letra com que o discípulo de João Veríssimo costumava engradar a sua assinatura.

E continuou:

– Já vês que esta habilidade é trivial. Queres ver a firma de Roberto Bearsley?

Dizendo, executou com a mesma desteridade.

– E a do teu antigo patrão John? e a do Bearsley de Bengala?... Aqui as tens como se saíssem do punho deles... Ora agora,

o homem de bem, que se recreia nestas brincadeiras caligráficas, quando acaba de as fazer, rasga-as, e nunca se lembra que por este caminho pode chegar à riqueza...

– Ou à forca... – ajuntou Manuel Vieira.

Não saberia o filho da Carlota das Courelas dar a razão de sua involuntária desestima, desde aquela exibição de habilidade, por Johnson Fowler! Apreendeu o cismático moço que os dotados de tão funesto engenho tinham predestinação sinistra, e estavam sempre em perigo de escorregar ao abismo logo que a desgraça lho abrisse aos pés. A só consigo, provou Vieira a mão na terrível destreza de imitar assinaturas; e, depois de malogradas tentativas, exultou e agradeceu a Deus sua inaptidão, como se o poder copiá-las lhe houvesse de ser agouro de perdição.

Daí avante, Manuel Vieira dissimulava ocupações urgentes de escrituração para esquivar-se à camaradagem de Johnson em teatros e circos. O guarda-livros reparou na mudança precipitada do seu amigo, e começou de lhe devolver em fria reserva a costumada confiança.

Ajeitou-se o ensejo e necessidade de ir um empregado da casa de Londres a Bengala. Ninguém de boamente aceitava a comissão; mas Manuel Vieira pediu-a, com o propósito de se distanciar do homem que principiava a inredá-lo.

Roberto, que lhe conhecia o préstimo e atividade, agradeceu e aceitou o oferecimento, prometendo-lhe dobrar-lhe os salários na sua volta da Índia, e triplicar-lhos em Bengala, enquanto lá se conservasse.

– E pelo que respeita às mesadas de seus pais adotivos – acrescentou o inglês – vá vossemecê na certeza que eu lhas não desconto nos seus ordenados. Vossemecê há de ter futuro, sr. Manuel. Se um dia voltar a Portugal, há de levar a abundância com que nenhuma felicidade deva invejar.

– A pouco aspiro: – disse Manuel – logo que eu tenha um passadio modesto com que possa viver remediadamente, pedirei licença a meus patrões para me retirar.

– Então vossemecê não quer estabelecer-se em Inglaterra? Pensa em retirar-se tão cedo, e com tão pouco?

– Se o sr. Roberto me permite, digo-lhe o meu plano.

– Diga, Manuel.

– O homem, que me acolheu órfão e mendigo, tem uma filha que eu destino para minha esposa. Temos hoje vinte anos cada um, e desejamos ligar nossas vidas antes que a idade adiantada nos quebrante o prazer dos bens deste mundo. Pouco basta à abundância de uma família afeita aos rigores da pobreza. Eu tenho calculado que em 1770 posso ter de minhas economias umas mil libras. Com esta quantia compro na minha terra uns bens que me rendem o necessário a uma vida parca, ou posso estabelecer-me com negócio ainda mais lucrativo que as terras.

– Muito bem delineou o seu futuro – acedeu Roberto, sorrindo amigavelmente às reportadas ambições do português – mas, se vossemecê quer já casar com essa menina, quem o priva? Porque não vai buscá-la a Portugal, e não vem continuar a sua carreira em Londres? Eu desisto de o enviar à Índia, apesar de me isso contrariar bastante; mas vá buscar sua mulher, e venha, que eu lhes prometo irem mais tarde com sobejos bens de fortuna.

– Aceito o oferecimento do sr. Roberto depois que voltar da Índia. Tencionei casar aos vinte e cinco anos; altero o meu plano casando aos vinte e três, e ficarei em Londres, onde tenho o meu segundo benfeitor.

E, querendo beijar a mão do respeitável velho, este o abraçou com alegre entusiasmo.

– Preciso falar-lhe com muita reserva; – disse-lhe Roberto – procure-me hoje à noite em minha casa.

Inquietava o ânimo de Vieira a reserva da prática. Ocorreu-lhe logo Johnson Fowler, porque, desde a morte do doutor Dodd, observara que Roberto encarava de menos agraciado aspeto o seu guarda-livros outrora tão benquisto.

Anunciou-se receioso da melindrosa parte que ia ter com um interrogatório à sua consciência intransigente com as conveniências.

Previu com acerto.

Roberto Bearsley principiou dando-se como bem informado da boa harmonia em que por espaço de cinco anos ele tinha convivido com Johnson, e daqui derivou a perguntar-lhe o conceito que formava do seu colega.

Manuel Vieira respondeu que até certo tempo se considerara honrado pela estima do seu superior na gerência do escritório; porém, conforme o génio se lhe fora refazendo e definindo com os anos, a intimidade esfriara de parte a parte, por discordância em inclinações.

Apertado a responder o que conjeturava da probidade de Johnson, disse que não sabia da menor quebra de fidelidade nos deveres do guarda-livros; e, quanto a julgá-lo capaz de os transgredir, acrescentou que todo conceito, bom ou mau, a tal respeito seria temerário e intempestivo.

Esquadrinhou ainda o lacónico inglês que razões moveriam Johnson a investigar no Banco as transações de Philippe Chesterfield.

Vieira deu mostras de enleio e talvez aflição no seu silêncio. Roberto, porém, atentando na perturbação do moço, apertou-lhe a mão, dizendo-lhe:

– Já respondeu, sr. Manuel Vieira. Vá cuidar da sua bagagem, que parte amanhã para Bengala. Passados seis meses, voltará. Reservo-lhe para então o lugar de meu primeiro guarda-livros.

– Não permita Deus que eu venha ocupar a posição do sr. Fowler – objetou Manuel.

– Porque não? O sr. Johnson, quando sair desta casa, há de ter outra posição mais adequada às suas ambições cavalheirasas.

Roberto Bearsley ergueu-se, dando por fechada a entrevista, e o caixeiro retirou-se descontente de si como se houvesse deposto contra a honestidade do seu colega para o substituir nas vantagens do emprego.

Saiu Manuel Vieira para a Índia.

Decorrido pouco tempo, Roberto empenhou as suas altas relações na obtenção de um emprego aduaneiro, cujos rendimentos

igualassem o ordenado do seu guarda-livros. Não lhe sofriam os escrúpulos da honra despedir o filho do seu infeliz amigo Fowler, sem lhe dar pronto e equivalente esteio. A causa da despedida não tinha que ver com as informações dadas por Vieira.

O tio de miss Ana Bearsley soubera de sua própria sobrinha que Johnson ousara declarar-lhe os seus afetos, acompanhados de um prospeto de suicídio, se a sua adoração fosse repelida. O desatino havia sido enorme em proporção do grande amor que a menina dedicava a Philippe Chesterfield. Um caso destes em qualquer país poderia disparar em tolice afortunada; mas em Inglaterra, sobre bestidade, era um crime de lesa-respeito, e um insulto à dupla dignidade da família e dos milhares de libras esterlinas.

Johnson recebeu a demissão e a nova de ter sido despachado para lugar importante da Alfândega.

– Sou vítima das intrigas de Manuel Vieira – disse ele a Roberto.

– Falta à verdade, sr. Johnson –olveu o comerciante – Manuel Vieira é homem de bem.

– E eu não?

– O senhor não – redarguiu severamente Roberto. – Isto que lhe digo face a face sou incapaz de lho dizer nas costas. Proceda honestamente, não para me desmentir, que eu não o acuso, mas para desmentir a opinião dos seus pares no tráfico mercantil. Tenho pago a seu pai o que em consciência lhe devia.

– E eu pagarei a Manuel Vieira o que em consciência lhe devo – retorquiu Johnson; e saiu flamejando cólera pelos olhos.

Transferido para emprego que melhormente dizia com as suas propensões, Johnson Fowler era mais frequente em Green Park, em Hyde Park, e jardins de Kensington, no *Her Majesty's Theatre* (teatro real) e na ópera italiana. Por aí lhe saíram ao encontro muitas damas beneméritas da sua atenção, e muitas, por serem do frio temperamento saxónio, o não perceberam. Podiam jactar-se as mais seletas meninas de o acenderem com pequeno consumo de faíscas dos seus olhos.

E, do mesmo passo que lhe devoravam o coração, sentia o combustível Johnson que o dinheiro sofria, por igual, a fusão volátil das suas idealidades. Os ordenados aduaneiros não comportavam o pompear a que se avezara, subsidiado pela cega confiança de Roberto. A crise manifestou-se, quando mais esperançado seguia uma irlandesa rica, e já seguro de afinal agarrar a fortuna pelas tranças ruivas da filha do Erin.

Na correnteza destes sucessos, voltou de Islamabad, da província de Bengala, Manuel Vieira, portador de horríveis novas, e desde logo exerceu as funções de primeiro guarda-livros da casa Bearsley.

Johnson, esporeado por inveja e ódio, meditou vingar-se. A pobreza relativa e o descrédito que as dívidas insolúveis lhe agravava, espicaçavam-lhe o rancor ao homem que ele reputava o delator das suas avultadas despesas.

Deixemo-lo tracejar a vingança. O homem de quem ele fia o segredo da sua raiva e pobreza é um robusto montanhês da Escócia, matula da alfândega, como cá diríamos, chamado Guilherme (*William*) Spigot.

Às pessoas lidas nos anais da forca em Londres este nome deve espertar reminiscências.

O comércio de Inglaterra nas possessões indianas considerava-se perdido, quando Manuel Vieira voltou.

Os agentes da Companhia enriqueciam, roubando-a e dilacerando os indígenas. Naquele ano, os açabarcadores insulares compraram todos os produtos do país, quando os naturais já lutavam com a fome. Nas agonias da morte, os índios queimaram os armazéns do arroz e expiravam a milhares nas ruas das cidades, empestando o ar com a podridão dos cadáveres insepultos, onde não havia fácil modo de os atirar à corrente do Ganges, como em Calcutá. Noutras partes concorriam os jacais, os cães e abutres a devorá-los. O peixe era mortífero, porque os rios iam apestados pela corrupção dos corpos. O nome inglês soava como um grito de maldição no vasquejar dos moribundos. A Companhia das Índias sentiu-se subitamente aniquilada, e os Bearsley perderam nos incêndios dos armazéns, e no saque dos seus conterrâneos, grande, senão a maior parte dos seus haveres. Jaime, o pai de Ana, fora assassinado pelos indígenas, arguido de haver motivado a fome em Islamabad, comprando o arroz todo por baixo preço, quando a inclemência do tempo prenunciava um ano estéril; mas o inglês fora morto quando franqueava os seus depósitos às turbas já desvairadas no delírio da vingança e voluptuosidade da carniceria.

E, ao mesmo tempo que em Bengala fora exterminada a casa Bearsley, Roberto, um dos maiores acionistas da Companhia das

Índias, se considerava pouco menos de perdido. Por maneira que os colossais haveres dos três irmãos, a um rápido voltar da roda da fortuna, reduziram-se à mediocridade relativa de cinquenta mil libras, em grande parte representadas na casa do Porto.

Encheu-se de mortal amargura o coração de Roberto, e chamou a si, do Porto, John Bearsley, receando que a dor o dementasse. Os empregados da casa de Londres, como inúteis, saíram todos, excetuados Manuel Vieira e alguns marçanos pouco dispendiosos.

Por aqueles dias, Manuel, no seio da família, que chorava o pai e irmão, foi o mensageiro das consolações divinas. Era belo de maviosidade religiosa ver aquele moço de vinte e um anos, entre dois velhos sem alento nem conformidade, desprezando os bens da vida, e até injuriando a debilidade dos que resvalam, se o esteio de ouro lhes falha, como se fosse o bordão dos aleijados da alma! Expunha ele com unção de ministro evangélico a doutrina da paciência e os benefícios que aufera o homem que Deus passou do regaço da opulência às presas da desgraça. E depois de encarecer o arnês impenetrável da resignação, arguia delicadamente os dois velhos que se carpiam de pobres, tendo ainda de seu a mediania de vinte famílias, 225 contos de réis!

Os dois irmãos entreolhavam-se em silêncio, como corridos de sua pusilanimidade; depois, a intermitentes, recaíam na prostração moral, computando em verbas de milhares de libras as perdas de Bengala e as da Companhia da Índia.

Diligentíssimo em zelar o restante da desfalcada «fortuna» de seus patrões, Manuel Vieira ia diariamente à alfândega despachar ou exportar géneros de comércio entre Inglaterra e Portugal. Em um desses dias de fadiga não obrigatória nem usual a guarda-livros, Johnson Fowler defrontou-se com o seu sucessor, e disse-lhe sarcasticamente:

– Era esse o ofício que lhe cumpria, sr. Manuel: despachante, e não guarda-livros. No meu tempo, esse encargo era exercido pelos aprendizes.

– É um trabalho honrado este como todos os trabalhos, sr. Johnson – respondeu serenamente o provocado.

– Pelo que observo –olveu o outro azedando a ironia – vossemecê colheu menos do que esperara da sua espionagem e da denúncia.

– Nem espião nem denunciante – replicou Manuel, demudado o semblante. – Eu não tinha que denunciar da vida do sr. Johnson quando fui enviado à Índia; hoje, porém, se me perguntarem que ideia formo do seu carácter, direi que vossemecê é um caluniador, com capacidade para maiores infâmias.

Johnson remeteu, contra o português, de punhos cerrados, naquela atitude do *box*, tão diletta da gente inglesa finamente educada em vária esgrima. Vieira retraiu a face às duas punhadas que ainda o colheram de esconso, e atirou um admirável pontapé lusitano ao baixo-ventre do filho de Albião, e tão a ponto, em circunstâncias apuradas, que o adversário, ladeando, foi sentar-se, com as mãos aconchegadas da barriga contusa.

Manuel Vieira foi preso e interrogado. Disse quem era, e explicou o seu procedimento em defesa de tão injusta ofensa. Abonaram-no as testemunhas presenciais do ato, e o nome venerado dos seus patrões.

Eram passadas duas semanas, em fevereiro de 1773, quando o guarda-livros, sobre quem pesava grande tarefa, todas as noites fazia serão no escritório, acompanhado de um ajudante. Em uma dessas noites, por volta da uma hora, lhe pediu o ajudante se o deixava sair porque sua mulher estava enferma com um filho de três meses nos braços.

– Porque mo não disse, que eu já o teria dispensado? – acudiu Vieira, despedindo-o afetuosamente.

O empregado saiu; e, apenas transpôs o limiar da porta, foi assaltado por um embuçado, que lhe cravou um punhal na garganta. Manuel ouviu os gritos abafados, correu à rua, viu o homem agonizante, seguiu a todo correr um vulto que fugia, gritou, e, a poucos passos, era seguido de polícias que esbarraram noutros entre os quais se achava escabujando o assassino.

Chamava-se o facínora Guilherme Spigot, que alguns empregados de polícia disseram ser matula da alfândega e criado de Johnson Fowler.

No dia seguinte, Johnson Fowler não existia em Londres; porém, as indagações da polícia descobriram que ele, dias antes, havia tirado passaporte para Canadá; e outras mais particularizadas pesquisas colheram que o fugitivo, já denunciado pelo seu cúmplice no cárcere, na antevéspera da saída, comprara brilhantes de muitos quilates, e dispendera largamente em uma ceia concorrida de mulheres e homens de notável devassidão e luxo.

Quasi simultaneamente com tais novas foi apresentada uma letra vencida de duas mil libras a Roberto Bearsley.

O velho examinou-a, e expediu um grito.

Chamou Vieira, e perguntou:

– Que é isto!?

– É a sua firma falsificada – respondeu o caixeiro, e acrescentou: – quantas serão depois desta?

– Como? – exclamou Roberto – suspeita que me roubaram tudo, Manuel?

– Suspeito, sr. Roberto, que Johnson lhe roubou a firma. Tem só esta letra? – perguntou Vieira ao recebedor do banqueiro.

– Não sei com certeza, mas desconfio que não: vou saber; presumo que são mais as letras com vencimentos a intervalos de três meses.

No entanto, havia pouco que esperar da deliberação razoável dos dois velhos. Choravam, repelavam-se, e cada qual de per si pensava em morrer, sem atinar com outra evasiva mais honrosa. Manuel Vieira pediu que delegassem nele o expediente daquele negócio, lembrando-lhes que só uma grande serenidade de ânimo lhes valeria no conflito de serem alcunhados de negociantes fraudulentos, visto que não tinham um réu que os justificasse no patíbulo, assim como William Dodd justificara Philippe Chesterfield.

Voltou o recebedor das letras, dizendo ao guarda-livros que existiam dez, somando quarenta mil libras, e todas estavam devidamente reconhecidas e legalizadas. Perguntou Vieira se o apresentante fora reconhecido. Respondeu que as letras haviam sido descontadas por diversos negociantes.

O nome de Johnson Fowler não foi pronunciado.

Manuel Vieira pagou a primeira letra de duas mil libras, e asseverou o pagamento das que se fossem vencendo.

Corria rápido, no entanto, em *Old Bailey*, o julgamento de Guilherme Spigot, que confessou ser induzido por seu amo e compadre Fowler a matar o guarda-livros de Roberto Bearsley, e que por engano matara outro. A poucas voltas e nenhuma trapaças, o júri decidiu, e o assassino foi condenado a morrer na forca.*

No ainda curto espaço deste livro já se contam pouco menos de coevas, três sentenças de morte. É justificado Lord Ferrer, o fidalgo de primeira linhagem; é justificado William Dodd, eclesiástico, douto e notável homem de letras; é justificado Spigot assassino abjeto, de ínfima plebe. E todos três na forca. E o conde e o matula, ambos retalhados no hospital, para maior aviltamento, porque ambos assassinaram, e a lei não os estremou. Isto dá a medida da moralidade que presidia à execução do código penal em Inglaterra, e a imparcialidade com que a justiça criminal era distribuída. Daí, como de fonte perene de respeito à justiça, derivaram os costumes exemplares que formam o cimento da prosperidade, da força e respeitabilidade da Grã-Bretanha. E, se isto que se lê não fosse um livro fútil e desprezioso, iríamos cavar à volta das raízes que seguram o robusto roble de séculos. Veríamos que os ingleses rejeitaram o uso das Pandectas inculcadas pelo clero; constantemente repeliram

* Traslada-se do manuscrito donde são extraídas as bases essenciais deste romance, a página que diz respeito à sentença de Spigot. É o seguinte: «Logo que o júri o achou criminoso, o juiz pronunciou esta sentença: *Guilherme Spigot, foste convencido de um crime horrível e atroz. Assassinaste de ânimo frio, não provocado, e sem motivo. A desgraçada vítima de tua ferocidade perdeu uma vida útil à sua família e à sociedade. Em breve morrerás também. Custa-me proferir a sentença fatal que vai acabar tua vida criminoso. Sexta feira será para ti o derradeiro dia deste mundo. Pensa quanto mais horroroso será aquele em que hás de aparecer, perante o justo juiz do género humano, tinto de sangue do teu semelhante! Tens apenas dois dias de vida. Peço-te que os empregues a implorar a misericórdia do Ente Supremo, para que te salve das penas eternas. Deste tribunal não esperes perdão. A lei te condena a que sejas conduzido sexta feira de manhã ao lugar das execuções públicas, onde serás enforcado até que a morte suceda, e depois teu corpo será entregue aos cirurgiões para ser anatomizado. Deus se compadeça da tua alma!*»

leis romanas, e mantiveram, antes do funcionalismo parlamentar, as *leis inglesas* chamadas *não escritas* ou consuetudinárias, e por elas deliberavam em todas as causas cíveis e crimes.

Manes de Bártolo, de Cujacius, de João das Regras, e vós principalmente, ó ilustres espíritos, vivos e são em corpos que Deus conserve no parlamento português, perdoai esta invasão de fronteiras adentro da vossa ciência de não inforçar assassinos. Assim é que, confundida, vos contempla a pobre e desmoralizada Inglaterra, ó meus patrícios, que abolistes a pena de morte, sem ter convencido moralmente o facinoroso que a minha vida é sagrada, e que a faca de ponta bem puxada peito dentro não é menor barbaridade que o laço de esparto bem corrido sob o peso do algoz. Ó país das grandes cabeças, porque não és tu feliz? É porque o insigne diplomático padre António Vieira disse um dia: «Os mais felizes reinos não são aqueles que têm as mais bem entendidas cabeças, senão aqueles que têm as mais bem entendidas mãos.»

Quanto a mãos, veja-se uma certa *Arte...* ou não se veja nada, que é o melhor.

Era um espírito varonil Ana Bearsley. Traspassavam-lhe o coração duas angústias incomparáveis com a do perdimento do património. Ao avizinhar-se o dia nupcial, perdeu o homem que, primeiro e último, amara, no silêncio misterioso de sua alma, Philippe de Chesterfield. Nunca mais seus olhos o viram nem procuraram; nem queixume ou palavra magoada lhe ouviu seu tio. E, todavia, aquela nobre tristeza ou não tinha desafogo, ou se consolava na esperança de ir chorar, ao longe, no seio de seu pai, que ela adorava superiormente ao homem guiado por mão da fatalidade às serenas alegrias de sua juventude. A morte desastrosa do pai impedreniu-a, avincou-lhe a fronte, cavou-lhe as faces, apagou-lhe a auréola da formosura, deixando-lhe uns traços de beleza áridos, desluzidos e glaciais. Diziam-lhe que chorasse, encarecendo-lhe o alívio do pranto. Ela não podia entender o louvor das lágrimas. Não sei quem disse que o maior elogio das lágrimas... é chorá-las.

Eis os dois profundos golpes que lhe não deixaram sentir a dor da prevista pobreza.

Logo que soube a situação extremamente penosa de seus tios, mandou chamar Manuel Vieira, e apresentou-lhe um cofre de joias, dizendo:

– Estão aqui os infeties que me deram meu pai e meus tios. Sei que os de minha mãe valem 10.000 libras, e os meus não sei o valor que têm. Aqui lhos entrego para serem vendidos, e o produto converta-o o sr. Vieira no comércio de meus tios.

– Não temos necessidade desse expediente, miss Ana Bearsley – disse o guarda-livros. – Dos haveres da casa de Londres restam 5.000 libras, pagas as letras falsas; mas a casa do Porto tem 10.000 em caixa; e, resolvido a liquidá-la o sr. John, restringindo o negócio a Londres, aumenta consideravelmente o capital, com que se custeie um comércio mediano, mas a salvo de grandes desastres.

– Não obstante, como estes objetos me são inúteis – replicou miss Ana – insto que os venda, sem o beneplácito de meus tios, ou os conserve para quando seja preciso vendê-los. Eu creio que a decadência desta casa ainda não tocou a baliza que a desventura lhe pôs. Johnson Fowler há de abrir a sepultura de meus tios, aluindo as bases da sua honra e do seu crédito. Assim mo jurou, quando eu lhe devolvi as infames propostas da sua mão de esposo. Os infortúnios da minha família procedem de mim, e Johnson foi o instrumento da fatalidade que nos desgraçou a todos. Por minha causa foi ao patíbulo William Dodd. Sem os ciúmes de Johnson o preceptor de Philippe de Chesterfield não seria descoberto e julgado falsificador de firmas. Salvou-se depois a vida do sr. Vieira, graças ao céu; porém morreu um pai de famílias, e outro acabou na forca. Nenhuma destas calamidades se daria sem a minha existência. A última, que nos ameaça – a pobreza – é já uma quasi insensível afronta que o destino me faz. O que eu, neste imenso infortúnio, ainda posso desejar e pedir é que meus tios não saibam o que é a miséria; e, se é forçoso que o saibam, faça o sr. Vieira que eles nunca experimentem o insulto do opróbrio. Olhe que eu, ontem, escutei o que se passava no quarto de meu tio Roberto. Pactuava-se dar-me um destino, segurar-me a subsistência, e concluir a série das desventuras com dois suicídios... Compreendeu as delícias que me esperam?

– Não o há de permitir Deus – atalhou Vieira. – Espero ilibar a honra e prover abundantemente à decência desta família com os recursos que ainda temos.

Deteve-se Vieira uma longa pausa, como quem se recobra de receio, à semelhança de galanteador não seguro da boa sombra

que lhe há de galardoar a declaração. Ana Bearsley, cuidando que Vieira esperava que o despedisse, e com o silêncio manifestava precisão de ir a seus negócios, disse-lhe com agrado:

– Talvez que eu lhe esteja ocupando as horas do seu trabalho... Pode retirar-se, se tem que fazer...

– Minha senhora – balbuciou o guarda-livros – já que, proferindo o nome do sr. Philippe Chesterfield, me abriu ocasião, e autorizou a liberdade de lhe falar neste cavalheiro, peço licença para dizer a miss Ana Bearsley que o sr. Chesterfield ainda conserva por V. S.^a os sentimentos de cordial estima que sentia quando frequentava esta casa...

– Como o sabe? Disse-lho quem? – atalhou vivissimamente a inglesa.

– Disse-mo ele, minha senhora, no meu escritório, onde entrou, espreitando o ensejo de não se encontrar com o sr. Roberto Bearsley. É um nobilíssimo carácter. Quando soube que o património de V. S.^a sofrera grande quebra, veio dizer-me que, há um ano, aceitara a transgressão da palavra de seu tio, e lha devolvera com outra dignamente orgulhosa, porque não o malsinasse o mundo de transigir com a injúria porque em seguida da injúria ia um dote de dois milhões. Agora, porém, que V. S.^a é comparativamente pobre, solicita de novo a licença de a pedir a seus tios.

Ana demorou alguns segundos a resposta, e afinal disse com visível embaraço:

– Não lhe cause estranheza uma pergunta que vou fazer-lhe: é indigna de mulher semelhante pergunta; mas verá que a intenção não é vil. O filho de Lord Chesterfield é rico?

– Conquanto seja filho natural, o sr. Philippe herdou a maior parte dos bens estranhos ao condado; uma irmã que tem foi opulentamente dotada e reside na América portuguesa.

– E, portanto, é ele mais rico do que eu?

– Com toda a certeza.

– Pois, quando Philippe puder ser tão pobre como eu, concedo-lhe licença de me pedir aos meus pobres tios, a meu tio

Roberto particularmente, a quem ele humilhou com tanta soberba como injustiça. Eu, quando era rica, pode ser que tivesse a humildade de lhe perdoar a arrogância de sua raça; hoje, que perdi muito e ainda assim desprezo o pouco que me resta, quero que o descendente dos *lords* de Chesterfield saibam que estes plebeus assinados Bearsley, há três séculos, têm a nobreza de rejeitar as caprichosas liberalidades do fidalgo, que por misericórdia desce até eles.

Reteve a explosão do orgulho, que estava increpando, e murmurou, adoçando a voz:

– Faz-me bem a dedicação desse homem, se o não vejo através do prestígio da raça. Queria ser milionária duas, três vezes, como já disseram que eu fui. Queria desbaratar o meu dote na compra de uma coroa de duquesa, e pôr-lha debaixo dos pés para que ele a esmagasse, e eu em sua alma ficasse sendo sempre Ana Bearsley, filha e neta de negociantes, que poderiam, desde o primeiro que foi rico, herdar títulos de fidalguia, menos transmissíveis que os da honra. Hoje não posso senão amá-lo, amá-lo como se ele tivesse morrido na hora em que me deu este anel, este símbolo da união de duas almas, uma das quais, ainda que me esqueça, eu acreditarei sempre que está no seio de Deus, porque, repito, o homem que eu amei... morreu, depois que abriu as portas às desventuras que entraram de tropel nesta casa, que era um paraíso no primeiro dia da sua vinda aqui. Tudo, porém, lhe perdoou, menos a sua compaixão.

Ana Bearsley ergueu-se enxugando os olhos por onde parece que o coração chorava as altivezas do ânimo.

Manuel Vieira, confuso e como estupefacto do lance que não sabia definir, em sua minguada prática da vida e da índole inglesa, pediu as ordens de miss Ana e saiu, mais propenso à reprovação que ao aplauso daquela um tanto melodramática esquivança com assomos de heroísmo.

Convém saber que a compleição espiritual de Manuel, filho da jornaleira, mendigo na infância, e discípulo de um homem tão justo quanto o pode ser um observante seguidor das máximas

de Jesus Cristo, não era azada para se abismar na admiração de casos que infeitam novelas, e dão realces às biografias de pessoas extraordinárias. Como a vida laboriosa lhe não ferjava horas de leitura amena, Manuel pouco menos de nada sabia das fantasias deste mundo, tirante as quatro peças náuticas que vira, em companhia de Johnson Fowler, no *Sadler's Wells Theatre*. As realidades terreaes figuravam-se-lhe em Londres pouco mais dramáticas que na Póvoa de Lanhoso. Em assuntos de amor, tão da competência dos vinte e dois anos, era ele sobremaneira descurado e bisonho. A julgar-se por si, intendia que o amor era a fiança da felicidade no matrimónio; mas, se lhe dissessem que o amor tem uma escala ascendente desde a simpatia serena até às diabruras delirantes, Manuel não queria acreditar que a felicidade conjugal se compadece com aquelas diabruras.

Amava ele Eulália, amava deveras, trabalhava para remir aquela família de necessidades, tinha vingado o intento sobejamente, cuidava que a maior prova de sua gratidão aos pais era também a maior prova de amor à filha. E tudo isto era feito, pensado e escrito serenamente. As saudades de Eulália não lhe faziam levantar mão da escrituração mercantil, nem lhe alteravam as horas de repouso, nem o impacientavam em pressas de casar-se. Diz o leitor vulcânico e com muitos corações já pulvéreos no cinerário do seu peito, que este amor de Manuel Vieira poderia servir para entreter palestra à lareira de um vigário rural; mas que não tem bastantes cintilações que peguem fogo à isca do papel e façam saltar as frases em chispas ao coração de leitores, cujo interior está tão de gelo que andam por lá a patinhar os tédios.

Não há crítica mais bem feita e justa, conscienciosamente o digo. Este, que é o herói do romance, e já de si tão espalmado de nome, este Manuel Vieira, refletindo detidamente nas palavras de Ana Bearnley, formou daquela senhora o conceito que desejaria não fazer da mulher que houvesse de ser sua. Avultou-lhe em soberba o que aos espíritos de mais ideal quilate se figuraria acrisolado pundonor. Aquele arrojado uma coroa ducal aos tacões das botas do marido,

tendo comprado a coroa com o património de seus filhos, deu-lhe que cismar, e por pouco o não induziu a concluir que as demasias do brio prendem com o primeiro passo do desatino. Em suma, o montanhês de Lanhoso como que ainda conservava o selvagismo nativo, e certo não podia ser personagem de romance que levasse o fito posto em espantar pessoas tão pouco espantadiças como hoje em dia são os consumidores destes livros.

Caiu-me a propósito esta entreaberta para despreocupar quem quer que seja, quanto ao carácter do meu herói, o homem mais simples deste mundo, somente não vulgar no destemor e perseverança com que alimenta a coragem dos dois velhos. As cenas deste primeiro livro são bastantemente ricas da onda do ouro que vai estrondeando desgraças na sua torrente; virá depois o outro livro, onde o ouro sacratíssimo do trabalho, empolgado pelos grifos do demónio, e sacudido às rebatinhas, alastrará de sangue o chão onde cair, como a chuva de betume candente sobre as cidades malditas.

Conforme o plano convencionado, saiu de Londres para o Porto John Bearsley, a fim de liquidar os seus haveres comerciais armazenados, e transferir o capital em caixa.

Primeiramente, ordenou ao seu guarda-livros que, por via da Associação Comercial inglesa, enviasse o dinheiro existente.

- 500 libras - disse o guarda-livros.
- O quê?! - exclamou espavoridamente o inglês.
- Deixou vossemecê 10.000 libras; destas paguei 9.500 à sua ordem.
- Pagas a quem, senhor?

O guarda-livros apresentou a ordem, em primeira e segunda via, assignada por *John Bearsley & Irmão*, passada em Londres a favor de Sir Arnold Parker, general do exército do Canadá.

- Roubado! - exclamou o velho - Roubado!...

E, pondo as mãos trémulas em atitude suplicante, pediu a Deus que o fulminasse, com vozes soluçantes, cortadas por aflitivas ânsias.

Passados instantes, bradou:

- Roubado por Johnson Fowler! pelo ladrão de toda a nossa fortuna tão honradamente adquirida! Oh meu Deus, que mal te fez esta infeliz família?!..

- Roubado por Johnson Fowler... disse vossemecê? - perguntou o guarda-livros.

- Sim...

– Tem razão para o acreditar... O sr. Smith me disse, haverá quinze dias, que encontrara em Miragaia o ex-guarda-livros da casa de Londres; e, perguntando-lhe o que viera fazer a Portugal, Johnson titubara na resposta, dizendo a final que ia a Lisboa comissionado ao ministro inglês. O sujeito, que me apresentou a ordem, disse-me que entrara na casa de Londres com a quantia sacada. Era homem de quarenta anos pouco mais ou menos, com óculos azuis, e trajado com esmero. No dia seguinte, indo eu à alfândega, encontrei o mesmo homem com uma senhora pelo braço. Alguém, que me viu cumprimentá-lo, perguntou-me quem era o inglês, e me disse que, no ato de lhe passarem vista à bagagem, causara espanto a porção de dinheiro em guinéus que o viajante trazia em viagem.

John, ganhando alento com não sei que lampejo de esperança, correu a casa do cônsul inglês, referiu-lhe o enorme roubo que sofrera, e então soube que no consulado não fora visado passaporte de algum Sir Arnold Parker; mas que, em confronto das datas em que a ordem fora paga, encontrou-se registrado o passaporte de um Gower, padre católico irlandês, que ia à Itália com sua irmã.

Divulgado o sucesso, e rigorosamente sindicada a saída de Johnson Fowler, descobriu-se que ele havia embarcado em navio holandês com destino a Pernambuco, posto que o consignatário da casa nos Países-Baixos dissesse que o passageiro lhe apresentara o seu passaporte em que se intitulava George Jonathan Holand, filósofo de profissão, natural de Rosenfeld, no ducado de Wurtemberg, casado com Maria Van Hooft, natural de Middelbourg. Três passaportes, com três profissões – uma *soirée* que o infame passara deleitosamente a copiar assinaturas, não poupando a do sábio *Jonathan*, que, àquela hora, estava talvez lucubrando na sua adiposa obra intitulada *Reflexões filosóficas sobre o sistema da natureza*.

Quando a carta de John Bearsley chegou a Londres, Roberto, por conselho dos médicos, tinha ido com a sobrinha para ares de campo, autorizando Manuel Vieira a abrir a correspondência e

dar expediente ao negócio. John escrevia que estava reunindo as migalhas no propósito firme de transportar-se ao jazigo de seu pai, e aconselhava o irmão a procurar algum honesto abrigo para sua infeliz sobrinha.

Vieira encarou ainda com intrepidez a suprema desgraça. A ruína era absoluta e irremediável. Letras sacadas, sobre esperanças do capital do Porto, já não podiam ser pagas. A casa, pouco antes milionária dos Bearsley, estava insanavelmente falida. Pois, sem pavor da profundidade da voragem, Manuel Vieira apresentou-se aos banqueiros, que chamou ao seu escritório e disse-lhes, mostrando a carta de John Bearsley:

– Antes de enviar a morte a meu infeliz patrão, com esta carta, venho oferecer à misericórdia de quem pode salvar esta família o meu nome, a minha responsabilidade ao pagamento das letras reformadas. Sou novo, tenho vinte e três anos, sou robusto, sóbrio e saudável; conto com mais quarenta anos de vida, e uma inflexível vontade de trabalhar. Confiem, senhores, dos meus futuros quarenta anos o embolso dos seus créditos, e, por Deus, não abram falência aos senhores Bearsley!

E, erguendo as mãos, e com a vista amurada de pranto, queria ajoelhar diante do banqueiro que se lhe pintou mais insensível.

Convergiram todos a erguê-lo da suplicante postura. Tão compungidos como convictos da honradez do moço, foram dali inscrevê-lo na matrícula dos negociantes, e consolidar-lhe a reputação com a publicidade do crédito.

Roberto voltou do campo, e achou pagas umas letras, outras reformadas, e o giro comercial no pé de prosperidade incompatível com diminutos capitais. Nos livros das entradas achou as 10.000 libras procedentes do Porto; admirou-se, porém, que seu irmão lhe não houvesse escrito, senão uma simples ordem sobre o Banco de Londres, segundo informação do guarda-livros.

Desta ignorância do roubo não foi participante Ana Bearsley. A esposa do cônsul inglês no Porto, sua amiga de colégio, escrevia-lhe dando-lhe os pêsames do desastre que seus excelen-

tes tios acabavam de sofrer. Esta missiva foi entregue à senhora por Manuel Vieira, ajuntando-lhe a rogativa de ocultar de seu tio o conteúdo da carta, se ela dissesse respeito a catástrofes do comércio.

Na seguinte chegada do navio de Portugal, era impossível ao guarda-livros subtrair as cartas, não havendo de mais a mais alguma da letra de John, e sendo duas lacradas de preto.

Manuel Vieira apresentou-as a Roberto, e à sobrinha. Levava o rosto coberto de lágrimas. O inglês relançou a vista entre as cartas e o moço, que não podia proferir alguma palavra.

– É morto meu irmão! – exclamou o velho, deixando cair a face no seio da sobrinha que o amparara.

– Abra a carta, e leia, sr. Vieira – disse Ana Bearsley.

Manuel correu de alto a baixo em um lanço de vista os três períodos da carta. Os que atribuíam a fulminação apoplética de John Bearsley ao roubo das 9.500 libras, omitiu-os, resumindo o contexto em dizer que o sr. Bearsley falecera repentinamente, quando se aprestava para retirar-se para Londres com a sua casa liquidada. Acrescentou que o seu espólio, reputado em 1.000 libras, havia sido entregue no consulado.

Cansado da vida, e exausto de ânimo para lutar com a desgraça que o encontrara enfraquecido pelas blandícias da fortuna, Roberto afastou-se da atividade comercial, delegou inteiros poderes em Manuel Vieira, e estabeleceu a sua definitiva residência nos arrabaldes de Londres, em Westminster, numa vivenda formosíssima, que miss Ana disse ter alugado por alguns anos. De todo seu cismar e velar as noites era causa o futuro da sobrinha. Sorriu-lhe alguma vez a ideia de a casar com o guarda-livros; mas dois invencíveis estorvos o impossibilitavam de, sequer, aventurar o pensamento: um, era o modestíssimo destino que Manuel, desde a primeira mocidade, cifrava no seu anelado porvir de marido de Eulália; outro, era saber Roberto que sua sobrinha morreria amando o seu defunto amado, como ela romântica e britanicamente capitulava Philippe de Chesterfield.

Respetivamente ao filho do erudito *lord*, sabia Manuel Vieira quanto lhe doíam os infortúnios da família Bearsley; pois que, divulgado em Londres o último desastre da casa em Portugal, Philippe ofereceu a Vieira algumas mil libras do seu património como socorro às primeiras urgências, e sob condição de segredo.

Vieira fiava de si o singlar a nau desarvorada a porto de salvamento. Era um moirer incessante, uma nunca vista energia, sem repouso, sem intercadência de recreio. As suas economias, involtas na massa do negócio, corriam o perigo de total perda, se os géneros exportados para a Índia continuassem a ser desbaratados, por efeito da desordem, e abatimento a que lá tinham descido os interesses de Inglaterra.

A esperança de ir a Portugal buscar Eulália ia-lhe fugindo, e a pouco e pouco as alegrias preluzidas no decurso da vida, se apagaram. Entrou-lhe na alma o convencimento de que, por demasia de esforço, os braços lhe cansariam contra a torrente que arrastava à falência casas muito mais esteiadas em capitais e créditos.

Nada obstante, Roberto recebia mais recursos que os precisos, e a família da Póvoa de Lanhoso continuou a ser liberalmente beneficiada; ele, porém, restringia tão apertadamente as suas despesas que apenas tinha um prato na sua mesa e um guarda-roupa correspondente à parcimónia da alimentação.

A virtude é como a fé: produz milagres.

Prosperavam a olhos vistos as mercancias da casa Bearsley. De Bengala, onde tudo se reputava perdido, liquidara Vieira um subsídio para remissão da maior parte das letras, que o velho Roberto rasgava, dizendo sempre:

– Documentos de desonra, libelos difamatórios que não serão lidos sobre o jazigo de teus avós, minha querida sobrinha...

E ajuntara uma vez, quando as sombras da noite do intendmento se iam, a intervalos, espessando:

– Sem espada, nem espora de cavaleiro sei eu que hei de morrer. Morro, sem dar ao sr. de Chesterfield o prazer de ser lancetado nestas veias de plebeu pelo faim de sua excelência; mas

Deus consentirá que eu morra sem dívidas para me não parecer com os senhores condes de Chesterfield. Desculpa, minha pobre Ana, estas senis impertinências do teu caduco tio; e, se me não desculpas, lembrar-te-ei que as desgraças vieram a nossa casa na carruagem blasonada desse fidalgo.

Ana levantou os olhos para a face do tio, e murmurou com humildíssimo gesto de quem exora:

– Perdoe-me a mim, meu tio. As desgraças não vieram com ele; estavam comigo. Perdi meu pai... que parte teve Philippe no meu maior infortúnio? A morte de meu tio John... foi mercê do céu que nem todos os infelizes alcançam... O perdimento da riqueza ainda o não senti, meu tio. Quando me diziam que eu havia de ser herdeira de três milhões, perguntei muitas vezes à minha consciência: «de que servem três milhões?» e hoje pergunto: «que importa não os ter?» Que nos falta, meu tio? Que faríamos nós hoje à riqueza supérflua, se a tivéssemos?

O ancião sorriu jubilosamente, e murmurou:

– És a criança a corrigir as câs de um velho, que, tendo já os pés na cova, quer lá resvalar por uma rampa de ouro... És um anjo, minha querida mestra da vida, da paciência e da religião. Assim, queres que eu morra tranquilo do teu destino... Morrerei... Irei deste mundo sabendo que hás de viver com pouco, minha pobre menina. Olha que o nosso Manuel me disse ontem que, depois da liquidação de Bengala, supõe que o teu futuro pode ser segurado com um dotezinho de 6.000 libras. Sei que pode ser muito rico quem possui o tesouro das joias que tens em tua alma. A propósito de joias, menina, há muito que te não vi infeitada com alguma das tuas! Lá estão as de tua mãe, e as de tua avó... da minha santa mãe... Deixa-me ver aquela manilha que tem o retrato dela... Há bons trinta anos que o não vi... Quero dizer-lhe o último adeus...

Miss Ana Bearsley foi ao seu quarto, e tirou da gavetinha de um contador o bracelete com o retrato colorido em marfim. Voltou e ofereceu-o ao velho, que o beijou enternecidamente.

– E as outras joias, Ana? Porque mas não trouxeste?! Há lá tantas memórias, ligadas à vida de teus pais e até à minha... Vai buscá-las...

– As joias, meu tio, é tudo isto. São esta otomana, estas alcatifas, aquelas jarras do Japão, o parque que meu tio todas as tardes passeia, as árvores onde as avezinhas de madrugada o saúdam, toda esta bela casinha, que parece um brilhante engastado em esmeraldas... Há lá joia mais linda!

– Que queres dizer, Ana?

– Que vendi as joias inúteis e comprei esta casinha onde meu tio está recobrando a sua saúde, a serenidade que estas árvores nos ensinam, e o desapego das coisas sobejas, como são a terra, que se chama oiro, a terra que se chama prata, e o carvão que se chama brilhante. Aqui tem as minhas joias. São esta, porque tem o retrato de minha avó, de quem aprendi a rezar a oração com a qual pedimos a Deus o pão de cada dia, e não os milhões acumulados, enquanto há tantos pobres que nem para cada dia têm um pão... Não me ralha, meu querido tio?

Roberto, estreitando a sobrinha contra o seio arquejante, soluçava, e mentalmente agradecia a Deus as desventuras que o trouxeram àquela hora de santa alegria.

XIII

Philippe de Chesterfield saiu de Inglaterra, quando o próprio brio o arguiu de se andar desprimorosamente a requestar a mulher que lhe dava lições de dignidade. Ele, que tão florecida mocidade tivera e tantas invejas arrastara após os fáceis triunfos do vício brilhante em fidalgos de sua bitola, descaíra, em idade tão vigorosa ainda, nuns aborrecimentos daquela misantropia inglesa, doença deplorável que o suicídio nos dá a perceber como a terribilíssima crise da saciedade dos prazeres. Dos passados amores do filho de Lord Chesterfield referiam-se estupendas proezas. Entre as mais formosas amantes que ele assoalhou à crítica das famílias escandalizadas de Londres, nomeava-se uma francesa chamada Bertha de Nieuport, que o seguira de Paris. Esta dama usava em Londres carruagem com seu próprio brasão, e não falsificava os seus direitos heráldicos, porque seu pai primava entre os fidalgos da Picardia, e havia sido camarista na corte de Luís XIV. Acrescentavam os mais a ponto informados que Bertha era casada com certo conde de anos mais adiantados que os convenientes à morigeração de uma esposa educada na convivência das filhas do Regente, duque de Orléans. Lamentavam as honradas matronas inglesas que uma senhora de tão fina origem não tivesse a vulgar virtude de entreter a sua mocidade, apacando as dores da gota de seu marido com as delícias do canto e da música, prendas de que a francesa era magistralmente dotada.

Quando Philippe norteou sua vida tempestuosa para o remanso do matrimónio, Bertha apareceu sozinha em público, uns dias; e, não volvidos muitos, foi vista com um filho do conde de Burlington, rapaz de vida estragada e estragadíssimo património. Esta nova fase da condessa de Beaulieu foi renovada e renovadíssima no prazo de dezoito meses com tantas variedades de librés, segundo a variedade dos proprietários efémeros, que deixamos como infadonha e de nenhum modo original nem edificante a averiguação desses casos.

De repente, porém, desapareceu de Londres a condessa parisiense.

Este episódio da mocidade de Philippe seria excecência nesta narrativa, se não houvesse, ao diante, a necessidade de retroceder e explicá-lo.

No começo do capítulo dissemos que Chesterfield saíra de Londres. Acompanhá-lo-emos mais depressa do que então se viajava. Por 1774 sabemos que ele estava em Lisboa, e em 1775 no Rio de Janeiro, onde embarcou para o Grão-Pará, com o intento de visitar uma sua irmã, também filha natural do conde Lord Chesterfield e de uma dama francesa que não era mãe de Philippe. Desta variedade de mães depreende-se que o defunto Lord tivera quinhão dobrado dos costumes soltos da França do seu tempo, e ensinara o filho tanto com as *Cartas* como com o exemplo.

O cunhado de Philippe era inglês; chamava-se Ricardo Broseley, e descendia de antigos fidalgos da cidade do seu apelido, que haviam emigrado, fugindo à ferocidade de Cromwell, como partidários de Carlos I.

O primeiro foragido estabelecera-se nas margens do Amazonas. Voltou a Inglaterra, depois da restauração da monarquia, reivindicou parte dos seus haveres confiscados pelo Protetor, e expatriou-se outra vez para o Pará.

Como alguns dos descendentes deste inglês se criaram em Inglaterra, Ricardo Broseley lá foi também educado; e porque era gentil de sua pessoa e afamado de rico proprietário nas margens do Acará, logrou obter a mão e avultado dote de Isabel Chesterfield.

Os Broseley no Pará eram conhecidos dos portugueses por *Brossens*, pronúncia adulterada no lapso de cem anos, e como tais os conhecia o bispo paraense D. frei João de S. José Queirós*.

Apenas Philippe chegou à encantadora vivenda (que lá chamavam *sítio*) de sua irmã Isabel, lhe disse ela:

– Se tivesses chegado há um mês encontrarias uns hóspedes interessantíssimos, e não sei até se folgarias de ver uma gentil dama que eu presumo não ser simples comparsa no longo drama dos teus amores...

– Pois é possível que até ao Grã-Pará se estendam as relíquias dos meus desvarios!? – perguntou Philippe sorrindo – Como se chama essa tua hóspeda?

– Porcia O’Neill.

– Oh! que nome! cheira-me a romana! *Porcia... O’Neill!*... Nunca ouvi tal nome!... *O’Neill!* esse apelido é irlandês.

– Irlandês é o marido; ela é francesa...

– Ah! sim? francesa! e é *Porcia!* – atalhou ironicamente Philippe.

– Veja lá, sr. Philippe – acudiu a irmã com risonha severidade – lembre-se que eu nasci em França, e que sua mãe também era francesa...

– Estou-me lembrando agora disso... Continua, minha querida Isabel, como se chama o marido?

* Em 1761 escrevia o mencionado bispo o seguinte acerca de *Guilherme Brossem* (William Broseley), tio de Ricardo: «Entrando pelo Acará dentro, rio alegre e de boas terras... chegámos a casa de Guilherme Brossem, visitámos a sua capela onde ouvimos missa, a qual foi cantada pelas suas índias e mamelucas a quatro vozes bem ajustadas, e no fim várias cantatas devotas e de edificação, sobre o que lhe fizemos uma pequena prática, em louvor do canto honesto, e ao mesmo tempo invectiva contra o lascivo das sarabandas e modas do tempo. Aqui comi a primeira vez tartaruga de vários modos concertada, etc.»

Faz o digno prelado encarecidos elogios aos acepipes da tartaruga, diz que na sua viagem não lhe deparou o acaso intrigas galantes com que lardeie de interesse romanesco a sua visita, e prossegue: «... Caso notável sê-lo-á a piedade deste honrado homem (Guilherme Brossem), a quem Deus N. S. deu uma semelhante consorte, negou-lhes filhos para que pudessem criar os outros expostos de seus pais: enfim, é a casa de Brossem uma roda de enjeitados, e sempre pronta para este benfazer, que se exercita em toda a linha de piedade ou género, instruindo na fé e devoção aos meninos, e sustentando-os até lhes dar modo de vida honesto, sendo aliás o trato da sua casa muito civil e ele um asseiadíssimo ancião.» (*Memorias de Fr. João de S. José Queiroz, bispo do Grão-Pará*, Porto, 1868.)

– Josuah O’Neill.
 – Que é ele?
 – Um viajante riquíssimo, que arrasta o seu tédio sobre estrados de ouro e diamantes.

– Upa! andas a ler o Shakespeare, minha irmã?
 – Ricardo estava em Belém, quando eles desembarcaram; e, ouvindo-os falar inglês, ofereceu-lhes o seu préstimo, que o viajante aceitou agradavelmente. Estiveram alguns dias na cidade, e vieram hospedar-se em nossa casa. Logo que ela, a sós comigo, me disse que era francesa, falei-lhe a sua língua, e contei-lhe que também eu tinha nascido em França. Depois, conversámos de Londres. Perguntei-lhe se conhecia algumas pessoas das nossas relações; e a primeira que ela nomeou foi o meu querido Philippe Chesterfield. «É meu irmão!» exclamei eu. «Seu irmão!», disse ela com a voz alterada; e, passados instantes, pediu-me licença para me abraçar, e rogou-me calorosamente que não proferisse o teu nome em presença do marido. E, desde que tivemos esta curta conversação, notei que Porcia estava sempre concentrada e melancólica. Uma vez instei-lhe que me dissesse se eu involuntariamente a magoara a ponto de a ver como arrependida da sua franqueza. Respondeu-me: «Não, minha senhora; eu sofro porque não tenho a coragem de acabar com esta existência que me dói como um remorso à mulher que cobrisse de eterno opróbrio seus pais e seus irmãos. Sei que a senhora terá a delicadeza de me não perguntar mais nada da minha vida». Tens alguma ideia de quem seja esta mulher?

– Parece-me que se está formando uma indecisa conjectura no meu espírito; – volveu o meditativo Philippe – mas, isso de *Porcia* é nome inventado, se a mulher é a que se está desenhando ao meu espírito. Descreve-ma quanto à figura. Já disseste que era bela? não me recordo...

– É bela; mas denota que a melhor estação da sua beleza passou. Representa trinta anos, apesar de me dizer que tem vinte e quatro.

– É alta?

– Muito alta, e magra, olhos pretos, mas pequenos e quebrantados de melancolia; tem na face esquerda um sinal de cabelos encaracolados que lhe dá muita graça...

– Basta. Já sei quem é.

– Quem é?

– Não te posso dizer mais nada a respeito dessa mulher, minha irmã. Disse-te ela que era desgraçada? não mentiu; olha, porém, Isabel, que não sou eu o responsável dos seus dissabores... Mas, santo Deus! como veio Bertha de Nieuport ao Pará? Quem é esse homem opulento que lhe chama esposa, tendo ela vivo o marido, o conde de Beaulieu? – prosseguiu Philippe em concentrado monólogo, que Isabel lhe ouvia com espanto – *O'Neill!* nenhum dos seus amantes em Londres se chamou O'Neill!

– *Amantes!* – interrompeu Isabel – então é uma aventureira que eu tive em minha casa?

– Não tanto assim, minha irmã: é uma vítima dos casamentos desiguais na idade e nas índoles; é uma mulher, que poderia ser virtuosa como tu, se a deixassem escolher marido como tu escolheste... Mas... não me disseste que o marido era muito rico?

– Tanto que está resolvido a comprar em Bragança o mais rico *sítio*, e o convento que foi dos jesuítas, para reedificá-lo em palácio. Os brilhantes que ela tinha nos pulsos e no pescoço talvez valessem mais de 5.000 libras. Quando aqui entrou e viu a beleza da nossa vivenda, e os engenhos, disse ele que daria 15.000 libras por tudo, se se vendesse.

– É novo esse homem?

– Não é novo: há de ter mais de quarenta e cinco anos; já tem o bigode grisalho, e muitas rugas à volta dos olhos. A cara é sinistra. Diz o Ricardo que dentro daquele homem está uma história que valia a pena explorar, porque, às vezes, íamos dar com ele sozinho, imboscado na floresta, absorto em si, e com os olhos espasmódicos, como um homem que estivesse vendo a sombra das suas vítimas. E então ela, Philippe, parecia encará-lo com terror, e olhar aterrada também para os brilhantes das manilhas.

Eu pensava nisto; mas não lhe dava peso; agora, porém, depois de te ouvir, começo a crer que há estranhos sucessos ligados à vida de ambos.

– Onde estão eles? – perguntou o irmão.

– A última carta que o Ricardo recebeu é enviada de Ourém; e lá dizia que estava a sair para examinar as propriedades de Bragança.

– Pois, minha irmã, por satisfazer a tua curiosidade vou viajar por esse Cahité acima até encontrar os tais hóspedes.

– Lembra-te que ela me pediu que não proferisse o teu nome diante do marido. Não vás tu agravar-lhe o seu infortúnio...

– Responsabiliza-se a minha prudência pela proibidade do coração, que, a respeito dessa mulher, apenas pode reviver no sentimento da piedade.

Decorridos poucos dias de repouso, a canoa de Philippe Chesterfield vogava, balanceando-se sobre os cachões do conflúente perigoso dos rios Guamá e Mojú, mareada por dez robustos índios.

As margens daqueles rios, artérias pujantes em que arfam as ondas do Amazonas, são ensombradas de árvores giganteadas, que fazem tristeza e pavor. O homem ali vê-se tão pequeno, tão verme a pascer-se nos sucos de seu próprio coração, que chega a sentir o enojo das quimeras por onde se quis avantajajar ao comum de sua espécie. E aquele que ali chegou, ido das cidades onde toda a grandeza, exceto a da virtude obscura, é convencional e fantástica, esse, à semelhança do Philippe Chesterfield, entrou-se de amargura imensa, e, em meio daquelas vidas colossais, da ave enorme e da árvore que topeta as nuvens com as suas franças, cuida que à volta de si tudo é o infinito vácuo da morte. As solidões majestosas são essas em que o homem verte lágrimas humildes sobre os andrajos da sua púrpura de rei da criação. Ainda, se nos ouvidos d'alma lhe rumorejam os mil hinos daqueles silêncios, – se por de sobre as copas das florestas lhe vai o espírito desferindo voo em demanda de Deus, a sua alegria pode ser grande como a do eremita de Ístria que nas solidões profundas encontrava a paz, as lágrimas e a morte que tanta crueza tem se a meditamos sem a desejarmos.

O sentimento de Philippe era doloroso quando cortava a corrente do rio, escutando o trapejar monótono dos remos, e ouvindo o tanger das sinetas, no dilúculo da manhã, e ao cair da noute, naquelas igrejinhas alvejantes, lá ao cabo das enseadas ou *garapés* em que o rio bracejava.

Entreluzia-lhe, por noite, no cerrado dos bosques, vestida do raio da lua que se espelhava nas águas rebalsadas, a imagem de Ana Bearsley, a sua ilusão dolorosa e adorada.

Aprazia-lhe, entre as reminiscências manchadas, ver aquela mulher pura, a única sem mácula nas suas paixões. Bertha de Nieuport e as outras eram a vingança de Ana sacrificada ao orgulho da raça, à fantasia dos fidalgos que o julgaram desdoirado pela suspeita de Roberto, e venderiam ao judeu, na carência de cem libras para um cavalo de avós conhecidos, as vinte e cinco caveiras de seus avós, conhecidos também. Na penumbra do ideal luminoso de Ana Bearsley, todas as suas afeições lhe davam tédio. Eram as brutalidades sensuais, a dissipação das riquezas da alma juvenil, o corrompimento do melhor sangue, a relaxação das cordas que mais tensamente mantém a harmonia da pureza moral com a incontaminação dos sentidos. Estas ideias punham-no mais quando sentia no peito os rebates da enfermidade, as dores agudas que precedem o desfibramento dos pulmões ou a distensão das artérias por onde o sangue avenenado ou empobrecido vai depositando sedimentos mortíferos.

Em conjuntura de sossego de espírito, Philippe, à imitação dos seus patrícios, tão caroáveis das belas impressões da natureza americana, jubilaria às margens do Amazonas; porém, levado àquelas paragens para esquecer-se, magoado de saudades, sem esperar convertê-las na alegria de quem as oferece à mulher por quem as sofre, o inglês perguntava à sua curiosidade de reconhecer em Porcia O'Neill a sua desprezível amante Bertha de Nieuport se não seria envilicer-se o procurá-la.

Nestes pensamentos incongruentes, havia navegado as trinta léguas que o distanciavam de Bragança. Era ali que o misterioso irlandês Josuah O'Neill devia estar em negociação do mosteiro da extinta Companhia de Jesus.

E estava, segundo informações, colhidas disfarçadamente pelos índios, que mareavam a balsa de Philippe; mas a esposa do irlandês, por ter adoecido das febres endêmicas naquelas paragens

doentias, havia sido conduzida ao *sítio* do rico francês Posteflui (ou *Pot-feliz* como lá diziam os portugueses) na margem do Guamá. Um paraense, que, ao mesmo tempo, saía de Bragança e conversara em mau inglês com Philippe, aproveitou o oferecimento de ir na canoa do viajante até Oeiras. Este homem deu do irlandês alguma notícia mais circunstanciada. Contou que em S. Miguel de Guamá havia uma roça com uma casta de mulheres de origem índica, muito formosas, e filhas da celebrada D.^a Clemência de Catânia, que já havia dado, com a sua desmoralização e com a das meninas muito que fazer a um bispo do Grão-Pará*. Continuando, disse que o nababo irlandês, hospedando-se em casa destas sereias, se apaixonara pela mais despejada; e tão de vencida levava o coração nada esquivo da moça, com requiebras e finezas de guinéus e diamantes, que, à volta de oito dias, a rapariga deixava, pela sétima vez, a casa, e ia aventureiramente na cola do forasteiro, enquanto a esposa, a título de enferma das febres locais, ficara no *sítio* de um francês muito hospitaleiro. Concluiu dizendo que a menina Catânia estava em Bragança, onde ele a vira, acariciando impudentemente o seu ricaço entre uns cacaueros. E, para dizer tudo quanto sabia, asseverou que a mulher do irlandês havia pedido à Madame Posteflui que lhe desse auxílio para se passar a França.

Confiando quanto devia neste sincero e condoído informador, pediu-lhe Philippe que fizesse chegar à mão da esposa do O'Neill duas linhas, que escreveu em uma página de sua carteira. As duas linhas diziam:

«Chesterfield deseja convencer-se que o destino tem maravilhas estúpidas nos seus mistérios.»

E, armando a sua barraca de esteiras, debaixo dos castanheiros e cedros da margem do Guamá, esperou.

* O bispo D. frei João de S. José, a quem o informador aludia, não se esqueceu de D.^a Clemência de Catânia nas suas *Memorias*, pág. 177 e seg.

Passada meia hora viu branquejar por entre a ramagem, a passo lento, uma mulher trajando de branco, soltos os cabelos ao longo das faces pálidas e ondeantes pelas espáduas apenas veladas de transparente escumilha.

Era Bertha de Nieuport, diversa da que ele conhecera, como se a morte a empedrara em lívido jaspe, não lhe alterando os traços essenciais do rosto peregrino. Acercou-se dele a francesa; e sem resguardo dos índios que a contemplavam absortos, enroscou-lhe os braços em volta do pescoço, e chorou longo tempo em crebros soluços, com a face encostada ao peito dele.

Travaram um sereno diálogo em francês, depois que o primeiro dique de lágrimas extravasou nas faces já purpureadas da condessa.

Antes que Philippe lhe pedisse esclarecimentos da pessoa a quem seguia, contou Bertha, em largos pormenores, o que vamos resumir.

O seu penúltimo amante, abandonando-a, colocara-a na posição de prosseguir na senda da fatalidade, na mendiguez ou no desfecho do suicídio – honra que nem todas as desgraçadas podem oferecer ao desprezo geral como desconto na execração que se lhes deu em vida.

Havia muito que era importunada por solicitações de um homem, que se assinava nas repetidas cartas *Fowler*.

– Quê! *Fowler!* – exclamou Philippe – *Johnson Fowler?!*

– Sim... Conhece este homem?

– Conheci um falsificador de firmas com esse nome; conheci, desgraçada Bertha, conheci o ladrão das enormes riquezas dos Bearsley, que hoje vivem pobres nos arrabaldes de Londres...

– É esse... é esse... – exclamou a condessa, cobrindo o rosto com as mãos.

– Como sucumbiu a tamanho infame, pobre senhora? – perguntou compassivamente Philippe.

– Oh! vergonha! – murmurou ela – Pergunta-me como eu sucumbi? Porque ele era rico... porque eu não podia ser pobre... não sabia quem ele era, nem devia presumir que tal homem fosse quem depois conheci...

– Pois não é novidade isto que lhe digo? Já sabia...

– Sabia que este homem saiu de Inglaterra com um nome diverso do que me dera; no Porto, em Portugal, adotou outro, fazendo ele mesmo o seu passaporte; em Lisboa transformou-se em nome e posição; no Rio de Janeiro era da Escócia, aqui é irlandês, e eu em cada paragem, em cada novo país, sou obrigada a mudar de nome.

– Amou-a ele ao menos, condessa?

– Eu detestei-o, apenas ele me fez interrogações vilipendiosas sobre o que eu fui, que ele perfeitamente conhecia. Fingindo ciúmes dos meus passados amantes, torturava-me, como para me fazer sentir que eu não merecia os brilhantes com que ele me comprara. O seu nome, Philippe Chesterfield, era o que lhe servia para ertar o punhal da injúria. Lembrava-se de nos ter visto nos teatros, e vituperava a minha libertinagem, o escândalo da publicidade. Uma vez impôs-me como preceito que nunca o seu nome fosse proferido entre nós, não tanto porque eu havia sido a sua concubina pública e impudente, senão porque Chesterfield havia sido o perturbador da felicidade da mulher honesta que ele amara, primeira e última, me dizia ele, para afundar bem o abismo do meu aviltamento.

– Oh!... que miserável!... que infamíssimo eu me vira, se tal homem houvesse sido meu rival! – disse Chesterfield, precipitando o desfecho da narrativa com impacientes gestos.

Proseguiu Bertha de Nieuport, referindo que ultimamente solicitara de Johnson Fowler que lhe desse alguns recursos com que passasse à Europa, sendo que ele a ultrajara impondo-lhe que se fingisse enferma para o não seguir a Bragança, sabendo ela que uma americana o acompanhava. Negou-lhe os meios pedidos, acrescentou Bertha, com o natural receio de que o denunciasse. Concluiu mostrando justo medo que Johnson afinal lhe tirasse a vida quando lhe ela fosse estorvo aos seus planos, ou se temesse de ser descoberto. Finalmente, a desditosa dama, ajoelhando aos pés do Chesterfield, lhe pedia que a defendesse do seu algoz, e lhe

esmolasse a proteção necessária para ir a França, onde o opróbrio e a fome lhe seriam suaves em comparação das angústias que sofria naquele desterro, esmagada por tão malvado homem.

Ergueu-a nos braços Philippe, consolando-a com a segurança de que estava sob a proteção de um irmão. Depois, acompanhou-a ao *sítio* do hospedeiro francês. Em poucas palavras o esclareceu sobre quem fosse o chamado *O'Neill*. Comoveu-o, referindo-lhe por alto os infortúnios da condessa de Beaulieu, e combinou com o condoído Posteflui o preparar-se canoa que, sem delongas, levasse a condessa a casa de sua irmã Isabel Broseley. Assim se fez.

Philippe ficou uma noite na roça do Guamá, e ao outro dia, precavido de armas e recomendações para o sargento-mor que governava militar e civilmente Bragança, voltou ao local onde Johnson devia estar entre os refrigerantes cacoais ideando arquiteticamente o palácio, em braços da feiticeira Laurentina Catânia.

Desembarcou de noite, e apresentou-se com o francês, que o acompanhara, ao sargento-mor. Revelaram ao pasmado magistrado a biografia do chamado irlandês, que estava em ajustes do mosteiro e terras que mediam seis léguas. Disse o sargento-mor que o referido ladrão era seu hóspede, e em sua casa estavam os baús encerrando muito ouro e pedraria que o forasteiro lhe mostrara, bravateando que não receiava a concorrência do opulento fazendeiro do Pará, Barbosa Bacelar, na compra dos terrenos.

– O roubo, ou parte dele, já nós temos seguro! – disse a autoridade, ordenando logo que se reunisse a companhia para capturar o criminoso, e espingardeá-lo imediatamente, com a costumada e sumária justiça usada em Bragança com os ladrões... estrangeiros.

Perguntou Chesterfield onde estava Johnson aquela hora da noite.

– Nos meus cacoais, onde mandou construir uma barraca de pau, coberta de folhagem de pindoba, e ornada interiormente de ricas telas. Lá está com uma rapariga de boa família e melhor cara, que o veio seguindo, e por aí passeia ataviada de diamantes e arreios de plumas, tão descomposta e desbragada como as índias prostitutas do Macapá.

– Tem gostos asiáticos o homem! – disse Philippe, sorrindo – Desejo que ele traslade para Inglaterra essas delícias do oriente, a ver se lá se implanta o género. Um favor de valia e moralidade peço ao sr. sargento-mor. Não nos convém que tal gatuno seja morto, nem é de nossa competência julgá-lo em última estância. Desejo que este exemplar apareça em Londres, e seja lá bem visto do alto da forca. Além de que, não havemos de ser nós os condutores e apresentantes dos baús onde deve estar grande parte dos haveres dos Bearsley. Portanto rogo muito rogado o sr. sargento-mor que limite a sua autoridade à prisão do falsificador de firmas, porque vai nisso o interesse público e o escarmento dos muitos infames que lhe hão de assistir ao suplício.

Assentiu o bravo militar às considerações judiciosas de Chesterfield; e, tomando três soldados somente, desceu à margem do rio, onde Johnson, com inglesa excentricidade, se comprazia de acalentar os sonos ao rouquejante piar das arapongas e girapongas, dos galeirões, e guarases e japis e outras aves de nomes igualmente poéticos.

Quando o sargento-mor assomou à porta da cabana, digna dos cândidos amores do herói de Bernardin de Saint-Pierre, o sardana-palo, recostado em um almadrague de plumagens, ouvia Laurentina, a trigueira de olhos coruscantes, cantar modinhas brasileiras, cujas coplas licenciosas pareciam ser das musas do obsceno Gregório de Matos Guerra. O sargento, que fora pé ante pé, ouviu as toadilhas impudicas, sem dar rumor de si, porque Chesterfield lhe acenara que não interrompesse. O inglês, apesar dos lutos de sua alma, não quis perder o lanço de tirar apontamento daquele caso, muito mais interessante com o recheio das trovas locais.

Terminado o último tonadilho, o digno militar, ferido em seu pudor, não pôde deixar de exclamar em voz ribombante:

– Pouca vergonha!

Johnson ergueu-se de salto, e defrontou-se com o invasor do ninho de galanteria, ajustando ao corpo as abas da túnica de seda cramesim, copiada do trajar doméstico dos príncipes indostânicos.

– Está preso, sr. Fowler! – bradou o belicoso sargento-mor.
 – Preso!... – bradou aterrado Johnson quando se viu nomeado pelo seu autêntico apelido – Eu não me chamo *Fowler*, sr. sargento-mor, sou O’Neill!...

– Aqui está quem o reconhece – volveu o militar abrindo passagem a Philippe Chesterfield.

Johnson cravou os olhos pávidos no educando de William Dodd.

– Conhece-o? – perguntou a autoridade a Philippe.

– Conheci um Johnson Fowler com outra cara mais modestamente burguesa; mas, se eu pudesse duvidar da identidade da pessoa, bastaria a desenganar-me o depoimento incontestável da condessa de Beaulieu. Será autoridade esta pessoa que citei, sr. Johnson Fowler, ex-guarda-livros do sr. Roberto Bearsley?

Inopinadamente, viram Fowler arrancar de um pulo contra uma pequena panóplia suspensa do tabique, e lançar mão de uma clavina de dois canos, que abocou ao peito de Philippe, aperrando-a; mas, Laurentina, com aquele usado ímpeto de mulher que cuida conjurar o perigo interpondo-se na luta, abraçou-se precipitadamente no amante, dando à bala da clavina uma direção frustrada. E, ao mesmo tempo, um dos três índios armados, sem consultar o comandante, desfechou a espingarda contra a testa de Johnson, salpicando de sangue o guadalmecim que tapizava as paredes da barraca.

Philippe dispensou de boamente o projeto de pôr em espetáculo a cabeça de Johnson em Londres. Com serenidade e cortesia britânica dirigiu-se à assombrada americana, e disse-lhe galantemente:

– Devo-lhe a vida, menina, à sua resolução de conter a ferocidade deste perversíssimo homem. Asseguro-lhe que será conduzida a sua casa com todo o resguardo, e sob a proteção do sr. sargento-mor.

Os índios, e outros que vieram atraídos pela detonação do tiro, carregaram os objetos valiosos da barraca. Nenhum, porém, quis considerar objeto portátil o cadáver de Johnson Fowler. O sargento-mor ordenou que um soldado fizesse sentinela ao morto até à hora de o sepultar; mas, como o vigário de Bragança se recusava a dar

cova de terra benta a um herege que se propunha comprar bens da igreja – e nisto cifravam os seus canónicos reparos – mandou a autoridade civil atirar o cadáver ao Guamá.

Nesta diligência iam dois índios, que encontraram o soldado, o qual lhes disse que, farto de esperar, atirara o ladrão ao rio.

Foi aplaudida a resolução, e tanto civil como eclesiasticamente louvada.

Inventariado o conteúdo nos baús de Johnson Fowler, encontrou-se grande riqueza em ouro e pedraria, e tanta que Chesterfield calculou desfalcado em menos de trinta contos o roubo feito em Londres e no Porto.

Transportando para casa de sua irmã os haveres restaurados dos Bearsley, Philippe deu-se pressa em ministrar socorros à condessa de Beaulieu para se passar a Marselha. Isabel acompanhou-a ao Pará, beijou-a comovida ao despedir-se, e teve o prazer de ouvir dos lábios daquela regenerada estas palavras que não mentiram:

– Os seus carinhos de senhora sem mácula hão de remir-me aos olhos de Deus.

– E aos olhos da sociedade – disse-lhe a irmã de Philippe.

Assim foi. Bertha viveu longos anos em um mosteiro da Normandia, tão contrita de suas culpas que ainda hoje em Calvados, corridos oitenta anos depois da morte daquela penitente, se conta, como em lenda, a história da condessa Bertha, que fugira ao marido com um inglês herege para as margens do Amazonas, e lá vira o amante a pernear nas fauces de um jacaré que devia ser o demónio em pessoa, quanto um jacaré pode ter carácter pessoal.

Os poetas não podiam ser estranhos à lenda de Bertha. De um raro opúsculo do tempo, traduzimos, ainda que mal, as últimas endechas do poemeto mais na voga:

.....
 E quando a bela condessa
 Abriu os olhos à fé
 Foi quando viu a cabeça
 Nas fauces do jacaré,

Aquela cabeça ímpia
Onde o demónio metera
A sacrílega heresia
Que Henrique VIII perdera.

Já o inglês todo é retalhos,
Não lhe resta inteiro um pé;
Eis que ela vê surgir galhos
Da testa do jacaré.
E tropeja um brado: Ó «Bertha,
O diabo é quem te espanta!
Desperta, mulher, desperta!
Vai ser monja, e serás santa!»

Renasceram, entretanto, serenos dias de conformidade na casinha campestre de Roberto Bearsley. Já sobravam recursos para maiores regalias; mas miss Ana afeiçoara-se tanto àquilo que ela chamava o cofrezinho das suas joias, que não dava azo a que o tio Roberto lhe propusesse mudança de habitação ou melhoria de adornos, bem que a sua antiga casa de Londres permanecesse ricamente mobilada.

Nesta casa ordenara Roberto que assentasse residência Manuel Vieira, logo que voltasse de Portugal com sua mulher e seus sogros. A fim de casar-se com Eulália saíra de Inglaterra o guarda-livros em 1770, aos vinte e seis anos de idade, depois de doze de apartamento.

A sua chegada à Póvoa não foi festejada com as alegrias usuais nas aldeias, à volta do brasileiro, como já então diziam do mercador que voltava das possessões de além-mar.

O júbilo era todo doméstico, recolhido e silencioso. A casa florejava como o oratório em dia de Maias. Todas as mesas e cómodas estavam guarnecidas de toalhas de renda, desde muito costuradas por Eulália para aquele dia. João Veríssimo, que já orçava pelos quarenta e seis anos, estava desfigurado, muito velho, todo encanecido, não à míngua dos bens exteriores da vida, mas acabado daquela velhice interior, e frio da alma, onde os olhos não coam raio de sol. Luísa, ao invés das camponesas bonitas que temporãmente desbotam e se desformoseiam, conservava-se robusta, sadia e ainda frescaça.

Quanto a Eulália, o maior encarecimento que de sua beleza pode fazer-se foi Manuel Vieira que lho fez, dizendo que ela se parecia na brancura e feitio do rosto com as senhoras inglesas.

Claro é que a idade e o pudor intervieram com os seus escrúpulos na aproximação daqueles noivos que se amavam desde crianças.

João Veríssimo, que cegara quando eles eram meninos, e lá no seu mundo interno os estava sempre vendo quais os deixara, estranhava ouvir-lhes umas graves conversações que não eram as pueris bagatelas doutro tempo. Contando Manuel particularidades da vida de seus patrões, chegou ao ponto de confessar que os seus haveres, depois de doze anos laboriosos, eram poucos. Os ordenados de guarda-livros, que poderiam prefazer uns vinte contos, haviam sido mutilados por uma perda que sofrera em negócio de risco, alheio da massa comercial que dirigia, pois, no receio da perda, não quisera expor cabedais de seu patrão.

Além disto, as mesadas abundantes que enviara à sua família, e socorros que enviava a duas mulheres pobres de Courelas, que lhas pediram por alma de sua mãe dele, de quem eram irmãs, e sobretudo o melindroso desprendimento de sua probidade, eram razões bastantes a explicar a pequenez dos seus teres.

Todavia, não se deplorava nem arguia a fortuna caprichosa; senão que se considerava muito avantajado na carreira, e bastantemente remediado para ocorrer à decência de sua família em Londres.

João Veríssimo folgava de passear nos arredores da Póvoa de Lanhoso, pelo braço de Manuel, contando-lhe sucessos comuns da vida das pessoas que o filho da Carlota conhecera. Em um desses passeios para a banda das Agradas, onde Manuel amiudava suas visitas, um homem, pobrememente vestido, cambaleando como ébrio, velho e repulsivo nas feições alteradas por brotoeja herpética, acercou-se deles, parou encostando o peito ao cajado, e disse tartamudo:

- Olá, João! amigo velho! não te vejo há muito!... Como te vai?
- Vou vivendo, amigo...
- Queres beber? Ou pagas tu, ou pago eu!

– Se precisas, aqui tens um tostão, que é quanto levo; eu não bebo vinho, e tu não bebas de mais.

– Dá cá o tostão, amigo velho, cá bebo à tua saúde e mais aqui do fidalgo das Agrads – disse o encontradiço, cortejando o companheiro do cego com trejeitos do ébrio da baixa ralé.

E seguiu seu destino, atravancando o caminho com os movimentos desequilibrados das pernas mal assentes sobre grosseiros tamancos.

– Quem é este homem? – perguntou Manuel.

João Veríssimo balbuciou:

– É aí um... um desgraçado... que eu conheci em melhor posição... É de longe... tu decerto não o conheceste...

A este tempo o ébrio desandou no seguimento de João, brandando:

– Ó sôr fidalgo, ó sôr fidalgo das Agrads, espere aí que temos que averiguar uma pendência.

O cego fez um gesto de sobressalto e desgosto, depois, rodando o pescoço, disse:

– Vai com Deus, que este senhor não é o fidalgo das Agrads.

– Ah! não é? então perdoará!... Não que, se fosse, eu vinha dizer-lhe que não me ande a botar a perder de todo lá com o arcebispo, que pelos modos os das Agrads também me enterraram na relação eclesiástica... Ó João, fazes-me um favor?

– Que queres, homem?

– Tu vais às Agrads?

– Talvez.

– Pois, se lá fores, dize aos senhores Melos que eu ainda sei puxar por um gatilho, sendo necessário; e que o padre Bento Ribeiro não é p'ra graças, ouviste?

– Sim... adeus.

Tremia o braço do cego em contacto com o de Manuel Vieira, que todo estremeceu quando ouviu as palavras *padre Bento Ribeiro*.

– Já sabes quem é o desgraçado... – disse João Veríssimo. – Vês a divina Providência, meu filho? Ali o tens castigado!

Marejaram-se de lágrimas os olhos do filho de Carlota, reparando no ébrio que lá ao longe batia estrondosamente à porta de uma taverna. E ali se quedou naquele espasmo, até que à janela da casa a cuja porta o padre atirava rijas pontoadas, assomou uma mulher bradando:

– Já lhe disse que não abro a porta, que não está cá o meu homem... A bebedeira acho que lhe ficou de ontem! Ora ande, senhor padre Bento, ponha-se ao fresco, antes que meu homem lhe não chegue a camisa ao corpo!

O padre, floreado o fueiro, insultou a taverneira com os mais obscenos epítetos, e atirou-se de esguelha para um combro ensilveirado, no propósito talvez de cozer o seu vinho perto da taverna onde pudesse depois refrigerar as goelas abrasadas.

E Manuel Vieira viu assim aquele homem que era seu pai.

– Vem daí, Manuel... – dizia-lhe o cego, repetidamente, puxando-o pelo braço.

– Se me dissessem a posição infeliz deste homem, eu tê-lo-ia socorrido... – murmurou o compassivo filho com a voz cheia de lágrimas.

– Socorri-o eu, Manuel, com parte da esmola que me mandavas. Não lhe vali, ninguém lhe valerá. Desejas saber como o padre Bento chegou a isto? Facilmente e depressa. Há dois anos que é isso que viste. Há dez anos que já não tinha eido onde caísse morto. Quando tu saístes para Londres, as devassidões de teu pai eram como as de outro qualquer homem de maus costumes; mas sobrepujavam as do mais repreensível padre. Se algum tempo agravou as suas culpas, diante de Deus, com a hipocrisia, lá quando a máscara o abafava, arrancou-a, e fez da sua casa e da sua freguesia um grande alcouce. Parece que esperava somente que a mãe morresse para dar largas aos seus instintos. Foram a Braga denúncias da prostituição de Rendufinho, e o padre foi suspenso das ordens. Desconfiou de quem fosse o denunciante, e deu-lhe um tiro, que não foi mortal. Prenderam-no, gastou mais de metade da sua casa para se livrar, e ao fim de três anos de

cadeia voltou para a terra, ainda proibido de exercer as ordens. Se para a cadeia entrou libertino, saiu de lá perdidíssimo, ímpio, sacrílego e blasfemo. Tinha alguns filhos de diversas mães. Os que nasceram de mulheres pobres mendigavam; os das fazendeiras, embora filhos de mães desonradas, lá tinham umas telhas que os cobrissem. Algumas pessoas lhe quiseram atalhar a completa ruína com a assistência dos bons conselhos; e eu, porque havia sido seu condiscípulo, companheiro de casa e amigo, fui a Rendufinho pelo braço de minha filha, pedir-lhe que tivesse mão da sua honra e de sua alma que se abismavam. Disse-me Eulália que não lhe divisara no semblante menor indício de pesar. Repliquou-me, em conclusão, que os inimigos o tinham perdido; mas que ele, quando voltasse à cadeia, havia de ter matado três. Retirei-me desanimado, sentindo no coração a imensa dor de ser teu pai aquele homem, e desejando que nunca me tivesse lembrado indagar de quem fosses filho, ou, pelo menos, que nunca o tu soubesses. Por espaço de um ano, pouco se falou do padre Bento; apenas de quando em vez se contava que ele vendera mais um campo, ou botara a perder mais uma mulher. Aqui, porém, há seis anos correu que ele raptara uma donzela nobre, filha de um fidalgo de Garfe, e andava fugido com ela por Espanha. Depois, soube-se que já estava com ela em Rendufinho e que tinha consigo uma menina, filha da tal senhora. Mas, de repente, é preso, espancado, ferido mortalmente, porque resistira com arma de fogo, e assim ensanguentado o trouxeram para a Póvoa, e daqui o levaram às cadeias de Braga.

Foi julgado e condenado a três anos de prisão. Na passagem destes anos, vendeu tudo e hipotecou o património. Nesta apertada situação, principiei a socorrê-lo tanto na cadeia, como fora. Fui ter com ele a Rendufinho, e encontrei-o embriagado, vociferando contra céu e terra. Falei-lhe em religião, em Deus, em honra, em arrependimento. Irritava-se freneticamente, e mandava-me sair de sua casa, daquela casa que eu conhecera tão farta e cheia, e onde, a última vez que lá fui, me disseram que não havia um tamborete,

e todos os utensílios eram uma espingarda e uma faca de mato. Aqui tens a acerba história, meu filho. Perdoa-me se te consterno; mas era forçoso que, cedo ou tarde, soubesses tudo.

– E os filhos? que destino tiveram essas criancinhas? – perguntou Manuel Vieira.

– Não posso responder-te com exatidão o destino que tiveram todos os filhos deste infeliz. Dois deles pedi eu ao Leonardo Cigano que os arranjasse em lojas de negócio por essas terras que ele corre. Por lá estão em começo de vida. Outros mais novinhos não sei deles: devem viver com as mães. Outros são filhos de lavradeiras: lá se arranjam melhor. A menina, filha da senhora de Garfe, foi com sua mãe para um Recolhimento de Braga, e por lá estão, segundo ouvi contar.

– Pois, meu bom pai, – tornou o filho de Carlota – se puder descobrir as crianças, nas circunstâncias em que me conheceu, ou em melhores ainda, eu desejara, antes da nossa ida para Londres, deixar-lhes algum socorro.

– Bem hajas, virtuoso mancebo! – exclamou o cego beijando-lhe a face – Só assim podias dar-me alegria, ao cabo da negra narração que te fiz; pois que assim movi a tua caridade a favor dos pobres inocentes. Vou encarregar a tua Eulália de os procurar. Verás como o anjo encontra depressa o esconderijo dos desgraçados...

– Em Rendufinho?

– Eu sei lá, filho!... em Rendufinho e onde acontecer.

– Pois então, irei eu com ela amanhã nessa romaria.

Os noivos, ao alvorejar de um dia de julho, saíram da Póvoa. Iam taciturnos, porque Manuel Vieira não podia disfarçar a sua amargura desde aquele espetáculo hediondo da abjeção de seu pai. Eulália não sabia distrair-lhe o ânimo da meditação íntima que o inleivava.

– Se assim havias de sofrer entre nós, Manuel – disse-lhe cariciosamente Eulália – eu antes queria que não viesses a Portugal, e Deus sabe que, há doze anos, lhe peço que te trouxesse para mim.

– Este sofrimento – respondeu o moço agraciando o aspeto – ainda que eu pudesse evitá-lo procurá-lo-ia, sabendo que existia a causa dele. Maior seria a minha dor se, depois de eu estar em Londres contigo, soubesse que estavam aqui um velho e umas crianças em miséria, sendo eu, perante Deus, filho e irmão desses desgraçados.

Assim praticando, em assuntos tristes, aqueles dois noivos, ao repontar o sol de um dia tão inspirativo de namorados dizeres, chegaram a Rendufinho.

Manuel parou à porta do padre Bento, e disse a Eulália que fosse a casa do alferes de Cima-de-Vila averiguar da existência das crianças.

– Pois tu vais falar com o padre!?! – perguntou ela com espanto.

– Vou, minha querida Eulália; vai tu à missão dos inocentes, que eu cá vou à do réprobo. Apartaram-se.

Entrou Manuel em um largo pátio, que já não tinha porta, nem instrumento algum de agricultura. Olhou para uma escadaria de dois degraus que levavam à cozinha, e lembrou-se de ali estar sentado dezoito anos antes, à espera de uma tigela de caldo e uma ração de boroa com que, aos domingos, a mãe do padre favorecia de má catadura o filho da sua defunta criada.

Subiu um escadós de boa cantaria que conduzia ao patim das salas da casa, sobrepostas à cozinha e quartos dos criados. No patim estava um chapéu braguês esgarçado do uso, e um varapau no pavimento. A porta que abria para o interior, lascada nas almofadas, e desengonçada, estava meio aberta. Bateu Manuel duas vezes na porta, e pediu licença para entrar, depois que lá de dentro uma voz rouca e estrouvinhada lhe perguntou quem estava ali.

– Entre quem é.

Entrou.

Viu um homem vestido sobre uma enxerga no chão, em uma vasta quadra com oito janelas de peitoril todas abertas.

Era seu pai.

Sentou-se padre Bento na enxerga, esfregando os olhos, que a brilhante claridade do sol parecia ofender-lhe.

– Não conheço... – resmoneou o padre, desconfiando que fosse aguazil do juiz de fora a intimidar-lhe alguma citação inútil.

– Eu sou a pessoa que ontem acompanhava o seu amigo João Veríssimo – disse Manuel com a voz não firme.

– Ontem?... ah!... bem me lembro... bem me lembro...

E, dizendo, ergueu-se da sórdida cama, sacudindo as arestas de palhas moídas que lhe prendiam à roupa encodeada e rota.

– Então V. S.^a é destes sítios? – prosseguiu o padre, reformando mais gratamente as suas conjeturas, e figurando-se-lhe já aquele homem algum ricoço que se compadecera de sua miséria, referida pelo cego.

– Sou de Rendufinho – respondeu Manuel.

– De Rendufinho? Então de que família é?!

– Não tenho família, sr. padre Bento. Sou filho de Carlota das Courelas.

Padre Bento fixou-o de tão estupefacta maneira que parecia não o ter ouvido, ou estar em dúvida da lucidez de sua razão, poucas horas antes apagada na embriaguez.

Manuel prosseguiu:

– Sou aquele rapazinho que há treze anos lhe pedi auxílio para ir agenciar sua vida, depois de ter sido habilitado para o trabalho pela caridade de João Veríssimo Vieira.

E, como o padre sobrestivesse em sua como estúpida fixidez, Manuel perguntou:

– Tem de mim alguma recordação?

– Sim, senhor – respondeu o padre, abaixando a cabeça, e declinando para o pavimento os olhos espasmódicos.

– Poder-me-á dizer se minha desgraçada mãe mentiu, quando, à hora da morte, declarou que eu era filho do sr. padre Bento Ribeiro?

O padre levantou as duas mãos descarnadas ao rosto e murmurou:

– Não mentiu... – E com a voz arrancada de ímpeto, mas convulsa e não sei que de medonha, continuou: – Se sabe quanto eu tenho sido castigado pelo céu e pelo inferno, não venha atormentar-me, senhor! Olhe que eu peço com as mãos postas aos meus inimigos que me matem ou me embriaguem para apagar estas brasas vivas que me queimam! Vendi a última cadeira, o último lençol e venderei a última camisa para vinho. Só posso adormecer, quando venho de rastos para esta enxerga, com o corpo moído das quedas e a cabeça aturdida. Sou o homem mais perseguido, mais castigado e mais odiado que se criou neste mundo! Fujo desta casa assim que a mão do diabo me agarra pelos cabelos e me acorda em meio desta miséria. Fujo da maldição das minhas vítimas, mas a toda a parte me segue isso que chamam Deus, esse punhal que me entrou pelo peito dentro até me arrancar da consciência lágrimas de sangue. Eu fui malvado como muitos homens que conheço ricos e tranquilos. Deitei à perdição mulheres, é verdade; mas achei muitas perdidas por uns devassos afortunados que hoje me

insultam... O primeiro remorso de minha vida é essa desgraçada em quem o senhor me vem aqui falar... Deus perdoe a minha mãe que a expulsou desta casa, e me forçou com a sua autoridade a desprezá-la... Mas, se ela disse que o seu filho era meu filho, se o senhor é essa criança que eu desprezei, não diga a ninguém que eu sou seu pai, já que eu também o não disse. Não receie que eu o envergonhe com a minha desonra. Vá tranquilo, e não queira saber em que parentesco está comigo que sou de todos os meus parentes desprezado como um leproso!

Tinha rebentado sem paragem a torrente das palavras, acompanhadas de gestos vertiginosos. Da extrema devastação desta alma, como de um paúl fétido, saíam umas fosforecências de luz sinistra que revelavam a força inspirativa, o milagre das intranhadas angústias.

Havia o que quer que fosse de estranha lucidez intelectual neste homem, havido por boçal.

Manuel Vieira, quando o fôlego da declamação cessou, e o padre, esvaído de forças, se encostou à portada de uma janela com as lágrimas estancadas nas escamosas fendas da herpes, aproximou-se dele, tomou-lhe a mão, e disse-lhe:

– Não vim exasperar-lhe as suas dores, que creio serem enormes. Venho pedir-lhe que receba de um filho da Carlota das Courelas socorros, que não aviltam, e as palavras de alento mais valiosas que o pão que sustenta o corpo como cárcere da alma atormentada. A sua regeneração, senhor, deve principiá-la esta palavra FILHO. Eu não me envergonho de chamar-lhe pai. Se Deus me der força, virtude e auxílio do céu para poder levantá-lo do seu abismo, hei de ter orgulho, e não desdouro, em dar-lhe o nome de pai. Diga-me, senhor, tem tido momentos de se contemplar com horror? tem desejado que a sorte, o acaso, ou a divina misericórdia lhe abrisse uma saída desta voragem a que o despenharam as desordens da sua vida? Quer que eu o salve, meu... pai?

A veemência fervorosa desta súplica incutiu tamanho abalo na quebrantada compleição daquele precoce velho, que os joelhos se

lhe dobraram, e o tronco abateu, sem que Manuel pudesse ampará-lo na prostração. Ajoelhou o filho à beira dele, e viu de perto, assim compadecido quanto aterrado, a deformidade daquele rosto, aonde as próprias lágrimas, tão belas até na cara do criminoso, eram esqualidas em semblante assim cancerado.

Neste lanço, Manuel ouviu a voz de Eulália, conversando no pátio, de modo que pudesse ser ouvida. Saiu ao patamar, disse-lhe breves palavras, escutadas pelo filho do alferes de Cima-de-Vila, o condiscípulo do orfãozinho por ele repulsado da escola de João Veríssimo. Ia agora cumprimentá-lo em companhia de Eulália, com os braços abertos e o coração nos lábios. A esposa de Manuel desandou sem demora, caminho de casa, a cumprir as ordens do marido. O filho de Tibúrcio desejaria fazer companhia ao seu velho amigo; mas, segundo confessou, seu pai o proibira de embarrar com o padre, que estava excomungado pelo arcebispo de Braga, e de mais a mais atacado de lepra.

Manuel aprovou não só os escrúpulos, mas também a higiene do filho de Tibúrcio, e verteu lágrimas interiores, porque sabia que este filho submisso às ordens de seu pai não lograra ordenar-se de clérigo à conta das péssimas informações de *vita et moribus*, dadas por um vigário que, não achando hipérbole sobeja o compará-lo com o padre Bento da Mó, o irmanara com o próprio diabo.

Tinham decorrido duas horas, quando um carregão, vindo da Póvoa de Lanhoso, entregou a Manuel Vieira um fardo, contendo roupa de homem. Saiu Manuel ao patim, enquanto o padre Bento Ribeiro vestia o melhor fato de seu filho.

Fora do quinteiro da casa estava um grupo de vizinhos atraídos pela notícia que a gente de Tibúrcio divulgara.

Dissera-se que o filho da Carlota das Courelas, de quem muita gente se lembrava, chegara muito rico lá do cabo do mundo, e viera a Rendufinho visitar o pai. Sem embargo da excomunhão prelacial e da pegadiça lepra, os curiosos aglomeraram-se no terreiro por onde os dois deviam sair.

Padre Bento, como lá os avistasse, disse ao filho:

– Eu sou um homem desprezado e maldito. Receio que esta gente lhe escarneça a sua caridade. Vá, que eu, à noite, irei procurá-lo.

– Que tem que me escarneçam? – objetou Manuel Vieira. – Eu passarei humilde por entre eles, como há vinte anos, quando lhes pedia o pão.

E, ao saírem, Manuel, tirando o seu chapéu, e voltado para o grupo dos mais idosos, proferiu estas palavras:

– Entre as pessoas a quem falo devem estar algumas que me mataram a fome, quando eu lhes rogava o que se pede a Deus: *o pão de cada dia*. Hoje procuro ser útil às pessoas que me socorreram, quanto cabe em minhas forças. Se alguém, na posição infeliz em que vim encontrar este homem de quem recebi esmolas, precisar de mim, dê-me a satisfação de lhe oferecer o meu auxílio.

Os circunstantes olharam-se com recíproco espanto e, até certo ponto, vaidosos da atenção do «brasileiro». E, logo que os dois desapareceram na revolta do caminho, o indivíduo mais circunspecto do rancho, disse com geral aplauso:

– Queira Deus que o excomungado não torne cá!

E o mais gracioso acrescentou:

– Vocês verão que o vinho vai descer a cinco réis o quartilho.

E uma mulher mais velha e bem reputada em bons costumes, ajuntou:

– Se ele também levasse cá da aldeia os filhos, essa má raça que por aí ficou... Má mês pr'a eles, que têm mesmo a cara empecadada do pai!

– Ó santinha! cale-se lá que dois são seus netos!... – disse um veterano de má catadura que, superior ao contágio dos anátemas e das epidermes escariadas, costumava avinhar-se com padre Bento, e levá-lo às costas a casa, quando a caridade podia mais que o vinho.

XVII

Era, portanto, um quase miraculoso amor filial o de Manuel Vieira àquele ébrio maltrapido que o havia abandonado à miséria? Havemos de crer na santa eficácia do sangue corrupto do pai, transfundido nas veias do filho, e logo defecado de peçonha até ao extremado ponto da virtude filial?

Perguntas sensatas a que os romancistas em geral não respondem lá das alturas defesas da fantasia; mas às quais eu, que nunca me despendo em quimeras nem me namoro de maravilhas destoantes do natural, responderei, como se me antolha a verdade.

Manuel Vieira, se o homem que lhe apontavam pai manutivesse os bens e a posição em que o conhecera, olharia nele com a indiferença e menospreço que distancia duas pessoas que nenhum vínculo de parentesco entrelaça. Ele mesmo já se havia espantado, quando menino de entre doze a treze anos, da frieza e nenhum íntimo abalo que sentira ao defrontar-se com o homem a quem poderia dar a sacratíssima invocação de pai. A compaixão, que o moveu, explica-se com dispensados estímulos secretos do sangue, impulsores de mera convenção que nada tem genial em si, e acaso se desenvolvem com o artifício da educação, da dependência e da reciprocidade dos afagos. Tristissimamente o conhecem e asseveram os que têm filhos, e os lavam com suas amorosas lágrimas. Não há comparar o que é amar um pai seu filho, com o que é a docilidade ou tímida, ou interesseira do filho ao pai. Aquele tem de Deus o

destino de levar por sua mão a criancinha desde o berço até às veredas escabrosas da vida adulta. Chegado aí, o conduzido nem sempre dá o abraço de gratidão no seu guia, nem faz uma pausa, percorrendo com a saudade pelas solidões onde deixou um velho. Ei-lo que fica o honrado escravo do dever, o pai, que em idade moça e sedenta de prazeres menos revezados de amarguras que os contentamentos paternos, começara sua velhice, devotando-se ao egoísmo de seu filho. Não arguamos, por isso, a ordem divina destas coisas da terra, aparentemente desconcertadas. A mãe, esta sagrada esmeralda que rutila nas escuridades do mundo, este favo de delícias em que até o agro das lágrimas é doce, a mãe seria como a ave que ensina hoje os filhos plumejados a esvoaçar-se e que ao luzir da aurora de amanhã os não verá, nem, se os vir, os há de conhecer: seria como todas as mães da imensa natureza procriadora, se a Providência lhe não esculpisse na alma o dever de cobrir com seu regaço cada abismo por onde se haja de deslizar o pé do seu filho tantos anos inocente, tantos anos ignorante, e ao cabo, quando lhe alvorece o espírito, por si mesmo se despenha, desviando de repelão o estorvo do braço maternal. Ah! Deus permitiu que a hiena abandonasse os filhos no berço, porque o viver das feras é por antros e desertos onde o homem, se passou, passou fugindo, lívido de horror, e as aves novas lá se vão desferindo por esse céu fora, sozinhas, sem mãe, sem conselho, porque o homem ainda lá não pôde ir perturbar-lhes as suas serenas regiões.

Recolhamo-nos de divagações impróprias deste humilde trabalho. O intento a que apontamos o discurso não precisa forragear por searas de moralistas. É uma verdade sem atavios: queremos dizer que Manuel Vieira, recolhendo seu pai, indo buscá-lo ao seu fojo de fera donde a piedade fugia; e, levantando-lhe a excomunhão no ato de oferecer a Deus, como desconto nos crimes do infeliz, a sua devoção de o amparar, praticou uma virtude cristã, espontânea e absoluta; porém, se filosófica e filantropicamente lhe dissessem os moralistas que lhe corria o dever de socorrer o padre Bento, porque entre este homem e uma certa mulher se formara um ser

desprezado, que, ao estilo humano, se chamava «filho» e como tal – pois que não era geração espontânea, devia tomar em seus braços à oprobriosa miséria de seu pai – se tal lhe dissessem, Manuel Vieira, sem impedimento do seu boníssimo temperamento e longo tirocínio de paciência, mandaria os seus conselheiros ensinar o respeito e gratidão que tão somente devem os filhos aos pais, que os criaram em seus braços, e, por amor deles, às próprias mães negaram as carícias e o melhor de seu coração.

E, como a magnanimidade daquela alma abrangia ainda mais que os recursos da fortuna, Manuel Vieira estipulou mesadas módicas, segundo a condição de suas mães, a seis crianças, que tantos eram os filhos de padre Bento Ribeiro, posto que seus inimigos o difamassem de pai de toda a criação de Rendufinho, excetuados os filhos dos difamadores.

Padre Bento, recolhido a casa de João Veríssimo, esteve como atrofiado moral e corporalmente uns dias. Privado do estímulo do vinho, aquele corpo intorpecido ressentiu-se da falta de vitalidade e da vertigem que faz obedecer o músculo ao cérebro escandecido. Diante do filho parecia vexado e constringido. Entusiasmos de pai não os sentia, e os da gratidão parece que a vergonha remordente lhos entibiava em vez de lhos afervorar na proporção do seu descaroadado proceder com Carlota e com seu filho. A convivência de João era-lhe mais aprazível e fácil que a de Manuel. Àquele confessava-se chorando suas vilezas; ao filho, não. Manuel esquivava-se a práticas por onde as recordações viessem, e tudo quanto dizia a seu pai era cautelosamente desligado de ideias retrospectivas.

No termo de um mês, a regeneração moral de Bento Ribeiro manifestou-se completa e de mais a mais seguida de sensível restauração da saúde. Quando este homem sentiu a felicidade, sem o vício, e o despertar sem uma visão perversora que o indultasse das torpezas da véspera, também sentiu os primeiros alvares da religião, e o compungimento da culpa, sem o qual não há base sólida em alma que se refaz das ruínas de outra.

Por ventura dele e de Manuel as primeiras lágrimas purificantes que verteu foi aos pés de um monge do mosteiro de Bouro, onde passou três semanas, confessando todos os pecados de sua vida.

Neste em meio, Manuel Vieira recebeu como esposa a filha de João Veríssimo, e deu-se pressa em transferir-se com sua família para Londres, onde o chamavam com instância cartas sucessivas de Ana Bearsley, rogando-lhe que se não demorasse. Preveniu Manuel seu pai do dia da saída, esperando que ele deixasse o mosteiro de Bouro. O padre saiu com efeito; mas, colhendo nos braços extremosamente o filho, pela primeira vez, lhe deu aquele nome, dizendo com entrecortadas vozes:

– Dou-te hoje o nome que não ousara dar-te a minha alma cheia de fel e podridão. Avizinhei-me de Deus pelo remorso de meus enormes crimes, e só então pude compreender-te, filho do meu coração, anjo bendito que me Deus enviou para me redimir de dois infernos. Resgatado por ti, não tenho que esperar mais nada da tua missão, a não ser a esmola com que eu possa comprar o direito a uma sepultura na claustra do mosteiro de Bouro, entre estes frades que me acolhem e amam pelo divino amor de Deus. Vai tu com a nossa virtuosa família para Londres, que eu ficarei pedindo a Jesus Cristo Senhor Nosso que vos encha da virtude que abre os tesouros da riqueza eterna. Com lágrimas te rogo que ampare todos os desgraçados, e, entre esses, teus irmãos, para que eles me não acusem perante Deus nos clamores da sua indigente orfandade. Tenho quarenta e sete anos, meu filho. Despeço-me de ti com o pressentimento de que ainda te hei de ver antes do meu fim. Sinto-me a recuperar as forças, e a mocidade do espírito renascido. Viverei para reaver na penitência a dignidade da alma que a misericórdia divina pôs em tuas mãos. Quando voltares com teus filhos, os meus braços podê-los-ão abraçar sem aviltamento deles; e, se ao tempo da tua volta, eu estiver no tribunal divino, pede a teus filhos que roguem ao Senhor por mim.

Manuel não contrariou a deliberação ascética de seu pai. Liberalizou-lhe meios para se dotar no mosteiro beneditino, e

deu-lhe o último abraço na portaria do convento, confundindo as suas lágrimas com as do noviço a quem a comunidade venerava como grande vitória da religião sobre Satanás.

A virtude de Manuel não era citada como subsídio na regeneração do padre Bento da Mó. Longos anos a conversão de frei Bento das Dores da Virgem foi atribuída a um painel das almas que a mãe do precito reabilitado mandara pôr à entrada de Rendufinho. A virtude natural e humana é sacrificada sempre ao maravilhoso: prova da nenhuma confiança que o homem concede à sua espécie. Reconhecemos o poderio do ouro: exaltamo-lo até operador de milagres; mas do valor da alma, em atos onde revê influxo do céu, não fiamos nada.

XVIII

Logo que chegou a Londres, e aposentou sua família no palacete desocupado na rua Thames Street, Manuel Vieira foi a Westminster cumprimentar seu patrão, e saber o motivo da chamada de miss Ana Bearsley.

Apenas entrado ao aposento de Roberto, exclamou o velho:

– Que me diz vossemecê à morte de Johnson Fowler?

– Pois Johnson morreu?! – exclamou Vieira – Há duas horas que cheguei a Londres e nada sei, porque em razão de ser dia santificado, não achei alguém que me informasse.

– Aí tem o *Morning Chronicle*: veja a história desse ladrão punido, e saiba que Philippe Chesterfield mandou entregar-me dinheiro e valores excedentes a 50.000 libras.

Leu Manuel com ofegante interesse a história que ficou referida, desde a chegada do filho de Lord Chesterfield ao Grã-Pará até à sua volta para Inglaterra com a maior parte dos restaurados haveres dos Bearsley, não se omitindo, para escarmento de francesas dissolutas, a figura que Bertha, condessa de Beaulieu, tivera naquele funesto romance.

– Muito folgo – disse Vieira – que voltasse a esta casa, com tão nobre missão, o sr. Philippe Chesterfield, e que o sr. Bearsley se haja esquecido das frases com que mutuamente se magoaram.

– Esse fidalgo –olveu Roberto, ainda beliscado no seu orgulho de comerciante honrado – não se dignou perdoar-me até agora.

Continuo a ser para ele o plebeu que o ofendeu na sua inteireza; e ele orgulha-se de ser para mim o heroico, posto que eventual, recuperador das minhas 50.000 libras. Os fidalgos, até castigando, são fidalgos. Ó orgulho humano! ó insetos que rojais à volta do chão lamacento da campa a enodoar os arminhos que vestis como títulos de imortalidade... ó soberbos!...

– Seja tão justo nas palavras como é na consciência, sr. Rober-
to – contraveio o guarda-livros. – O sr. Chesterfield tem a soberba
que até num plebeu seria bem cabida.

– Como assim! Vossemecê, se eu me houvesse enganado com o
seu excelente carácter, repulsaria a satisfação que eu lhe oferecesse?

– Aceitaria a satisfação; mas o ofício que ocupo resigná-lo-ia sem
mancha aos pés do sr. Bearsley. O homem, que inspirou suspeita
desairoza, embora lhe reparem o crédito com a renovada opinião,
caiu uma vez aos olhos do seu injusto juiz. A honra violada é honra
ferida. Eu, por mim, sr. Roberto Bearsley, alcunhado de infiel em
um xelim por meu patrão, não aceitaria a reparação do crédito,
com um milhão de libras por indemnização, sob partido de ficar
no serviço de sua casa.

– Oh! – regougou o velho, com íntima satisfação do alto ponto
de probidade do seu caixeiro.

– Mas não há analogia alguma da minha hipótese com as
desavenças passadas entre o sr. Bearsley e o sr. Chesterfield. O fi-
dalgo foi ferido na sua lícita vaidade porque o sr. Roberto o ar-
guiu de mentiroso. Parentes e amigos instigaram-no a sufocar o
coração nas presas do orgulho. Assim o fez. Adorando miss Ana
Bearsley, mostrou-se mais digno dela quando imolou a felicidade
de ambos ao primor de sua dignidade; porém, como o seu amor
era menos convencional que a dignidade das raças, aconteceu que,
volvidos meses, Philippe, já quando miss Ana Bearsley era pobre,
me encarregou a mim de pôr aos pés de sua sobrinha o coração
e o orgulho, um porque amava deveras, o outro porque não podia
ser caluniado de quebra, logo que a submissão tivesse mais nobre
escusa que os milhões de sua esposa.

– Eu não soube isso! – atalhou o inglês maravilhado.

– Se o não soube, mais nos cumpre exaltar a virtude de miss Bearsley. Eu advoguei perante sua sobrinha o cavalheirismo do sr. Chesterfield; mas esta nobre senhora redarguiu que seria sua mulher, quando ele se lhe igualasse na insignificância dos haveres.

– Ignoro tudo! – volveu Roberto, erguendo-se agitado, e ao mesmo tempo jubiloso do decoro de Philippe e da heroica hombridade da sobrinha.

Volvidos instantes, parou, fitou com alegre aspecto o guarda-livros, e disse:

– Parece-lhe, sr. Manuel Vieira, que Chesterfield sustentará ainda a resolução de esposar minha sobrinha?

– Ele foi viajar para esquecê-la; e, se voltou...

– Esqueceu-a... – atalhou Roberto.

– Não, senhor: a mim figura-se-me que no ânimo deste senhor entrou a esperança de ser esposo de sua sobrinha quando a fortuna a livelasse à altura dele, já que não seria natural que ele se imbrocesse até se nivelar com miss Ana Bearsley. Voltou cedo de mais para a ter esquecido; voltou porque lhe competia ser o portador do roubo, tanto mais que as desventuras desta casa prendem com a proposta de casamento feita por William Dodd, donde procedeu o ciúme de Johnson, a perdição do precetor de Philippe, a falsificação das letras, etc. Estou que o sr. Chesterfield, entrando nos cofres do sr. Bearsley, com 50.000 libras, tirou de sobre a alma um equivalente peso de amargura. Bastantemente sabia ele que os infortúnios desta casa começaram na torpe emulação de Johnson...

– E, talvez, a compaixão o movesse a esposar minha sobrinha... – ajuntou o velho, ressabiado ainda da filúcia plebeia, a mais superciliosa e sensitiva de todas as vaidades.

– A compaixão – redarguiu o guarda-livros – inspira-se das desgraças, manifesta-se na caridade, e não anda a requerer às senhoras na posição de miss Ana Bearsley que se dignem aceitar a esmola de um marido que tem um dos primeiros nomes de Inglaterra.

Fez Manuel Vieira longa pausa, e prosseguiu sorrindo:

– Não diz bem com a minha humilde posição esta mensagem de casamenteiro. A parte que tive na tentativa do sr. Chesterfield aceitei-a porque era nobilíssima; e, se a resposta me pareceu por demasia especiosa, hoje vou intendendo que o pundonor em Londres não faz sempre grande caso das regras da equidade, e muitas vezes transcende as fronteiras do capricho. Não posso, pois, tornando à pergunta do sr. Bearsley, asseverar que o sr. Chesterfield sobresteja na deliberação de casar com miss Ana. Todavia...

Neste momento entrou miss Ana; Vieira, como se a não visse, prosseguiu:

– Todavia, se me autorizam a consultar o sr. Philippe Chesterfield...

– Está tão entretido – interrompeu a ridente menina – que nem me dá os bons dias depois de três meses de ausência, sr. Vieira!... Amanhã vou ver sua senhora, sua sogra, e o ceguinho que tantas vezes tem povoado as novelas da minha fantasia. Sabe que o primeiro especialista das enfermidades de olhos é o doutor Fletcher North? Há dias o convidei a examinar o seu ceguinho...

– Beijo-lhe as mãos, miss Ana Bearsley.

– Quisera que tivesses ouvido, menina, o diálogo que vieste interromper – entreveio o tio.

– Ouvi as últimas palavras. O sr. Vieira pedia autorização para consultar Philippe. Eu, por minha parte, daria da melhor vontade autorização ao sr. Vieira, até para dirigir o meu destino, sem receio de me desencaminhar do trilho do dever; quanto ao da felicidade esse sabe Deus quando a virtude lá encaminha os que o seguem. Não precisa, porém, o sr. Vieira consultar Philippe. Eu sou quem venho consultar a vontade de meu tio, apresentando-lhe esta carta agora mesmo recebida.

Revia o contentamento no rosto do velho. A carta era inglesa de lei. Nada de paixões indómitas, nada de frases de insano delírio. Sentimentos moderados, e palavras austeras. Uma carta de amores pudentíssimos para uso de meninas de coro e galãs que submetem

a correção gramatical aos seus capelães. Mas tudo aquilo a vaporar já de antemão o perfume da domesticidade inglesa, as prelibações do chá-preto, a mesa acaroadada de Hong-Kong à beira do fogão, os silêncios embevecidos em suave meditar, a dulcíssima transfusão de duas almas em uma só radiada por dois corpos que se desen- tranham em rancho de crianças loiras, lindas, de neve e púrpura, de olhares que resplendem o azul do céu, e se intendem com os anjos no segredo da suprema alegria da família inglesa.

Ah! essa doce arte de bem-viver tão vulgarmente realizada em Inglaterra, não era mais que sonho febril naquele preclaro espírito de Chesterfield!...

O casamento foi-lhe um vestíbulo florido, uma avenida de delícias para as regiões misteriosas de além-mundo.

A frágil compleição de Philippe deteriorou-se na viagem ao Amazonas. Invelhece rapidamente o corpo fraco onde se debate uma alma poderosa. A vida é o equilíbrio de dois atores que não vivem à custa um do outro. Lá, nesses países onde refinam as idealidades, constrangidas por severa pauta, não há o desafogo da paixão que se desata e ala com larga trela de desvarios. Um amor profundo e desditoso é uma brasa íntima, que lava e abrasa, porque o inglês não chora. O instinto ensina lá o suicídio quando um dissabor mediano enluta a vida: é porque a previsão da agonia lenta antolha-se àqueles que se lhe furtam, enquanto a coragem de se matarem lhes não falece.

Quando ele e miss Ana se entreviram na véspera do casamento, a noiva sentiu trespassar-se-lhe a alma de um frio de morte que empalidecia as faces do seu tão querido Philippe; mas o noivo não se queixava, os seus olhos cintilavam, o sorriso era sereno e belo como o do justo adormecido.

Depois de casados, mudaram residência temporária para Ches- terfield; e aí, ao fim de cinco meses, aquela desditosa senhora, que até à última hora confiara em Deus e no simulado alento do marido que a si mesmo se enganava, viu-o expirar na mesma hora em que projetavam transferir-se a Florença.

Há corações com descompassado fôlego de caridade. Dos desta fibra, creio que dois, ou talvez mais, em sensíveis peitos das pessoas que vão lendo isto, se têm lembrado da sorte daquela Laurentina que viu cair o amante ensanguentado. Perguntam se a mísera, arrastada a casa da família, foi flagelada na alma, na carne e nos ossos.

Gostariam esses benévolos corações saber que ela fez penitência, ciliciou os rins, adelgaçou o músculo tentador com aspérrimos jejuns; e se, alfim, morreu em bom cheiro, e também tem, como Bertha de Nieuport, uma lenda de jacarés.

Não, consternados peitos, não!

Naquela árvore de geração dos Catânias, ramo que secasse de podre, não se esgalhava nem podava. Os costumes daquela família, bem depreendidos das revelações do citado bispo do Grão-Pará, eram azados de molde a não podermos, sem esforço da poesia lúgubre, deplorar a sorte daquela fugidicha menina que cantava umas cantilenas ofensivas da pudicícia do sargento-mor de Bragança. Declinarei de mim a imputação de aleivosia assacada à memória das senhoras Catânias, trasladando das *Memorias* de D. frei João de S. José Queirós algumas linhas biográficas daquelas damas.

«A 2 de janeiro» vem historiando o bispo em linguagem que tresanda a folhetim, pág. 175 «descemos pelo mesmo Garapé (freguesia de S. Miguel do Guamá) e havendo de ir seguindo, depois de sair ao Guamá, o rumo deste rio, impediu o intento o

seguinte sucesso: Cortava uma canoa bem esquipada ligeiramente as águas, e endireitando à proa, conheci nela um moço estudante do Pará, que, passando à canoa em que íamos, nos entregou cartas do nosso provisor, em que nos dava conta de uma intriga e das providências. É caso que poderá servir de instrução ao leitor.» (de instrução! credo!) «Na cidade de Belém ficaram órfãs de pai duas moças.

«Chamemos Lauriana uma, e Nize a outra.» (Honrada pseudonímia!)

«Sua mãe passou a segundas núpcias com o mais miserável homem que se conhece.

«Tratava ele descaridosamente as duas enteadas; de sorte que, morrendo ele de pura míngua, por não gastar, parecia querer que a família expirasse na observância de tão impraticável ditame. As moças, desesperadas, fugiram de casa; e, levando-as a mãe para uma roça, teve o desacordo de as conduzir a casa de um seu irmão semibárbaro (homem que matava escravos com açoutes) para que lhe castigasse as filhas. Achou-se o homem no seu elemento: e, sem recato do sexo nem atenção a umas donzelas criadas com asseio, e já crescidas, pois uma passava de vinte anos e outra de dezessete, despindo-as em público, as açoutou com um nervo de boi – costume dos tiranos de Roma no gentilismo Antigo, semelhante ao do Pará, menos em polido.

«Fugiram as moças de tanta feridade, e agravadas do rigor foi muito natural aceitarem no disfarce da comiseração as expressões de afeto com que tentaram insinuar-se compassivas pessoas que não nomeamos. Entre os que tiveram, com célebres pretextos, audiência particular, foi um eclesiástico, *o qual**, achando-se em conferência com uma, a mãe, que estava em Belém, recebendo avisos, mandou índios com ordem de bater em quem achassem. Dizem que o tal

* Não se siga, nesta passagem, a gramática do sábio monge de S. Bento, nem tão pouco os exemplos *do qual*.

beneficiado tivera a fortuna de se escapar com vida; mas, sempre sacudido com pesada mão, entregou à ligeireza dos pés desviar-se do que tinha merecido a leveza da cabeça.

«Aqui se deve fazer uma reflexão: há quem creia que o clérigo não foi quem mamou a surra: dizem que foi outro que no mesmo tempo se sangrou. Se foi, era dos opositores. O certo é que o clérigo mostrou o corpo a pessoa grave no seguinte dia, e não tinha sinal de pisadura, sendo que as pancadas foram rijas. Como, porém, houve escândalo e mais algumas circunstâncias, paternalmente o admoestámos e tivemos preso na Barra, não entrando em mais averiguações por motivos que tivemos para isso, desaparecendo as moças de repente, e uma terceira que vivia com elas.

«Na véspera de sairmos para a visita tivemos aviso de que elas estavam na cidade; e, mandando-lhes uma intimação para se recolherem a casa de sua mãe, escondeu-se uma em casa de um cafuz e outra na casa de um beneficiado.* *Deixamos ordem ao doutor vigário geral para dar providências. Achando a primeira, depositou-a em casa honesta; à segunda, porém, custou a arrombar-lhe as portas, à força de alavancas, com ajuda da tropa, por ordem do general, achando-se finalmente*» (bom lance de estilo episcopal!), «se não afogados n'água como Hero e Leandro, como carrapatos na lama e na imundície do seu pecado até ao pescoço: assim foi, porque metidos em um lago de tartarugas, só apareciam as cabeças. Tiradas fora, mandou o vigário geral entregá-las a sua mãe. Iam elas na canoa que encontrei, e quem me deu as cartas era o irmão delas. Como não quis acompanhá-las, nem permiti fossem em conserva, deixei navegar as sereias... No dia seguinte, visitámos o oratório da mãe delas, chamada Clemência de Catânia, a quem não quisemos falar nem vê-las a elas. Pelo soldado que governava a canoa, em que se restituíram à roça, mandei ordem

* O impresso diz: *Achamos ordem do doutor; etc.* Emendei, confrontando com o manuscrito autógrafa que possuo.

para que o clérigo, visto necessitar tanto de remédios, os fosse tomar para a Barra, preso na casa forte dela, sem liberdade de passeio à muralha.

«Deixamos o jantar que nos preparava a sr.^a Clemência de Catânia, e fomos visitar, etc.»

Razão tinha o bispo em se temer e fugir das duas meninas como de sereias.

Logo adiante a pág. 195 das suas *Memorias*, e oito dias depois de as haver tratado com tamanho desprezo, escreve o prelado paraense:

«Pelas três horas da tarde, cheguei à Casa-Forte ou vila de Ourém... e chegámos ao sítio de padre Gabriel... Aqui veio a mãe das duas moças em que falei, trazendo-as em sua companhia. Falei-lhes na capela, disse-lhes o que devia, e despedi-as, com brevidade e contentes, porque lhes prometi que seria soldado um irmão de quem justamente viviam agravadas, e com efeito está no serviço militar.»

Feiticeiras ou não ?

Pois aquela que deixava ver a formosa cabeça à flor d'água no lago das tartarugas, era a Laurentina de Johnson Fowler, seis anos mais velha do que o bispo a vira, porém mais alindada de graças, de artes que lhe esmaltavam o natural, com muita experiência de coração e de tudo, e já emancipada de sevícias de irmãos, ou de mãe cujos ódios às galanterias das filhas eram postema de ciúme que ela tinha dos beneficiados e cafuzes.

Portanto, não há motivo para compaixões. Laurentina desembarcou na sua roça, fechou-se no seu quarto com a irmã e debulhou-se em sinceras lamúrias, beijando um colar de diamantes com retrato que Johnson havia descolchetado do colo de Bertha, sob qualquer disfarce, para adornar o seio da satânica americana. E, em louvor de sua isenção, não lhe songuemos que a sereia do Guamá, quando beijava o retrato, nunca se lembrou que os cinquenta diamantes do colar podiam valer vinte e cinco mil cruzados, e foi necessário

que sua irmã, *Nize* (como o bispo a nomeara) lhe dissesse que os diamantes valiam mais que as duas roças de seus dotes.

Ao outro dia teve *Laurentina* a pungente nova de não ter sido enterrado, mas mergulhado no rio, o cadáver do inglês.

Esta afronta aos restos do seu amado represou-lhe nova açude de prantos para choradeira longa. Era mavioso e lagrimável vê-la oferecer gratificações aos índios que lhe descobrissem no *Guamá* o corpo do seu querido, que ela desejava sepultar na capela da roça com a possível solenidade fúnebre!

Quando os índios batiam as margens do rio, em cata do defunto, por ventura enramalhado nas raízes do andiroba e do oiti, descobriram uma canoa de dois remos, derivando cosida à ourela do rio. Os índios de terra perguntaram cuja era a canoa, e lá de bordo responderam que iam em demanda do sítio das senhoras *Catânias*. Desandaram os escravos a darem aviso de grande susto para *Laurentina*, que escondeu o colar, aconselhada por *Nize*, a velhaca!

Entrou a canoa no garapé, ou enseada que o *Guamá* fazia até à roça das paraenses. As cautas damas, atemorizadas da justiça, recusaram abrir a porta, sem conhecerem quem as procurava a desoras. Um dos dois que ocupavam a canoa escreveu pelo tato uma palavra com a unha em uma folha de sucuaba. *Laurentina* recebeu a folha com repugnância, por lhe parecer que andava ali obra de amores mais bucólicos do que o usual na família. Escrupulizava em aceitar a folha, nuncia intempestiva de algum insulto à viuvez de sua alma. Sem embargo, como era necessário conhecer o atrevido que se andava aquela hora classificando a *Flora do Amazonas*, leu a palavra.

Eis que expede um estridente grito, e logo exclama:

– *O’Neill!*

– O quê? – acudiu *Nize* – *O’Neill!* Isso é zombaria!

– É um ultraje à minha dor! – acrescentou *Laurentina*, resolvida a mandar os seus escravos punir os insultadores.

Um dos escravos, porém, que abrira a porta e reconhecera o amante mais recente de sua ama, e de todos o mais generoso,

enquanto o companheiro levava a folha, abriu ele a porta ao encapotado; por maneira que, no momento em que Laurentina ia açular os mamelucos ao zombador do infortúnio e da morte, Johnson Fowler assomou no limiar da sala, deixou cair o manto, e disse:

– Ninguém te ultraja, Laurentina! Sou eu!

– Tu! tu! O’Neill! – bradou ela, correndo-lhe para os braços, e machucando as pálpebras para rasgar as névoas de um sonho delirante de insânia, tal qual como em todos os dramas onde há esta espécie de ressurreição.

E ele, pondo-lhe sobre os lábios a extremidade de dois dedos, murmurou:

– Fala baixo, meu amor! Estou salvo, estamos salvos, se formos discretos...

– Oh! – tornou ela osculando-o com vertiginoso afogo – mas tu não estás ferido, O’Neill!... Eu vi o teu rosto coberto de sangue...

– Tenho a cabeça ferida... A bala apenas me cortou a carne, mas não feriu o osso. Eu te contarei como obtive a minha salvação... Agora, é mister que, tirante o índio que me abriu a porta, ninguém suspeite que eu vivo. Passados poucos dias, estaremos salvos, minha esposa!

– Esposa! – exclamou a dama com meiguice – Eu tua esposa, O’Neill!...

– Diante de Deus te juro que o serás, porque o meu sangue foi o batismo da tua nova existência, e as lágrimas que choraste chegaram verginalmente puras ao meu coração!

Laurentina acabou por desmaiar; e, quando recobrou os sentidos, disse umas coisas tão jucundas e tolas, que parecia ter os miolos desengonçados.

A palestra de Johnson com as filhas de D.^a Clemência continuou por noite fora. De vez em quando o hóspede chapinhava a ferida da cabeça, e gabava-se de não sentir pontinha de febre. A carinhosa enfermeira aderiu mechas de fios à chaga, e enfaixava-lhe a testa, amparando-a ao seio aflante de alegria. A intervalos, referiu Johnson a maneira como se escapou. Por abreviar, damos o resumo da narrativa.

O inglês, quando caiu, conheceu e confessou sinceramente que não estava morto. Deram-lhe ímpetos de erguer-se e remeter com o punhal ao seu patrício, que o perseguia – contou ele – por vingativos ciúmes de Bertha. Melhor avisado, porém, deixou-se ficar no chão, bacorejando entreaberta de escapular-se. Assim que todos saíram da barraca, exultou; mas minutos depois viu um dos soldados sentar-se à porta, carregando o cachimbo. Tinha dois expedientes a seguir: corromper ou matar o soldado. Optou ensaiar o primeiro, sem prejuízo do segundo. Ergueu a cabeça, sentou-se muito às surdas, e meditou no modo de ressuscitar menos espetaculoso, receiando espavorir e afugentar a sentinela. Ao mesmo tempo estava o soldado cogitando se o morto teria algum dinheiro nos bolsos. E, inclinado ao mais agradável da hipótese, resolveu examiná-los, bem que na espinha lhe formigassem calefrios. Observe-se que Johnson Fowler não podia referir às senhoras Catânias as ladravazes meditações do soldado, ainda que ele, soberanamente infame,

devia ter o sexto sentido que penetra o recôndito das infâmias alheias. Semelhante revelação a fez o escrupuloso soldado, em idade decrépita, e à hora da morte, quando explicava a procedência das vastas roças que adquirira.

Referiu ele, em concordância com o inglês, que, ao tomar brios para espiolhar as algibeiras do defunto, sentira um gemido, e logo ouvira as seguintes palavras:

– Caritativo soldado, se me socorres, não precisarás mais de servir o rei. Aproxima-te de mim, e chega-me um copo de aguardente. Beberemos, tu à minha saúde e eu à tua felicidade!

O primeiro movimento do soldado foi engatilhar.

– Não me atires, porque eu por ora sou imortal – prosseguiu o ex-defunto – Não posso morrer, sem cumprir neste mundo o fadário a que fui condenado. Se queres ajudar a salvar a minha alma, recebe estas onças de ouro, e dize a quem te pôs aí de sentinela que eu fugi, quando dormitavas, ou que uma galilé de demónios me levou para as profundezas do inferno.

O mameluco, bastante simbólico do exército da capitania do Grão-Pará, aproximou-se de Johnson, que já estava regularmente sentado, e cravou olhos coruscantes nas peças que lourejavam na mão do inglês.

Pegaram de conversar como duas pessoas viventíssimas, com o gomil da aguardente de cana, que o soldado forrageara no espólio do sibarita, concorrência que muito lhes espiritou a cavaqueira, e valeu muito ao curativo do ferimento. Saiu fora o índio, e voltou com umas folhas de caboraíba, que espremeu sobre a cabeça escarnada do inglês. Depois, como a luz da madrugada caísse por entre as ramarias, o soldado, leal em seus contratos e dócil à superstição que o dominava, foi esconder Johnson em um cerrado cacocal, e seguiu o caminho de Bragança para comunicar a resolução que tomara de atirar o cadáver à corrente. No decurso do dia, levava alimentos ao esconderijo, e à noute o conduzira na canoa do inglês, que ali estava na ribanceira, à roça das senhoras Catânias. Este homem serviçal, como dito fica, prosperou depois

em tanta largueza, que morreu rico; e, por de sobra, ainda salvou a alma, confessando *in extremis* a derivação de bens que já lhe não eram necessários.

Esmiudadas estas coisas em longa conversação com as damas, veio a ponto perguntar Laurentina ao amado se as suas riquezas tinham ficado todas em casa do sargento-mor. O interrogado desdenhou do roubo que lhe haviam feito, e disse que em toda a parte da terra povoada tinha banqueiros. Para o entretanto mostrou ele um relógio cravejado de pedras inestimáveis, um cabo de punhal de ouro e diamantes, e arrolou nas riquezas comuns o colar de Laurentina.

Ao que ela acrescentou, inebriando-o com langorosos olhos:
– E tens a minha roça, meu amado esposo!

Rapidamente enfardelaram a ligeira bagagem para na seguinte noite irem na esteira de alguma das embarcações de costagem que em Bragança fazem escala, e dali navegam para o Maranhão.

– Desde hoje avante – disse Johnson a Laurentina – teu marido não é *Josuah O’Neill*; é um estadista que estuda as confederações, repúblicas e impérios americanos, e se chama *Jorge Sackville*.

– Mas qual é o teu verdadeiro nome, meu filho? – perguntou a sorrir-lhe meiguices a noiva, que já tinha ouvido, na cabana, chamar-lhe *Johnson Fowler* o inglês que o perseguia.

– O meu nome é legião! – disse ele lembrado da sua Bíblia da infância.

– *Legião!* – disse a menina do lago das tartarugas, que se não lembrava de Bíblia nenhuma, nem os vários beneficiados lha inculcaram – *Legião!* é um nome bem esquipático, meu amor! Legião... de quê?

– De anjos precipitados! – disse ele dramatizando-se.

– *Abre-te nuncio!* Fazes-me medo com esses olhos! – acudiu a requebrada americana com uns mágicos trejeitos de vencer legiões.

Abraçou-a muito amorosamente aquele *estadista*, feito tanto de afogadilho que parecia ser duns que em Portugal se fazem.

Bafejou-lhes a sorte no embarque. Boa monção e excelente companhia.

Entre os passageiros distinguia-se um brasileiro de Minas, chamado Joaquim José da Silva Xavier – mais notório pela alcunha de «Tira-dentes». Trajava insígnias militares; falava com os diversos passageiros em suas línguas, e revelava cópia de conhecimentos hauridos em prolongadas viagens na Europa e Estados Unidos. Com o estadista Sackville conversava em correto inglês, e de preferência se dava com ele, bem que a presença muito frequente de Laurentina nas palestras de Xavier lhe inquietasse o sossego. O viajante americano, faccionário exaltado da liberdade dos Estados Unidos, declamava rija e desassombadamente a favor da independência do Brasil, com aplauso do estadista a quem o aplaudir era menos arriscado que o denunciar sua ignorância, discutindo com tão destro adversário.

Daí o afeiçoar-se Silva Xavier, confidenciando-lhe planos políticos do maior melindre, e instando-o a residir temporariamente em Minas Gerais, província natal do expansivo viajante. Ora, não tendo o estadista itinerário prefixo, senão que andava, no dizer dele, perlustrando impérios, confederações e repúblicas, consentiu na vontade do seu amigo.

Apresentado como homem de Estado da Grã-Bretanha, insinuou-se na estima do celebrado republicano José Alves Maciel de S. João d'El Rei, dos três poetas Tomás António Gonzaga, Inácio José de Alvarenga Peixoto e Cláudio Manuel da Costa, à volta dos quais se agrupavam os sujeitos mais distintos em letras, na milícia e no arremesso de aspirações. Estes nomes eram o núcleo da conjuração republicana, acaudilhada por Silva Xavier, o Tira-dentes, que a todos incutia alento com as explosões de sua temerária eloquência, sem receiar-se que os acovardados o delatassem. O depositário dos segredos da conjuração e até consultado em traços gerais da república inglesa, era Jorge Sackville que, à custa de leituras indigestamente feitas para campar de entendido, logrou enganar a credibilidade dos três poetas, gente de mais estúpida fé que a matroca do acaso atirou à cafraria dos políticos.

O estimável biógrafo dos *Varões ilustres do Brasil* compendia desta arte o acórdão dos conspiradores de Minas:

«Acordaram em criar uma república a que se agregassem as capitanias vizinhas, que quisessem seguir o seu exemplo e a sua sorte; em proclamar sua independência de Portugal; em usar de uma bandeira com a insígnia de um génio quebrando algemas; em franquear aos povos o distrito proibido dos diamantes; em eximir de direitos o ouro e as pedras preciosas; em dar plena quitação de todas as quantias que deviam os particulares à fazenda pública, etc.»*

Prometia-lhes o estadista inglês proteção dos Estados Unidos, onde dizia conhecer de *tu* Washington, Boston e outros corifeus da independência.

Era então governador da capitania o visconde de Barbacena, que farejava espertamente o fermento revolucionário, de si tão pouco resguardado que até em banquetes se brindava à futura independência. O coronel Silvério dos Reis, espião do governo, denunciou ao governador que um inglês de apelido Sackville, casado com uma sedutora paraense, que alguém reputava amante de Silva Xavier, não era estranho ao conluio revolucionário.

O visconde mandou chamar ao seu palácio de Vila Rica o inglês, e principiou lamentando que os vínculos de aliança que felizmente uniam Portugal e Grã-Bretanha lhe não permitissem usar com um inglês interventor na política alheia mais severo castigo que uma advertência à sua razão de homem esclarecido e outra à sua dignidade de marido enganado. Quanto à razão, observava-lhe que se eximisse de ter parte em assembleias clandestinas de republicanos, que brevemente seriam punidos; quanto à sua dignidade, lastimava que um valdevinos, corredor das sete

* Os *varões ilustres do Brasil* por J. M. Pereira da Silva, T. 2º pág. 31 e seg.

partidas do mundo, e fomentador da desordem pública, até ao seio das famílias filtrasse a peçonha de sua desmoralização, sendo ele, sr. Sackville, um dos apontados pela opinião pública na qualidade de vítima, e sendo sua mulher uma das apontadas como infamadoras do tálamo conjugal.

Johnson Fowler ouviu em arrancos surdos d'alma e *ohs!* ingleses, regougados das intranhas, as serenas observações do visconde.

Calou-se o governador, medindo-o com severo lance de olhos. O covarde não carecia ser esporeado pelo ciúme a fim de delatar os seus amigos: o terror que lhe incutira a vista fulminante de Barbacena bastaria a romper aquele odre de perversidade.

Principiou Johnson por declarar que respeitava grandemente a rainha de Portugal, e se considerava entre estrangeiros tão simpáticos mero observador de sua política. Confessou ser verdade ter concorrido como simples curioso aos conciliábulos políticos dos republicanos, e colhido apontamentos para mais tarde escrever a história dos desatinos dos facciosos que, sem causa justificada nem civilização própria, queriam, remedando as colónias inglesas, proclamar-se independentes. E neste rumo foi mareando até denunciar que o brado da revolta devia estalar em Vila Rica, e ele, visconde de Barbacena, estava votado à morte, porque os conjurados cederam unânimes às violentas arengas do Tira-dentes.

Depois, nomeou os conjurados, até trinta de suas relações. E, finalmente, obrigou-se a espiar o restante processo da revolta, se ao governador conviesse o segredo das revelações feitas.

Ao visconde de Barbacena convinha o espião.

Os republicanos souberam que o seu estadista havia sido levado ao governador, e ansiavam conhecer do motivo. Disse-lhes que o visconde o chamara para lhe dar cartas vindas de Inglaterra à sua mão com maior certeza de serem entregues.

Quem devia ler na alma de Johnson páginas de sangue era Laurentina, sua esposa, recebida à face da Igreja no Maranhão. Os rancores que lhe coriscavam nos olhos aterraram-na.

Forcejou, ainda assim, fiada nos seus amavios, a dengosa americana em lhe rastrear o que quer que fosse. Não vingou o intento. Johnson mostrava-lhe os dentes como um tigre mostra os colmilhos. Não era riso: era o projeto de três facadas, reservadas para depois de embriagado em outro sangue.

Presumem probabilidades que Joaquim José da Silva Xavier não levou as lampas ao fugitivo amante de certa Hiempsal que ficava com a capa dos sujeitos quando lhes não podia apanhar o coração. Aquela mulher tinha maldição consigo, e sestro destruidor dos mais virginais corações de anacoretas e eremitas famosos nos anais do pudor. Como quer que fosse, eu não sei nada de autoridade insuspeita, a não ser a do próprio marido, como ao diante se verá com o costumado horror destes escândalos.

No dia seguinte ao das primeiras carrancas truculentas de Johnson a Laurentina, saiu de Minas para o Rio de Janeiro o Tira-dentes. O inglês desconfiou que sua mulher o avisara. Não duvidamos aceitar como bem fundada esta suspeita da crítica, sempre maligna, mas nem sempre aleivosa.

Esta desconfiança azedou a atrábilis de Johnson; mas sopesou-a no fígado, para lhe não sair ao pulso intempestivamente nas três facadas programáticas.

Sem usar grandes rodeios, soube a paragem de Silva Xavier no Rio de Janeiro. Na ida e volta das indagações tratou a mulher com melhor sombra, e pediu-lhe o colar dos brilhantes para realizar um capital urgente às suas empresas comerciais em mercúrio e antimónio.

Laurentina desconfiou que seu marido lhe devolveria o colar em corda. E como era esperta e machucha, lançou suas contas para esconjurar o perigo, cobrando alentos quanto cabia em senhora habituada a pelejar com vigários-gerais, afortelezando-se como em baluarte, rendendo-se, em último recurso, entre tartarugas, e mostrando-se criatura anfíbia, quanto era preciso.

Um dia, Johnson visitou clandestinamente o governador; e, no dia imediato, foram expedidas trinta e tantas ordens de prisão para diversos pontos da capitania.

Seguiram logo para o Rio de Janeiro os mais e menos importantes presos, excepto o sexagenário poeta Cláudio Manuel da

Costa, o amador de *Glaura*, que, ao fim do quarto dia de prisão, se suicidou no cárcere de Vila Rica. Alvarenga Peixoto, o poeta das *Cartas Chilenas* (?), aos quarenta e nove anos de idade, foi lançado na masmorra das Cobras, a chorar saudades de esposa e quatro filhas ainda em infância.

Daí foi levado a degredo em Ambaca, e de lá, outra vez, ferrolhado nos cárceres de Luanda, onde expirou*.

Tomás António Gonzaga, o dulcíssimo imortalizador de MARÍLIA, ao fim de quinze anos de degredo em Moçambique, insandeceu e expirou, lacerando-se com os próprios dentes e unhas. A maioria dos condenados acabou igualmente nas plagas africanas. Joaquim José da Silva Xavier escondera-se no Rio de Janeiro, pressentindo por aviso de Laurentina a desgraça iminente. A espionagem dos aguazis, guiada por Johnson, subtraiu uma carta indireta para a ninfa do Amazonas. Esta carta denunciava o refúgio de Tira-dentes na rua dos Latoeiros, no Rio de Janeiro. Silva Xavier foi preso, esperou três anos que lhe levantassem o cadafalso na árida esplanada que hoje se chama Praça da Constituição. Perdoavam-lhe a vida se confessasse contrição da culpa.

* Suponho ser inédito o seguinte soneto ditado por Alvarenga Peixoto na masmorra das Cobras:

Eu não lastimo o próximo perigo,
Uma escura prisão, estreita e forte;
Lastimo as caras filhas, a consorte,
A perda irreparável de um amigo.

A prisão não lastimo, outra vez digo,
Nem o ver iminente o duro corte;
Que é ventura também achar a morte
Quando a vida só serve de castigo.

Ah! quem já bem depressa acabar vira
Este enredo, este sonho, esta quimera
Que passa por verdade e é mentira...

Se filhas, se consorte não tivera,
E do amigo as virtudes possuíra,
Só de vida um momento não quisera.

Extraído dos manuscritos de PEREIRA E SOUSA.

Não gemeu nem suplicou. A intrepidez da morte ganhou-lhe o heroico renome que não granjearia, se a ideia republicana vingasse, e o passeiasse em triunfo a mesma ralé que depois havia de crucificá-lo.

Dizem que a árvore da independência do Brasil hauriu seiva daquele sangue. Certamente Portugal, ali e em toda a terra e mar onde arvorou a bandeira de Cristo, espontada em lança de bárbaros, foi inconsciente instrumento da civilização dos seus escravos. A rainha que assinou a condenação da lenta morte de Gonzaga, de Alvarenga e Cláudio Manuel da Costa é uma que os livros históricos das escolas denominam *a piedosa*.

Deixemos em paz as reais cinzas, e revertamos ao Rio de Janeiro, onde chegara Johnson Fowler com Laurentina no dia imediato ao do suplício de Silva Xavier.

Muito de indústria o implacável marido – já que um dia de atraso na derrota do navio lhe tolhera o prazer de levar a esposa em frente do justicado – antes que ela pudesse ouvir falar da morte do Tira-dentes, a levou ao campo da forca, onde ainda pendia o cadáver exposto à contemplação de milhares de pessoas.

– Isto que é!? tanta gente!... – perguntou ela.

– Pois não vês o que é, menina? Olha! – E apontando-lhe para a forca, disse-lhe a meia voz: – O teu amante aspirava a uma posição elevada. Ali o tens mais alto do que eu! Repara, linda!

– Quem?! – exclamou ela, carregando com ambas as mãos sobre o coração.

– Vai examiná-lo de mais perto, se o não conheces daqui. Revê-te, exulta, não vergues sob o peso da felicidade. Prometi trazer-te ao Rio a ver o amante. Cumpri.

Laurentina espasmou os olhos no patíbulo, como cegos por sufusão de sangue: olhou, reconheceu e!... não caiu! Fervia-lhe peçonha nas artérias, o sangue era um cachoar de chumbo candente, o coração alargava-se em dores horrendas como um ninho de víboras que se despedaçam.

A tragédia urdida pelo marido ia a meio caminho da catástrofe. O plano era matá-la a ferro frio. Porém, como o rancor respirara largo e fundo, naquelas infernais delícias de lhe mostrar o afrontado cadáver, modificou a traça somente no instrumento da morte. Resolveu propinar-lhe veneno. Na escolha do tóxico, e da maneira de o obter, gastou três dias, durante os quais fechou a mulher em rigoroso encerro, no quarto da hospedaria.

Também ela ideara sua tragédia, que tinha admirável coincidência de entrecho com a do marido. Matá-lo; afogar-lhe na garganta um punhal, e fugir para o Pará. Depois, alterou essencialmente o enredo. Denunciá-lo como homem de vários nomes e apelidos, como contrafator de firmas, como ladrão assassinado e ressuscitado em Bragança. Na indecisão de piores expedientes, Laurentina Catânia, da janela do seu quarto, viu que era observada através dos vidros de outra janela, pertencente à mesma hospedaria. E não só observada; mas galanteada por um rapaz gentil, com dragonas, oficial de marinha, tostado do sol, cara meridional, extático, fito nela com os olhos cheios de amor e de súplicas.

Distraiu-se; e, a poucas voltas, seguiu-se o interesse, e logo o amor. Tudo em menos de cinco horas, mais quarto menos quarto. As paixões desta mulher nunca tinham incubação mais longa.

Ao segundo dia trocavam-se cartas de janela para janela, entre as quais se interpunha um saçuão.

O oficial de marinha era português, ardente no amor, aventureiro, capaz do atrevimento de roubar a mulher ao bretão, que ele conhecia da mesa redonda. Propôs a fuga à esposa retida em cárcere forçado. Ela condescendeu, tão depressa que apenas deu escassas horas aos preparativos. No dia aprazado para a fuga, foi acariciada pelo marido, que lhe entrou ébrio no quarto, e lhe pediu que cantasse as seguidilhas, letra de Gregório de Matos Guerra.

Laurentina cantou, e ele adormeceu-lhe com a cabeça no regaço.

E, despertando, notou que tinha a cabeça no chão. Quis ver as horas, e não achou o relógio: apalpou as algibeiras, todas as algibeiras, e não encontrou o seu punhal esmaltado de diamantes, nem uma libra esquecida no saque geral que sofrera o seu corpo.

Sobre uma banca havia um quarto de papel escrito com estas palavras:

«Não sei se a sua espionagem me descobrirá.

Será fatal a sua desgraça, se me descobrir: porque eu direi então à justiça quem é o estadista inglês Johnson Fowler.»

E quem lho tinha dito a ela? Ouvira-o naquela apóstrofe que Philippe Chesterfield atirara à cara do ladrão na cabana das margens do Cahité.

Foi de mestra a advertência. Johnson não deu um passo na piugada da consorte. Comprou passagem em navio para Lisboa, reservando traçar de Portugal novo itinerário, se os seus serviços feitos no descobrimento da conjuração republicana lhe não fossem galardoados por D.^a Maria I.

Sigamo-lo até à secretaria dos negócios do reino em Lisboa e esperemo-lo à saída, para lhe darmos os parabéns do hábito de Cristo. As famílias inglesas, residentes na capital, não nos acompanham neste ato de deferência ao agraciado. Repulsaram-no como espião e inquiriram-lhe da procedência em Inglaterra, mediante solicitações do ministro britânico.

Os haveres de Johnson estavam exauridos. A desteridade infame com que roubara os Bearsley não via o falsificador onde aplicá-la. Tinha àquele tempo cinquenta e quatro anos. Estava só, desprezado dos seus patrícios, indiferente a uns portugueses e odiado de outros. Chegou a requerer uma pensão a José de Seabra da Silva, que o afastara com enojo, porque alguns amigos seus agonizavam em África, donde ele tinha vindo poucos anos antes; e o homem, que pedia à rainha uma pensão, havia sido o delator de tão ilustres vítimas.

Quasi em miséria extrema, Johnson Fowler suspeitou, com sobejo fundamento, que à embaixada inglesa havia chegado a denúncia do seu verdadeiro nome; porque um dia o chanceler, que o esmolava, lhe disse em tom desabrido, mas como em secreto:

– Mate-se, que de vida como a sua há só dois desenlaces: suicídio ou forca.

Três dias depois, o inglês foi procurado em um quarto andar da rua dos Calafates, à ordem do corregedor do bairro. Os inquilinos do prédio informaram o meirinho que o inglês ou saíra para fora da terra, ou mudara de residência furtivamente. Arrombaram-lhe a porta, visto estar fechada por dentro. Na saleta exterior era irrespirável o ar empregnado de gás carbônico e fétido nauseativo de cadáver. A alcova contígua estava meio-cerrada. Abriram-na, depois de ventilarem a sala, e acharam dois fogareiros com cinzas, e o inglês estirado no catre, com um braço recurvo em torno da cabeça, e as unhas da mão do outro cravadas nos bofes da camisa.

O ministro inglês folgou com a notícia. Aos brios da Grã-Bretanha doía publicarem-se em Portugal os crimes do denunciante da intentada independência de Minas Gerais. Da morte de *Jorge Sackville* a *Gazeta de Lisboa*, daquele ano, referiu que o suicídio do infeliz inglês procedera de desgostos domésticos da maior gravidade para um homem de sentimentos melindrosos.

Aludia ao adultério de Laurentina que, ao tempo da morte do marido, residia em Lisboa, amantíssimamente querida do oficial de marinha, e já mãe de um menino.

Pormenores da vida aventureira desta americana debalde os investigámos, desde aquela época. Soubemos apenas que acabou seus dias em avançada idade na roça do Pará, e que era seu filho um homem de muitíssimo boa alma, valedor de negros enfermos e de bichos, grande pacificador de distúrbios, mediante uma proclamação escrita em tabuleta, que eu lhe vi na rua do Arsenal, em Lisboa, há bons vinte anos, inculcando aos portugueses os benefícios da paz e concórdia. Chamavam-lhe zombeteiramente o BARÃO DE CATÂNIA.

Era um velho precoce, de casaca no fio, chapéu de castor branco, derreado e contemplativo sobre o pescoço de um cavalo branco cheio de anos e fome.

O «barão», levado de sentimentos pundonorosos, nunca se assinou com apelidos paternos. Gastou a herança de sua mãe em liberalidades caritativas com os pobres negros que se acolhiam à hospitalidade de tão mal compreendido benfeitor. Morreu ridículo, tendo vivido honrado.

O incidente da reaparição de Johnson Fowler cortou a história que deixámos no prematuro fim de Philippe Chesterfield.

A incomfortável viúva tornou para a companhia de seu tio, abençoou as consolações inesperadas de Eulália Vieira, a meiga alma formada nas serras do nosso Minho.

Tão do coração lhe quis, à humilde esposa do seu guarda-livros, que não mais a separou de si, e na casa deliciosa de Westminster se recolheram todos.

Por esse tempo, sentindo-se declinar ao termo de sua honrada carreira o último dos Bearsley, à casa comercial foi associado o apelido *Vieira*. Desde o momento da sociedade, Manuel Vieira foi considerado rico; mas o labor incessante da sua labutação igualava-o em regalias com o menos estipendiado caixeiro. Não tinha filhos, nem ambições. E trabalhava sempre.

Chamou para Londres os seis filhos de frei Bento das Dores da Virgem, e deu-lhes começo de vida, em sua casa. Nem um de seus irmãos, no rodar dos anos, deu de si boa saída. Eram maus, sobre estúpidos. Instavam por voltar a Portugal, preferindo guardar cabras nas suas montanhas, à vida severa e operosa que o irmão lhes impunha. Um queria ser sapateiro; outro capador; outro músico da tropa; outro marchante; o menos ambicioso ou menos sincero não queria ser nada, e o mais senhoril de condição queria dizer missa.

Devolveu-os todos para Portugal, a fim de seguirem a carreira escolhida.

Estes pontos escuros no viver de Manuel Vieira não maculavam as enchentes de alegria, as torrentes luzentíssimas que inundavam o seio daquela família. A luz saía de uns olhos que dezesseis anos estiveram em trevas. João Veríssimo, o santo, que escondera no seio de Deus os olhos apagados, e a chorar lhe pedira claridade na alma para não duvidar da bondade divina, um dia, ao sair das mãos do operador Fletcher North, viu à volta de si uns vagos contornos da sua Luísa, e de outra senhora que devia ser a criança formosa que deixara tão diferente... E, perguntando se ali estava seu filho, Manuel acercou-se dele, amparou-o nos braços, e entre soluços deram graças ao Altíssimo.

– Com que imensa usura eu sou feliz! – exclamava o velho, quando tudo se lhe mostrava à sua luz natural – Que padeci eu para tamanha recompensa, ó minha filha, ó minha Luísa, ó meus anjos todos que me estáveis esperando neste céu! A ti, Manuel, não bastava dever-te a abundância de tantos anos, a honra de seres o marido da minha Eulália! Ainda mais, filho, eu sem ti morreria cego, não te veria mais, virtuosa esposa que tanto trabalhaste e choraste, e a ti, Eulália, tão bela, tão senhora, como se eu te houvesse criado nas regalias das cidades a conviver com fidalgas! Ah! eu bem adivinhava que devias ser assim, quando te apalpava as feições!... adivinhava o teu porte nobremente modesto quando falavas. Via-te crescer, minha filha, conhecia-o pela mudança da tua voz; e, ao passo que o timbre infantil se desvanecia, eu tinha saudade amarga do tempo em que te vira, e chorava como se quisesse desluzir com lágrimas as reminiscências da tua imagem. E eu podia morrer sem vos ter visto, meus salvadores! E, quando Deus me dá quantas pessoas eu amava à alegria infinita dos meus olhos, vejo também a alma generosa, esta senhora tão nova e já tão triste que trouxe ao pobre velho o restaurador da sua vista!

E, dizendo, curvava o joelho para beijar as mãos de miss Ana Bearsley.

Corria o ano de 1781 quando Manuel Vieira voltou a Portugal a rogos de frei Bento das Dores da Virgem, que o chamava para se despedir. Era já nesse tempo tão poderoso que viajava em navio seu, acompanhado de toda a família, em que havia mais uma pessoa, Ana Bearsley, que chamava irmã a Eulália, e o provecto Roberto, que queria orar no Cemitério dos Ingleses, do Porto, diante das cinzas de seu irmão John. As três senhoras e o ancião inglês ficaram naquela cidade. Manuel e seu sogro seguiram para o Minho.

Referem umas *Memorias*, que tenho à vista, que Manuel Vieira, o mocinho que saíra da Póvoa de Lanhoso com um fardel ao ombro, e vestido de guingau, aparecera então de casaca de lemiste encarnado, colete de seda lavrada, calção de veludo escarlate, meias de seda, borzeguins de cordovão inglês, chapéu acairelado, cabeleira à Luís XIV, pescocinho enrocado de cambraia, folhos e punhos de rendas de Bruxelas. Assim trajavam os comerciantes mais grados da Grã-Bretanha, os magnatas que manobravam o leme da nau de ouro que mareava em imenso oceano, coalhado de vasos mercantis. Eram eles a vitalidade do gigante que sorvia os capitais estranhos, em escambo de suas indústrias menos filhas do génio que do esforçado e metódico labor, pautado por imperiosa vontade. E Manuel Vieira, timbrando em ter nascido nas pobres serranias daquela rústica e aspérrima parte de Portugal, amistara-se entranhadamente aos costumes ingleses, às leis severas, à probidade que se afirmava no patíbulo de Lord Ferrer, que matara um burguês inocente, e no patíbulo de William Dodd, capelão do rei, por falsificador de uma firma. Àquele tempo, o horror da pena de morte aplicada a homicidas e ladrões era sentimento que se estava germinando no ovo da civilização, ovo que deu de si muita casca, isto é muita arenga de tribunos, muita papelada legislativa, e a mesma cópia de malfeitores, ilustrados somente quanto à inviolabilidade da vida humana, da sua, que a dos outros violam eles, confiados no artigo do código.

Confessa-se o descabimento destas divagações que, já outra vez, se intrometeram no romance. É vontade extravagante de me estar a querer indispor com a ciência moderna, e com leitores de intranhas lavadas, que alcunham de bárbaro o país de S. Vicente de Paula e Lamartine, porque em França ainda vigora o artigo penal que manda garrotar os Troppmann.

Quando cá os tivermos de condição análoga (já nos sobram exemplos) enviamo-los às costas africanas, colónias que podiam ser o veio de ouro regenerador deste país de cabeça enorme, enferma de hidrocefalo, se em vez de lá mandarmos os escapos da forca, déssemos alentos e caução de prosperidade a colonos não obrigados a lá morrerem, a homens abonados por amor de pais e maridos, a operários que almejassem volver ao seu torrão natal com abastada velhice.

Coisas destas não discutia Manuel Vieira para que o possamos incabeçar em tão extemporâneas controvérsias. Portugal, naquele tempo, tinha tanto na memória as cenas patibulares, que isto de matar nas encruzilhadas ou nos açougues judiciários tanto montava, e como que tresandava ainda no ar o fartum das sangueiras políticas do marquês de Pombal, continuadas na América pela filha de seu real amo.

Agora, sim, temos chegado com Manuel Vieira e João Veríssimo à portaria do mosteiro de Bouro. Anunciam-se ao irmão porteiro, e logo desce o abade a recebê-los e conduzi-los à cela em que está intrevocado frei Bento das Dores da Virgem.

O monge septuagenário abre os olhos já desvidrados da refração luminosa da vida exterior, fita-os na compostura palaciana do filho, e sorri com tristeza. Manuel beija-lhe as mãos escarnadas, e João Veríssimo, encarando-o com assombro, chora, murmurando:

– Quando há quarenta e dois anos caminhávamos com os nossos livros para Braga, ó Bento...

– Se tu me visses, hoje, João ... – disse o beneditino.

– Pois não te vejo eu?! Há seis meses que o mundo se me abriu de novo. Leva as minhas orações de reconhecimento ao Senhor, se os teus olhos se fecharem primeiro.

Frei Bento abraçou-o com esforço doloroso, exclamando:

– Pudeste ver o teu filho, o esposo da tua filha! Devia-te a justiça divina essa exultação!... Aqui o tens, obra tua, a criança que te foi pedir a honra salvadora de tantos desonrados... E são tantos à volta de ti, meu filho! E vem aí uma geração de gente tão perdida, tão mergulhada no pego da lama, que se chama ouro!...

Calou-se o monge, olhando sem pestanejar pela janelinha da cela por onde ao longe via o céu azul e um cerro do monte coroadado de arvoredos.

Manuel e João contemplavam-se admirados das frases proferidas num vago de profecia.

De súbito, frei Bento emergiu do seu letargo, e sorrindo para João Veríssimo disse:

– Os nossos seis anos das aulas em Braga, ó João!... Como tu estudavas noite e dia! E eu que vadio, que ignorantão! Lembras-te, meu velho, quando eu me assinava com *V* e tu me citavas *Benedictus* e *S. Bento* em prova de que eu me devia assinar com *B*?

João, rindo e enxugando as lágrimas, dizia:

– Mas, sem eu saber quando estudaste, sei que o teu espírito se esclareceu.

– É verdade: há uma lâmpada infernal que de noite se acende sobre o livro maldito da chamada Razão humana, sem reflexo da divina. Quando me vi grande criminoso, necessitei de repelir de entorno de mim uns fantasmas que me amedrontavam os sustos religiosos, as tradições, a educação que meu pai me dera e um tio padre que lá chamavam santo. Quis saber como poderia abafar a consciência sob o peso da razão. Consultei uns homens que se chamavam espíritos fortes e se diziam discípulos do mais ilustre incrédulo, o conde de Oeiras. Disseram-me que o regenerador do género humano se chamava Voltaire. Era-me necessário saber a língua redentora, a língua de Voltaire, para com ela esconjurar as larvas que me bradavam: «maldito!» Então li muito à lâmpada do inferno. Ri-me dos meus preconceitos, adormecia sereno no regaço da minha razão, e apenas exercia as exterioridades de padre para que

o pavor do meu ateísmo não me afugentasse as ocasiões do gozo. Já sabes o que estudei, e onde a minha ciência me arrastou. Essa razão que adquirira, tive de apagá-la na embriaguez para ser menos atormentado por ela!... Foi então, ó meu benfeitor... – balbuciou o monge, beijando a mão do filho, e logo os soluços lhe cortaram a voz em gemidos.

Aplacadas as ânsias, tornou a suave quietação ao semblante do frade, que continuou, sem desprender a mão do filho:

– Sei que estás muito rico, sei-o pelas mesadas que dás às mães de teus irmãos. Não me pejo de assim te falar, nem os escrúpulos me retêm. Deus não quer que eu, por contemplá-lo, me esqueça das vítimas que deixei à tua caridade. Meu filho, tristemente sei que teus irmãos não te pagam com o contentamento de os encaminhares em proceder honesto. Não se me esconde que vida eles vivem, de varredores de feiras, bulhentos, regalões, presumidos da tua liberalidade, ostentando no trajo, e nas maneiras, cabedais que não têm, se lhos tu negares. São seis dores que eu intranhei na tua alma, filho, são seis vergôntes da árvore maldita... Se tu os desamparares, onde irão dar esses homens sem modo de vida! Como hei de eu olhar para a minha sepultura já aberta, e dizer que está ali o meu eterno repousar, a resguardo de maldições!...

– Não lhe sejam motivo de amargura meus irmãos – atalhou Manuel – Eu hei de protegê-los sempre; e por minha morte, se a fortuna me não desamparar, viverão em abundância.

– Oh!... – murmurou o monge, repondo a vista baça na nesga azul do céu – A abundância, nos maus instintos, é um manancial de vícios. A flor da virtude fenece em jarra de ouro. Ao sopé da cruz rústica, plantada na serra, viçam as florinhas. A púrpura do rico desfaz-se em farrapos como os tomentos sobre a pele denegrida do pobre. Só a virtude é riqueza. Eu herdei muito ouro, e comprei com ele a liberdade de ser perverso. Se eu fosse pobre, teria dado garrote às minhas malvadas propensões, na impotência de as satisfazer. *Abundância! abundância!* – continuou o monge casquinando um riso aspérrimo. – De cada mil homens poderosos, escolhe Deus um

para seu anjo de caridade. E à volta desse medram muitos infames a quem a liberalidade do bom deu alentos. Há generosidades que, ao caírem nas condições más, se transformam em peçonha. É como a esmola pedida para pão de filhos e empregada na compra de um punhal. Que valerá a onda de ouro, onde até os justos resvalam e naufragam! E ela virá, a riqueza grande, como um pegão de vento a quebrar as árvores carcomidas e a desarraigar as plantas novas. Será como o furacão da peste. Ver-se-ão os bons cair feridos ao lado dos maus. As virgens virão vender-se no mercado onde os ricos hão de abrir armazém de libertinagem. Poucos anos terão passado, e a pobreza tornará com a hediondez que acompanha o pobre que foi rico, e atirou a sua fé ao abismo da sua fortuna...

Seguiu-se um murmurar de vozes inaudíveis.

O prelado, levando fora da cela os dous hóspedes, disse-lhes que o monge tinha a miúdo visões e raptos proféticos, mas por tal modo desordenados na frase enigmática que não havia intendê-los, e acrescentou:

– Não duvido crer que frei Bento seja favorecido da previsão; afixam-mo a santidade dos seus anos de claustro, e as penitências que lhe têm subtilizado a alma e dado altos lumes de vaticinação.

Manuel e João Veríssimo pernoitaram na hospedagem dos visitantes, contígua ao mosteiro.

Ao outro dia, foram despertados para assistirem nos últimos momentos do monge.

Assistiram ao ministério da extrema-unção, ajoelhados aos pés do leito. O moribundo acenou a Manuel, que se abeirou dos lábios dele, e ouviu estas palavras:

– Não os faças ricos: obriga-os a procurar a virtude pelo caminho da pobreza... Meu filho, o anjo do infortúnio faz muito menos vítimas que o demónio do ouro...

Depois, pendeu a face na curva do braço esquerdo de Manuel, colou os lábios na imagem de Jesus que lhe aproximou dos lábios o filho, e assim se quedou sem ânsias até estremecer, expedindo um flébil gemido.

Por aqueles dias, soube Manuel Vieira que, no Recolhimento da Tamanca, em Braga, vivia uma recolhida em pobreza extrema, filha da já defunta Senhora de Garfe, com quem o padre Bento Ribeiro se havia homiziado em Espanha. Contaram-lhe que a pensão dada à mãe cessara por sua morte; e que a menina aceitara ser criada de uma pensionista por não ter de quem se valesse.

Foi Manuel Vieira a Braga com sua mulher. Pediu à regente do Recolhimento que lhe enviasse ao locutório sua irmã, filha de D.^a Paula de Magalhães.

– Nunca a mocinha nos disse que tinha irmão – objetou a regente –; os nossos estatutos são muito rigorosos em receber o sexo masculino no locutório; como vem também uma senhora, não duvido mandá-la.

Cristina, que tanto poderia ter dezoito como quarenta anos, apareceu vestida de baeta escura, cabelo cortado, faces lívidas, olhar estúpido, jeitos canhestros, postura boçal, um todo de repugnante miséria de alma e de corpo.

A regente, por se desafogar de escrúpulos, mandou com ela uma recolhida velha tão parecida com a nova em modos e feitio, que pareciam ser uma o suplemento piorado da outra.

Perguntou-lhe Manuel se tinha recordações de Rendufinho.

Esteve instantes a pensar; rosaram-lhe as faces; abaixou os olhos, e murmurou:

– Ainda me lembro.

– E de seu pai?

Ela, soluçando e engolindo as lágrimas, balbuciou:

– Também.

– Eu sou seu irmão, menina – prosseguiu Manuel Vieira – Este luto, que me vê, é por nosso pai, que há oito dias morreu. Sabia onde estava seu pai?

– Não, senhor.

– Ninguém aqui lhe falou nele?

– É proibido – interpôs a velha.

– Que é proibido, criatura? dizer a esta menina que tinha pai?

– A senhora regente é que sabe.

– Pois bem: vá vossemecê entregar à senhora regente esta ordem do senhor arcebispo D. Gaspar, e não se detenha muito que tenho pressa.

Enquanto a velha foi, perguntou D.^a Eulália à menina:

– Tem sido muito infeliz, sr.^a D.^a Cristina?

– Desde que minha mãe morreu.

– Quando morreu ela?

– Há de haver seis anos.

– E quantos tem a menina?

– Dezenove.

– E quer ir com seu irmão e comigo, que sou sua cunhada?

– Permitisse Deus...

– Tem que vestir além desse vestido que usa?

– Não, senhora.

– Menor é a demora no toucador – interveio Vieira sorrindo.

– Eu cubro-a com o meu *josezinho* – tornou Eulália, referindo-se à sua capinha de viagem que tinha aquele nome.

– Vai de qualquer modo, cerrando as cortinas da liteira – observou Manuel.

A regente alegou que a senhora Cristina precisava de vestir-se com decência para sair.

– Vestir-se com quê? – perguntou Vieira – Esta senhora, servindo outra há seis anos, deve ter ganho saia e mantilha decentes.

– Tem ganho a comida, e algum vestidinho, e bons exemplos...

– De economia – acrescentou o irmão da ditosa menina, cuja alegria lhe pulava nos olhos.

Vieira, insistindo na imediata obediência ao mandado do arcebispo, exigiu a saída sem mais delongas nem reflexões banais.

Acercou-se uma liteira da portaria. Entraram nela as duas senhoras. Manuel seguiu-as a pé à estalagem, onde se detiveram dois dias para entrarem convenientemente a filha de D.^a Paula de Magalhães.

Nestes dois dias nasceu o sol, bafejaram as auras, trinaram as aves, azulou-se o céu, aromatizaram as flores, estrelou-se o firmamento, ressurgiram todos os elementos abafados da vida, da alma, da esperança, da alegria daquela menina. O seu espertar do primeiro dormir, se o sono quebrantou aqueles nervos exagitados, seria um como abrir-se-lhe os cancelos da masmorra, o quebrarem-lhe a pedra tumular. Já no palor do rosto se lhe abriam uns traços da beleza, uns relevos que a fome esbatera. Transluzia-lhe nos olhos o raiar do seu primeiro abril em dezanove anos. Se a deixavam sozinha, ajoelhava agradecendo a sua mãe, com as faces e mãos rociadas de lágrimas, ter pedido a Deus por ela.

Parecia ainda temer-se do cárcere da Tamanca, narrando os despezos que sua mãe sofrera, as injúrias que lhe atiravam ao coração despedaçado. Depois, falecida a mártir, e acabados os recursos da comiseração dos parentes, acorrentaram a órfã ao poste da indigência para ainda a insultarem como filha de tal mãe e sacrílega filha dum padre que havia sido a vergonha do clero.

Manuel Vieira adivinhava o que sua irmã não sabia exprimir; sofria escutando-a; e já lhe pedia que se esforçasse por esquecer-se, a fim de não perder a fé na criação da espécie humana delineada na mente do criador à semelhança de sua própria imagem.

João Veríssimo e miss Ana Bearsley esperavam no Porto a sua família.

Notaram todos uma profunda alteração no espírito de Manuel, um recolhimento insólito, a tristeza dos desgraçados que não a sabem exprimir. Aquela vasta alma e santa serenidade com que Deus o sorteara em difíceis lances, demudou-se em apreensões de ânimo supersticioso e misantropo. Poucas vezes lhe abria à flor dos lábios um espontâneo e sincero riso. Contrafazia-se; mas a mágoa que dissimulava pungia mais intensamente os seus amigos. Eulália não podia ter as lágrimas; porque na tristeza do esposo vislumbavam-se-lhe prelúdios de mortal doença.

E, todavia, Manuel Vieira não tinha uma dor, sequer um leve achaque, por onde se desse a si a razão do que secretamente lhe ia na alma.

É que ele estava a cada hora ouvindo as palavras do monge moribundo:

– Meu filho, o anjo do infortúnio faz muito menos vítimas que o demónio do ouro.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

O DEMONIO DO OURO

ROMANCE ORIGINAL

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

II VOLUME

LISBOA

TIP. EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.[^]

67 - Praça de D. Pedro - 67

1874

© **N** I M P R E N S A
N A C I O N A L

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

SEGUNDO VOLUME

INTRODUÇÃO

Os sucessos deste segundo tomo principiam no ano 1798.
Já não vivem os principais personagens do primeiro livro.

Dá-nos susto o morrer, do sol radioso
Perder a amada luz...
E a morte é mais medonha
Pensada que sentida...

Escreveu Filinto Elísio.

E pensá-la tantas vezes quantos são os trespasses dos entes, que nos vivem na fantasia, ou nos reverberam na alma a existência que viveram, é mágoa maior do que se pensa.

Contrista-nos este ir ceifando a morte umas criações, que nos avultam forma e espiritualidade humanas, quer as trasladássemos da realidade, quer as realizássemos na imaginativa, porque viveram em o nosso lar, cismaram connosco nas solidões da montanha, e as vimos em nossas insónias, sofrer e gozar.

O leitor não ganhou afeto a essas entidades que o desenfadaram de estudos, canseiras e tédios. Acompanhou-as com impassível curiosidade até ao cemitério, e abriu mão do livro como ao recolher dos responsos fúnebres de defunto que deixou herdeiros prestadios, um atencioso frequentador de mortuários despe a casaca dos pêssames convencionais, e vai espairecer-se nas ligeirezas

dos vivos, dizendo de si consigo sentenciosamente o epifonema: «Somos todos mortais.»

Ah! Que não sejam assim os cronistas das paixões boas e más!

Nós, os operários das regalias de vossas horas de sesta, vestimos a alma de luto quando vasquejam e se apagam as visualidades queridas, que nos eram riquezas, sociabilidade e labor, tão honesto e mais mortificativo que as vossas lides apremiadas com muito ouro. Quando o livro concluído nos leva do recinto, onde o avivamos, as imagens que nos davam parte de sua vida ideal, como que sentimos, ao redor de nós, despovoar-se o mundozinho, e finar a sociedade que nos dulcificava o tremendo só da alma. Imaginai que é o descer-se de noite sem estrela e silenciosa pelo respaldo dos outeiros aldeados de povoações, que ao pôr-do-sol bailavam em seus descantes. Na mente do escritor há estas grandes e incompreensíveis tristezas.

As criações dele eram uns seres imateriais, incorpóreos, fantásticos, e todavia sujeitos à alçada da morte. Ei-los que se desluzem na tela do espírito. O livro é já esquecido; e nós, volvidos anos, ainda avistamos essas sombras muito ao longe na penumbra da mocidade, e saudamo-las com lágrimas. Pobre vida é essa dos que a vivem com tais quimeras!

Todavia os entes da vida real são acaso mais estáveis, menos perecedouros? Não vistes, em breve lapso de anos, grandes torrentes de vida rebalsadas por essas jazidas, brilhantes podridões encineradas em urnas de mármore? Famílias que, há vinte anos, se vos figuravam com vertiginosa vida para longo estádio – amores desastrosos, tragédias que estrondearam, ridiculezas que vos deram pábulo ao riso e à sátira – tudo isso, cérebros e corações que fulguravam por petulância de pensamento e arrojo da paixão, não se resfriou e deliu debaixo desses colonelos rendilhados de jaspe que infeitam a morte – o antro do dragão? Não era pois tudo isso um vago de fantasia, de neblina, de fosforescência como as criações do poeta?

Que mais monta lastimar o pó que se doirou ao raio do sol diurno, ou a nuvem que se coloriu do prisma da imaginação? Ai!

O desfazer-se de um ser quimérico é tão dolorido à fantasia dos tristes, como o súbito apagam-se uns olhos que ainda ontem nos radiavam o calor do coração que nos era inlevo. Tudo é morrer; tudo é soledade em volta do homem que pôs sua alma inteira nos livros que lhe viram a lâmpada do seu trabalho por horas da noite alta, quando as aves saúdam o arrebol da manhã.

Em 1798, Roberto Bearsley, João Veríssimo Vieira, Luísa, Manuel Vieira, e Ana Bearsley eram já mortos.

Manuel, com cinquenta e um anos, adormeceu no Senhor – frase criada à cabeceira do leito de um justo, no seu manso cerrar de pálpebras arraiadas da luz imortal.

Sobreviveu-lhe Eulália uns escassos dois meses, e muito longos paroxismos lhe deu a saudade em suas presas. Ali se finaram todos no formoso retiro de Westminster, no trajeto de doze anos, que seriam doze auroras do paraíso, se não houvesse o morrer.

Em 1799, todos aqueles nomes estavam consubstanciados em dez algarismos: Réis 1.200.000000, e por toda a terra de Portugal se falava na herança de Londres.

Os haveres de Roberto herdara-os Ana Bearsley. O sócio da casa Vieira, ou antes Eulália, havia sido universal herdeira da viúva Chesterfield. Portanto, e em resumo de verbas constantes dos dois testamentos de Manuel Vieira e da sua viúva – *três milhões*. Esta quantia em 1799 era um colosso de ouro, uma fábula oriental, o sonho de um avaro, o mais que poderiam dar de si as fábricas de moeda que cabiam na imaginação de La Calprenède e Radcliffe.

Antes de se arrolarem os co-herdeiros deste El Dorado, transferido para os penhascos de Lanhoso, digamos do destino de Cristina de Magalhães, filha do falecido monge do Bouro, canonizado pela pia crença dos seus irmãos conventuais.

O morgado de Garfe, irmão da infeliz Paula, falecida no pio cárcere da Tamanca, teve um filho que não herdou a índole do pai, implacável com as culpas da irmã. Às ocultas dele, quando cursava rudimentos no convento do Pópulo, em Braga, visitou algumas vezes sua tia, em presença das vedetas, e viu a criancinha que nascera manchada do ferrete sacrílego.

O morgado, ferido em sua honra pelo próprio filho, nunca lhe perdoou, e amiserava-se não ter outro que lhe sucedesse nos prazos; que o vínculo a pouco montava. Pedro de Magalhães, o compadecido da sorte de sua tia, cansado de sofrer ásperos desprezos do pai, alistou-se no exército organizado pelo conde de Lippe, e provou seu esforço na guerra com os castelhanos. Depois, como o morgado, insandecido por amores em anos mais que serôdios, vivia à laia de rapaz desbaratando os bens, Pedro seguiu por necessidade a vida militar, até ao falecimento de seu pai, no mesmo ano em que sua prima Cristina saiu do recolhimento da Tamanca.

Apossado do ténue vínculo, e sem recursos para reivindicar os prazos fraudulentamente alheados a filhos bastardos, deixou a caseiros o solar de Garfe, e prosseguiu na carreira das armas. Procurou por esse tempo novas de sua prima, e soube a próspera mudança de fortuna que tivera.

Ocasionou-se-lhe em Lisboa falar com um consignatário da firma Bearsley & Vieira, mediante o qual escreveu a Cristina, perguntando-lhe se ainda se lembrava do estudantinho que ia ao recolhimento da Tamanca visitar a tia Paula.

Recordou-se a irmã de Manuel Vieira, e referiu ao irmão que sua mãe, nos últimos dias de vida, lhe dissera:

– Se algum dia vires teu primo Pedro, dize-lhe que eu sei o que ele sofre porque me não desprezou como seu pai; e, por isso, pedirei a Deus por ele na outra vida.

Manuel incluiu na resposta da irmã uma carta sua, convidando instantissimamente Pedro de Magalhães a ir a Londres. O militar, obtida licença, foi; e, quando voltou, três meses depois, era marido de sua prima, dotada com cem mil cruzados. Manuel Vieira, porém,

estipulou que o marido de sua irmã não privaria os filhos bastardos de seu pai da posse dos bens herdados, porque, se o transmitir-lhos quem lhos dera foi iniquidade, os filhos eram inocentes perante a lei e tinham direitos respeitáveis perante Deus.

Pedro foi residir em Garfe, e Cristina pôde embalar seus filhos no berço em que sua mãe havia sido acalentada.

Agora, abramos a lista dos co-herdeiros dos três milhões da herança de Manuel e Eulália Vieira.

Determinaram ambos os testadores que a terça fosse distribuída pelos pobres de Rendufinho, onde Manuel havia nascido, e pelos de Vilar e Geraz, donde eram os pais de Eulália. Do restante da herança foram nomeados herdeiros em diversas proporções: Pedro de Magalhães; sete filhos do padre Bento Ribeiro; os descendentes das irmãs de Carlota das Courelas; os filhos de Maria, mulher de Tibúrcio, em razão de ter sido ela quem dera de esmola o cardenho onde morrera Carlota e a mortalha com que a sepultaram; os descendentes do almocreve Leonardo Cigano, que em Braga dera agasalho e um merendeiro bem provido ao mocinho, quando ia para o Porto, mendigando; os sobrinhos de João Veríssimo, filhos do irmão que duas vezes lhe negara algum socorro à sua indigência; Joaquim da Gaivota, discípulo de Manuel e seu benfeitor em troca de traslados. Estes foram os principais legatários; mas alguns mais, de menor importância, omitimos por falta de notícia bem averiguada.

Na cobrança dos legados contravieram estorvos e trapaças de toda a espécie, desde a justa precaução da lei até à ladroeira desbragada.

Por parte dos pobres, contemplados com a terça, saíram com procuração uns solicitadores que já se haviam enriquecido, mancomunados com as justiças inglesas, antes que os herdeiros pusessem a vista nas pilhas dos soberanos. Com os mais avultados herdeiros correu a mesma sorte. Deram-se as mãos juizes, meirinhos, escrivães, e quantos figuravam no processo da distribuição, por maneira que a herança, transferida de Londres para o Banco do Porto, e daqui para a vila da Póvoa de Lanhoso, ia jarretada em mais de quinhentos contos.

Nada obstante, o colosso de ouro sem uma perna era ainda colosso.

Na repartição da terça pelos pobres de Vilar e Rendufinho ressaltaram novos impedimentos. As outras freguesias do concelho destacaram moradores provisórios para as duas contempladas. Cada lavrador encheu as suas córtés de criados gratuitos, sob condição de os arrolar na lista dos pobres. Quando escassearam albergarias para os forasteiros, houve deles que construíram choças palhiças nas quebradas dos montes pertencentes às duas freguesias. Lavradores remediados apresentaram certidão de pobreza, com grande escândalo dos verdadeiros pobres, que umas vezes espancavam os adventícios, e algumas vezes os seus próprios vizinhos, de quem haviam recebido mercês.

Na expectativa da herança, que em Lanhoso sofrera grossa sangria dos agentes imparceirados com a justiça, os jornaleiros recusavam pegar da enxada, e as mulheres olhavam para as rocas e sarilhos com entojos. Faltaram braços para as ceifas; a colheita de dois anos foi mesquinha; e, primeiro que se emborcasse a cornucópia das peças, houve fome.

Chegou enfim o dia da repartição da terça. Eram cerca de oitocentos os pobres dados na lista, e duzentos contos a terça dos três milhões. Orçou por sessenta moedas de ouro a esmola de cada um. Debandaram aquelas chusmas para as suas freguesias, maldizendo a ladroice dos cobradores da herança, e ao mesmo tempo gargalhando do logro que haviam pregado aos verdadeiros pobres, favorecidos nos testamentos.

Quanto aos outros herdeiros, temos, entre os mais contemplados, Pedro de Magalhães, que arredondou duzentos mil cruzados com os cem mil que recebera do dote de Cristina. Com este acréscimo a casa de Garfe primou entre as mais gradas da comarca.

Os outros seis irmãos de Manuel Vieira receberam cinquenta mil cruzados cada um.

Digamos de corrida a posição destes seis filhos de padre Bento Ribeiro, nenhum dos quais passava dos quarenta anos.

António da Anastácia, o da vocação de capador, trocara a gaita deste alegre ofício pelas armas: era sargento de cavalaria; e, como pedisse logo a baixa para pacificamente governar os seus bens, ficou chamando-se o António *Cavalaria*.

Matias do Couto, fiel à sua aspiração, era cornetim de uma banda militar. Desligou-se da tropa, e assentou residência em Braga, onde tinha casado.

Leonel Roixo, o das propensões a magarefe, tinha um açougue em Barcelos; e, depois da herança, abriu mais três em diversos pontos do Minho: era inclinação sincera e invencível.

Caetano Simões casara com uma lavradeira remediada de Cerzedelo, e dispensara-se da tripeça que tanto em Londres lhe acenara; no entanto, dizia-se que ele, para matar a paixão, algumas vezes fizera uso da sovela no corpo da mulher. Este homem era alcunhado o *Torno* de Cerzedelo, porque uma vez castigara um filho empregando aquele instrumento em lhe apertar as orelhas.

Raimundo da Luísa, que não queria ser nada, fez-se sacristão no mosteiro de Vilar-de-Frades; e, recebida a herança, comprou uma quinta em Telheiros, fez-lhe capela, gastou muito em alcançar licença de ter missa em casa, à qual ele ajudava com a maior perfeição e compostura, excelências que lhe granjearam para esposa uma viúva beata e rica. Chamavam-lhe o *Bonzo*, à conta da sua gravidade e pachorra fradesca.

Francisco Tamanqueiro (assim alcunhado em razão de sua mãe ter sido casada com um fabricante de tamancos), posto que aspirasse à vida clerical, examinou-se de cirurgia nas enfermarias do hospital de S. Marcos, em Braga; porém, depois de um tirocínio médico digno da força pelos muitos homicídios que perpetrou, abriu mão do perverso ofício e fez-se boticário, para se vingar nos que lhe fugiram das receitas. Este, com acertada chacota, era chamado o *Mata-sanos*. Honremos-lhe, porém, a memória, louvando-o por haver trancado a botica e vendido as garrafas do veneno, assim que recebeu os cinquenta mil cruzados – Isto pelo que respeita aos filhos de padre Bento Ribeiro.

O irmão de João Veríssimo Vieira já não vivia. Desgostos e remorsos o tinham matado. Tivera dois filhos e uma filha. O mais velho mandara-o estudar para clérigo; e, quando o esperava com ordens sacras, soube que o seu padre, como ele o já apelidava em afronta do tio, se havia casado clandestinamente com uma concubina de cônego, extremadamente formosa, chamada a *Ruça das Laranjeiras*, sobrenome que lhe vinha do sítio onde morava em Braga. O outro filho, a quem ele deu a casa, amoriscou-se de uma jornaleira, e casou com ela.

A filha, estando em Braga a ouvir uns missionários falperristas, depois de rebater com exorcismos a tentação diabólica, sucumbiu no prélio desigual, deixando-se raptar por um tenente de cavalaria, que a levou para a Ilha do Faial. Desta última lançada caiu traspassado na sepultura o homem que negara socorros a seu irmão cego, porque ele virtuosamente se casara com a tecedeira de Geraz.

Os dois irmãos brigaram depois por causa dos patrimónios, esfaqueando-se, e desbarataram a casa em pleitos criminais.

Quando Manuel Vieira faleceu já viviam eles da caridade de seu tio, enquanto sua irmã, já repatriada e sem vestígios da beleza que incitara o descaroadado tenente, era ama seca de meninos em Geraz. Cada um destes co-herdeiros recebeu trinta mil cruzados.

Viviam nas Courelas seis primos e primas de Manuel Vieira, filhas de duas irmãs de sua mãe, já com numerosa descendência, exemplar de honestíssimo porte. Recebeu mais de cem contos esta família. As raparigas solteiras casaram com lavradores abastados, e os rapazes seguiram vários rumos, professando alguns em conventos ricos.

Existia um filho e uma neta de Leonardo Cigano, chamada a menina de Simões, da qual se há de escrever oportunamente mais comprida história.

Os netos do alferes de Cima-de-Vila cobraram o prémio da caridade de sua avó. No lugar do cardenho erigiram uma capela da invocação de Santa Isabel, rainha portuguesa, modelo maviosíssimo da caridade cristã.

Agora, diremos de uns que não herdaram e todavia prevaleceram aos herdeiros no melhor quinhão da herança de Londres.

Dois homens endinheirados e ladinos se travaram de mão na fraudulenta cobrança dos legados dos pobres, e ainda nas heranças dos irmãos do testador: eram um ricaço de Travassos, chamado o Brasileiro, e outro de igual pulso pecuniário, de Varzielas, de apelido o *doutor*, bem que não houvesse estudado leis na Universidade; mas as burlas de velhaco demandista condecoraram-no, a um tempo, do cognome de doutor e do proveito de sua destreza.

Cresceram-lhes aos dois, a olhos vistos, os haveres na liquidação da herança, e com eles a reputação de ladrões – labéu que não os tresnoitava nem impedia no regular amanhã dos seus negócios. O brasileiro ordenou uns filhos de clérigos regulares, arranjou outros em claustros de Bernardos e Bentos, fez algumas filhas também religiosas, e esperava morrer contente com tamanha posteridade, bem armada de sotainas e cogulas para disputarem a Beelzebut a alma de seu pai.

O doutor, menos glorioso de ostentações, amou nos esconderijos de sua casa os sacos das peças, e mandou a Inglaterra doutorar-se em cirurgião o único filho que tinha para aproveitar a parte do legado de alguns mil cruzados que Manuel Vieira testara a três moços da comarca da Povoia de Lanhoso, a fim de se habilitarem cirurgiões pela Universidade de Londres. Por ventura, tão caridoso alvitre incitara-o o curativo da cegueira de João Veríssimo, que tantos anos chorara em trevas, à míngua de operador de cataratas.

O doutor de Varzielas e o brasileiro de Travassos receram, bem avisados, que a plebe, esbrugados os ossos da herança cuja polpa eles tinham espostejado entre si, lhes desse assalto às casas.

Era prudente o medo, logo que, desbaratadas as sessenta moedas de cada operário ou artista, desafeito da enxada ou da bigorna, uns a outros propusessem a liquidação por fazer da grande parte da herança roubada aos pobres. E, entretanto que os perdulários, por feiras e romarias, esbanjavam o oiro não sagrado do suor

de seu rosto, tanto o brasileiro como o doutor, previstos como todos os velhacos espiritados pela fortuna, mudaram residência para Braga.

Sumariando os males que imediatamente à distribuição do dinheiro se experimentaram, não houve no decurso do ano seguinte jornaleiro nem oficial de alguma arte que aceitasse trabalho. As filhas dos lavradores, vendo as jornaleiras equipadas de grilhões e arrecadas de oiro, afligiam os pais com rogos de iguais infeites; e, se lhos negavam, fugiam da labutação dos campos, compelindo os pais a premiarem-lhes a desmoralização da desobediência. Convergiram àqueles sítios jogadores de longe, sendo a esquineta o jogo mais na voga e livremente exercido em público.

Alguns lucros arditosamente concedidos aos jogadores boçais tal engodo foram para todos que, a poucos passos, a paixão do ganho e a desesperação das perdas arrastaram alguns centenares daqueles cegos à extrema pobreza, enquanto outros, iludidos pela sorte, campeavam de afortunados, até esbarrarem na voragem comum.

Duas especialidades de luxo, de algum modo ridículas, se manifestaram naquele gentio de oitocentas pessoas, apostadas a dissiparem algumas centenas de contos: uma era que todo o herdeiro comprou seu garrano; a outra era regular cada qual o seu tempo por dois relógios à feição dos «incríveis» do Diretório em França. Em dia de romagem, de cada freguesia regurgitava uma caravana de romeiros, cavalgados em garranos, gritando à desgarrada: «Viva Londres!» e, à porta de cada taverna, se algum ébrio bastante cínico bebia à saúde do defunto Manuel Vieira, a chusma gargalhava, babujando com a espuma do vinho uns chascos vilanazes como eles esvurmam desta ralé do Minho, a mais bestial raça que estanceia na Europa.

II

Dessa turba dos oitocentos herdeiros não vem ao nosso intento particularizar a rápida queda em pobreza, piorada por vícios adquiridos. A muitos cortou-os a morte no catre dos hospitais, nas brigas das romarias, nas casas de jogo em desavenças travadas à faca de ponta. Bastantes voltaram à mendiguez; poucos ao trabalho agrícola, e os mais deles, decorridos alguns anos, alistaram-se no exército contra a invasão francesa, e aí foram mais temíveis no saque dos seus concidadãos que as hordas invasoras. Oportunamente, encontraremos alguns em Braga, a seivarem o seu patriotismo no cadáver acutilado do general Bernardim Freire, e nas gavetas dos cidadãos bracarense.

Outros personagens, a quem o oiro complanou a estrada de infortúnios menos ordinários, nos desviam a atenção daquele vulgacho, que não tem à margem do seu infecto lamaçal flor onde a elegia libe uma lágrima, nem face inocente onde a piedade possa enxugá-la.

Vamos ver que linda criança é esta que lá chamam a menina de Simães; e, aos quinze anos de idade, tão apregoada já anda como noiva de morgados que a pedem, e se disputam a preferência, retaliando-se na pureza das castas.

A menina de Simães, de nome Rosa, é uma das quinhoeiras da herança de Londres, e das mais avantajadas, por ser neta daquele Leonardo Cigano, o almocreve que matara a fome de Manuel Vieira,

em Braga, e lhe dera farta subsistência para chegar ao Porto, sem esmolar. Seu pai, também alcunhado o *Cigano*, era bufarinheiro, ou tendeiro volante, de uns que divagam com recova de cavalgadas, quando inesperadamente se viu na posse de passante duzentos mil cruzados.

Deu de mão ao negócio, e comprou a grande quinta de Simões, com prédio apalaçado ao gosto antigo. Tinha unicamente uma filha, já orfanada de mãe. Aconselharam-lhe que a mandasse educar em colégio, ou lhe tomasse mestra de prendas para casa. Bernardo Cigano refutava os conselheiros com muitas razões que ainda hoje vigoram nas povoações sertanejas de Portugal, sendo bastantemente persuasiva a que dispensava Rosa de saber prendas, pois tinha que farte dinheiro para se servir de criadas prendadas. Não obstante, Rosa, entre os seis e doze anos, recebeu em um colégio do Porto a melhor educação literária, que podia receber naquele tempo.

Era a menina de Simões bonita e delicada de formas. Descendia de uma casta de mulheres que os velhos do concelho de Lanhoso não encareciam por virtudes, mas celebravam por boniteza com feitiços de ciganagem. Os mais antigos tinham ouvido contar a seus avós que a primeira mulher daquela geração boémia viera do cabo do mundo com um fidalgo de apelidos Berredo Marramaque, castelão de Lanhoso, e inçara aquelas terras de guapas mocetonas e latagões afoitos e gentis. A tradição corria alterada quanto à procedência da cigana, que não era bem do cabo do mundo. Com certeza, um Simeão Pereira de Berredo Marramaque, senhor do castelo de Lanhoso, trouxera de Espanha, por meado do século xvi, uma *gitana*, oriunda de França, e de lá expulsa com os de sua raça por uma ordenação, chamada de Orléans, promulgada com severíssimas penas em 1560. É também certo que a zíngara procriou, de harmonia com o senhor donatário, descendência que por ali ficou na camada inferior da sociedade, bem que as mulheres de tal linhagem se distinguissem por formosura, e os homens por atividade industriosa.

Ninguém, todavia, destrinchava a progénie de Rosa de Simões, a presuntiva herdeira do maior património dos três concelhos vizinhos.

Um dos noivos oferecidos a Bernardo Cigano era um neto de padre Bento e de Paula de Magalhães, o primogénito de Cristina, o qual, àquele tempo, 1801, cursava a faculdade jurídica na Universidade de Coimbra. Este viria a ser o marido da filha do cigano, ainda então muito nova, se não se interpusesse grande calamidade. Na florente vida dos dezanove anos, e no quarto ano de formatura, morreu Luís de Magalhães, atravessado pela baioneta de um miliciano, na luta travada entre os académicos e o regimento de milícias de Coimbra. Desta desgraça daremos, no mais oportuno lance deste livro, notícia particularizada, quando mencionarmos os infortúnios da família de Garfe.

Por ora, não nos convém perder de vista a menina de Simões, cujas lágrimas pelo noivo assassinado não foram muitas, nem tenho a certeza de que fossem algumas. Ia nos treze anos. Nestas idades, e em clima temperado, o amor filogínio está tão embrionário que uma menina, se é de cá, e à míngua de muito ler não tem ares de fora, não sabe, nem pode chorar por noivos. Rosinha, sobre ser tão flor em botão, era tão insensitiva como as flores.

Não assim, passados quatro anos, quando um filho do capitão-mor de Calvos, alferes do segundo regimento do Porto, esbelto mancebo, ousado, galanteador e sem grandes preconceitos de honra, apareceu naqueles sítios, com licença de alguns meses.

As virtudes portuguesas em 1806 orçavam por estas de 1873; mas os alferes daquele tempo, quando acertavam de ser galãs e namoradiços, tinham mais vitriolo no coração que todo um estado-maior de hoje em dia.

Era ruim laia de fidalgo Alexandre José Gonçalves, filho do capitão-mor de Calvos. Este apelido *Gonçalves*, de que não usam os solarengos modernos (*solarengo* antigo vinha de *solar*; o moderno vem de *sola*: entre as duas derivações está o *Progresso*), usava-o com grande ufanía o capitão-mor, introncando-se por bastardia nos Gonçalves

Pereiras e Berredos do castelo de Lanhoso. Os egrégios antepassados de Alexandre deram ao seu representante azo de introduzir-se no grémio das famílias ilustres do Porto, entre as quais deu trela à sua libertina condição, apaixonando as meninas aristocratas, e campando de as pôr em rivalidade. Alguns maridos não o consideravam hóspede extremamente digno de confiança; e destes, dois ou mais, se não o estocaram de lado a lado, foi por evitar escândalo.

Tal era o alferes que por incidente encontrara a menina de Simães, em casa de sua prima Josefina da Mota, filha do sargento-mor de Fonte-Arcada.

Bernardo, como aspirasse a dar à filha a convivência de senhoras, colheu ótima ocasião, quando emprestou alguns mil cruzados ao sargento-mor, Cristóvão da Motta, pai daquela menina, que se criara pelas salas de Lisboa. O fidalgo, percebendo a ambição perdoável do Cigano enriquecido, e, sobre rico, serviçal, foi com sua filha visitar a Rosinha de Simães, e abrir-lhe assim ensejo de se relacionarem e entreverem a miúdo.

Rosa passava temporadas em Fonte-Arcada, e era tão querida de Josefina que se tratavam de *tu*, com secreta mágoa do sargento-mor, devedor quasi insolúvel de Bernardo. Este Mota lembrava-se muito do almocreve Leonardo Cigano, avô de Rosa, e da tia Teresa Crasta – a cantadeira – mãe da amiga íntima de sua filha. Ora, de mais a mais, o sargento-mor tinha brasão de armas que o fazia descender dos Motas da Torre, ínclita estirpe de D. Mem de Gundar, capitão da hoste do conde D. Henrique. O que ele não tinha era a costela fidalga, rija e inflexa que impede arquear-se o peito em zumbaias ao dinheiro dum vilão. No mais, tinha coisas magníficas, a filha, por exemplo, que era beleza a primor, muito mais distinta que Rosa, no porte, nos ademanos, naquilo que transluz nobilíssima natureza e grandes espíritos em corpo de pouca seiva.

Quando Alexandre Gonçalves encarou nas duas amigas, amou-as ambas imediatamente e simultaneamente, fiel ao seu costume panteísta de idolatrar a mesma essência divina em todas as meninas galantes.

A de Simães purpurejou-se escaldada pelo ardor petulante dos olhos do alferes; mas folgava de ver e ouvir aquele mocetão fardado, palavroso, alegre, estouvado, dizedor de historietas das damas portuguesas relativas a lances de amores: era, enfim, o primeiro homem que lhe aparecia com o prestígio da educação e dos artifícios, aos dezassete anos de idade. Os que ela até então conhecera eram uns morgados canhestros, lerdos, parvoeirões no feitio e nos dizeres, honestos, e talvez com excelentes predicados para maridos, mas prendados da maior sensaboria.

Rosa cativou-se tão seriamente que não estranhou a declaração, seguida da prova do ósculo, que, em 1806, não era ato indiferente como hoje, em que um beijo se dá e recebe como sinal de respeito na mão, e de amizade na fronte; mas ato de mediana limpeza em qualquer das manifestações labiais.

Se a menina de Simães reparasse com atenção experiente nos mal rebuçados modos e frases de Josefina, entenderia que as suas confidências amorosas lhe despraziam. Também ela, a filha do sargento-mor, amava o primo, desde as primeiras flores que lhe ele dera, na véspera de apartamento de ambos, um para as aulas de Braga, e Josefina para o colégio em Lisboa. Viram-se após nove anos de ausência. Ela amava-o ainda; ele amou-a de novo, e estava sempre pronto a reamá-la e esquecer-la, quantas vezes se vissem e se apartassem. Não obstante, Alexandre, alardeando fortunas com seus amigos, dizia:

– A única mulher que eu respeitei e respeitarei sempre, é minha prima de Fonte-Arcada.

– É feia? – perguntavam-lhe os outros, fundando o respeito na froixidão do estímulo.

– É a mais formosa mulher que tenho visto.

– Então, guardas imaculada a tua prima para a vida honesta de marido?

– Se eu casar, hei de preferi-la à mais rica princesa da Europa.

– E sabes se ela te prefere aos príncipes persas e tártaros que hão de enviar a Portugal os seus embaixadores, a pedirem a mão

da rainha de Fonte-Arcada? – perguntava-lhe o morgado de Vilar de Perdizes, fidalgo portuense, seu émulo em triunfos, e fino jogador de ironias.

– Tenho tanta certeza que ela me adora como a tenho de que tu, como morgado que és, tens em ti dois morgados tolos, com pretensão a três.

– Mas que nos contas da outra? – perguntou Augusto Alcoforado, da casa da Silva, gentilíssimo moço, que todas as damas do Porto requestavam.

– De qual outra? – disse Alexandre.

– As mulheres deste sujeito – interveio o morgado da Ínsua, sorrindo – estão numeradas como as praças da sua companhia. Pergunta-lhe pela 33, que é o número da tal Rosa... desfolhada.

Esta palestra passava-se em casa de D. António de Amorim, na Praça Nova das Hortas, no Porto, seis meses depois do primeiro encontro de Alexandre com a neta de Leonardo Cigano. Aquela frase *Rosa... desfolhada* teria profundo mistério, se as reticências não fossem inventadas para acabar com os mistérios desta espécie.

Alexandre, expansivo quanto cabe na fatuidade dos vinte e três anos corrompidos, havia alardeado a conquista de certa menina, que valia duzentos e cinquenta a trezentos mil cruzados, metal sonante, chamada a *Rosinha de Simães*. O poeta João António Frederico Ferro, conviva faceiro dos rapazes de esfera alta, compôs logo ali uma espécie de solau, sob o título «Rosinha de Simães» cujo remate era assim conceituoso:

.....
 E, segundo reza a lenda,
 Rosa, a joia das mulheres,
 Esquecendo-se da tenda,
 Amou a banda do alferes.
 Já na Flora eu conhecia
 (Messieurs, il faut m'entendre)
 A rosa de Alexandria;
 Haja Rosa de Alexandre.

Mas olor, frescura e viço
Ó florinha já não tens;
Nós, que não somos papalvos,
Deste Alexandre de Calvos,
Bem conhecemos o inguiço,
Pobre Rosa de Simães!

Ate já se desconfia
(Fundo-me em alta razão)
Que a Rosa os viços perdia
Por ter no seio um botão.
E, embora a moral se queixe,
Venha o menino! Hão de ver
Que nadador há de ser,
Sendo filho de tal peixe!

Brindaram todos a Frederico Ferro! Alexandre Gonçalves ouviu aquilo jubiloso, como Vasco da Gama ouviria as suas façanhas na epopeia de Camões.

Ah! lacrimáveis senhoras rurais daquele tempo! Se soubésseis o que eram os filhos de capitães-mores que vos açabarcavam e mais aos presuntos das vossas salgadeiras!...

III

A peca poesia do futuro épico da invasão francesa aos mosteiros femininos do Porto deixou-nos esclarecidos e edificados. A linguagem dos anjos expressou as durezas que repugnam ao pudor da prosa. Sabemos, pois, que a menina de Simães, tão inocentemente se devotara que, ainda depois de imolada, se nos pinta mais cândida, sem nódoa na alma, porque o pesar da queda lhe não morde a consciência. Mulheres perdidas são umas que perdidas se julgam.

Nem ainda quando Josefina, sua confidente involuntária, lhe condenou, quasi injuriando-a, a loucura, ela viu sequer a possibilidade de ser desgraçada.

– Porquê? – argumentava Rosa – Meu pai deixa-me casar com Alexandre.

– E quem te disse que Alexandre quer casar contigo? – acudiu a outra despeitada.

– Quem mo disse?... Foi ele!...

– E fias-te em meu primo! –olveu Josefina sofrendo as lágrimas e o ciúme – Se tu soubesses quantas infelizes esperam a realização de iguais promessas!...

– Pois ele havia de enganar-me?! – acudiu a neta da *gitana* com os olhos fulgentes de estranho lume – Não me digas isso, Josefina!

– Mas, se ele quer casar contigo, quem o impede? – redarguiu a outra com desdenhosa ironia – És tão rica e ele é tão livre! Meu

tio capitão-mor tem a casa tão empenhada como nós. Tomara ele uma nora que lhe levasse duzentos e cinquenta ou trezentos mil cruzados! Não sei realmente quem embaraça o primo Alexandre de casar contigo agora! Perguntaste-lho?

– Eu não, nem me importava. Eu amo-o tanto que não pensei ainda em casamento, senão depois que tu me estás a dizer coisas impossíveis, minha querida amiga!...

– Impossíveis... – murmurou sorrindo cruelmente a filha do sargento-mor – Não sabes o que é o mundo, Rosa... Não ouviste umas histórias que ele nos contou? As paixões de fulanas e sicranas?

– Ouvi; mas isso que tem?... O Alexandre não é capaz de me enganar...

– E, se enganar... olha tu que desgraça... que hás de tu fazer? que fará teu pai?... Tanto te pedi que lhe não falasses sozinha!... e chegaste a mentir-me, prometendo-me que não o deixarias ir às escondidas a tua casa...

– Pois sim, tu dizes bem; mas, se o amasses como eu o amo...

Josefina estrangulou um gemido no coração, e cortou o diálogo que lhe era aflitivo pelo constrangimento com que disfarçava grande amor, grande ódio, e ainda receio de que a riqueza de Rosa lhe fosse mérito e distinção entre todas as mulheres amadas e rejeitadas.

Ora, a ingénua confiança de Rosa, no honesto desenlace do seu erro, começou a esmorecer-lhe desde que Josefina tão penetrantemente lhe sangrara o coração, e talvez o orgulho de rica herdeira.

Neste em meio, Bernardo teve revelações do estado de sua filha, pela governante da casa, que a menina não autorizara. Este homem do povo ínfimo sentiu os fidalgos brios, a chispa que ressalta das algibeiras repletas e abrasa o fluido nervoso. Os olhos coruscaram umas áscuas que puseram medo à denunciante do próximo aumento da família.

Arquejou alguns minutos, abrindo e fechando as mãos, como a fera que exercita a flexura das garras. Depois, levando os punhos aos olhos como para reter as lágrimas, arrancava uns rugidos soturnos.

Neste lance, a filha, ignorante da denúncia, entrou ao salão onde o pai gesticulava, esmurraçando as próprias faces. Assim que a pressentiu, travou-lhe do braço, levou-a de rojo ao fundo da sala, e disse-lhe tartamudo:

– Então, malvada, envergonhaste os meus cabelos brancos?...

– Ó meu pai... – exclamou Rosa, pondo as mãos – não lhe faça mal, que ele casa comigo.

– Quando? – bradou Bernardo – Já?

– Ele está no regimento... Assim que vier...

– Bem!... eu to vou buscar ao Porto... Se não vier, reza-lhe por alma! E tu vai-te preparando para entrares num convento, num recolhimento, no inferno, onde eu te não veja mais!...

Enquanto o irritado velho se apercebia para a jornada, Rosa escreveu a Josefina consternadamente contando-lhe o sucedido, e rogando-lhe que avisasse Alexandre. A menina de Fonte-Arcada enviou ao Porto, por caminhos de atalho, um próprio que, encurtando a jornada, precedeu algumas horas Bernardo.

Alexandre, lendo o aviso, sorriu-se, no ponto em que sua prima lhe pedia que se acautelasse das iras do cigano. Das angústias de Rosa não dizia nada a informadora.

Relampagueou no espírito do alferes a cena de D. João Tenório e do comendador; mas para logo a prosápia do neto dos Berredos lhe pintou o pai de Rosa, tendeiro ambulante e não comendador. Feito o lisonjeiro paralelo, Alexandre deitou-se a dormir a sesta, e adormeceu cismando no terno alvoroço de sua prima Josefina.

Quando despertou na sua câmara do quartel, alguns camaradas e fidalgos entraram de roldão anunciando-lhe que era procurado por um homem de catadura sinistra.

– Que entre esse homem de catadura sinistra – disse o alferes ao seu auxiliar.

Voltou o auxiliar, dizendo que a pessoa que o procurava era Bernardo de Simões, e desejava falar particularmente com o senhor alferes.

– Meus amigos – disse Alexandre – tenham a bondade de ceder o canapé ao sr. Bernardo de Simães.

O morgado de Vilar de Perdizes, correndo a escova nas lapelas de alterosa gola da casaca verde, recitou com ênfase burlesco:

Mas olor, frescura e viço,
 Ó florinha, já não tens;
 Nós, que não somos papalvos,
 Deste Alexandre de Calvos,
 Bem conhecemos o inguiço,
 Pobre Rosa de Simães!...

Naquele tempo, leitor socialista, o dinheiro não era ainda alçaprema que nivelasse o homem peão com a espora de oiro do cavaleiro fidalgo. Os direitos do cidadão, a rasoira equitativa da lei, a igualdade dos variadíssimos exemplares da espécie humana eram apenas embriões que levedavam nas magnânimas almas de Fernandes Tomaz, Ferreira Borges, Gomes Freire e dos mais a quem não erigistes estátuas, ó burgueses, porque preferistes dá-las aos reis que eles educaram ou obrigaram a ser liberais.

Verdade é que Bernardo, sobre ser rico, era pai, entranhadamente vulnerado em coração e honra. Tal pai, com os cem contos daquele, hoje em dia, se um alferes da casa dos Marialvas ou dos Braganças lhe desonrasse a filha, em vez de deixar a barba intonsa como o Barbado de Veiros, desdourado pelo mestre de Avis, arrancaria os bigodes calamistrados ao sedutor de sua filha.

Bernardo de Simães iludira-se, quando, na vertigem de sua honrada ira, se lhe prefigurou ser o homem de meio século depois.

Como o impulso da vindicta ressortira mais da riqueza que da consciência de sua dignidade de homem igual a outro, assim que entrou ao quartel do 2.º regimento, e viu o remexer dos soldados, a lépida turba dos oficiais, o bulício da armaria, a toada das cornetas, o rufar das caixas, enfim a atividade da força que resguardava o poderio dos grandes e dos pequenos déspotas, aquele homem do

povo olhou em si, e viu-se insignificante. Esfriara-o já a timidez, sentia-se mais homem para exorar do que para arguir, quando o camarada do alferes o mandou entrar.

Alexandre recebeu-o urbanamente, chegando-lhe cadeira. Bernardo, hesitando sentar-se, balbuciava expressões de agradecimento. A primeira frase que lhe saiu do coração foi eloquente e sagrada: era lágrimas. Os soluços cortavam-lhe as outras que vibravam trémulas de imensa agonia.

O alferes era mais castigado por aquelas lágrimas do que esperava ser pelas queixas desabridas. Estava compungido; a euménide da consciência apertava-lhe a alma; as palavras não lhe ocorriam como disfarce ao vexame que lhe impunha a humildade do velho.

– Eu venho aqui, sr. Alexandre – disse Bernardo com interca-dências de soluços – saber qual é a tenção de V. S.^a a respeito da minha filha. Esta desgraça nunca me passou pela ideia! Cuidava eu que a minha filha se portava honradamente... Enganei-me... O amor que lhe tenho não me deixa... matá-la; se não lhe quisesse tanto, antes a queria na cova que difamada. Enfim, sr. Alexandre..., V. S.^a tem irmãs; imagine que lhas desonram: e verá que a dor de um pai deve ser muito maior, sem comparação... Declaro-lhe, senhor, que eu assim com este labéu não posso viver... Se V. S.^a não casa com minha filha sem perda de tempo, faça-me uma esmola; pegue da sua espada e trespasse-me o coração com ela, que eu perdoo-lhe a morte!...

Empediram-no os gemidos ansiadíssimos que desde o começo lhe cortavam as palavras.

O alferes, obedecendo ao irrefletido impulso da comiseração, aproximou-se do pai de Rosa, e apertando-lhe a mão com transporte, disse em tom de sinceridade:

– Amo sua filha, e respeito a sua dor, sr. Bernardo. Não tema que ela fique infamada. Prometi a sua filha ser seu marido. Não lho disse ela?

– Sim, senhor, disse... – respondeu Bernardo em cujo semblante sorriam assomos de contentamento.

– Pois que razão dei eu para que se duvide da minha palavra?

– Creio na sua palavra; – replicou o velho – mas, se tem tenção de cumprir a sua promessa, porque não há de ser já?... sr. Alexandre, eu sou rico, minha filha é a maior herdeira das nossas terras...

– Senhor Bernardo – atalhou com sobranceira o descendente dos senhores de Lanhoso – a mim as lágrimas podem mover-me; o dinheiro, não. Diga-me que sua filha tem riquezas da alma que a estremam das ignóbeis criaturas a quem o acaso de uma herança fez opulentas. Declaro-lhe que amei sua filha sem pensar que há de ser a sua herdeira. O dinheiro que a faz tão pretendida é parte de uma onda de oiro que lavou muitos ferretes do corpo de muitos miseráveis, mas deixou a descoberto os da alma. A gentalha, enriquecida pela herança de Londres, tem dado tamanhos pulos para fora do seu lamaçal – está tão atrevida com a embriaguez do oiro – que se tornará incorrigível, se as pessoas, que não herdaram do filho do padre de Rendufinho, lhe não lançarem cabeções. Sr. Bernardo, eu desejo até ignorar que sua filha é co-herdeira com os filhos de padre Bento da Mó...

– E com o morgado de Garfe – acrescentou o velho.

– Bem sei; e vossemecê também sabe as felicidades que lá vão por Garfe. Um filho de Cristina foi morto à baionetada, o outro, Jerónimo de Magalhães, foi degredado para a Índia.

– Mas, sr. Alexandre – objetou o velho – que tem a herança que nos deixou um homem honrado e bom, com a vida desordenada desses dois infelizes moços?

– Não sei; o que sei é que o dinheiro desse tal negociante honrado e bom, está corrompendo os bons costumes da terra onde ele entrou como ramo de peste. Eu, por mim, antes quisera casar com a filha de Bernardo, o laborioso tendeiro, que com a poderosa herdeira do ricaço de Simães... Em resumo – prosseguiu o filho do capitão-mor de Calvos – vá vossemecê para sua casa, na certeza de que eu, desde hoje começo os preparativos para casar com sua filha. Dei a minha palavra de cavalheiro!

– Preparativos?! – interrompeu Bernardo receiosamente e como admirado.

– Sim: vossemecê sabe que tenho pai a quem dar conta e pedir licença, em ato de tamanha importância.

– Sim..., é justo... – respondeu ressentidamente Bernardo – Oxalá que V. S.^a tivesse dito a minha filha que não se devia esquecer de seu pai, quando me trouxe a esta desgraçada posição... E, se o senhor capitão-mor de Calvos lhe não der licença...

– Não antecipemos casos, sr. Bernardo – replicou um tanto estomagado o moço fidalgo – Meu pai é homem de bem...

– Quem duvida?...

– Mas não se lembre, senhor Bernardo, que meu pai consente por ter a casa empenhada, e porque sua filha tem o valor de três casas maiores que a do capitão-mor de Calvos. Meu pai há de ceder menos de vontade do que cederia se sua filha nada tivesse de seu.

Quando se apartaram, já a dúvida repungia no ânimo do velho, e o entusiasmo do dever esfriara no ânimo de Alexandre.

Em resultado, o filho do almocreve ia repeso de sua humildade, e o fidalgo ficou descontente da sua sentimental condescendência. De si para si, dizia Bernardo que não deveria retirar-se sem lhe dar a perceber que as lágrimas choradas, se não fossem atendidas, haviam de ser pagas a sangue. O alferes, por seu lado, increpava-se de ter-se apoucado em delongas e cortesias; porém, quanto a transgredir a promessa do casamento, quando lhe negrejava semelhante ideia, tamanha desonra parecia-lhe infame... posto que vulgar.

Ora, mau é que um vício, que nos repugna, nos pareça vulgar, impune, e além de impune, considerado magia fascinadora de um homem cujo coração é abismo onde as mulheres, sorrindo como as mártires das religiões, se deixam engolfar.

Fernão Gonçalves, capitão-mor de Calvos, era administrador de um vínculo mediano. Tinha duas filhas, sem dote, porque os poucos bens livres devorava-lhos o juro das dívidas – e quasi sem alimentos legais, se o morgado lhos não esmolasse. Pois, apesar do ruim futuro delas que ao pai se antolhava, quando um abastado proprietário pediu uma e um juiz de fora a outra, o capitão-mor negou-lhas, porque os pretendentes não tinham nos seus arquivos certidões autênticas, donde constasse que seus avós eram mais ou menos primos dos Fruelas e Ordonhos. Ele, Fernão Gonçalves, havia dado exemplo de fidalga isenção quando casou com sua parenta de Fonte-Arcada, filha segunda, que apenas lhe levava em dote algumas onças de sangue de Mem de Gundar, capitão do conde D. Henrique, as quais serviram para enriquecer o sangue da sua posteridade.

Um pai de tal têmpera só por milagre de compaixão, ou de temor de Deus, consentiria que o seu filho e sucessor, em bens vinculados por 1554, casasse com a filha de Bernardo, o tendeiro, e de Teresa Crasta, a cantadeira. A resposta foi um redondo *não*, lardeado de injúrias aos baixos sentimentos do filho; e acrescentava:

– No teu requerimento falta uma vilania. Desta falta te dou e me dou os parabéns: é não me dizeres que a filha do tendeiro tem duzentos e cinquenta mil cruzados. Se em respeito à minha dignidade omitiste a referida circunstância, eu to agradeço. Sobre

tal assunto, ponto final. Espera que eu morra, e depois, se te parecer, mistura os meus ossos com os ossos dos descendentes dos ciganos.

Respeitáveis preconceitos, e mais ainda em pai que se tratava mesquinamente para que seu filho ombreasse, no exército, com os mancebos de sua plana, e ganhasse na carreira das armas um posto donde auferisse decência condigna da sua origem, já que os bens lha não permitiam.

As revelações do filho, quanto à situação gravíssima de Rosa, essas resvalaram na sensibilidade do capitão-mor. Casos análogos e frequentes em seus antepassados, o mais que tinham produzido era alguns bastardos para a Índia, para as capitânicas do Brasil, ou para os mosteiros. Bons frades e bons soldados haviam saído da casa de Calvos sem quererem saber os nomes das mães, aliás de mais limpo berço que a filha de Bernardo.

Alexandre respeitou o ponto final acentuado severamente. Restava-lhe a desobediência; mas concorriam dois fortes impecos a retê-lo nos limites da submissão; primeiro o respeito e afeto ao pai que o estremecia; depois, a frouxidão de incentivos amorosos.

Assim mesmo, a dignidade insurgia-se contra a condescendência, do mesmo passo que Rosa lhe escrevia magoadoras queixas da sua demora.

Recorreu Alexandre a um tio prelado no mosteiro beneditino de Santo Tirso, pedindo-lhe que amolentasse religiosamente a dureza do irmão. Respondeu-lhe o frade que tão pouco juízo tivera ele seduzindo, como essa criatura femeal que não soubera cumprir os seus deveres. Discorreu derramadamente acerca dos danos causados por mulheres: citou Helena, Betesabé, Dalila, Florinda, e até Ana Bolena. Depois, enviou-lhe a sua bênção, e seis peças de duas caras, muito mais ungidadas que a bênção do tal moralista de Bolenas.

Decorreram estes sucessos até começo do ano 1807. As ameaças da invasão francesa abriram pretexto à dilação do cumprimento da palavra. Neste em meio, o fervor honesto com que Alexandre ideava expedientes de reduzir o pai ao dever, e à comiserção

de Rosa, a pouco e pouco atenuou-se até um quasi desleixo e esquecimento. Todavia, sobravam estimulantes mais que nunca a doer-lhe na lembrança.

Rosa era mãe; e dois meses depois era órfã.

Bernardo, desde a hora em que ouviu os gritos da filha, mal abafados pela mão da desonra, fechou-se no seu quarto, repelindo as súplicas lacrimosas de Rosa. Uma vez arrancara ele de furioso ímpeto para fora do quarto: ia armado de clavina, bradando que não voltaria a casa sem ter matado Alexandre. A filha ajoelhou-se diante de seu pai com um menino nos braços, soluçando muitos rogos piedosos, e jurando-lhe que Alexandre viria beijar aquela criancinha e chamar-lhe filho.

O velho reteve-se; mas, tornando-se ao seu esconderijo, lá agonizou por espaço de mês. Nos frenesis que precederam o vasquejar da vida, amaldiçoava a herança de Londres, clamando que, desde que enriquecera, nunca mais tivera um dia de paz e contentamento.

Rosa, falecido o pai, vivia solitária com seu filho, que recebeu no batistério o nome de *Serafim*. Convidara para madrinha a sua amiga Josefina, que se desculpou de não aceitar, porque seu pai lho proibia, e seu tio capitão-mor de Calvos lho levaria a mal. Rosa chorou amargamente esta inesperada desfeita, e escolheu para comadre uma das pobres a quem dava jantar no pátio de sua casa.

Na correnteza dos anos 1808 e 1809, Alexandre Gonçalves, já tenente condecorado por façanhas praticadas sob o comando de Wellington, não deu de si, sequer, piedosas novas à opulenta e desgraçada senhora de Simões. Contava-lhe, porém, o feitor de sua casa que D.^a Josefina de Fonte-Arcada recebia frequentemente cartas de seu primo. Enviou-lhe Rosa o seu capelão a pedir-lhe notícias de Alexandre. A menina respondeu que seu primo passava menos mal.

Tal resposta encolerizou-a até ao extremo de querer ir a Fonte-Arcada pedir satisfação da recusa do batizado e do modo desde-

nho como a prima de Alexandre lhe respondera. Contrariou-a o feitor, aconselhando-lhe que primeiro se convencesse de que Josefina era ou não era sua rival.

Esta suspeita exasperou-a, e tais palavras vociferou, acompanhadas de violentos gestos, que o feitor não duvidou da capacidade de sua ama em esbofetear a fidalga de Fonte-Arcada, e, como ela dizia, arrastá-la pelos cabelos e calcá-la aos pés. Dava espantos a transfiguração de Rosa naquele acesso de raiva. Todos os relevos e compostura senhoris se desfaziam em postura e modos de mulher de soalheiro que finca os dedos nas ilhargas, e se desata em palavradas brutais, revendo sangue nos olhos iracundos.

Conteve-a o feitor, pedindo-lhe autorização para intercetar a correspondência entre Alexandre e a prima. Fácil era o processo, mediante maior ou menor quantia. O feitor indagaria da pessoa que procurava cartas para Josefina; e, tomado o pulso da fidelidade ao medianeiro, negociaria a compra das cartas suficientes ao desengano.

Não se malogrou a traça ao experto corruptor. Rosa deu com infernal júbilo algumas moedas pela primeira carta de Alexandre.

Tremia-lhe o papel nas mãos nervosas, quando leu a carta, escrita em 20 de abril de 1809, no quartel general de Soutelo, a légua e meia de Braga, onde estanciava o marquês de la Romania, a cujas ordens estava Alexandre Gonçalves, como prático da localidade.

Era uma carta inequívoca de amores, elegíaca de saudades, lírica de esperanças, honesta como de futuro marido, com uns toques de ternura, e receios de morrer na guerra, antes de apertar ao seio a almejada esposa, a sua «alva pomba de paz» dizia ele – o alvo pombo.

– Pois não! – exclamava Rosa em solilóquio, casquinando umas risadas secas – Pois não! Hás de casar com ele, Josefina! Prepara-te, minha infame, que hás de ser a esposa do pai de meu filho!...

Depois, feita uma pausa, retraíram-se-lhe os músculos da face que tremiam nas vibrações da gargalhada, quedou-se fita, empedrada a olhar contra o berço do filho, correu e caiu em joelhos à

beira dele, e aí rompeu em alto choro, com os lábios colados ao seio da criança, que dormia serena e impassível, como tudo que é de Deus, quando a garra das más paixões nos estortega face a face da serenidade da inocência e da virtude.

Dous dias depois, o feitor entregou a carta subtraída de Josefina para o capitão-mor às ordens do marquês de la Romania.

Esta carta emergiu Rosa da letargia que a prostrara, alternada com ataques de frenética exaltação. «A alva pomba» de Fontef-Arcada queixava-se de lhe ele não escrever no último correio; mas perdoava-lhe a falta por ser a primeira que cometeu durante ano e meio.

– A primeira! – exclamou a menina de Simões, debulhada em lágrimas – A primeira falta!... e a mim, há dois anos que me não escreve... a mim, que lhe adoro o seu filho, e que o adoro a ele porque é o pai deste anjo!

Prosseguindo na leitura da comprida carta, e sorvendo com terríveis ânsias a peçonha de cada frase estremecida de ternas esperanças, chegou a um período em que, ao relancear a vista por toda a página, vira o seu nome. Dizia assim:

«O tio Fernão esteve aqui antes de ontem, conversando com o pai, respeito ao nosso inlace. Disse ele ser forçoso, antes do casamento, que esta casa pague à Rosa de Simões os sete mil cruzados que o Bernardo Tendeiro emprestou. Sem isto, diz teu pai que o casamento não se faz, pelos motivos de brio que tu desgraçadamente sabes, meu doidinho do coração. Meu pai não sabe como há de arranjar o dinheiro; a esta dificuldade acode o tio dizendo que se vendam bens à Rosa ou a quem os quiser. Muito me custa falar-te em semelhantes coisas; mas pareceu-me serem de grande importância na nossa vida, meu querido amor. etc.»

A noiva de Fonte-Arcada, como recebesse carta de Alexandre lastimando-se de não ter recebido a dela, inquietara-se, afligira-se, culpava o criado de havê-la perdido, e esteve em perigo de desmaiar. Era organização muito estérica a daquela menina.

No trance desta enorme agonia, ouviu tropear cavalos no pátio.
– É o primo! – exclamou alvoroçada a pular para uma janela.

Abeirou-se do peitoril, e deu um ai de espanto. É que vira Rosa saltando garbosamente do cavalo, com a mão no ombro do feitor.

A de Simões ouvira a exclamação; e, olhando rápida, divisou ainda a cara de Josefina a retrair-se.

Subiu a escada, entrou à sala de espera, e bateu com o punho do chicote em uma porta que abria para o aposento de Josefina. E como lha não abrissem com a presteza satisfatória à sua impaciência, levantou a aldraba e entrou, como era seu antigo costume, chamando em tom jovial a sua amiga.

Josefina da Mota não estava ali. Rosa foi percorrendo parte da casa, exclamando sempre:

– Onde estará ela?!... Ó Josefina! Ó filhinha! Aparece-me, que eu já não acho prazer ao jogo das escondidas! Onde estás tu?

Na extrema de um corredor apareceu a prima de Alexandre, entre risonha e espavorida, lívida, estúpida, miserável.

– Até que enfim ! – disse a de Simões – Cuidei que teria de te procurar na tulha ou na adegá!...

– Estava no jardim... – tartamudou Josefina.

– Ah! estavas? Onde é que hão de estar as flores a não ser nos jardins!... – voltou Rosa, sacudindo com o chicote o pó da cauda verde-gaio do seu vestido de amazona. – Há que tempos a gente se não via, menina! Parece-me que estivemos mortas e ressuscitámos hoje! Ai, filha, leva-me para onde haja uma cadeira... Tenho muito que te contar, minha joia...

– Vamos para o meu quarto... – disse Josefina.

– Pois sim, vamos para o nosso quarto... Que saudades eu tive, quando agora lá passei! Que saudades da nossa vida de há quatro anos!... Não me achas muito velha, Josefina? Olha bem para mim...

– Não... acho-te a mesma.

– Ai! a mesma! Que mentira! Tu é que estás mais formosa do que eras... Ó menina, não ames, se queres ser bela...

Tinham chegado ao quarto, fresco e aromático de flores como um coração de noiva que preliba já as delícias do almejado esposo. Rosa atirou fora com arremesso o pesado chapéu de veludo e ramalhosas plumas; viu-se no espelho, e, de costas para Josefina, disse com tristeza:

– O que eu era neste mesmo espelho há quatro anos... Lembras-te?

– Não te acho grande diferença...

– Eu em ti acho-a grande... na língua, Josefina!. Falas com tanta economia! Tu dantes, quando eu chegava, tinhas tanto que me dizer, chilreavas como um estorninho, brincavas, beijavas-me... Eu fiz-te algum mal?

– Não, Rosinha...

– Ou os meus parentes, a canalha dos meus parentes fez-te algum mal?

– Não... que pergunta!...

– Pois o mesmo não posso eu dizer dos teus parentes fidalgos, e mais venho visitar-te com esta alegre cara que vês! Conversemos... Fecha a porta que não venha alguém cá... Teu pai está em casa?

– Não... foi para Calvos.

– Para Calvos? Como está o sr. capitão-mor?

– Bom.

– E o filho?

– Também... penso eu.

– Sabes que ele me abandonou completamente, menina? Não sabes?

– Nunca falamos a tal respeito... – balbuciou Josefina já assustada pelos gestos, e mais pelos olhos coruscantes e estranhamente sinistros de Rosa, que ensaiara um papel difícil de sustentar fora do palco.

– Nunca falaram a tal respeito? – repetiu a de Simões – Ora vejam como vocês ambos me esqueceram! Pois tu devias lembrar-te da tua amiga, que só fez mal a si mesma, não é verdade?... Lá que ele me odiasse, enfim, a culpa tive-a eu, porque lhe fiz quanto mal podia, não é assim?

– Eu não sei... tu lá sabes...

– Não sabes o quê?

– O mal...

– Que eu lhe fiz? Amei-o, adorei-o, perdi-me, atirei-me ao lamaçal das mulheres abandonadas, quando ele me mandou; fui mãe; dois meses depois, assisti à agonia de meu pai, que eu matei por amor de teu primo. Tudo isto fiz; mereci o seu ódio. A mulher que faz tais infâmias não é desprezada de todo o mundo? Dize lá... É... dize que é!... Pois então como poderia teu primo defender-me, se todo o mundo era contra mim?... Mas olha, Josefina, não te parece que foi crueldade deixar-me ele desonrada, órfã, com um filhinho também órfão de pai?

– Eu tantas vezes te disse... – respondeu Josefina por tal modo perturbada que era compaixão e asco vê-la e ouvi-la.

– É verdade... tantas vezes me disseste que não me deixasse apaixonar... Foi assim, alma generosa, foi assim; mas não pude... que queres? Se tu o amasses, também te perdias, Josefina...

– Isso não. Amor com dignidade não se opõe à virtude...

– Dize mais.

– O quê?

– Fala-me da virtude, da tua principalmente, e da virtude de teu primo. Que te parece? O Alexandre de Calvos é virtuoso?

– Eu sei cá!... tens perguntas!

– E tu respondas!... Não sabes se ele é virtuoso... Virtuosa... isso és tu, Josefina! Aposto que não darias a tua mão de esposa a um homem tão infame como teu primo!...

– Eu!... sabes tu que mais, Rosa!...

– Dize lá o que eu não sei – respondeu a senhora de Simões enrolando os *boucles* nos dedos.

– Vens com o propósito de me insultar? Eu não sou culpada nas tuas desgraças. – redarguiu Josefina – Se estás ofendida porque eu, desde certo tempo, mudei do que era para contigo, não tens razão. O mundo é assim: não fui eu que o fiz. Meu pai obrigou-me a não ser madrinha de teu filho...

– Já sei, menina; – atalhou Rosa – e quando te acusei eu de culpada nas minhas desgraças? Eu culpo lá ninguém! Pois se eu venho pedir a tua proteção com humildade, como hei de eu acusar-te! Estás tu disposta a concorrer para que eu não fique para aí perdida no conceito do mundo?

– Se estiver na minha mão...

– A virtude tem muita força. Está na tua mão. Os anjos podem muito com Deus, e tu hás de poder tudo com teu primo. Olha, minha querida amiga, conta-lhe que eu te vim procurar; que me viste quasi velha, com a pele do rosto queimada pelas lágrimas, umas de saudade, outras de opróbrio, e muitíssimas de remorso, porque sobre a campa de meu pai pesa a minha desonra. Depois, fala-lhe do seu filho; dize-lhe que desejarias ver a criança se ela não tivesse gravado na fronte pura o ferrete de sua mãe. Apesar de o não queres para afilhado, nem o admitires a este santuário da tua casa, podes dizer-lhe que a criancinha tem nos lábios um sorriso tão angélico e tão doce que parece estar pedindo que perdoem a sua mãe. Conta-lhe tudo isto com o sentimento que deves ter ainda enérgico na alma virginal, porque, segundo penso, tu ainda

o não gastaste em amores deste mundo. Depois, quando vires que ele, o teu primo Alexandre, deve estar comovido, pedes-lhe, minha santa amiga, pedes-lhe... já adivinhaste?

– O quê?...

– Pedes-lhe que case comigo?

A ironia com que algumas palavras lhe saíam ervadas do sorriso era tão certa, tão sem reboço, que Josefina, por muito boçal que fosse, não podia escutar de boa fé a sua terrível inimiga. Quando Rosa falava, com requebros de zombeteira piedade, a filha do sargento-mor pedia mentalmente a Deus lhe deparasse alguém que viesse cortar aquele acerbo diálogo.

Rosa, olhando-a muito a fito nos olhos, parecia esperar resposta da pergunta que repetiu:

– Pedes-lhe que case comigo?... Estás a compor as frases com que hás de movê-lo?

– Eu não me devo meter em tais negócios... – respondeu Josefina, simulando desperceber a zombaria, e forcejando por sustentar-se firme e senhora, rosto a rosto, da filha do tendeiro.

– *Negócios!* – acentuou sardonicamente a de Simões – chamas a isto negócios! Agora, a filha do tendeiro pareces tu, e não eu!... Se se trata de negócios, queres tu arranjar-me o teu priminho, que eu dou-te paga e quitação dos sete mil cruzados que me deves, e dou-te mais catorze para ajuntares ao dote das tuas virtudes?

Josefina ergueu-se de salto, e exclamou:

– A senhora insulta-me! Vem dizer-me arrieiradas a minha casa!

Ergueu-se ao mesmo tempo Rosa, e respondeu com a voz trememente, e os olhos fulminadores:

– Não a insulto, castigo-a! Infames não se insultam, esmagam-se! Esmagá-la queria eu; mas a senhora não tem alma, nem dignidade, nem vergonha. Sabe que seu primo abusou da minha candura, sem que eu lhe pusesse a menor resistência. Sabe que eu tão cegamente me dei aos seus desejos, que nem sequer lhe pedi que fosse meu marido: foi ele que mo prometeu e que em centenares de cartas mo jurou. Estas cartas ainda a senhora as viu, cobertas

das minhas lágrimas. Viu ou não? As lágrimas que a senhora não viu, foi as que eu chorei no dia em que uma mulher de alma devassa passou entre o berço do meu filho e a sepultura de meu pai, e foi dizer ao homem que devia ser meu esposo: «aceita-me para tua mulher, que eu sou mais virtuosa que essa desprezível a quem tu fizeste mãe». Esta dissoluta, esta mulher, que tinha lama no coração e não podia convertê-la em lágrimas de compaixão por mim, esta meretriz honrada, é a senhora! É essa coisa abjeta que aí está mascarada de virtude! É essa torpe ficção de fidalguia que a filha do tendeiro esmaga debaixo do tacão do seu sapato!

Josefina correu para a porta do quarto, quando Rosa bateu rijo o pé no pavimento, acompanhando a frase; mas a outra, erguendo o chicote sem o intuito de lho verberar à face, impediu-lhe o passo, e prosseguiu:

– Espere; eu quero que saiba que não se é impunemente perversa! Cuidava a senhora que a Rosa de Simões, por não ter pai, que lho mataram, se deixaria abafar de paixão e vergonha ao pé do berço de seu filho? Olhe que não! Diga-lho a ele, diga-lho ao meu algoz que também há de ser o seu, diga-lhe que, se em vez duma miserável como a senhora, eu encontrasse aqui um homem como ele, lhe cuspiria na cara depois de lha ter marcado com este chicote! Diga-lhe que a filha do Tendeiro, possuindo as infames provas da vilíssima condição da que há de ser sua mulher, as arrancou de si com nojo e lhas pregou na cara como se fossem uns punhados de lama.

E, dizendo, puxou da algibeira do corpete as duas cartas, que machucou freneticamente e lhe atirou ao rosto. Depois pegou do chapéu emplumado, levantou o trinco da porta, atravessou a passo firme a sala de espera, desceu as escadas, sacudindo a cauda do vestido, saltou para a sela do cavalo, que escarvava insofrido no pátio, e saiu a upas e corvetas do alazão, que resfolegava, sacudindo as crinas castigadas pelo chicote.

A mulher educada e esclarecida pela inspiração de agradar, conhece de instinto as desarmonias estéticas, donde lhe resulta desairar-se aos olhos melindrosos e intolerantes do homem que ama. Um sucesso, digno de compaixão, e até demonstrativo de amor, degenera em dissabor e menospreço, quando é irrisório ou vexativo. Se Josefina referisse exatamente o que passara com Rosa, Alexandre, compadecendo-se da prima, teria pejo de a ver apoucada e envilecida pela outra. Tal pejo e dó dispara em desamor. Atiladamente, pois, procedeu a menina de Fonte-Arcada, em simplesmente relatar que Rosa, intercetando duas cartas, lhas levava a casa e a injuriara, e mais ao primo, com palavras insolentes.

Alexandre irou-se contra a audácia da mulher da plebe, no insulto a uma senhora, e contra a reles ação de intercetar cartas, corrompendo um criado.

O sucesso apressurou os desposórios, obrigando o sargento-mor, com auxílio do cunhado de Calvos, a baterem à porta dos cofres das irmandades e confrarias em cata dos sete mil e tantos cruzados, próprio e juros, devidos à filha do tendeiro. Aqueles dois preclaros descendentes de reis godos disseram um ao outro, quando andavam nessa ignóbil faina de arranjar dinheiro, que o Deus de Afonso Henriques, a respeito de cruzados-novos, não se mostrava exímio amigo dos netos dos heróis que ajudaram aquele santo príncipe a vencer os sete monarcas muçulmanos.

Recebeu a senhora de Simões a quantia, e lavrou com sereno pulso a quitação, depois de mandar contar pelo feitor o capital e juro vencido.

E, passados dias, quando soube que Alexandre estava hospedado em Fonte-Arcada, e o primeiro pregão dos banhos fora lido, mandou procurar e chamar a sua casa cinco mulheres de Calvos e S. João de Rei, cujos nomes e aldeias escreveu para governo do seu feitor.

Encontraram-se na sala de espera do palacete de Simões cinco raparigas, todas bem parecidas, mas da espécie de umas que o povo, por ignomínia, chama «namoradas». Em grande parte do Minho, *namoradas* são as desacreditadas, as repulsas do rancho, das festas, da convivência das honestas, ou das que o parecem.

Olhavam-se reciprocamente com espanto por se verem ali juntas, procedendo da mesma causa e do mesmo homem o seu desdouro. Cada uma *de per si* cuidara que a menina de Simões a mandara chamar para servir; e duas das cinco lamentavam ser mães, e não poderem aproveitar a soldada de ama tão rica e generosa com suas criadas.

Apenas tiveram tempo de trocar algumas palavras em que ainda revia ódio de rivais, posto que o abandono as igualasse todas no desprezo do seu mesmo infamador.

Abriu-se uma porta interior, por onde as cinco mulheres foram conduzidas a outra sala, onde estava D.^a Rosa, assentada no topo de uma banca, sobre a qual viram cinco quinhões de dinheiro em ouro e prata.

– Entrem – disse Rosa às aldeãs, que não ousavam pisar a alcatifa – Venham vocês aqui ao pé de mim as duas que trazem as crianças.

As que eram mães aproximaram-se com os filhos, que regulavam entre dois e três anos. Rosa deteve-se alguns segundos a examinar as feições dos meninos, beijou-os na face, e fez com o mover da cabeça um gesto de compaixão.

Depois, mandando-as sentar com repetida instância, disse:

– São todas pobres, segundo as informações que me deram. Ouvi dizer que o sr. Alexandre de Calvos as não socorre, nem sequer às duas que deixou com filhos.

Todas fizeram um sinal negativo, abaixando os olhos, sem de relance olharem umas para as outras.

Rosa prosseguiu:

– Se o sr. Alexandre até hoje as não socorreu, menos as poderá socorrer de hoje em diante, porque vai casar, como devem saber, com a sr.^a D.^a Josefina de Fonte-Arcada.

Uma das que eram mães pôs os olhos húmidos de lágrimas no rosto do filho, e suspirou.

As outras pareciam ouvir impassivelmente a notícia, se a não sabiam, e a muito custo desfitavam a vista das pinhas de dinheiro que amarelavam sobre a mesa.

– Tiveram vocês a felicidade – continuou a senhora – de ser a futura esposa do sr. Alexandre uma menina de tanta virtude que não quer casar sem a certeza de que as mulheres, que seu marido deixou desacreditadas, têm algumas rendas de que possam viver. Fui eu a encarregada de entregar a cada uma de vocês um quinhão deste dinheiro, com o qual podem comprar uma casinha e alguns campos que as ajudem a passar a vida sem grandes necessidades. Se vocês querem cumprir o seu dever, vão daqui em diretura a Fonte-Arcada, e agradeçam à sr.^a D.^a Josefina o benefício que lhes fez, em seu nome, e em nome dessas duas criancinhas. Digam-lhe que eu reparti irmãmente pelas cinco os sete mil e quinhentos cruzados que a senhora me mandou. Tomem bem conta da quantia do dinheiro, para se não esquecerem. Sete mil e quinhentos cruzados.

Repetiram todas ao mesmo tempo os arghismos.

Rosa ergueu-se; estendeu cinco lenços sobre a banca; pôs em cada lenço a porção do dinheiro, atou o embrulho pelas quatro pontas, e distribuiu os cinco embrulhos pelas mulheres.

Então – ó almas sensíveis! – as «namoradas» pegaram todas de enxugar as pálpebras aos aventais, com mais força que a precisa para ordenhar correntes lagrimosas das glândulas secas. Aquele pesado embrulho do metal, levando abaixo um prato da balança, levantava o outro da desonra, cujo peso podemos figuradamente imaginar-lhe sobre o coração; mas, em prosa chã, não fazamos

grandes encarecimentos sentimentais do pudor dessa laia de mulheres. Aquelas lágrimas não eram o serôdio desafogo da sua dor; eram o júbilo de se verem invejadas de algumas honradas que lhes faziam figas.

Desceu à estrada o silencioso ranchinho das ditosas criaturas, e pelo atalho mais curto foram caminho de Fonte-Arcada, dizendo mil virtudes da santa noiva do fidalgo.

Quando chegaram ao átrio da casa do sargento-mor, viram lá ao cabo, através duma cancela gradeada de ferro, a fidalguinha moirejando com um regador, por entre as murtas, vestida de branco, ligeira como a pomba das devesas, por entre codeçais floridos.

Consultaram-se as cinco amásias do Salomãozinho de Calvos, e tinham resolvido puxar pela corrente da sineta, digna de uma catedral, quando Josefina acaso viu o grupo das mulheres, voltadas para ela.

– Tanta gente acolá! – disse a menina para alguém que estava distante; e abeirou-se da grade, perguntando: – vocês que querem?

As mulheres caminharam para a fidalga, e, já perto da grade, disseram todas a um tempo:

– Tenha V. S.^a muito boas tardes.

– Vocês donde são? – perguntou a noiva.

Neste momento, saiu d'entre um cerrado de cilindras Alexandre de Calvos e o sargento-mor. As cinco moças, dando de face com o fidalgo, estiveram alguns momentos embaçadas; ele, porém, reconhecendo-as apenas as viu, enfiou, amareleceu, e abriu atônito a boca nas mais estupendas dimensões do espanto.

A mais espivitada do rancho, tendo de responder ao interrogatório já repetido de D.^a Josefina, disse:

– Eu e mais estas raparigas vimos aqui agradecer a V. S.^a a esmola que nos fez.

– Que esmola?! – acudiu a menina – Vocês vêm enganadas...

– Àgora vimos nós enganadas! – emendou a encarregada da alocação – A menina de Simões mandou-nos agradecer a V. S.^a este dinheiro, que V. S.^a nos mandou dar por ela, que vem a ser... ó raparigas... quanto é?

A oradora, receando ter-se esquecido, recorreu à memória das outras, que todas responderam juntamente:

– Sete mil e quinhentos cruzados.

– É isso mesmo – confirmou a outra – sete mil e quinhentos cruzados que V. S.^a lhe mandou, para nós comprarmos uma casinha e alguns torrões. Deus lhe dê muita saúde, e tanto anjos acompanhem a sua alma como de reais tem este dinheiro.

– *Amen* – conclamaram todas mostrando o volumoso embrulho pendente das pontas dos lenços.

Josefina pusera os olhos nas duas crianças que se achegaram dela remirando-a com o ar espantadiço de meninos aldeãos. A mãe de um dos rapazinhos, aquela que chorara sinceramente, quando Rosa lhe dissera que Alexandre casava, vovera os olhos para o fidalgo com tamanha mágoa e ternura como talvez na primeira hora em que se deixou vencer da pertinaz perseguição. Neste lance é que a filha do sargento-mor compreendeu a vingança de Rosa.

O pai de Josefina olhava para tudo aquilo com a mais ingénua estupidez de sargento-mor de ordenanças.

Alexandre, que ainda não boquejara um monossílabo, sentia-se em tal penúria de recursos, que de si mesmo se estava envergonhando.

E enquanto cada qual dos três se abstraía em pensamentos que não sabemos, as cinco mulheres esperavam que a fidalga as mandasse embora.

Josefina, vendo que seu primo se escoara por entre as cilindras, e que o pai seguira o sobrinho a pedir naturalmente explicações daquela trapalhada, disse às mulheres:

– Essa senhora que as mandou aqui, enganou-as. Quem lhes deu o dinheiro foi ela. Podem ir-se embora, que não têm que me agradecer.

Olharam-se embasbacadas as mulheres, e saíram, quando a fidalga lhes voltou as costas, já com o rosto coberto de lágrimas.

Lágrimas porquê? O chorar tem mistérios recônditos em parte do coração onde não chega a sonda; e, às vezes, sucede cuidar a gente que a sonda toca em fibra generosa, e, ao extraí-la, dá fé que tocou em lodo.

Seriam de ódio a Rosa, ou de pressentidas desgraças as lágrimas de Josefina? Seriam de angústia por se ver cativa de homem que tantas infelizes atirara à caridade afrontosa da sua rival?

Se ela adivinhasse, razão sobeja lhe daríamos para chorar; porque, naquele momento, Alexandre, a seu pesar, ouvia lá dentro a inexorável consciência a dizer-lhe que Rosa era mulher extraordinária, e tão sublime na sua queda, que ao levantar-se radiava maior majestade do que tivera, aos olhos dele, quando em sua frente resplandecia a pureza dos anjos.

Josefina passou a noite atribulada, porque não pôde rastrear ação indecorosa naquele ato singular da neta do almocreve. Como que lhe dava inveja semelhante rasgo de desforço com tamanha liberalidade que delia o odioso da palavra vingança... O sargento-mor concorreu a torturar a filha, reputando admirável o arrojo de Rosa, sendo ela de tão baixa geração. Exacerbavam-lhe ainda tantas dores diversas umas palavras tristes e enigmáticas do primo ao despedir-se naquela tarde, não tendo tenção de pernoitar em Calvos. As palavras que a magoavam tinham sido estas:

– Estou em crer que nenhum dos três será feliz, e o menos desgraçado dos três, será o que houver recebido maiores ofensas.

Aqui é tudo claro. Prouvera a Deus que o espírito de Josefina se deixasse alumiar da luz que fulgurou daquelas palavras, ditadas pelo remorso, e talvez por um sobressalto de saudade.

VII

O decoro da linhagem obrigou o fidalgo de Calvos a não tergiversar no enlace com sua prima. Na melancolia do noivo, e na contrafeita alegria da enraivecida inimiga de Rosa decifrava-se o presságio de ruim destino. Se pudesse desligar-se de Alexandre, sem galardoar a vingança da rival, Josefina rejeitaria o marido que se lhe figurara, dias antes, o supremo gozo da vida. Casou, sacrificando-se ao seu próprio orgulho, e prometendo a si mesma disfarçar-se, sorrir com o coração espedaçado, a fim de que Rosa nunca se presumisse influente nas suas desventuras de esposa. Começara cedo a expiar a deslealdade.

Dias depois de casado, o tenente Alexandre Gonçalves voltou para o exército, deixando a esposa em casa do pai, apesar de lhe haver prometido, em tempo de mais ternos projetos, levá-la consigo, relacioná-la com as fidalgas do Porto, desafogá-la das estreitezas da vida passada em aldeia, depois de ter pisado tapetes na capital.

Josefina doeu-se; mas não se queixou, temerosa de que alguém denunciasse os seus gemidos à de Simães. E tão receiosa vivia de que a outra lhe aliciasse as criadas, que de nenhuma se confiava. Até este acréscimo de inquietação lhe exulcerava as dores: ter de simular alegria, diante de todos, exceto do pai, porque reputava infieis e venais todas as pessoas que a rodeavam. Injuriava quem quer que a deplorasse tão linda, tão de novo casada, e tão solitá-

ria naquele ermo. E à custa de querer fingir-se feliz, tolejava em trejeitos e risadas tão sem propósito, que faria rir a sua inimiga, se ela lhe espiasse os desgostos.

Rosa acreditava que Josefina era feliz, ou, mais exatamente, não curava de o saber. O seu ódio olhava mais a vulto para a criatura que ela quisera esquecer, a não poder estrangulá-la.

Depois do casamento de Alexandre, poucos dias esteve Rosa em Simões. Uma sua amiga de colégio, que a visitara nos dias de maior amargura, convidou-a a passar em Amarante um verão. Levou Rosa o seu filho como um depósito de anjo que Deus lhe confiasse. Parecia soberba de dar com ele testemunho da sua queda. Como se a virgindade valesse menos que a inocência, aquela mãe extremosa orgulhava-se de mostrar amparado no seio o filho que significava um amor santo resultante do amor impuro. Permitisse o céu que ela se conservasse nesta honrosa vaidade da culpa irremediável!

Sabia-se em Amarante que a senhora de Simões tinha cem contos. Esta auréola do ouro dava uns resplandores elegíacos à sua coroa de mártir. A poesia, que muitas vezes não desce a investigar de que larvas se desatam as matizadas borboletas, achava Rosa, no meigo dizer de Camões:

Igualmente que linda, lastimosa.

E os pensadores em prosa, cheios de assombro, perguntavam à natureza das coisas como houvera homem no mundo que prescindisse dos duzentos e cinquenta mil cruzados, apensos a uma mulher galante!

Era deste parecer o juiz de fora de Amarante, Leopoldo Aires Cortês, em idade florescente, fidalgo pobre, gentil, e ambicioso de bens de fortuna. Este homem não escrupulizou em cortejar com honesta seriedade a hóspeda de D.^a Júlia Queirós, sua parenta. O tom de respeito com que a tratava, e o carinho com que lhe ameigava o filho, a frequência das visitas, a proteção da parenta, o bom nome que tinha como magistrado em idade menos própria,

e, por de sobra, a nobreza herdada, tudo cooperou a favor do juiz de fora, primeiro no espírito, e mais tarde no coração de D.^a Rosa de Simães. A todas estas razões persuasivas avantajava-se uma que não seria a mais poderosa, mas decerto compeliu fortemente a traída amante de Alexandre Gonçalves a aceitar o galanteio de Aires Cortês: é que ela, casando com homem fidalgo, respeitado, em carreira nobre e digno de ser amado por qualidades pessoais, julgava ter completado a sua vingança, e mostrado a Alexandre que um mais digno marido lhe dera a Providência.

Os cavalheiros de Amarante, vila que naquele tempo era um alfobre de fidalgos – rodeando D.^a Rosa de atenciosas urbanidades, e recebendo-a no seio de suas famílias sem antojo de por ali andar saltitando um menino que não sabia o nome de seu pai, incitavam o juiz de fora a sufocar melindres de honra que raras vezes o beliscavam. Quando Leopoldo solenemente ofereceu a mão de esposo a D.^a Rosa, começou ela de lhe referir com magoadas vozes, mas sem trejeitar com lágrimas rebeldes e suspiros artísticos, a sua história. Delicadamente a impediu e lhe rogou que se poupasse a um desgosto supérfluo, porquanto ele sabia tudo, e tudo era somenos ao que a sua alma lhe perdoaria em delitos de inocência. Bom homem!

Realizou-se o casamento em dezembro de 1810, e logo o juiz de fora, por motivos que se podem atribuir a pundonor, obteve transferência para Torres Novas. Por muito filósofo e indulgente sujeito que fosse, aquele marido sentia-se um tanto apalpada nos seus brios, posto que, em desconto daqueles apalpões dolorosos, oferecia-se-lhe ocasião de exercitar o tato, apalpando a miúdo uns setenta contos que levantara no banco do Porto.

Em janeiro de 1811 já o doutor Aires Cortês funcionava no julgado de Torres Novas. Neste mês entraram naquela vila o marechal Massena, e o reforço do general Drouet. No quartel general destes caudilhos da terceira invasão francesa, militavam parentes e amigos do juiz de fora. Marquês de Loulé, o conde de S. Miguel, marqueses de Valença, de Alorna, e Ponte de Lima,

D. Luís de Ataíde, Pamplona, Gomes Freire e outros de quasi igual categoria, ingodaram Aires Cortês a manifestar-se do partido de Bonaparte contra a facção dos escravos servis da Grã-Bretanha. A questão para o máximo número dos jacobinos não era a pátria, que eles consideravam riscada do mapa das nações; era pertencer à mercantil Inglaterra ou à cavaleirosa França.

Como quer que fosse, o juiz de fora prestou serviços de dinheiro aos fidalgos necessitados, e conjurou-se no destino deles, porque o embriagaram de lisonjarias, levando-o à presença do príncipe de Essling, que lhe prometeu recomendá-lo à magnanimidade do imperador.

Era o dinheiro da herança de Londres que punha aquele homem na ladeira da voragem. Podemos conjecturar que Aires Cortês, sem a riqueza da esposa, teria vivido tranquilamente e patrioticamente na sua terra, até acabar obeso, gotoso, e apoplético no desembargo do paço ou no supremo tribunal de justiça.

Quando o exército francês retirou, depois da batalha do Buçaco, sobre Santarém, lá ia nas bagagens o juiz de fora, já despachado corregedor de um bairro de Lisboa. Ia também D.^a Rosa de Simães garbosamente cavaleira, e, ao que parecia, jubilando naquelas peripécias da guerra, cenas fortes, ajustadas à sua índole.

O filho, que então contava três anos, ficara em Amarante entregue temporariamente aos disvelos de D.^a Júlia de Queirós, não sabemos se por insinuações do marido de sua mãe, se por espontânea deliberação de Rosa. O intuito de ambos era educá-lo em colégio estrangeiro, logo que a idade o permitisse. Por conselho ou presságio maternal, Rosa, antes de casar, doara a seu filho Serafim Gonçalves as quintas de Simães e Taíde, constituindo-se ela mera administradora.

Quer-nos parecer que nem o marido de Rosa podia amar entranhadamente o filho de Alexandre, nem ela, sacrificando o filho ilegítimo a um egoísmo de coração, em que era grande parte o capricho, se devia prezar de mãe excelente. Desta espécie de mães superabunda o mundo; das outras, que são as exceções, superabundam as novelas. Ora nós escrevemos história.

Com a expulsão definitiva de Massena, saíram de Portugal os portugueses bandeados no exército invasor. Também Aires Cortês se evadiu com a corajosa esposa, e o precioso cabedal que lhes assegurava na França tolerável exílio. Por sentença proferida em Lisboa aos 21 de novembro de 1811, o ex-juiz de fora de Torres Novas, com outros co-réus de maior tomo, foi condenado à morte e sequestro de bens como réu de lesa-majestade. Quanto a bens, o condenado não tinha alguns em Portugal; a vida, essa nunca ele a sentira tão vivaz e deliciosa como em Paris. Dispendiam largamente, e pompeavam com distinção de todos os emigrados. Nas salas da formosa portuguesa reunia-se a flor da sociedade do império. O que mingrava na educação pouco esmerada da riqueza do Minho adquiriu-o na convivência da duquesa de Abrantes, que folgava de ouvir a enérgica filha do sol peninsular exaltar com escandecido zelo o astro já nublado de Napoleão.

E tudo isto custava muito oiro; muito desperdício sem cálculo nem previdência.

Amava-a ele ao menos? Parece que nem tempo tinham de se enfasiarem na vida íntima; e, quando o tédio lhes toldasse as alegrias do coração, em que país tão bom, para retemperar amores, viviam ambos! Que peregrinas mulheres, e que gentilíssimos homens!...

Deixá-los estar e folgar, até que nos sejam necessários à concatenação da história.

VIII

Temos que seguir as variadas correntes da herança de Londres.

Onde aquela vaga de oiro rebalsou, aqui e além, raro deixaremos de topar desgraça.

Agora vamos a Garfe, onde já sabemos que a fatalidade abriu a sepultura de um moço destinado desde a infância por seus pais a ser o esposo da menina de Simães.

A relação do triste caso será resumida, porque as cenas destes complicados e travados dramas custosamente se hão de apertar em dois livros. Novelas francesas sobeja quem as estime em Portugal, ainda que os tomos se multipliquem mercantilmente; porém, tenha a obra a funesta sina de ser portuguesa, que logo se avincam as testas patrióticas dos leitores, se mais de um tomo lhes desfalca a verba orçada para literatura nacional.

A morte de Luís de Magalhães, filho de Cristina e neto do padre Bento da Mó, sucedeu assim: Em 1801, a Espanha e França declararam-se guerra, motivando as hostilidades com a aliança de Portugal a Inglaterra. Chegou o exército espanhol a invadir o nosso território, apoderando-se de Olivença. Portugal, colhido de improviso não pôde aperceber-se para a defesa, e aceitou a paz com desvantajosas, senão aviltantes condições. E, não obstante, a Inglaterra apadrinhava os vencedores de Aljubarrota, Valverde, Montes-claros, Ameixial, etc., etc., etc., e tudo mais que

se alardeia nos dramas e nos artigos de fundo. Será prudente e salutar patriotismo lembrar-se a gente que, em 1801, cedemos Olivença à Espanha, e parte da Guiana à França, em 1802, a fim de que as duas nações inadvertidas não viessem despedaçar-se nas garras lusitanas.

Algumas estratégias belicosas se operaram em Portugal, quando a guerra foi declarada; por exemplo, a marcha do regimento de milícias de Coimbra para as fronteiras.

No dia 25 de março de 1801 formou o regimento no rossio de Santa Clara. As praças desta hoste, destinada a manter ileso o pendão das quinas nos muros de Almeida, eram lavradores e jornaleiros suburbanos de Coimbra, e maiormente da Bairrada. A rubidez dos bravos não incendiava os olhos daqueles guerreiros, vezados ao cabo da enxada e à rabiça do arado; pelo contrário, o pranto da nostalgia da lareira, dos cevados, das fêmeas e das adegas apagava-lhes nos olhos a mais ténue faísca de coragem.

Os estudantes, que presenciaram o canhestro exercício e a moleza inerte daquela pobre gente, em vez de lastimarem a decadência do Portugal de D. João I, de D. Sancho Manuel e do marquês das Minas, pegaram de fazer-lhes assuada, levando a ousadia impune à extremidade de se meterem entre as fileiras e derrubarem os sarilhos das espingardas.

Entre os mais atrevidos extremavam-se na feia façanha Luís de Magalhães, quartanista de Direito, e seu irmão Jerónimo, um dos pimpões da academia, imediato na idade e no ano de formatura a seu irmão.

Os milicianos sofriam pacientemente os apupos quando o capitão da 1.^a companhia, Francisco Pinheiro*, natural da Porcariça, mandou calar baioneta e carregar sobre os insultadores. Dada a voz inesperada, os turbulentos fugiram à desfilada pela rua da Parreira

* A parte histórica desta narrativa deu-no-la um versadíssimo e esclarecido antiquário coinimbricense, o sr. Joaquim Martins de Carvalho, a quem os estudiosos são devedores de copiosas notícias atinentes a história e arqueologia.

e estrada da Várzea. Os milicianos, alentados pela pusilanimidade dos fugitivos, feriram os mais destemidos, atravessando com uma baionetada Luís de Magalhães, que morreu logo, e um frade grilo, talvez inocente, que pereceu dos ferimentos no dia seguinte.

Sabida a catástrofe, Jerónimo de Magalhães percorreu as ruas de Coimbra, à frente da multidão, bradando vingança, ao passo que as ordenanças, embravecidas pelo triunfo, mordiam o cartucho com insólita ferocidade. Deliberou a academia oferecer batalha campal às milícias na Ladeira da Forca, por onde o regimento havia de marchar a mais alentadas proezas contra os exércitos de Castela. O regimento, no sopé da Ladeira, carregou armas; porém, passou incólume. A academia, quebrado o primeiro ímpeto, esmorecera no desalento próprio das improvisadas e estouvadas valentias.

Seguiu-se a devassa a que procedeu o conservador da Universidade. O reitor D. Francisco de Lemos enviou o processo ao ministro do reino, visconde de Balsemão. Jerónimo de Magalhães, julgado como caudilho do motim, e já culpado em outros, teve sentença de degredo para a Índia, e bem assim os académicos João da Costa Regueira, José Ascânio, Francisco Xavier Monteiro. Os mais foram simplesmente expulsos da Universidade.

Por singular distinção, a final, houve um só degredado, Jerónimo de Magalhães; que os outros, no ato do embarque, receberam o perdão do príncipe regente.

Esta cruel exceção com o infeliz, cujo irmão fora assassinado, devia-se ao depoimento de um estudante teólogo, João Pais de Castro, vizinho dos Magalhães, da freguesia de Oliveira, e seu inimigo por causa de letígios entre as famílias de ambos, e revindicação de bens que o marido de Cristina, o cunhado de Manuel Vieira, alcançara com a justiça e a força que lhe deram os duzentos mil cruzados da esposa. Observem que toda a árvore de frutos malditos, nesta silva de infortúnios, tem seiva corrosiva do ouro de Londres.

O teólogo João Pais depôs que o estudante díscolo jurara apunhalar o reitor da Universidade, e nessa nefanda tentativa o

esperara. Além disso, delatara-o de ter redigido uns estatutos, remodulados pelos da sociedade ou *Rancho da Carqueja*, cujo chefe, o académico Francisco Jorge Aires, havia sido inforcado, em 1722, na praça de S. Bartolomeu em Coimbra.

Jerónimo de Magalhães, sendo acareado com a testemunha, defendeu-se ineficazmente. A sentença, que o condenou a dez anos de degredo, foi excetuada, portanto, do indulto que desagravou outros delinquentes.

Destes dois golpes simultâneos morreu Cristina, depois de lutar entre a saudade dos filhos perdidos e o amor do marido a quem nenhum amparo deixava no mundo.

Volvidos meses, Pedro de Magalhães faleceu, nomeando seu único herdeiro o filho, que estava cumprindo sentença; e, no caso de não ser vivo o filho, investia da herança uns parentes remotos. Puseram cerco à valiosa casa de Garfe os parentes, os curadores, as justiças, todos amaltados em rapacíssima jolda de ladrões. Quando o condenado obteve a graça especial de poder usufruir sem curadoria os seus bens, os rendimentos eram insuficientes à sua subsistência. Começou logo de vender ao desbarato, por intermédio de agentes depredadores. O principal comprador das suas quintas era o pai do teólogo que o denunciara, e lhe repusera pleitos de reivindicação, e os vencera quasi à revelia.

Ao fim de dez anos, Jerónimo de Magalhães repatriou-se, e recolheu-se a Garfe, onde apenas tinha a casa vinculada e poucos mais bens donde auferir escassos alimentos.

Trouxera consigo da Ásia a mulher que lhe dera no degredo o esteio do seu amor. Era uma formosa canarim, oriunda de rajás; estremecia-o com ternura fremente de paixão; alentava-o quando ele sucumbia na luta com os poderosos possuidores da sua casa; e se, propellido pela raiva, travava do ferro para o cravar no peito do seu fidalgal inimigo, ela forcejava por acompanhá-lo e ter um quinhão da sanguinária vingança. E esse seria o desforço de Jerónimo de Magalhães, se João Pais não recorresse à aleivosia que o desempençou do terrível adversário.

Preparava-se a questionar judicialmente as fraudes e a posse extorquida dos seus prédios, quando rumorejou o boato de que ele era Jacobino, e logo desparou com grande estampido e calúnia. O impulsor do boato havia sido o desembargador da câmara eclesiástica de Braga, João Pais de Castro, o seu delator em Coimbra.

Fugiu à morte o filho de Cristina, acolheu-se ao exército francês, e emigrou, levando consigo Bartolina, a canarim. O restante de sua casa foi, por isso, sequestrado; o vínculo passou para a coroa, e os bens livres arrematou-os o doutor João Pais, figadal inimigo do desgraçado.

Assim acabou o morgadio de Garfe, cujo último representante, o neto do padre Bento da Mó, vivia em Paris da beneficência de D.^a Rosa Cortês, que se lembrava de, sendo pequenina, lhe perguntarem qual dos dois irmãos queria para noivo, se Luís, se Jerónimo. De Luís se lembrava ela com infantil saudade; e, valendo ao irmão indigente, cuidava ser vista de outro mundo pelo primeiro homem que lhe inspirara as balbuciantes palavras de noiva.

Braga, em 17 de março de 1809, viu um dos horrentes dias, assinalados nos anais hediondos do povo em anarquia.

Para a capital do Minho haviam convergido as ordenanças de toda a província, formadas de elementos os mais avessos à disciplina, ao patriotismo e à bravura. Pela maior parte, as milícias eram a escória social mesclada com a covardia, a ralé insubordinada em ocasião fácil de saque.

Naquele dia 17 de março, a linha de defesa postada em Salamonde, para embargar a passagem do general Soult, fugira covardissimamente apenas avistara o lampear dos esquadrões franceses, que marchavam compactos, coleando-se pelas tortuosidades do caminho, como serpentes de aço.

Os foragidos, irrompendo por entre a multidão do povo, anunciavam a chegada dos franceses a Carvalho d'Este, encarecendo a ferocidade do inimigo para desculparem a precipitação da fuga. Era certo estar Soult a cinco léguas de Braga, sem perder um soldado, atravessando pontos defensáveis sem dar um tiro, marchando com a serenidade de um triunfador, e vendo ao longe as massas de homens, remexendo-se aos milhares, involtas no torvelhinho do fumo da espingardaria, que desfechavam inutilmente, vozeando alaridos selvagens, e fugindo sempre.

Era general o governador das armas do Porto Bernardim Freire de Andrade, o bravo da Roliça e Vimieiro, rancoroso adversário

dos ingleses, mas fidelíssimo soldado da pátria. A desastrosa morte deste português ilustre, dilacerado nas garras da gentalha para quem há de raiar a aurora da civilização, quando se descobrirem artes de sopear tigres fora da jaula, é tão sabida, da história e do romance, que não há para que nos demoremos nesse episódio estranho à presente história.* Do domínio dela é que entre os carnífaces de Freire, e de Gomes Vilasboas, quartel mestre general, estava grande parte dos herdeiros da herança de Londres, não ainda dos filhos do padre, mas dos jornaleiros pobres de Rendufinho e Vilar. No cadáver de Bernardim afiaram eles, digamo-lo assim, os colmilhos para se cevarem em mais pingue presa.

O *brasileiro* de Travassos e o *doutor* de Varzielas, como se disse no cap. 1, residiam em Braga, receosos dos assaltos da canalha enfurecida pela pobreza – que tudo corrompe, salvo a alma rica de esperanças em Deus.

No tumulto vertiginoso que precedeu e seguiu a morte do general, muitas casas ricas foram saqueadas. Ao princípio, davam nome de hereges e jacobinos aos roubados e aos mortos na defesa de seus bens; por fim, desprezaram o pretexto da religião e do patriotismo, escalando janelas e lascando a machado as portas.

Quando um dos facinorosos de Rendufinho proferiu os nomes do *brasileiro* e do *doutor*, apelidando-os de ladrões da herança de Londres, a adesão dos ouvintes foi tão compacta e unânime, que o orador se dispensou de mais figurações retóricas que brandindo um chuço insanguentado, com que apontava, no Campo de Santa Ana, as residências dos dois capitalistas.

A poucas voltas, as portas escouçavam-se dos gonzos, a quadrilha irrompia escada acima, os lívidos ricaços mercadejavam a vida por alguns mil cruzados, e a final, como hesitassem em se conchavar por maiores quantias, eram acutilados e arrastados para o terrei-

* Um romance intitulado *O sargento-mor de Vilar*, por Arnaldo Gama, tão cedo roubado às letras pátrias, descreve energeticamente as cenas capitais da invasão francesa de 1808, e nomeadamente a do suplício lento de Bernardim Freire de Andrade. Leiam-no os estudiosos, ou, sequer, os curiosos, que mal conhecem o nosso primeiro romancista histórico, e não se pejam de o confessar.

ro, onde as mulheres da Senhora-á-Branca lhes maceravam os cadáveres a pedradas, e lhes desfiguravam os rostos a punhados de lama empapados nas chagas. De involta com os dois agentes da herança de Londres, rojaram nas ruas de Braga um filho do padre Bento da Mó, aquele Matias do Couto, que exercera as funções de cornetim, e, depois, assentara residência em Braga. Este morrerá na consolação de não ter sido roubado, porque todos os seus haveres eram prédios rústicos dos quais foi herdeira sua filha Leonor, que há de ter neste livro lastimosa menção.

Estes mesmos assassinos arrombaram depois o aljube, arrancaram para o terreiro os presos suspeitos de traidores, e arcabuzaram-os um por cada vez, empilhando os cadáveres com trejeitos de bestas-feras que se retouçam na sangueira das preias. Entre os arcabuzados estavam os corregedores de Braga e Barcelos.

À chegada dos franceses a Braga, o barão de Eben, que acietara o comando depois do assassínio de Freire de Andrade, fugiu caminho do Porto. Na retaguarda do inglês ia a horda dos salteadores de Lanhoso, que em grande parte morreram espotejados pelos húsares de Soult; enquanto outros mais precavidos na fuga, depois de terem quinhão no morticínio do coronel Porto-Carreiro, ao Padrão das Almas, e do brigadeiro Luís d'Oliveira, às portas da Relação, ou morreram nas baterias do Porto, ou se afogaram no Douro, ao atravessarem a ponte de barcas, ou acabaram espingardeados no pátio interior do Castelo da Foz à ordem do bispo general D. António José de Castro.

Daqui em diante a história vai apressada como a vida boa e má, como os anos prósperos e funestos. Haveria, talvez, particularidades dignas de escritura; mas as feições proeminentes dos sucessos absorvem o espaço de que podemos dispor.

Não se esqueceu com certeza a leitora sensível daquela criança que Rosa, ao retirar-se com seu marido, deixou em Amarante, na companhia da sua amiga.

Cresceu Serafim sob a vigilância amorável de D.^a Júlia de Queirós, contra vontade dos irmãos desta senhora receosos de serem desbalizados da herança próxima que o estado infermiço dela prometia.

Aos nove anos, o filho de Alexandre Gonçalves foi entregue a um padre de Lamego, professor de latim, que hospedava colegialmente alguns meninos de famílias abastadas. A educação subministrada pelo padre era áspera para uma criança em extremo mimosa das carícias e tolerância de D.^a Júlia. O pequeno chorava de saudade, e o padre, que não dava àquele sentimento a comiserção das almas que o sentiram, ameaçava-o com a palmatória. Da promessa à execução não mediou o tempo necessário, porque Serafim fugiu, e apareceu em Amarante quasi descalço e faminto.

A consternada amiga de D.^a Rosa Cortês afagou a rebeldia do seu filho adotivo, e estipendiou mestre em casa.

À volta dos doze anos, Serafim denotava sobeja incapacidade para aprender e repugnância igual em estudar. Era mau de condição. Tratava com desprezo os irmãos de Júlia, recalçitrava às repreensões do mestre, e recebia com indiferença os meigos conselhos da extremosa fidalga. Tirante ela, aborreciam-no todos, e odiavam-no por maior os servos a quem o menino ameaçava com faca de ponta.

Tendo Serafim doze anos, faleceu D.^a Júlia de consunção hética, sem dispor nada dos seus grandes teres. O pequeno sentiu logo as algemas que lhe lançou o ar severo dos herdeiros da sua única protetora. Ele mesmo pediu que o mandassem para sua mãe, quando os senhores da casa já tinham avisado D.^a Rosa desse mesmo expediente, sem adoçarem de frases delicadas o intento.

Foi o menino para Paris em 1820, época brilhante de D.^a Rosa. O emigrado recebeu de má sombra o filho de Alexandre, e passou-o logo para colégio, evitando explicações acerca da procedência do rapaz. Serafim entrou amargurado nas obrigações escolares, queixando-se do desamor da mãe, e da violência do padrasto. D.^a Rosa suavizava-lhe a tristeza presenteando-o com dinheiro, mimos, expressões carinhosas e promessas de o tirar do colégio logo que ele pudesse figurar dignamente na sociedade em que sua mãe vivia.

Estes meios paliativos não o retiveram. Fugiu repetidas vezes, acolhendo-se à indulgência maternal, até que a pobre senhora rogou a seu marido que desoprimisse o pequeno do inútil constrangimento em que o tinha, fundando-se em que seu filho tinha duas quintas bastantes a um decente passadio sem necessidade de seguir alguma carreira de letras.

– Além disso – ajuntava ela – como não tenho outros filhos, o que houver por minha morte dele há de ser.

Aires Cortês sorria-se, replicando:

– O que houver por tua morte!... Dá graças a Júpiter, se o que tens te chegar para a vida.

O ex-juiz de fora dava graças a Júpiter, à falta de Deus, de que a filosofia o dispensara.

Serafim Gonçalves, vivendo nesta atmosfera pagã, sabia pouquíssimo de mitologia. Aos quinze anos ria-se da piedade defunta da Júlia que lhe ensinara o *Padre nosso*, e execrava o clérigo de Lamego que o fizera decorar os Mandamentos da lei de Deus.

A mãe dava-lhe dinheiro avultado, a ocultas do marido. Aires não era clavicurário exclusivo do cofre. A prodigalidade com mulheres venais forçava-lhe a consciência a não privar a esposa de ter parte no desperdício do que era seu.

Foi precoce a corrupção do moço, se em Paris há tais precocidades, quando dinheiro, índole e liberdade, com pleno ócio, se travam de mão.

Serafim, acamaradado com os filhos dos generais de Napoleão, gastava a froixo como os outros que desbaratavam os patrimónios tão rapidamente como seus pais os adquiriram. Aos dezassete anos o esbelto português criara renome em camarins de atrizes, e entre os espadachins da voga. Algumas aventuras amorosas, dramatizadas entre estouvados da sua laia e loureiras célebres, o levaram ao campo da «honra» donde saiu vitoriado como esgrimidor de sabre e florete. D.^a Rosa recebia os emboras por tão destro como brioso filho. E a louca, bem que aparentasse desgosto, invaidecia-se de saber que seu filho medira o ferro com os mais grados mancebos do escol parisiense.

Não assim Leopoldo Aires Cortês, para quem Serafim era um vadio dissipador, que lhe menosprezava as advertências, e virava as costas trauteando árias da ópera, quando as censuras o irritavam.

Uma vez disse Serafim a sua mãe:

- Vou pedir-lhe um favor...
- Não me peças muito dinheiro, meu filho, que eu receio não te poder servir – atalhou a mãe sorrindo, mas melancolicamente.
- Então minha mãe está pobre?!

– Não sei. Teu padraço queixa-se de infelicidade no jogo dos fundos, e diz-me que é forçoso reduzir as tuas despesas e as minhas.

– Que nos dê ele o exemplo reduzindo as suas.

– Assim o tem feito.

– Mentiu-lhe. Reduziu apenas aquelas em que minha mãe e eu tínhamos alguma parte. Vendeu a carruagem e as orças; mas sustenta pomposamente mulheres.

– Mulheres! – interrompeu D.^a Rosa com veemência – Estás a caluniar teu padraço!

– Se as quer conhecer, minha mãe, dou-lhe os nomes e residências delas. Quando seu marido lhe disser que vai ao *club* português conferenciar com os sectários de Gomes Freire e com os liberais portugueses, procure-o em alguma destas duas casas que o há de encontrar, comprando com o dinheiro, que a mãe não pode dar-me, as carícias que as mulheres dissolutas vendem aos homens de quarenta anos.

E depois de lhe entregar um papel escrito a lápis, continuou:

– Mas eu nada tenho com isto, ou isto nada tem com o favor que lhe quero pedir, e muito desejo ser atendido.

– Que é, Serafim? – perguntou D.^a Rosa com as faces rubentes de ira febril, e o espírito abstraído na perfídia do esposo.

– É que diga a seu marido que lhe não importe a minha vida; que cesse de me obsequiar com os seus conselhos, e de me importunar com as suas arguições. Que me não conte os luíses que eu gasto, porque eu nada lhe peço, e nada gasto que seu seja. Em conclusão, diga-lhe que me deixe. E, se vê que não basta o dizer-lho, peça-lho, rogue-lho; e, depois, se ele a não atender, diga-lhe minha mãe que lava as mãos, e desafoga a sua consciência de boa esposa.

– Que queres tu dizer, meu filho? – acudiu a mãe, já receosa do aspecto sinistro de Serafim.

– Pois não me entendeu, minha mãe? Quero dizer que estou cansado de ouvir o sr. Cortês, e de saber as injuriosas ausências

que me ele faz, alcunhando-me de perdulário devasso, que estou arruinando os haveres de minha mãe. Se alguém os arruinou decerto não fui eu, pois não?

– Não, filho. O que tens despendido não podia abalar a minha «fortuna».

– Pois bem; que dissipe ele o restante; mas que me não calunie; aliás...

O remanescente da frase foi cortado pela chegada de Aires. Serafim, brandindo o chicote como sua mãe em casa de Josefina de Fonte-Arcada, perpassou pelo padraсто, e saiu.

Rosa estava enxugando as lágrimas, quando o marido a procurou na sua antecâmara.

– Porque choras? – perguntou ele – Teu filho provavelmente afligiu-te?

– Não... – murmurou ela.

– Sim... não me mintas! Estás pagando as demasias de liberdade que lhe deste. Aí o tens, como a bruta natureza o fez. Agora, inclina o colo humilde ao cutelo do algoz...

– Eh! – exclamou Rosa – o que aí vai de palavras fúnebres! A que vem aqui o algoz e o cutelo! Quem te disse que meu filho me ofendeu? Se alguém afia o cutelo de verdugo não é ele...

– Então quem? Detesto reticências. Explique-se! – bradou desabridamente o marido.

– Não grites, que eu não reconheço a razão dos que berram...

– Nada de ironias! – voltou Aires com severidade.

– Queres tu dar por concluída uma cena desagradável? Deixa-me!

– Quer dizer a senhora que a deixe, divorciando-me? Assim há de acontecer.

– Quando a derradeira moeda tiver caído no abismo das outras – retrucou serenamente D.^a Rosa.

– Abismo cujas fauces seu filho está alargando.

– Não falemos em despesas de meu filho; que os gastos dele em Paris são inferiores ao rendimento das quintas que eu administro há dezesseis anos.

– A senhora defende o seu libertino filho?

– Defendo, e peço ao meu libertino marido que o defenda também, ou pelo menos o não acuse.

– O quê?! explique-se! – bradou convulso Leopoldo.

– Nada de frenesis! Bem vê que eu não me altero, senhor. Não me dê como exemplo de desmoralização um rapaz de dezessete anos, criado sem pai para o amor, e para o rigor da educação. Enquanto houver rapazes de quarenta anos é justo que se desculpem as leviandades dos velhos de dezessete!...

– Eu desprezo essa afronta! – rugiu sufocado de raiva o homem picado no orgulho de galã não despreciando – Os seus avós estão falando na senhora! Essa grosseria vilã é irrupção do sangue boémio que lhe ferve nas veias!...

– Biltre! – disse Rosa num quasi murmúrio inaudível, dispondo-se a cortar o diálogo com a prudente retirada; ele, porém, regurgitando ainda cólera, que lhe fuzilava nos olhos e espumjava nos beiços, impediu-lhe a saída da recâmara, postando-se de encontro à porta.

– Afaste-se! – exclamou ela com serena dignidade e um mover de olhos do mais fidalgo desdém.

– Não quero! – bradou ele cruzando os braços – Aires Cortês não se move às ordens da filha de Bernardo, o tendeiro de Lanhoso.

– Então que me quer dizer o infamado fidalgo? – contraveio Rosa, cruzando também os braços.

– *Infamado!* sim, diz bem, *infamado!* – replicou ele, bambolean-do a cabeça, e trincando no lábio o frouxo de riso sarcástico – *Infamado* porque sou seu marido, porque desonrei o pundonor da minha geração de honrados ascendentes, ligando-me à mulher que me trouxe um filho ilegítimo como penhor de sua virginal inocência! *Infamado* porque...

– Cale-se, miserável! – interrompeu a ansiada senhora, comprimindo o seio traspassado de angústia inexprimível – Cale-se – prosseguiu ela soluçando – eu nunca pensei que, ao cabo de dezesseis anos de extremosa esposa, pudesse uma pobre mulher

ser tão covardemente insultada pelo homem a quem ela contou as infelicidades da sua vida... Ó senhor! eu iludi-o porventura? O senhor não me viu um filho nos braços? Não lhe disse eu que era pecadora? Não me disse o senhor que maiores culpas desculparia à inocência que me cegou?...

– Porem... – respondeu Leopoldo exacerbado pelo tom humilde, mas pungente da interrogação – porém a senhora não me disse que seu filho, este incessante pregão da sua desonra, viria para minha casa!...

– Que quer o senhor que eu faça ao meu filho? Se eu sou a mãe desse infeliz, que o senhor sem causa detesta, quer que o expulse?

– Quero que opte entre ele e eu.

Desde que Leopoldo desentoara em gritos no começo da altercação, a criada particular de D.^a Rosa, devotadíssima serva e melhor amiga, que já havia sido ama de leite de Serafim, saíra ao corredor contíguo à recâmara da senhora, pé ante pé, e aplicara o ouvido, com as mãos inclavinhas no rosto em aflitiva postura. E, quando Rosa, injuriada com as culpas da sua tão expiada candura, rompeu em alto choro, também ela chorava, afogando os gemidos com o lenço apertado nos dentes. Ao tempo que Aires Cortês impunha à mulher a opção, a criada viu surgir silenciosa e surdamente, no outro cabo do corredor, o vulto de Serafim. Caminhou ela estugando o passo ao encontro dele, como se o quisesse desviar dali; mas Serafim, apurando o dedo indicador sobre o nariz, tão imperativo gesto fez, que a ama se quedou cobrindo o rosto arquejante com as mãos.

Abeirou-se o filho de Rosa da empena envidraçada da porta, no lance em que Leopoldo repetia a proposta a que, da primeira intimação, a atribulada mãe e esposa não respondera.

– É escolher! – repisava ele – ou eu ou seu filho! E nada de subterfúgios. É decidir: ou seu filho sai de Paris, e vai comer o que tem lá onde quiser, ou eu a deixo em digna companhia de tal canalha! Escolha!

– Escolhi.

– Diga.

– Deixe-me com meu filho – respondeu D.^a Rosa com majestosa altivez, com num belo ímpeto maternal.

– Esperava essa resposta!... – voltou Leopoldo casquinando o riso do pungente ultraje. – Assim devia responder a mãe que se reconhece na alma vil do filho, a mulher que se revê no fruto do seu impudor! Apoiada, sr.^a Rosa de Simães, apoiada! Fique; eu irei lavar no arrependimento as manchas que levo da sua companhia; e, quando me perguntarem que razões tive para me desquitar da senhora, direi que lhe perguntem quem é o pai do devasso a quem me sacrificou. Fique, e seja feliz!

– Não é feliz quem é pobre – balbuciou ela.

– Quer dizer...

– Que sou pobre.

– Dê largas à sua ideia... nada de meias-palavras...

– O senhor tem bastante esperteza para suprir a outra metade das minhas palavras, se me acha muito concisa.

– Acho-a muito vil... é o que eu a acho, senhora! Se queria hoje retirar-se com a sua «fortuna», não a gastasse em bailes, em carruagens, em ostentações, em modistas, em banquetes.

– Isso é abjeto! – argumentou ela com a tranquilidade da consciência justa – eu aceitei os seus prazeres como meus, sacrifiquei-lhe o meu filho às suas fidalgas vaidades de ter uma corte a quem era necessário apresentar uma criança, entrei nas suas carruagens sem me lembrar que eram minhas, devorei muitas vezes as lágrimas nos seus banquetes, lembrando-me que àquela hora estava em Portugal um menino, que me tinha salvado da morte, pedindo-me no sorriso de anjo que vivesse para ele! E tive ânimo de o abandonar às frias carícias de estranhos, enquanto o senhor atirava ao regaço das suas amásias mãos cheias de ouro usurpadas ao que eu devia respeitar como um depósito inviolável de meu filho!

– Quer dizer que a roubei?

– Não; não me roubou: empobreceu-me; e hoje atira-me ao rosto com o meu passado, e vê-me na cara as manchas que não viu, enquanto eu as pude esconder debaixo de uma máscara de

brilhantes. Pois seja assim; vá com Deus, e varra as gavetas, se ainda tem que varrer. Leve tudo, e deixe-me a minha honra reabilitada pela sua desonra. Quer metade de umas pedras preciosas que ainda tenho? quer dividir os bens do casal? diga-o francamente, que eu parto em dois este fio de diamantes, e cedo metade para o pescoço da Maria Godefroid da rua Marboeuf, ou da Vauthier da rua Odéon.

Os nomes e residências das duas amásias manteúdas, sobre-excitaram Aires Cortês em apóstrofes iracundas esbofadas em monossílabos. E ela contemplava aquele escabujar do opróbrio incontrito, e assanhado pela impossibilidade da justificação. O sorriso de Rosa, que já não podia duvidar da revelação do filho, era rancoroso quanto pode ser em mulher da condição daquela.

– Que contorções são essas? – voltou ela com sobranceira – Que rugidos tão impróprios de quem devia cair de joelhos diante da esposa honesta, que nunca pensou sequer no desforço tão vulgar em outras, e que, vendo sair desta casa os sacos do dinheiro, nunca perguntou se a fome poderia entrar por onde eles saíam!

– Silêncio! – bradou ele cerrando os punhos.

– Cuspo nas suas mordanças, senhor! Ameaça-me?...

– Não a ameço!... esmago-a se não cala essa infame boca!

E avançou para ela, recurvando os dedos de ambas as mãos. A mulher esperou-o imóvel, risonha, arrogante. Ele refreou-se diante daquela fixidez escultural; mas, como Rosa desse aos ombros, murmurando: «vejamos como bate em uma mulher este ignóbil fidalgo», ele espalmou-lhe na face uma possante bofetada, que a fez ir de encontro a uma otomana.

Neste conflito, Serafim desandou no corredor, muito às surdas; e quando a ama se abraçava nele pedindo-lhe com gestos que acudisse à mãe, o moço repetiu o sinal de silêncio, travou-lhe do braço, levou-a consigo para lugar distante da casa, e disse-lhe com encavernada voz:

– Juras que nunca dirás a minha mãe que me viste neste corredor?

– Porque me diz isso, menino? – clamou a ama, despercebendo o fim de tal juramento.

E ele repetiu:

– Ou juras, ou nunca mais volto a esta casa!

– Juro, meu filho, juro – acudiu ela pondo as mãos.

E Serafim desceu ao seu quarto situado ao rés do pátio interior do palacete.

Entretanto, Rosa, prostrada no sofá onde caíra, curvou-se sobre as travesseiras do respaldo, escondendo nelas o rosto.

Esta postura agravava as ânsias da asfixia causadas pelos soluços. Instantes depois, prorrompeu em gritos estridentes, mas involuntários: era um acesso de esterismo, com estertores de braços e tamanhas convulsões que já se estorcia no pavimento, quando as criadas lhe acudiram.

Leopoldo, depois do insulto, quedara-se instantes debruçado sobre ela com os braços inteiriçados e a respiração fremente. Depois afastou-se de ímpeto, a passo acelerado, e entrou no seu gabinete. Abriu uma gaveta de um contador, tirou alguns punhados de moedas de ouro, e de bilhetes do banco.

Relançou os olhos para o relógio do salão de espera, e viu que era meia-noute. Quis pedir luz, porque o lampião da escada, contra o costume, estava apagado; mas a impaciência de sair era maior que o receio da escuridade. Desceu a escada tateando o corrimão; e, quando punha o pé no pátio, sentiu-se filado pela lapela da casaca. Deu um grito, e abrangeu ainda o corpo de quem o atacava; porém, os braços, como se lhos desconjuntassem pelas espáduas, caíram, laxos e inertes, quando uma e repetidas punhaladas lhe romperam as entranhas.

Ninguém ouvira o grito nem o baquear do corpo no ladrilho.

Serafim arrastou o cadáver para o portão, que abriu, mansamente, o espaço bastante à passagem de um homem. Em seguida, olhou e escutou os vultos e os rumores da rua Vrilière. Retraiu-se, e cerrou a porta enquanto ouviu o estrupido da patrulha de cavalaria. Depois, examinou com pachorrento esmero as janelas, onde ainda

tremeluziam as lâmpadas dos artistas e dos estudiosos. E, com a segurança de não ser visto, arrastou o cadáver pelas lajes da rua, subpondo-lhe as abas da sobrecasaca para não gotejar na pedra alguma pinga de sangue, parando a cada empuxão, até o levar a distância de cinquenta passos.

Feito isto com uns pautados movimentos que poderiam denominar-se a perfeição no género, recolheu-se ao pátio, fechou o portão sem o mínimo ringir de gonzos ou chave, examinou que o sangue não tivesse espirrado nos adobes, foi escutar ao postigo do porteiro que resmoneava sonhando que ouvira um grito, entrou nos seus aposentos, lavou o punhal manchado de laivos vermelhos, lançou a água ensanguentada ao esgoto, e atirou-se, enfim, para cima do leito, fitando o ouvido nos ruídos da rua.

Passada meia hora, ouviu o longínquo tropear pausado dos cavalos da patrulha. Deu tento de que ela parara a distância provável dos cinquenta passos. Ouviu o galopar de um cavalo, que presumiu com acerto ser o aviso levado à estação da guarda. Não podia discriminar o que se dizia, por entre o borbórinho de vozes, de passos e tropel de cavalos. Pouco depois, era profundo o silêncio.

Serafim despiu-se, deitou-se de vez, e aí, ao romper da alva,... adormeceu!

A mãe é que não adormecera nem ouvira o arruído da rua; mas Bernardina, a ama de Serafim, toda a noite, sempre que podia dar uma saída do quarto da senhora, ia colar o ouvido aos resquícios das janelas, e decifrar no sussurro exterior o terrível acontecimento que sucedera.

D.^a Rosa, às três da manhã, disse à ama:

– Tornas a ver a tua terra, Bernardina. Voltamos para Portugal, e lá vou morrer onde nasci... Mas eu antes queria entrar na sepultura que em Simães.

– Credo, minha senhora! antes em Simães! – emendou Bernardina.

– Que alegria – continuou D.^a Rosa – vou dar a Josefina! Quando ela souber que eu voltei pobre e sem marido!

– Pobre é o demónio, que perdeu a graça de Deus! – consolou a ama – V. S.^a ainda tem as duas melhores quintas do concelho da Póvoa; lá isso de não levar marido, faça de conta que vai melhor sem ele. Levamos o nosso menino; que mais queremos nós?...

– Se ele soubesse o insulto e as palavras que eu ouvi e sofri esta noute...

– Ai! Deus nos defenda! O sr. Serafim dava-lhe cabo da casta ao senhor doutor!

– Meu filho decerto não estava em casa, porque saiu quando o sr. Cortês entrou.

– Acho que sim...

– Quem me dera saber se ele ficou por fora... Está quasi a romper o dia... – disse D.^a Rosa abrindo as portadas da janela que dava para o jardim – Se tu fosses perguntar ao guarda-portão se o menino recolheu...

– Vou sim, minha senhora, pois não vou?

Bernardina, rezando o credo persignado sobre o coração, e estremecendo enfiada de medo a cada rastolhada de ratos nos forros da escadaria, bateu ao postigo do porteiro, e perguntou-lhe a que hora viera o menino.

– Deitou-se às onze e meia – disse o velho, acrescentando: e o sr. doutor Aires entrou às onze e não tornou a sair.

– Saiu – disse a criada irrefletidamente.

– Não saiu – negou o porteiro – você quer saber mais do que eu? Não estou aqui a guardar cabras. Há mais de uma hora que estou à vela. Não sei que diabo aí vai na rua...

– Anjo bento! – atalhou Bernardina, benzendo-se com a mão toda.

– Que tem você? – perguntou o porteiro, que não atinara com o motivo da exclamação beata da ama.

Bernardina já lhe não respondera, galgando as escadas a duas e duas, não só conturbada pela intervenção da palavra *diabo* em tal hora e conjuntura, senão quando ouvira dizer distintamente na rua: «Tem o estômago cosido de facadas.»

Chegou a mulher mortalmente lívida ao pé da senhora, e disse-lhe, a vozes truncadas, que o sr. Serafim se recolhera à cama às onze e meia.

– Oxalá que ele não ouvisse nada... – disse D.^a Rosa, e prosseguiu, volvidos alguns segundos: – Não quero que ele saiba o que se passou. Tu não lho digas, Bernardina!

– Eu... não, minha senhora...

– Tenciono dizer-lhe que estou resolvida a ir passar algum tempo em Portugal, e o quero levar comigo, sem lhe contar que me separo para sempre deste homem. Depois de lá estar, então lhe contarei, que me divorciei, e já não haverá perigo algum. O Serafim tem ódio ao padrasto, e seria terrível o desfecho das cenas desta noite, se meu filho as desconfiasse... Quem me dera poder dormir cinco minutos que fosse... – disse a senhora, esvaída de forças, e recostando a face febril à almofada do sofá.

Neste comenos, aldrabaram à porta rijamente quatro pancadas.

Bernardina pegou de tremer, e D.^a Rosa exclamou alvoroçada:

– Que bater é este?! Aquilo é cá em casa?

– É sim, minha senhora... Lá saiu o porteiro do quarto... vai abrir a porta...

– Vou ver o que é... – disse D.^a Rosa, erguendo-se de golpe, e amparando-se logo no ombro da criada – Dobram-se-me os joelhos... não posso dar um passo... Vais tu ouvir do patamar da escada o que lá se diz?...

– Aí vem já o porteiro subindo – observou Bernardina.

– Como tu tremes, mulher! que é isso? eu também estou assustadíssima!...

O porteiro bateu em uma das portas interiores três repetidas palmadas. Acudiu Bernardina, seguida da senhora, que sentiu inexplicável medo de ficar só, porque vira oscilarem nas paredes uns lampejos que eram naturalmente o vasquejar das duas chamas dos castiçais a extinguir-se.

E o porteiro disse o seguinte:

– Diga à senhora que o senhor doutor está morto na rua.

– Meu Deus! – exclamou D.^a Rosa, abrindo a porta com impetuosa energia – Que diz, porteiro? Meu marido está morto?!...

– Sim, minha senhora, e morto a facadas. Apareceu à hora e meia da noite! É o que dizem; mas eu realmente não sei quando ele saísse de casa, tendo entrado às onze e meia, e não tornando a sair pela porta grande...

– Ó virgem santa! – bradou a viúva pondo as mãos – Vós bem sabeis que eu desejo morrer neste momento!...

E alçando o rosto de sobre o peito arquejante, prosseguiu:

– Mas quem o matou? que inimigos tinha ele?...

– Quem não tem inimigos!... – murmurou a ama, ensaiando já o modo de desviar suspeitas do assassino.

– V. S.^a quer que eu chame o sr. Serafim? – perguntou o porteiro.

– Chame – assentiu D.^a Rosa – e diga-lhe que eu o estou esperando.

Serafim já vinha subindo.

Nem remordimentos de consciência nem esgares de hipócrita compaixão, nem sequer o mínimo fingimento de assombro! Entrou serenamente à presença da mãe, que se lhe lançou nos braços, exclamando:

– Ó filho, que desgraça! mataram-no! que mal fez ele? quem o mataria assim?

– Por enquanto nada posso responder-lhe – disse serenamente Serafim – A justiça descobrirá os assassinos, se puder. Às vezes, morre-se às mãos de salteadores nas ruas de Paris.

Bernardina não desfitava os olhos, nublados de lágrimas, do rosto do seu querido menino; e ele, relançando-lhe um olhar esconso, recordava-lhe em terrível silêncio o juramento feito. A ama percebeu-o, e abaixou os olhos em gesto de ratificar o que jurara.

Não se demorou ao lado da mãe, que se espantou do porte glacial do filho. Desceu ao seu quarto e recebeu os agentes da polícia que recolhiam informações para devassar dos autores

conjeturáveis do homicídio. Serafim respondeu que seu padraсто era português emigrado, e não tinha inimigos declarados nem suspeitos em Paris.

A justiça criminal, lavrado o auto, mandou entregar o cadáver à viúva. E antes que o morto fosse depositado na sala nobre do palacete, Serafim quasi forçou sua mãe a sair de casa, e entregou o encargo da sepultura a Jerónimo de Magalhães, amigo certo e grato de D.^a Rosa, e secreto inimigo de Leopoldo Aires Cortês.

A hipótese de haver sido o português assassinado por ladrões, destruiu-a o achar-se-lhe nas algibeiras grande quantia de dinheiro em ouro e notas. Rastrou-se o crime na política; porquanto, reunidos em Paris os reacionários que deviam no seguinte ano, 1828, aclamar no Porto D.^a Maria II, rainha constitucional, e sendo o doutor Cortês um dos mais ativos fautores da expedição, alvitram os seus próprios correligionários que os ministros do Nero português haviam mandado a Paris os seus sicários. Esta conjectura correu com foros de irrefutável. Leopoldo Aires Cortês foi beatificado mártir do despotismo, e aureolado com a coroa cívica dos Gomes Freires, Britos e Gravitos.

Poucas semanas decorridas, D.^a Rosa, leiloada as alfaias da sua luxuosa casa, saiu para Portugal com o filho e Bernardina, e escondeu-se com a sua imensa dor nos arvoredos de Simões.

Contava ela então trinta e cinco anos; era ainda formosa quando enviuvou; e, desde a primeira hora que entrou em Simões, começou de encanecer e avelhentar-se precocemente. Seria grande parte neste deperecimento o recordar-se de sua infância, do seu amor verdadeiramente único, de seu pai que ali se finara de vergonha; mas sobrepujava todas as angústias a desconfiança de que seu filho era o assassino de Leopoldo. A suspeita formara-se na combinação de gestos e palavras dele, feita com o ânimo já desalvorçado.

Mas a desgraça refugia desta ideia com horror de si mesma, e não ousava dar sombra da sua desconfiança ao desvelado amor de Bernardina.

Os haveres da família de Simões eram medianos, mas bastantes ao trato modesto da aldeia. As duas quintas, com o restante capital apurado em Paris, asseguravam a subsistência e ainda algumas regalias de Serafim, como costumam frui-las os fidalgos do Minho que, na posse de dois cavalos e três galgos, pedem meças ao pompear sibarita dos príncipes persas.

Não obstante, Serafim Gonçalves, viciado nas galas parisienses, discontentava-se da mediania de proprietário rural.

Relacionando-se com os cavalheiros conterrâneos, achou-os intratáveis de estupidez, lorpas perpetuados em ponto de admiração, velhacos sob a máscara do idiotismo, e sempre de pé atrás com ele, desde que o ouviram chacotear dos milagres de certos santos e santas oragos daquelas freguesias.

O pensamento do filho de D.^a Rosa era transferir-se para Lisboa, vendendo as quintas. A mãe impugnava-lhe o projeto com certa timidez, concluindo sempre por lhe dizer que dispusesse das quintas, que eram suas.

Bernardina, que se prezava de ser atendida do seu menino, disse-lhe um dia:

– Sr. Serafim, não venda as quintas; faça o que eu lhe digo: case-se com uma rica herdeira, que eu lhe hei de nomear; depois vá para Lisboa, que há de ter dinheiro para tudo, sem vender a casa onde V. S.^a nasceu e mais sua mãe.

– Quem é a herdeira?

– É uma menina, filha única de um irmão do Manuel Vieira que deixou a herança a seu avô, Deus lhe fale n'alma. O pai dela era um Matias do Couto, que o povo matou em Braga, para o roubar, quando os franceses lá entraram há vinte anos, pelos modos. A menina, que por sinal se chama Leonor, é mais velhinha que V. S.^a três ou quatro anos, e está e mais a mãe na quinta de Monsul; mas olhe que ela tem sete quintas em Louredo, em Brunhães, em Covelas, em...

– Está bom, está bom: antes de ver as quintas, quero ver a rapariga.

– Isso faz-se com jeito, menino; não vá V. S.^a cuidar que está na França. Monsul é uma coisa, e Paris é outra. Eu é que hei de ir primeiro...

– Ver a noiva?

– Pois então! e que seja eu? Se ela for bonita, logo lho digo; mas não é isso, menino; eu quero primeiro deitar as minhas inculcas, e saber se ela já está amanhada lá com outro noivo.

– Disso não tenhas tu medo. Mais depressa o hei de eu saber, sem o perguntar, do que tu com as tuas inculcas. O negócio corre cá pela minha agência, Bernardina. Amanhã já te hei de dizer se caso ou não.

Esporeou Serafim o fioso cavalo para Monsul, bateu a corcovos e galões a calçada por onde corria o paredão da quinta, os cães remeteram por sobre os estrepes dos muros contra o fumegante baio: era um estridor digno de um esquadrão! A menina Leonor do Couto assomou no miradouro sobreposto à parede, correspondeu ao cumprimento silencioso do cavaleiro que a remirava a fito, corou, estranhou o reparo, viu-o ir muito de passo voltando-se no selim; pareceu-lhe até que o vira sorrir; cismou, excogitou desfolhando distraidamente um ramo de flores, e todo seu desvelo e zanga era não ter quem lhe dissesse a terra e o nome daquela pessoa, tão diferente de todas as pessoas das terras de Lanhoso.

Neste entretanto, abeirou-se do mirante um filho de proprietário rico, de nome José Veloso, que namoriscava desafortunadamente a neta do monge de Bouro. Perguntou-lhe ela quem seria um cavaleiro muito taful, que passara a dar upas num cavalo muito lindo.

– É o filho da Rosa de Simões – respondeu o ciumento Veloso que, a respeito de Leonor, tinha o quer que fosse do outro Veloso do Camões, quanto às moças da ilha.

– Não sei quem é... – tornou ela dissimulando a crescente curiosidade.

– Ora não sabe a Leonorzinha outra coisa! É filho da Rosa, que tinha o pai tendeiro, e que herdou do tio da menina...

– Ah! já sei... já sei... Minha mãe disse-me que viera agora de França uma senhora, que tinha amado não sei quem...

– O Alexandre de Calvos, que casou em Fonte-Arcada e é agora tenente coronel...

– Um que não faz caso da mulher?

– Isso; nem do filho, que está a ordenar-se para ter que comer, porque o pai deu cabo das duas casas, a dele e a da mulher... Pois este rapaz, que a menina viu, é filho do tal Alexandre... Se sair à casta, há de ser boa peça...

– Isso lá não regula... Pode ser melhor que o pai.

– A menina, pelos modos, não desgostou do bonifrate... – disse José, dardejando-lhe um mau sorriso, que resvalou no desdém da moça.

– Eu! tanto se me dá como se me deu! E, se gostasse? Sou senhora dos meus gostos... ora aí está!

Destes dizeres não é justo depreender-se que a menina de Monsul fosse eloquente; mas isso não desfaz na beleza, frescura e graça natural da rica herdeira das sete quintas, contadas por Bernardina.

Veloso retirou-se amuado naquela tarde, e ela, quando o viu ir, disse entre si: «Nunca tu cá tores, azemel!»

Serafim declarou à sua ama que a rapariga era galante, que ele podia amá-la e o casamento era muito possível.

– Pois o menino já lhe tocou no caso?! – perguntou Bernardina pasmada do afogadilho do negócio.

– Isso há de ser amanhã.

A ama não julgaria extraordinária cousa dizer-lhe o menino, no dia seguinte, que já estava casado.

Na volta da segunda excursão ao casamento rico, relatou Serafim que abrira palestra com a moça, pedindo-lhe um ramo de alecrim que ela prontamente lhe dera. Confessou ser a pequena bastante bruta; mas capaz de ser civilizada, e amada depois.

– E falou-lhe no casamento? Ora se falou!...

– Não: perguntei-lhe se amava algum homem. Disse que não. Perguntei-lhe se poderia amar-me. Respondeu que podia ser. Nisto, passava um caçador rapazola olhando-me de certo feitio. Medi-o d’alto a baixo, enquanto ele passava. «Isto pertence-lhe?» perguntei a Leonor. A pequena corou lindamente, e disse que a sua mãe a queria casar com aquele rapaz, que ela aborrecia. Já vê, Bernardina, que tenho contra mim a mãe...

– Isso lá quem sabe!... Eu tenho na freguesia de Monsul uma prima que é comadre dela... Sonda-se-lhe o interior...

– Não se sonda o interior de ninguém – recusou Serafim.
– Que se me dá a mim da mãe nem do diabo? A pequena salta do mirante à anca do meu baio, e desaparece num pronto.

– Isso não é bonito, meu filho! – objetou a ama – Fale com a mãe da menina, ou deixe-me arranjar quem lhe fale.

– Já te disse que não me empates as vazas com panos quentes. Qualquer hora vês aqui a Leonor de Monsul...

– Recebida à face da Igreja... – atalhou catolicamente Bernardina.

– Isso há de ser depois...

– Depois? então o menino quer entrar em casa de sua mãezinha com uma manceba? Não faça tal, que acaba os dias da vida da minha infeliz senhora.

– Sabes tu dizer-me quem era meu pai, ó Bernardina? – perguntou o filho de Alexandre com um sobrececho de afrontoso desprezo pela mãe.

– Que diz o sr. Serafim?... – balbuciou a ama, recordando, a pesar seu, a cara que lhe vira em uma noite horrível de Paris.

Ele não lhe respondeu, deixando-a a cismar na terrível e arrebatada interrogação.

Mas, em verdade, Serafim ignorava quem fosse seu pai? Com certeza ignorava. D.^a Júlia Queirós havia-lhe dito que sua mãe fora casada e era viúva do pai dele, quando passou a segundas núpcias. Neste pressuposto foi para Paris, e nunca lhe passou pelo espírito a dúvida de sua honrada procedência, até que ouviu aquelas injúrias de Aires Cortês cuspidas no rosto da mãe... «Assim devia responder

a mãe que se reconhece na alma vil do filho, a mulher que se revê no fruto do seu impudor... Quando me perguntarem que razões tive para me desquitar da senhora, direi que lhe perguntem quem é o pai do devasso a quem me sacrificou.» Além disto, muitas frases de sua própria mãe, ditas naquele conflito, desmentiam a honesta geração que lhe inventara D.^a Júlia.

O desengano magoara-lhe medianamente os brios. Não podia haver fibra primorosa de honra naquele mancebo de dezessete anos, que matara nas trevas a facadas um homem inerme, bem que houvesse recebido dele sinais, e palavras de intranhada aversão. Decerto, não queimava o ferrete da filiação ilegítima a fronte daquele malfadado, cujo cérebro fermentava atrocíssimos crimes, e tantos que, mais tarde, o veremos na mais severa expiação que podia infligir-lhe a justiça humana.

Estando ele já em Simões, perguntou a sua mãe de que família daqueles sítios era seu pai. D.^a Rosa, sobressalteada pela pergunta, balbuciara que seu pai era doutra província. O filho não instou, nem reparou no semblante aflito da sua mãe. «Que me importa?» diria ele entre si.

A pergunta, repetida à ama, era uma resposta ultrajosa aos reparos moralizadores da criada, quanto a trazer ele ao seio da família e à presença de sua mãe uma menina raptada e concubina.

Observou D.^a Rosa, desde o assassinio do marido, não só desfalque no pouco respeito do filho, mas também desprezo. Em Simões, corriam dias inteiros sem se verem. Ela procurava-o no seu quarto, impulsada por acessos de ternura, que ele glacialmente lhe esfriava no coração, apenas se defrontavam.

Qualquer expressão pesarosa que proferisse, avincava o sobrolho de Serafim. O trejeito do olhar, que lhe ele vibrava de esguelha, fazia medo à pobre mãe. E, como a fatalidade da raça lhe impeçonhara o sangue, algumas vezes, ela, nos intervalos da ira, dizia consigo: «Oxalá que eu o tivesse enjeitado como todos me aconselhavam!» Todos, em verdade, lho haviam aconselhado, desde o pai até ao vigário, que sabia o segredo daquele desdouro.

XIII

As contrariedades saíram-lhe ao namoramento de Leonor.

José Veloso, sobrinho do reitor de Campos, queixou-se ao tio da inconstância da noiva, que ambos reputavam contrato feito. Lamentou-se o rapaz de ser suplantado pelo filho de Rosa de Simões.

O reitor de Campos era o confessor de Tomásia, mãe de Leonor. Com bom fundamento, tranquilizou o padre os sustos do sobrinho, quanto ao casamento; mas não conseguiu o mesmo êxito quanto à inteireza da sua cara, porque Serafim de Simões lhe dissera que lha quebrava, se ele continuasse a perseguir com baboseiras amorosas a menina de Monsul.

O reitor intendeu-se com a confessada, contou-lhe o que ela não ignorava respetivamente aos amores ilícitos de Rosa; assegurou-lhe que os haveres do tal Serafim eram apenas duas quintarolas já empenhadas, e concluiu por onde devia começar, dizendo que nem o rapaz nem a mãe iam à missa; e, de mais a mais, ele escarnecia da milagrosa santa Úrsula de Ferreiros, de santa Esculápia de Águas-santas, e dos santos irmãos Cosme e Damião de Galegos. A senhora Tomásia teve dois ataques sucessivos de flato, durante os quais deu arrotos que mugiam como urros: tanta era a sua piedade escandalizada!

A menina jazia estupefacta à beira da mãe, que lhe punha os olhos esbugalhados de maldições, ao passo que o reitor de Campos lhe repetia o que dissera à confessada.

Prometeu Leonor não continuar o namoro. A tempestade passou.

Mas, à hora da sesta, como a mãe se estivesse aparelhando para no dia seguinte, que era santificado, ir dignamente aos pés do seu diretor espiritual, foi Leonor ao mirante, e contou a Serafim tudo o que o padre dissera, citando o nome de Alexandre de Calvos, e não omitindo frase alguma das que a inocência não percebe, e a delicadeza não repete ao filho da mulher afrontada pela maledicência.

Serafim ouviu-a com inalterado aspecto.

– Amas-me tu, Leonor? – perguntou ele.

– Amo, sim.

– Então, salta daí que eu amparo-te nos braços.

– Saltar daqui! essa agora! p'ra quê?

– Vem para minha casa, e amanhã haverá um padre que nos receba.

– Isso não! – acudiu ela de pronto.

– Mentiste! Amas-me?

– Amo, sim; mas...

– Salta daí depressa, se queres convencer-me do teu amor...

– Não faço isso, que mato minha mãe – balbuciou ela chorando.

– Não matas tua mãe; eu te prometo que amanhã irá ela em busca de ti. Vem, se não queres que eu vá cravar um punhal no coração do infame padre que te contou essas histórias!...

– Santo nome de Jesus! – exclamou a espavorida moça – pois tu és capaz de matar o confessor de minha mãe?!

– Sou, se me faltas à tua palavra de casares comigo.

– Valha-me nossa Senhora! eu não falto; mas fugir de casa... isso não!

– Bem! não faltas?

– Já te disse que não, Serafim!...

– Nesse caso, vou tirar-te por justiça; e só sairás da casa onde te depositarem para entrares comigo na igreja. Queres?

– Sim... desse modo...

– Juras que não faltarás à tua palavra, por mais diligências que os meus inimigos empreguem para te despersuadir?

– Juro, juro.

– E sabes tu – tornou ele acentuando tragicamente as palavras – que a mulher, que me faltar à sua palavra, está perdida? Que eu, se tu casasses com outro, seria capaz de te matar nos braços dele? Matar-te, compreendes?

Leonor traspassou-se de terror, e tartamudeou:

– Juro que caso contigo... já to disse.

Serafim, lendo no rosto dela mais terror que ternura, insartou as mais doces frases que tinha no seu cadoz de posições meiguices, levando em vista desfazer a impressão de medo que lhe causara com os melodramáticos juramentos. A menina recobrou-se do pavor; mas tinha o coração negro, e amargurado pela ideia de deixar a mãe. Esta mágoa transparecia-lhe nas expressões. Perguntara-lhe Serafim se lhe custava sair por justiça. Leonor hesitou na resposta, e ele murmurou:

– Ah!... que não sei o que me adivinha o coração?... Tu és capaz da perfídia!... e, se me enganas, desgraçada!...

– Que homem, santo Deus! – replicava ela com transporte, mas sem a veemência do verdadeiro pesar de não ser crida – Verás que não falto à minha palavra... O que eu não posso é ser causa da morte de minha mãe...

Apartaram-se bem reconciliados e carinhosos.

Teria ele amado alguma hora a mulher que a sanguinária fantasia lhe prefigurou derrubada a seus pés com o punhal no seio? Não. A mulher, enquanto é amada está involta na túnica imaculada do prestígio. Antevê-la criminosa, e prelibar a vingança, matando-a, se tal sentimento cabe na alma do homem, é porque a imagem da mulher querida com primorosos sentimentos já lá se desluziu.

E ela amá-lo-ia? Também não, porque era inocente, simples, natural. Aborrecia o sobrinho do reitor, isso é verdade; mas, obrigada a maridar-se (palavra hedionda, mas seleta para definir as

carnalizações unipersonais de dois autómatos procriadores) obrigada a maridar-se com aquele ou com outro pior, seria fêmea bem procedida. Agitou-se vivazmente quando viu o taul de Paris em bizarras de ginete; gostou-lhe as palavras penteadas, e contentou-se das afoitezas que o estremavam dos salobros amórios de José Veloso. Assim foi; mas desde que ela se sentiu predominar do medo, a confiança retraiu-se, a igualdade de alma com alma desfez-se, e o amor feneceu-se tão instantâneo como desabrochara. Toda a mulher é como Leonor. Em começos de amor, dar-lhe a pressentir que a infração do sentimento espontâneo pode ser castigada com a perda da vida, é o mesmo que apagar-se uma luz com uma rajada de vento, é esmagar uma flor porque ela pode ter no seio das pétalas uma vespa.

Como quer que fosse, no dia seguinte, Serafim deu aviamento ao processo. Era necessário que a nubente requeresse o depósito. Procurou-a com o rascunho do requerimento; mas não a viu no mirante. Irritado, bateu a uma das portas da casa. Falou-lhe um criado, de quem soube que a menina estava na igreja com sua mãe, rezando o terço. Entrou no templo, esperou encostado à pia da água benta, em pé, em pé escandalosamente. E Leonor, que o vira, concluída a reza, pôde dizer-lhe enquanto a mãe fazia profundas cortesias às milagrosas imagens dos seis altares:

– Não pude esperar-te. A mãe obrigou-me a vir com ela.

– Aqui tens o requerimento que hás de copiar, e lançar-me esta noite da janela às onze em ponto, que hei de estar amanhã de volta de Braga.

Era já o medo que lhe movia o pulso copiando o requerimento. À hora prefixa, Serafim, que já havia tratado com a família depositária da requerente, partiu para Braga a colher o mandado do depósito.

Dois dias depois, o juiz, e escrivão, delegados para instrumentarem a remoção da esposa, acompanhados do noivo, chegaram a Monsul. Um criado lhes disse que a menina havia saído de madrugada para longe, seguida de parentes. Avisado Serafim, que ali

perto esperava o resultado da diligência judiciária, deu de esporas ao cavalo, e rompeu pelo eirado dentro com desesperado ímpeto. Apeando, bradou que os criados mentiam, e que Leonor estava em cárcere privado. Tomásia e o padre confessor, que lhe assistia naquele dia de aflição, tremiam ouvindo o praguejar do filho de D.^a Rosa. E, como ele gritasse que queria falar à mãe de sua noiva, e o reitor aconselhasse à confessada que o ouvisse, Serafim foi conduzido à presença da assustada senhora.

Uma mulher de cabelos brancos, em pé, ao lado de um sacerdote de venerando aspecto, incutiria respeito a alguém menos iracundo e desempoado que o aluno dos dissolutos da moderna Babilónia, como o reitor de Campos denominava a execranda Paris.

– Onde está sua filha? – perguntou Serafim rispidamente à senhora, dispensando-se de exórdios e cumprimentos.

– Minha filha – respondeu tremente a sr.^a Tomásia – não está em casa.

– Pergunto onde está.

– Deus sabe aonde.

– Responda-me direito – voltou o neto do bufarinheiro Bernardo.

– A filha da sr.^a D.^a Tomásia do Couto – disse gravemente o padre confessor – recolheu-se por sua livre vontade a um mosteiro de religiosas de Viana.

– Mentel! – bradou Serafim.

– Eu disse a verdade, e repito-a debaixo de juramento na presença de Jesus Crucificado – repetiu o cura, apontando para um painel.

– E foi por sua livre vontade? – recalcitou o moço com as faces túmidas de cólera e as veias repuxadas e roixas.

– Tão livre como as aves que voam no espaço – ratificou o clérigo.

– Ninguém a aconselhou?

– A inspiração divina.

– A que chama você inspiração divina? – voltou Serafim, cravando-lhe os olhos assanhados.

– À vontade do Senhor – respondeu o cura.

– E, se eu descobrir que você a moveu à infâmia de quebrar o juramento que fez, sabe que lhe corto as goelas simplesmente por inspiração humana?

– Não me assusta, sr. Serafim – voltou reportadamente o sacerdote – Eu aceito as injúrias e as ofensas por amor de Deus, e em cumprimento dos meus deveres. A sr.^a D.^a Leonor não me pediu conselho sobre ser sua esposa ou recolher-se ao mosteiro; se mo pedisse, dir-lhe-ia que não fosse sua mulher.

Serafim avançou dois passos contra o imóvel velho. Os homens da justiça que eram presentes, intervieram, levando da sala o alucinado rapaz. Tomásia estava de joelhos e mãos postas, como no dia em que lhe levaram o marido a rastos de ao pé dela, e o espedaçaram a cutiladas na rua.

Serafim deu rédea desapoderada ao cavalo, deteve-se pouco tempo em casa, e foi a Viana.

Informando-se, soube que no convento de Jesus havia entrado uma menina do concelho de Lanhoso. Foi à portaria, e disse imperativamente que chamassem D.^a Leonor da parte de Serafim de Simães.

A recolhida, quando recebeu o aviso, começou de tremer, e olhar para as religiosas com ar suplicante de proteção. Em breves termos, contou os motivos de sua vinda, ainda ignorados, porque a prelada lhe abrira a portaria em vista de uma ordem do vigário capitular.

A priorosa, que era senhora bem falante, aceitou a missão de ir à portaria noticiar a Serafim que a menina recolhida preferia o divino esposo às núpcias temporais.

Desceu e voltou pasmada da insolência, e petulante fraseado do homem.

– Quer ele – disse a priorosa – que a menina declare em papel escrito de seu punho que por sua muito livre vontade faltou ao juramento que fez de casar com ele. Sem isto, diz que não sai da portaria, sem que a menina também vá. Olhem que despropósito!

Leonor chorava afligidíssima, sem poder negar a verdade da promessa, nem de espaço justificar a transgressão do juramento. O que as freiras jerónimas perceberam foi que a recolhida tinha obedecido a influência celestial rejeitando, à última hora, o esposo, segundo a carne.

Neste ascético alvitre, encarregou-se a priora de ditar a declaração, que a dolorida menina escreveu deste teor:

«Declaro que renuncio a esposar-me com Serafim de Simões, porque a superior força da vontade divina me chama às bodas celestes.»

– Vai muito bem – aplaudiu a escritvã.

E a redatora continuou, com o braço estendido em solene postura, e o dedo indicador apontado ao papel:

– Escreva, menina:

«Se o meu coração geme nesta resolução, a minha alma goza submetendo-se à vontade do seu Criador. Praza a Deus que o homem, que eu amei, se recolha também ao claustro a chorar os pecados do mundo, que são enormes. Convento de Jesus, 28 de agosto de 1828. Leonor do Couto, indigna noviça.»

A criada, que levou a declaração a Serafim, disse que ele espedaçara o papel, assim que o lera, e depois apanhara os papelinhos dispersos.

– Parecia o diabo do inferno, Deus me perdoe! – acrescentou a criada, benzendo-se.

Este desaire enfuriara a índole de Serafim. Afigurou-se-lhe que o vexame contentara os rapazes da terra, e nomeadamente alguns netos de padre Bento, primos de Leonor. Destes havia um, que campava de cavalheiro, flor de pimpões, famigerado em sangrar franceses e os seus próprios compatriotas. Era filho daquele Raimundo que servira como sacristão os frades de Vilar, e depois se chamara o *Bonzo*, por causa da preguiça fradesca do seu viver, tirante a fecundidade conjugal, que não era muito de frade.

O filho, como soubesse que Serafim ousara vituperar o proceder de sua prima na presença da mãe, bravateava valentias e ameaças ao de Simões, prometendo pô-lo abaixo do cavalo, quando o topasse.

Serafim teve notícia das roncarias de Feliciano *Bonzo*, assim também cognominado. Não podia vir mais a talho o ensejo de ele cevar as iras em alguém. Informou-se da paragem do chibante. Procurou-o de pau de choupa atravessado na perna, chapéu braguês posto na nuca, cigarro ao canto da boca, fxa vermelha, navalha galega a reluzir na algibeira da véstia, sapato branco de atacadores e espora amarela afivelada. Deste feitio trajava o moço que em Paris emulara os casquilhos da primeira ordem.

O neto de padre Bento Ribeiro, e outros da sua parentela, reuniam-se em assembleias que Serafim não frequentava. O poiso deles era uma taverna em S. Gens, onde se jogava, de noite e de dia,

o lasquenete, a lasca, a bolinha. Ali, desde 1798, tinha o ouro da herança de Londres, primeiro em pequena cópia, porque os jogadores eram os que haviam herdado a título de pobre; depois em avultadas porções, quando os que as perdiam, contra destros banqueiros de Braga e Porto, eram os filhos dos irmãos de Manuel Vieira.

Naquele ano de 1828, o maior número dos netos do padre Bento desbaratava o resto do património. Ali, na taverna de S. Gens, se reunia o belo rapagão chamado o *Cavalaria*, por ser filho do António, o antigo sargento daquela arma, os três Simões, também alcunhados os *Tornos*, como seu pai, que em método de educação dos filhos malandrins adotara o torno como corretivo e as orelhas dos rapazes como condutoras das boas máximas e corregimento do espírito. Não eram menos fregueses e dissipadores os filhos do Francisco Tamanqueiro que fechara a botica, paládio da morte, e morrera já empobrecido, herdando aos filhos os vícios do ócio e do jogo, sem recursos que os alimentassem. Os netos do alferes de Cima-de-Vila e os do irmão do mestre-escola concorriam também àquela e a todas as tavernas onde se jogava; e por alta noite a crápula e a raiva dos que perdiam tingia, às vezes, de sangue as tábuas da mesa em que tanto homem, no vigor dos anos, predispunha a sua miserável e desonrada velhice.

Foi, pois, a esse foco, onde se fermentava para breve irrupção uma quadrilha de salteadores, que Serafim de Simões se dirigiu. Chegando à porta da taverna, sofreu o cavalo, pediu um copo de aguardente, deixou cair as rédeas com o desleixo artístico dos picadores de baixa estofa, e acendeu um cigarro na ponta do outro. O *Bonzo* saiu ao limiar da porta, e mediu o cavaleiro.

– Sou eu mesmo – disse Serafim – Quer alguma coisa, seu fanfarrão?

– Você provoca-me, alma do diabo? –olveu Feliciano.

– Eu não o provoço; bato-lhe! – replicou Serafim sacando de sob a coxa esquerda o lóvão que lhe assentou no alto do crânio.

E, assim que o *Bonzo* arrancou o punhal, e travou dos bridões do cavalo com a mão esquerda, Serafim desandou a rosca da argola

que era a bainha da choupa, fincou-se nos estribos, tomou o pau a meio, e remessou-lhe uma choupada ao peito. Feliciano ainda raspou o ferro na perna do cavaleiro, e caiu.

Dez testemunhas presenciaram o conflito, e todas depuseram que Serafim as desafiara duas a duas, três a três, ou todas juntas.

O juiz ordinário da Póvoa de Lanhoso abriu sumário e pronunciou Serafim, que se deixou prender sem resistência, porque vira abocadas ao peito as espingardas das ordenanças de Calvos.

Ou porque a cadeia da Póvoa não quadrasse a preso de tal importância, ou porque o réu optasse pela cadeia da Relação, a cuja estância levara a pronúncia, é certo que Serafim de Simões foi transferido para o Porto.

Dias depois da sua entrada, foi avisado de ser procurado por alguém. Desceu dos quartos de malta à sala comum dos presos visitados, e viu um homem que não conhecia, e o contemplava com silenciosa fixidez e mal dissimulada comoção.

Quem visse o visitante, de bigode grisalho, aspeto militar, bem que vestido à paisana, rosto fino, olhos negros e apenas separados por estreitíssima linha, estatura meã e de poucas carnes, e ao mesmo tempo reparasse em Serafim, diria que ali estava um pai reconhecendo-se e lembrando-se nos dezanove anos do filho.

Um cavalheiro a quem devo grande parte do escorço deste romance, e que viu Serafim Gonçalves, descreve-o com estes breves traços:

«Era de altura regular, delgado de corpo, cabelo negro e corredio, olhos negros e ardentes, nariz aquilino e afilado, bigode cor de ébano muito lustroso, beiços delgados, pés e mãos extremamente pequenos.»

O meu ilustre informador encarece a voz de Serafim pelo timbre metálico, sonoro e às vezes de encantadora melopeia. Que desarmonia entre as cordas na laringe e as fibras do coração!

O homem que procurava o preso era, sem dúvida, o tenente-coronel Alexandre Gonçalves.

Depois de o ter examinado, balbuciou:

– O senhor é o filho da sr.^a D.^a Rosa de Simões?

– Sim, senhor.

– Sua mãe acompanhou-o?

– Minha mãe ficou de cama.

– É doença grave?

– Dizem que está héctica.

Houve uma breve pausa.

– Ora diga-me, sr. Serafim... – voltou o tenente-coronel com visível embaraço. – Certo, não me conhece...

– Decerto não.

– Conheci a sua família; tanto basta para me empenhar em que o seu destino seja melhor do que se pinta em tão verdes anos.

– Agradeço a benevolência.

Alexandre reparou no tom entre respeitoso e irónico do interlocutor.

– O senhor – prosseguiu – teve a felicidade de não matar o homem a quem feriu.

– Indiferente...

– O quê? Indiferente...

– Matá-lo ou não o matar. Matar-me-ia ele, o que seria menos saudável para mim.

– Observo que trata ligeiramente de mais esta sua posição, que é triste, sr. Serafim!...

– Bem sei; mas eu não sei chorar-me, nem tenho o mau gosto de fazer chorar as pessoas que me procuram.

– É heroísmo na desgraça. Entretanto, olhe para a vida com mais seriedade. Está muito em tempo de retroceder. Afianço-lhe a saída da cadeia, na próxima semana. A Relação anula o processo desde a pronúncia...

– Muito grato, se devo a V. S.^a tamanho serviço. Desejo saber o nome da pessoa a quem...

– São os desembargadores que o salvam. Eu sou apenas o mensageiro de uma boa nova, e depois sê-lo-ei de uma proposta. O sr. Serafim, logo que daqui saia, deve entrar na carreira das armas.

– Não gosto da carreira das armas.

– Qual lhe apraz?

– Nenhuma, senhor, e menos a que impõe obrigações. Livre até aos dezanove anos, só aceito um cativo: o da sepultura. Quando se esgotarem os recursos que tenho, sei o caminho mais curto da morte.

– Que notável desgraçado! – murmurou o tenente-coronel.

– Mude de ideias, sr. Serafim! Esqueça-se da péssima filosofia que trouxe da França.

– Eu trouxe de lá alguma coisa pior que a filosofia, que não sei o que seja: trouxe as reminiscências de uma vida larga, brilhante e alegre que apenas entrevi. Minha mãe deixou-se empobrecer por um infame dissipador que não era meu pai, e atirou comigo e consigo para as serras de Lanhoso. Falta-me o ar ali! Parece-me que me será menos aflitivo morrer afogado em sangue que morrer de tédio.

– Incrível! – disse mentalmente Alexandre, e continuou em voz alta: – Eu hei de vê-lo quando o senhor daqui sair... Conversaremos.

– Onde devo procurar V. S.^a?

– Eu o procurarei – terminou o militar apertando-lhe ambas as mãos, e encarando-o fitamente com os olhos turvos de lágrimas.

Serafim, ao sair do cárcere, recebeu, de mão desconhecida, uma carta, que rezava assim:

«Não encontras o homem que te visitou no cárcere, porque o regimento que ele comanda, à hora que receberes esta carta, vai a caminho dos Açores.

«Aquele homem era Alexandre Gonçalves, de Calvos, teu pai.

«Viste um grande desgraçado, pela primeira e pode ser que última vez.

«Se lhe reparaste nas lágrimas, eu te rogo, meu filho, que digas a tua mãe que viste chorar um ancião de quarenta e três anos, que há vinte expia o seu crime.

«Se ela tiver a fortuna de se esconder com a sua desgraça no túmulo, assiste-lhe à agonia, beija-lhe a face cavada pelas lágrimas, e vai procurar-me onde eu estiver. Se me achares morto, dá graças ao Altíssimo; se vivo, praticarás a caridade de amparar teu pai nesta derradeira fase da sua penitência.

«Meu filho, vinte anos de sofrimento são em mim o castigo de uma resolução infame.

«Sê honrado; para que eu tenha um homem de bem que me lamente. Teu pai, *Alexandre*. Porto, 29 de junho de 1829».

Serafim sentiu-se remoçar na alma, quando lia aquela carta. Enverdeceu-se-lhe o coração árido ao abrolhar das primeiras lágrimas de dor estreme de ódio. Ele já sabia que seu pai era da casa dos capitães-mores de Calvos. Dissera-lho a cândida menina de Monsul, relatando-lhe o que ouvira ao reitor de Campos. Todavia, por soberba ou por piedade de sua mãe, nunca proferira palavra que demandasse inúteis e vexativas explicações a tal respeito. Ignorava até que o pai vivesse. A família do antigo capitão-mor de Calvos decaíra tanto em importância e haveres, que ninguém se entretinha a murmurá-la ou deplorá-la. Sabia-se que lá, naquela casa em ruínas, vivia uma senhora e um filho, que se ordenara a expensas dos parentes de sua mãe; e que o marido e pai desses dois entes abandonados desbaratara em devassas pompas a sua casa e a da esposa.

Voltando a Simões, Serafim abeirou-se do leito da mãe, que chorava de alegria ao vê-lo inopinadamente.

Referiu-lhe o filho que um desconhecido o protegera, e lhe abriera as portas do cárcere.

– E que sinais tinha esse desconhecido? – perguntou a mãe com alvoroçada ânsia.

– Era um velho...

– Velho?

– Sim... velho... de sessenta anos talvez...

– Ah!... – murmurou ela – então...

– Diga, minha mãe... *então*, quê? Está-se lembrando se seria meu pai?

– Jesus! – exclamou ela.

– Era, era Alexandre Gonçalves. Aqui tem uma carta dele... Deve conhecer-lhe a letra...

Rosa sentou-se vertiginosamente no leito, alimpando o suor da angústia que se misturava com as lágrimas. Faltava-lhe luz no quarto para deletrear a carta. Pediu ao filho que abrisse as janelas. Debruçou-se para fora até achar claridade bastante. Leu metade, apertando a frente com a mão esquerda. A carta caiu-lhe. O filho vergou-se para lha tornar à mão que parecia pedi-la; mas, ao oferecer-lha, a mãe resvalava do leito afogada por soluços, lívida, e sem acordo.

Quando recobrou o alento, estava nos braços de Bernardina. O filho, em pé, com os braços cruzados sobre o peito, assistiu ao ressurgimento da mãe que o encarava com o espasmo da insânia.

Passados alguns silenciosos minutos, Serafim mandou à sua ama que saísse do quarto. Depois, sentou-se rente com a cama, e disse:

– Minha mãe, conte-me tudo que eu não sei do seu passado até ao meu nascimento.

– Meu filho – balbuciou D.^a Rosa – eu nunca perdi a dignidade na desgraça. Sou tua mãe, e sou mulher. Não posso referir-te as coisas que não sabes. Melhor é que as ignores; mas, se por força as queres saber, o mundo que tas conte. Eu, por mim, peço a Deus que em breve mas faça esquecer com a morte.

– Eu as saberei, minha mãe – disse Serafim, e saiu do quarto.

Chamou Bernardina, fechou-se com ela em uma sala, e leu-lhe a carta do pai, com que a ama verteu copioso pranto.

– Dize-me tu agora, minha amiga, que motivo houve para que este homem, que parece ter sofrido tanto, abandonasse minha mãe, e me abandonasse a mim?

– Ó menino do meu coração, não falemos nisso... P'ra que quer saber...

– Nada de hesitações... – voltou com rispidez – Minha mãe acaba de me dizer que pergunte a sua história ao mundo: prefiro sabê-la de ti. Vamos. Eu te ajudo a memória. Este Alexandre de Calvos namorou minha mãe...

– Com promessa de casamento.

– Sim? e então porque não casou? Minha mãe comportou-se mal?

– Não, menino; sua mãezinha adorava-o como se adora a Deus.

– Então quem foi que impediu o casamento?

– Foi uma traição da maior amiga que ela tinha. A sr.^a D.^a Rosa namorou seu paizinho em Fonte-Arcada, em casa da sua amiga íntima, que se chamava Josefina; contava-lhe os seus segredos todos, todos. A tal traidora, que era prima do sr. Alexandre, também o amava; mas, em vez de lho dizer à inocente menina, calou-se, ou

dava-lhe uns conselhos retrincados que tanto montavam como nada para quem tinha verdadeira paixão d'alma. O sr. Alexandre foi para o regimento; seu avô, o sr. Bernardo, Deus o tenha à sua vista, que era a honra em pessoa, foi ao Porto onde ao sr. Alexandre, e lá chorou tanto e tais coisas disse que voltou para casa confiado na palavra que lhe dera o seu paizinho... Ah! eu não admiro que ele sofra tanto! o que eu admiro é que se possa viver com tamanhos remorsos...

– Não moralizes o conto – interrompeu Serafim – o que eu quero é a história com toda a simplicidade. Ora dize-me: porque foi meu avô ao Porto? Minha mãe foi logo abandonada?

– Sim, senhor; as cartas vinha lá uma de mês a mês, e o menino estava para nascer.

– E depois?

– Depois, seu avô morreu de paixão... Que morte, santo Deus! que dor de coração ver assim morrer um homem que...

– Adiante. E que fez a tal amiga de minha mãe?

– Não posso lembrar-me dessa maldita sem pecar! Começou logo por desprezar sua mãezinha; não lhe respondia às cartas; nem quis ser madrinha do menino. A final, a minha ama teve aviso de que a tal cabra da Josefina se carteava de amores com o primo Alexandre. Comprou um criado da outra, e apanhou duas cartas, em que tratavam de se casar com brevidade. Sua mãezinha foi a Fonte-Arcada, insultou a outra, disse-lhe que ela era uma grande infame; mas que montou isso? daí a pouco a pérfida amiga estava casada com seu pai; e sua mãe, estalando de dor, fugiu destes sítios, tirando-me dos braços muitas vezes o menino para o lavar com as suas lágrimas.

– Essa mulher, que atraçouou e desprezou minha mãe, é viva?

– perguntou serenamente o filho de Alexandre.

– Acho que é; que eu não ouço falar desse monstro, Deus me perdoe. Pelos modos, a vida que ela tem tido não é de invejar; mas, por mais que tenha chorado, o que ela não sofreu foi a vergonha do descrédito...

– Agora moralizaste bem, Bernardina!...

– O quê, menino?

– Sabes tu, ama! – tornou Serafim com um trejeito péssimo do seu sorrir – é preciso que os homens castiguem essa mulher, visto que a providência não contende com as patifarias que se passam cá nesta cavalaria do globo.

– Que diz o menino? não o entendi.

– Tu me entenderás noutra ocasião.

Serafim foi dali ao quarto de sua mãe, que ainda estava sentada no leito, com o rosto escondido entre os joelhos, e as mãos recurvas nos cabelos desgrenhados. O filho pôs-lhe a mão nas dela, que o fitou com espanto, como esportada de letargia.

– Minha mãe – disse-lhe ele com brandura – já sei a triste história. Meu pai, por mais que haja sofrido, não merece as suas lágrimas nem a minha afeição. Quanto à sua amiga Josefina, espero que minha mãe não morra sem que a veja arrastada aos pés do seu leito!

– Oh filho! – exclamou D.^a Rosa, estirando para ele aflitivamente os braços convulsos – Oh meu querido filho, deixa essa desgraçada que tem sobre si o peso da infâmia que eu não sinto... Escuta-me, Serafim...

Ele, se ainda a ouviu, não retrocedeu.

Desde que o sr. D. Miguel de Bragança se fez aclamar rei absoluto, em 30 de junho de 1828, o gentio depravado e vagabundo do concelho da Póvoa refundiu-se na política, e renasceu furiosamente turbulento.

Eram muitos os estímulos a impulsá-lo: o confessorário, a cadeira paroquial e o púlpito para a gente rude e bem intencionada; a fome, o rancor, e a vingança para a ralé corrompida por esse dinheiro de Londres que passara de pais a filhos os vícios gerados na ociosidade e repugnância à vida de trabalho.

Nos campos, nas feiras, nos arraiais, nas ruas, nas estradas estrondeavam os cantares d'*O rei chegou*, os «vivas» e «morras», com o delírio do entusiasmo, inflamado por incitações do clero, por beneplácito dos magistrados, e ainda por medo de um bando de homens armados, a quem competia a captura dos malhados conhecidos e dos estranhos às fações.

Nesta formidável jolda distinguiam-se os filhos dos seis irmãos de Manuel Vieira, e os descendentes do irmão de João Veríssimo Vieira e de Tibúrcio de Rendufinho. Eram, em suma, com adesão dos vadios circunvizinhos, todos os fregueses da taverna de S. Gens, que saíram dali esbulhados de dinheiro, mas ricos de patriotismo.

Serafim José Gonçalves (que adotara o apelido do pai, desde que o tenente-coronel o tratara de filho) simpatizara com a atitude

política dos seus conterrâneos, e lamentara que a sua posição ainda elevada, com respeito à deles, e além disso a rixa travada com Feliciano Bonzo, lhe não abrissem ocasião de acaudilhar a hoste.

Não sabia ele que o lance de derrubar o primaz dos valentes lhe granjeara a admiração, o respeito e até a estima daqueles homens, servilíssimos por tanta maneira que apenas lhes deu azo de o bajularem com cortesias para logo os ver rojarem-se abjetamente, oferecendo-lhe a direção das suas empresas em pró do altar e do trono.

Acercou-se Serafim dos mais necessitados e destemidos do bando, liberalizando-lhes consideração, acesso a sua casa, e dinheiro procedente da quinta de Taíde que vendera. Eram trinta e tantos homens a guarda de honra que o filho de Alexandre se comprazia de uniformizar no trajo: chapéu baixo de aba estreita e rebitada, jaqueta, calça e colete azuis, fxa escarlata, cinturão de cartucheira de coiro alvadio com faca e pistolas, sapato branco, ferrado e atacado por correias. Esta alcateia denominou-a o capitão a dos *Bravos de Simões*.

A pouco e pouco desertaram da outra cáfila os mais escrupulosos, incitados pelo *Cavalaria*, neto do padre Bento, e de tanto conceito no ânimo de Serafim, que o honrou com a jerarquia de seu ajudante de ordens.

Constituído este fermento de exército, que operações bélicas traçara Serafim Gonçalves? O intuito, revelado aos seus confidentes, segundo se depreende do exame de vinte e tantos processos-crimes, mais tarde instaurados contra ele, era arregimentar, disciplinar, aguerrir os *Bravos de Simões*, e atravessar, à frente deles, o país, até à capital, e aí, alinhá-los em frente do palácio do rei absoluto, e oferecer-se a defendê-lo até que os malhados chegassem ao trono por sobre o estrado dos seus cadáveres. Esta arrojada tolice, até certo ponto, vislumbrava o que quer que fosse do façanhoso D. Nuno Álvares Pereira, quando, cá por este Minho onde casara, arrolava os facinorosos dispersos, e arrancava com eles, a contento

dos povos desbalizados, caminho do sul, pelidando pelo mestre d'Avis, com pendão arvorado. Mas, ó santo condestável, perdoa-me a comparação! tu morreste monge e santificado pela fama; ao passo que o caudilho da hoste de Lanhoso tinha a predestinação mui diversa da dos *condotieri* da meia-idade!

Por fim de agosto de 1829 eram já cento e vinte as praças capitaneadas por Serafim Gonçalves, que o povo aclamara coronel! O produto da quinta de Taíde estava exaurido na caserna, virtualhas e pré da tropa, não obstante o *Cavalaria* e seus primos contribuírem com o restante de seus patrimónios para o luzimento da ala votada a morrer à ourela do trono.

Neste em meio, recebeu Serafim Gonçalves a seguinte carta, quando era já corrente a nova da derrota do exército realista na vila da Praia, em 11 de agosto:

«Meu filho, se receberes esta carta, já eu estarei morto. É um camarada que a escreve, porque o braço direito me foi amputado; mas outros ferimentos mortais me persuadem a que não posso sobreviver-lhes. Morro, quando desejava viver por amor de ti; mas Deus sabe se é a sua divina misericórdia que me cerra os olhos, para que eu te não veja mais!...

«Dize a tua mãe, se ainda vive, que eu novamente lhe peço perdão. Se hei de ver o rosto do supremo juiz a julgar-me, insta com tua mãe que retire da balança dos meus delitos o peso das suas lágrimas.

«A herança que te deixo é um nome desonrado. Aprecia este legado, meu filho. Nele aprenderás a virtude, fugindo do trilho de teu pai. Se eu te deixasse a riqueza que tua mãe te prometia, podia ser que te perdesse na abundância. Trabalha. Sobre até à virtude pelos degraus da pobreza. Se caíres desfalecido, cairás honrado. Não posso mais que abençoar-te com o coração. Tua mãe que me chore, que me dê a caridade da sua compaixão. Teu pai.»

Seguia-se a seguinte nota da mesma letra:

«O senhor tenente-coronel morreu de ferimentos do fígado em 16 de agosto, às 11 da noite.»

Serafim enviou a sua mãe por Bernardina a carta de Alexandre Gonçalves. Instava a ama que fosse também ele para lhe dar algumas consolações.

– Estou farto de ver lágrimas – respondeu Serafim com desabrimento – Antes quero ver sangue.

Não foi tão grande como Bernardina antevia a consternação da senhora. A vida estava na atrofia, a exsolver-se, os liames já distensos, sem rijeza para as angústias da reação. Poucas lágrimas lhe exsudaram do coração letárgico. As palavras que murmurou eram umas preces por alma de Alexandre, e outras implorando a esmola da morte. Afora isto, balbuciou:

– Enquanto ele vivesse, eu podia esperar a regeneração de meu filho. Assim, não!... Serafim está irremediavelmente perdido. Deus me acabe depressa, e o mate a ele pela sua infinita misericórdia!...

Ao entardecer desse dia, Serafim escolheu doze dos seus homens d'armas, mandou cavalgar o *Cavalaria*, e sair de Simões às dez horas da noite.

Por volta da meia noite, o abade de Rio-Caldo, que naquele mesmo ano se ordenara e colara na abadia, velava ainda com sua mãe, uma quebrantada velha que tinha sido, no dizer de Alexandre, a mais formosa mulher que ele vira. D.^a Josefina recebera naquele mesmo dia a notícia indireta da morte de seu marido, que ela não vira nos últimos doze anos. À meia noite, pois, estava ela ainda ao lado do filho, absorvida nas reminiscências da sua mocidade triste, nas amarguras da sua vida de casada, nas cruezas do marido, que pudera esquecê-la e mais ao filho. Estas recordações estancavam-lhe as lágrimas. A desamorosa ingratidão de Alexandre, acompanhada da libertinagem que a reduzira a pouco menos de indigente, não eram incentivo a que a viúva se carpirse inconsolavelmente.

À meia noite, os cães da aldeia começaram a ladrar e arremeter ao longe; pouco depois, as cadelas coelheiras do abade investiram contra o portão da residência.

– Alguém me procura – disse ele – Talvez venham pedir os sacramentos para o Joaquim da Eira.

Nisto, martelaram no portão. O abade abriu uma das janelas, e viu a chusma de homens a pé e dois cavaleiros.

– Que pretendem os senhores? – perguntou ele assustado.

– Abra – respondeu o *Cavalaria*.

– A quem hei de abrir?

– Lá se lhe diz – tornou o ajudante de ordens de Serafim.

– A esta hora não abro a porta a pessoas desconhecidas.

– Moleiro! – bradou Serafim.

– Pronto, meu coronel! – respondeu um alentado homem armado de marreta e alavanca.

– Arromba! – disse o caudilho.

As frágeis tábuas do alisar de uma portada rangiram e saltaram lascadas ao terceiro golpe da marreta, que parecia arrojada pelos virotões de uma catapulta.

O padre gritava «aquí d'el-rei», retraindo-se da janela; um criado, que acudira de bacamarte, caiu derrubado por duas cronhadas na cabeça; D.^a Josefina fugira apavorada para o quarto, a invocar o Cristo do seu oratório.

Ao cimo da escada íngreme de pedra havia uma porta franzina, que cedeu ao ombro do *Moleiro*. Serafim, como não visse luz no interior da casa, feriu lume, acendeu a mecha de papel enxofrado, pegou a chama à torcida duma lanterna de furta-fogo, e entrou com o *Cavalaria*, ordenando que ninguém mais entrasse, nem deixassem sair alguém.

Depois, em tom de brandura, disse alteando a voz:

– Apareça, senhor abade, que ninguém lhe faz mal.

O abade saiu de um quarto com as mãos erguidas, trémulo, sem respiro.

– Abaixе lá as mãos devotas – disse Serafim – Onde está sua mãe?... Conhece-me?...

– Conheço, meu senhor.

– Bem, tanto melhor; já vê que somos muito próximos parentes.

Ora apresente-me a sua mãe.

– A minha mãe, senhor? Eu vou dizer-lhe...

– Não vá dizer-lhe; conduza-me onde ela está.

O padre seguiu adiante de Serafim, que disse ao ajudante de ordens:

– Espere.

Bateu o padre à porta do quarto de D.^a Josefina, e disse-lhe:

– Pode abrir, minha mãe, que é o sr. Serafim de Simões.

Ergueu-se de sobre os joelhos a perturbada senhora e, cambaleando, abriu a porta automaticamente, tanto sem saber o que fazia como sem pensar que iria ali fazer o filho de seu marido àquela hora, forçando as portas.

Serafim cravou-lhe os olhos, chegando-lhe a lanterna perto do rosto, e disse-lhe:

– Siga-me.

– Aonde, senhor! – tartamudou D.^a Josefina.

– Siga-me...

– Querem matar-me! – exclamou ela pondo as mãos voltadas para a cruz do oratório.

– Nada de exclamações... Ninguém a quer matar. Querem mostrar-lhe uma mulher que a senhora matou numa agonia de vinte anos. Quero que a senhora veja a sua amiga de infância, a prostituída de seu marido, a que lhe confiou a sua desonra, quando estava para vir ao mundo este homem que a quer levar ao pé do leito de sua mãe. Siga-me e não me force a levá-la de rojo.

– Vá, minha mãe... – disse o abade com as mãos suplicantes.

– Mas... – exclamou Josefina – diga a sua mãe que está vingada, diga-lhe que meu marido me desprezou por amor dela, que me reduziu à miséria e mais este filho... Que outra vingança pode querer sua mãe?

– Não quer mais nenhuma; quer vê-la, quer que a veja, quer talvez perdoar-lhe...

– Pois, se me perdoa, deixe-me pedir a Deus por ela... não me faça ir contemplar essa desgraçada que o não foi tanto como eu.

- Menté. A senhora foi desonrada e abandonada?
- Não... não fui...
- Teve um filho a quem não podia dizer o nome de seu pai?

Responda!

– Não, senhor.

– Pediu a uma infame que fosse madrinha de seu filho, e essa infame repeliu-a como se repulsa uma mulher perdida do seio da família honesta... Responda!...

– Oh senhor, pelas cinco chagas...

– Siga-me!

E, travando-lhe rijamente do braço, levou-a quasi a rastos, ao passo que ela expedia aflitíssimos gritos e invocações à Virgem do céu.

Quando a tirou fora de casa para o patamar da escada precipitosa que não tinha corrimão, a lanterna, roçando e quebrando na ombreira da porta, apagou-se. No movimento de largar a mulher, que lhe escabujava no rijo pulso, para reacender a luz – pois que na transição para a escuridade, a cerração era mais opaca, e não havia atinar com a descida – Josefina, sentindo-se solta das presas que lhe estalavam o pulso, tentou fugir descendo a escada a saltos; mas, resvalando nos primeiros degraus, caiu a um dos lados, e deu de borco sobre a dentadura de ferro de um engajo, cujas puas se lhe cravaram no pescoço. Apenas expediu um ai agudíssimo.

E quando o *Cavalaria*, que a perseguira, se dobrou a levantá-la, ergueu um corpo inerte, um cadáver que lhe golfava sangue às mãos.

– Minha mãe está morta!... – exclamou o abade, ajoelhado à beira dela.

– E a minha está moribunda e desonrada – disse com satânica placidez o filho de Rosa.*

Quando, ao alvorecer da manhã, Serafim avistou Simões, tangia o sino da igreja a sair o Senhor.

* Em um dos processos de Serafim José Gonçalves é ele acusado de haver assassinado a punhaladas a mãe do abade de Rio-Caldo. Os golpes dos dentes do engajo simulavam punhaladas; mas a imputação falsa é desnecessária à truculenta memória do capitão dos *Bravos de Simões*.

Deixou atrás a escolta e esporeou a toda brida.

Encontrou o sacramento da extrema-unção a sair do quarto de sua mãe.

Dobrou o joelho; porque sentira um inexplicável terror de Deus.

Entrou no quarto da moribunda, que tinha à cabeceira um sacerdote com a imagem de Jesus crucificado inclinada no braço esquerdo, e o livro das orações da agonia na mão direita.

Do outro lado do leito estava um ancião de grandes barbas, trajado de preto, e braços cruzados, com os olhos fixos na face cadavérica de Rosa.

Ao lado deste homem estava uma mulher com a face entre as mãos.

– Quem é aquele homem e aquela mulher? – perguntou Serafim, indicando o velho das barbas intonsas.

Bernardina falou-lhe ao ouvido.

E ele correu para o velho, apertou-o ao seio, e segredou-lhe:

– É possível que seja...

– Silêncio!... – murmurou o assistente aos paroxismos de D.^a Rosa – Esperemos que ela expire para eu beijar a mão que me matou a fome por espaço de oito anos.

D.^a Rosa descerrou as pálpebras; reconheceu o filho, fez um gesto de chamamento com um breve tremor de cabeça; Serafim abeirou-se-lhe dos lábios, pondo-lhe a mão no ombro descarnado, e ouviu estas palavras intrecortadas:

– Não faças mal a Josefina; lá está Deus que nos julgará a ambas.

O filho fez um sinal afirmativo, vibrando todo em calefrios de terrível remordimento.

Recuou conturbado. A consciência espertava-lhe hórrida ao derradeiro clarão vital dos olhos de sua mãe. Fugiu do quarto, com as unhas cravadas nas fontes. Assoberbara-o naquela hora a fulminação da justiça divina, que ele nunca temera nem reconheceria no remorso. Que misterioso e formidando efeito o daquela suave e cristã morte de sua mãe! Em que silêncios lhe falavam os clamores da justiça divina! Ah! era um relâmpago! E, quando ele se apagasse, aquela alma devia ficar mais negra.

Naquela medonha intuspeção do seu interior inferno, Serafim ouviu o soluçar de Bernardina.

Tornou, a passos de ébrio e olhos esgazeados, à alcova de sua mãe. Já não vivia.

E, inclinado sobre a mão esquerda da defunta, estava Jerónimo de Magalhães, o filho de Cristina, o neto de Paula – outra desgraçada que também assim morrera.

Alguns dias depois, Serafim Gonçalves reuniu na casa de Simões cento e cinquenta homens, convocados para importante negócio. Os mais grados da assembleia não usavam nome batismal nem sobrenome ou apelido de geração. Nos atos cívicos, militares ou oficiais, alcunhavam-se *Abrunho*, *Apóstata*, *Ilhéu*, *Jamanta*, *Macaco*, *Mameluco*, *Mata-sano*, *Marrano*, *Mulato*, *Moleiro*, *Negro*, *Prebendado*, *Sardão*, *Torno*, *Torto*, *Traga-mouros*, etc. Estes e outros pseudónimos pertenciam aos descendentes diretos dos principais herdeiros da herança de Londres. Os inominados ou apenas numerados militarmente eram a porção sobrevivente dos filhos daqueles pobres que, menos de quarenta anos antes, amavam o trabalho e a honra, despontando os espinhos da vida trabalhosa na certeza de outra melhor.

Serafim Gonçalves, dispondo-os em meia-laranja na sala nobre, colocou-se à frente deles, e falou deste teor:

– Meus amigos, a nossa força até hoje não teve alguma significação útil. O terror que temos causado nos povos nada tem produzido que sirva a favor dos que precisam lançar mão destes meios para chegar a certos fins. Quais esses fins devam ser ainda se não discutiui nem determinou. Cento e cinquenta homens valorosos devem fazer alguma coisa mais proveitosa que perseguir malhados. Os serviços que tendes prestado à realeza ninguém vo-los paga nem agradece; pelo contrário, já sabereis que eu estou

pronunciado como assassino da mãe do abade de Rio-Caldo; e serei brevemente perseguido com todos os que me seguem pelas ordenanças do rei, a quem temos servido. Portanto, meus amigos, é preciso nortearmos a nau por outro rumo; é preciso que a riqueza nos venha pela força, e que nos preparemos a fim de, quando o perigo apertar, em qualquer parte da terra encontrarmos repouso, abundância e os regalos que dá o oiro a quem os não arranja, do pé para a mão, na consciência.

– Apoiado – bradou o *Apóstata*, neto do irmão de João Veríssimo Vieira, e com ele bradaram todos em conglobado urro, rufando com as clavinhas no tabuado.

Serafim prosseguiu:

– Venho declarar-vos, meus fiéis amigos, que hoje deixei de ser o vosso maioral; passo a ser soldado como vós, e delego interinamente o comando que me destes no homem que vou apresentar-vos. Este homem, precisando ter um nome, chama-se o *Chefe*; ninguém lhe pergunte quem é; ninguém queira saber donde veio. Cega obediência, respeito inalterável é o que eu lhes peço e recomendo. Ele vai entrar, e falar-vos.

O orador abriu a porta fronteira aos ouvintes, deu a mão dramaticamente ao adventício e, estendendo o braço, bradou:

– Saudemos o Chefe! Viva o nosso comandante!

– Viva! – conclamaram, descobrindo-se à imitação do apresentante.

Resmuneava entre si a espantada assembleia, perguntando quem era o barbaçudo, da cabeça escavada, quando ele, exordindo deste feitio, abafou as válvulas da curiosidade e da respiração:

– Meus senhores, agradeço o lisonjeiro alvoroço com que me recebem, sem me conhecerem. Devo ao sr. Serafim Gonçalves a honra de me considerar o número 151 dos *Bravos de Simões*. Aqui não há maiores nem menores. São todos, e cada qual, iguais a mim, e eu igual a cada um de todos. Vou-lhes falar como conselheiro, e não como chefe. Atendam-me. Há menos de quarenta anos que vieram de Inglaterra mil e duzentos contos para o concelho da

Póvoa de Lanhoso. À exceção de dois ou três co-herdeiros desta enorme herança, sei que nesta assembleia estão representantes de todos os herdeiros; e sei também que todos ou a maior parte estão pobres. É possível que a extravagância e a prodigalidade expliquem a decadência de homens que, há vinte anos, eram ricos; mas não se me esconde uma razão que ajuda a esclarecer a outra; e é que a quantia de 1200 contos foi uma fábula para os herdeiros, e uma realidade para os agentes que os roubaram desafortadamente.

– Apoiado! – grito geral.

Segue o orador:

– Haveis de saber quem foram nesta terra os agentes da liquidação: um era o chamado *Brasileiro* de Travassos, outro era o chamado *Doutor* de Varzielas. Ambos estes foram mortos em Braga, há vinte anos. O povo, justa ou injustamente, castigou-os; mas as centenas de contos roubados aos herdeiros de Manuel Vieira estão hoje trespobrados nas mãos de seus herdeiros, que as aferrolham como sua legítima e indisputada propriedade nas quintas de Travassos e Varziela.

– A eles! – bradou o *Cavalaria*.

– Viva o chefe! – respondeu o grito das cento e cinquenta consciências do direito, despertas à voz do revelador.

– Por efeito de inexplicáveis casualidades – continuou Jerónimo de Magalhães – estão aqui reunidos os representantes das famílias vitimadas à cobiça devoradora dos dois notáveis ladrões, cujos filhos gozam hoje a riqueza e a consideração pública. É preciso que esta absurda iniquidade termine. É preciso que o alheio seja arrancado às mãos de quem o retiver contra vontade de seu dono. É preciso que os homens profanos se façam intérpretes da justiça divina, já que vejo na casa de Travassos dois sacerdotes na posse tranquila de tesouros que seu pai roubou.

(Os *apoiados* eram tão compactos e trovejados, que o orador a custo sobrepujava as veementes prosopopeias sobre o alarido do auditório febril.)

– É preciso – prosseguiu Jerónimo de Magalhães alteando-se sobre uma cadeira – que a força liquide as contas que a ladroagem converteu a seu favor. Nós somos os liquidatários da herança de Londres. Vós sois os roubados em proximamente seiscentos contos de réis. Pergunto se temos direito de recorrer à justiça: respondo que sim; mas seria baldado o recurso; porque os magistrados estão presos com gramalheiras de ouro às burras dos padres de Travassos e do médico de Varzielas, um avaro que se fez médico para arrebanhar ainda o legado que Manuel Vieira deixou a estudantes de medicina, que deviam ser escolhidos entre as famílias necessitadas. Não temos, portanto, confiança alguma nos tribunais. Se lá vamos com um libelo de revindicação contra as fraudes e ladroeiros de duas casas poderosas, pagaremos as custas de dentro de um cárcere, se os ricos não capricharem em nos porem na África ou na Índia como caluniadores de suas senhorias. Somos liquidatários, repito; mas temos um só processo a seguir; mas pronto, sumário e eficaz: é o direito da força a reivindicar o direito da justiça postergada; é o vosso braço, é a vossa clavina, é a suprema alçada do pobre que se vinga, e dá uma lição que há de aproveitar aos futuros ladrões de heranças.

Transpunha as raias do delírio a sobrecitação daqueles liquidatários. Os mais afrentados acercaram-se maquinalmente do orador, as camadas concêntricas premiam-se bracejando, até que dois membrudos homens, no galarim do entusiasmo, pegaram no chefe, cada um por sua perna, levaram-no d'alto ao longo da sala, desandaram três vezes naquele passeio triunfal, até o deixarem à descrição de quem o queria abraçar, que eram todos.

Quis ainda discorrer o acadêmico de 1801, mas não havia ar quieto que transmitisse as vibrações da sua voz. Ululavam todos simultaneamente, uns pedindo a palavra para relatarem por miúdo os roubos das duas famílias votadas à liquidação; outros lembrando certos ladrões suspeitos no mesmo tráfico da herança; outros enfim rugiam apenas de feroz alegria, quando Serafim Gonçalves, em pé sobre um contador, bradou que o ouvissem, com intimativa desabrida.

Feito súbito e profundo silêncio, o amigo de Jerónimo de Magalhães discorreu desta arte:

– Todas as pessoas presentes se recordam que uma das casas herdeiras da herança de Londres foi a de Garfe, que já hoje não existe nos descendentes dos morgados daquele ilustre solar. Todos os bens livres desta família infeliz passaram para o poder dos Castros, da casa de Oliveira. Lembrem-se que há coisa de trinta anos foi degredado para a Índia o último representante de Garfe...

– O fidalgo Jerónimo, conheci-o muito bem, e mais o sr. Luisinho que os milicianos mataram – interrompeu um dos mais velhos da assembleia.

– Quem foi a causa do degredo – atalhou outro – foi o doutor de Oliveira, que o interrou no depoimento que fez...

– Para lhe roubar, como de facto roubou os bens – confirmou o primeiro.

– E agora está rico como um porco! – acrescentou um terceiro, oferecendo-o à liquidação.

– Vejo – tornou Serafim – que não preciso contar-lhes uma história que sabem; mas uma novidade lhes contarei. O doutor João Peres de Castro, quando Jerónimo de Magalhães voltou a Portugal, cumprido o degredo de dez anos, receando que ele reivindicasse os bens usurpados, acusou-o de jacobino...

– Ouvi-o eu! – interveio um dos interruptores – A mim me disse o doutor que quem matasse o de Garfe faria bom serviço à pátria e à religião. Não me conta novidade nenhuma, meu coronel!

– Conto – insistiu Serafim – O que os meus amigos não sabem é que o desembargador da relação eclesiástica de Braga, o doutor João Peres de Castro, vendeu na semana passada seis quintas que tinha nos concelhos da Póvoa e Vieira, com o propósito de se afastar de uma terra infamada por quadrilhas de salteadores. Estes salteadores, no conceito do doutor, sois vós, somos nós todos, que até hoje temos gastado as nossas fortunas, e ainda não incomodamos os ladrões que há quarenta anos se estão cevando na herança

de Manuel Vieira, que era nossa. A minha opinião é que vamos perguntar ao doutor João de Castro sobre que atos ele fundou tão feio juízo a nosso respeito...

– Apoiado! Apoiado! viva o coronel!... Morra o padre!...

– Atendam... E lhe perguntemos também se ele está disposto a depor contra nós com a consciência que tinha quando depôs contra o seu patrício Jerónimo de Magalhães, atirando-o para o degredo aos vinte anos, roubando-lhe os bens com fraudulentas reivindicações, apontando-o depois como herege à fúria do povo estúpido de 1808, e aconselhando esse honrado homem, que aí falou, que o matasse no serviço de Deus e da pátria. Sou, pois, de parecer que o primeiro liquidado seja o doutor João Peres de Castro!

Aprovado por unanimidade, segundo se depreendeu do berro uníssonos que reboou nos desvãos da enorme casaria.

– E eu sou também de opinião – bradou o *Cavalaria* saltando às espáduas do *Moleiro*, para ser visto e ouvido – sou de opinião que, depois de se lhe perguntarem essas cousas, se lhe pergunte também pelo dinheiro das seis quintas.

– Pois isso é dos livros! – obtemperou o *Moleiro* com aplauso de geral gargalhada.

– Aqui não há ladrões! – bradou ironicamente o *Apóstata* que havia tido ordens de clérigo – Aqui não há ladrões, repito: há liquidatários!

Nova risada e vozes:

– Venha vinho, coronel!

– Esvazie-se o tonel das seis pipas para lá metermos os três padres de Travassos, o médico de Varziela e o doutor de Oliveira!

– Peço licença – clamou o *Apóstata* – para fazer conserva das orelhas do doutor de Oliveira, que me fez expulsar do Seminário...

– Se vamos a pedir licenças dessas – observou o *Torto* que era zarolho – também eu hei de tirar os olhos ao médico, que me levou meia moeda por me tapar esta janela da cara.

– Leva rumor! – bradou Serafim, tomando a dianteira dos sócios, caminho da adega.

E, logo que eles desceram, Jerónimo de Magalhães entrou em um quarto onde estava uma mulher chorando. Ele contemplou-a com imensa amargura, e repassou-lhe a mão na fronte, ameigando-lha.

– Não chores, Bartolina... – murmurou.

A canarim relançou-lhe os olhos afogados em pranto, e ciciou como em segredo e pavor de ser ouvida:

– Estás capitão de salteadores, meu querido Jerónimo!... Antes eu te deixasse morrer nos pântanos de Tissuar!

– E a minha vingança!... – contraveio o neto do padre Bento da Mó.

– À tua vingança bastava-te...

– Matá-lo? Isso não é vingança... Vingar-me é... deixar-lhe vida e olhos que vejam vazias as gavetas onde teve muitos mil cruzados.

XVIII

O doutor João Peres de Castro havia dito a suas irmãs, ao anoitecer de um dia de outubro de 1829, que as liteiras de Braga chegariam às três da manhã para se meterem a caminho ao arraiar da aurora; e, portanto, não se deitassem, que ele faria o mesmo. Ainda às onze estavam palestrando no quarto do doutor, que lhes prometia, para as consolar de não terem uma só de seis quintas que haviam tido, comprar nos arrabaldes de Braga a mais pitoresca vivenda que se lhe deparasse.

– Podeis escolher – dizia ele – que a vossa escolha há de ser aprovada por cento e cinquenta mil cruzados que nos estão ouvindo neste baú – e, dizendo, dava umas alegres sapatadas na moscória convexa do cofre em que se amesendrara o ditoso desembargador do foro canónico.

Aí cerca das onze e meia latiram ao longe os rafeiros, e insistiram longo tempo.

– Querem ver que os liteiros estão já na freguesia! – conjecturou o doutor – pois hão de esperar; que eu, sem ser dia claro, não saio de casa. Que não fosse o diabo fazer-me enconração com a quadrilha que foi a Rio-Caldo..

– Eles lá não roubaram nada... – advertiu uma das manas.

– Porque não acharam quê – decidiu o doutor – Pois a que iam eles?

– O filho da Rosa, Deus lhe perdoe os seus grandes pecados, ainda tem com que passar. Olha que a morte da D.^a Josefina foi mandada fazer pela Rosa... Ninguém me tira isto do caco.

O caco da sr.^a D.^a Francisca Peres conturbou-se bastante, quando à soleira da porta apareceu um criado descalço, amarelo, trémulo, dizendo baixinho que dentro do pomar andavam homens, e que pelo lado da estrada se ouvia tropel.

O doutor erguera-se de sobre o baú, com o vagar de espetro de tramoia que surge do alçapão da rampa. O pavor súbito esfalfara-lhe as barrigas das pernas. A língua escalara-se-lhe aderindo ao céu da boca. Os beiços, conformando-se ao jeito de gargalo, diminuían à proporção que os olhos se arregalavam. Quando, enfim, pôde desatar a língua, rouquejou lá do recesso da garganta:

– Que dizes tu?

O moço repetiu o dito.

– Serão ladrões? – tornou o doutor, acaçapando-se inconscientemente sobre o tesouro dos 150\$000 cruzados.

– Pois quem há de ser a esta hora senão ladrões? – refletiu o labrego.

– Avé Maria! Meu anjo-custódio! Nossa Senhora do Porto! Almas do purgatório!

Exclamaram assim alternadamente as duas irmãs do doutor, que as via com espasmo de idiotismo fulminante andarem aos saltinhos como quem joga a cabra-cega.

Neste aperto, batem à porta de uma baranda envidraçada, contígua ao quarto do doutor.

– Eles... aí... estão! – gaguejou o desembargador.

E uma voz do lado de fora disse:

– Se não querem a porta desfeita, abram.

– Abro? – perguntou o criado.

O doutor, descancelando a boca exageradamente, não ejaculou um monossílabo.

E, como as senhoras não fossem mais decisivas, a porta rangiu, e saltou com estampido.

– Nossa Senhora! – bradaram elas, fugindo.

O irmão não podia fugir, oscilando sobre o baú como se o ouro interno fosse um eletrofero que lhe estivesse descarregando fluidos sobre a parte sobrejacente. Assomou à porta, por onde o criado entrara, um homem de rosto descoberto, à frente de uma chusma de mascarados.

Aquele, voltando-se à comitiva, disse:

– Façam tudo na melhor ordem, sem violência supérflua, nem ataque ao físico das pessoas.

E, dando entrada no aposento da família empedrada, continuou com urbana mansidão:

– Era escusado ter-se quebrado a porta, se o senhor doutor João Peres de Castro mandasse logo abrir.

E o doutor, com a maxila inferior descaída, e os olhos regurgitados de terror, olhava para as barbaças medonhas de Jerónimo de Magalhães, e pasmava do tom cortês de tão fera carranca.

– Muito boa noute, senhor doutor Castro – cortejou Jerónimo – muito boa noute, minhas senhoras.

– Tenha V. S.^a a mesma – responderam a um tempo as duas marmóreas velhas.

– As duas senhoras –olveu o cumprimenteiro hóspede – vão fazer sala aos meus amigos que as esperam, que tenho de conversar aqui um todo-nada com o conspícuo doutor *in utroque jure*. Vão, meninas, não se demorem, que essa gente, que aí está fora, quando as chaves se demoram, costuma quebrar as fechaduras.

– Nós não temos nada... Os baús já foram para Braga – gaguejou o desembargador.

– Aqui está – redarguiu Jerónimo – o senhor doutor sentado em um que não foi para Braga. É incómodo e nada flácido o assento. Olá! – bradou o chefe para os de fora – levem daqui estas meninas e respeitem-nas.

– Venham daí, meninas respeitáveis – interveio o *Apóstata*, oferecendo um braço a cada uma, bamboando o tronco, e arqueando o pé na postura ridícula de um áulico de D. João V.

E como as cinquentonas hesitassem em aceitar-lhe o braço, cingiu-as ele pela cinta e chilreou com lânguida ternura:

– Vamos, amores! Sois duas graças que valeis as três parcas!

Jerónimo puxou cadeira para o desembargador, que vingara erguer-se, e outra para si.

– Queira sentar-se, doutor... Como tem passado, bonzinho?

– Graças a Deus...

– Passa bem? estimo, estimo. Deus não é avaro dos bens corporais com uns que entesouram no céu grandes bens espirituais. Há muitos anos que o não vejo...

– Eu não me recordo de V. S.^a

– Não admira... Há hoje vinte e nove anos que nos vimos em Coimbra, onde éramos ambos estudantes.

– Sim, senhor... Isso vai há tanto tempo...

– Pois vai, vai... Venha de lá uma vez de esturrinho. Pitadeemos a palestra a ver se V. S.^a cobra ânimo... Está aí a engasgar-se...

– Não, senhor... eu estou um pouco assustado... é natural... mas espero que V. S.^a me não faça mal... – tartameleou o doutor, oferecendo-lhe tabaco em caixa de ouro.

– A caixa é bonita... Esconda isso, doutor, que não vão estes malandrins bifar-lha. Excelente tabaco!... Já V. S.^a em Coimbra tomava as suas pitadas assobiadas com a gravidade de um lente de prima. Iam bem ao seu carácter sisudo essas e outras manhas e tretas de académico sério. O reitor era muito seu afeto, e a sua opinião acerca dos outros estudantes muito acatada, não é assim?

– São favores de V. S.^a

– É justiça. Se não, lembre-se daquela funesta demência dos estudantes que insultaram as milícias de Coimbra... Recorda-se?

– Sim, senhor...

– Se não há de recordar-se!... Morreu então de uma baionetada aqui um rapaz seu vizinho... chamava-se...

– Luís de Magalhães...

– Justamente; e tinha ele um irmão chamado... era Jerónimo?

– Sim, senhor...

– Que foi degredado para a Índia, em consequência de ter dito ao sr. Peres de Castro que havia de apunhalar o reitor; e, depois, como V. S.^a testemunhasse contra ele, delatando crime intencional, uma justa sentença, baseada no depoimento do sr. Castro, degredou Jerónimo. Tenho memória, não tenho? Responda, doutor! está ingulindo em seco!... É a consciência que lhe quer vir à garganta como o vómito negro ao moribundo lá nas plagas doentias para onde o seu juramento arrojou o Jerónimo de Magalhães... Isto, que eu venho dizendo, é verdade?

– Sim, senhor... – respondeu o doutor, enxugando no lenço escarlate as camarinhas do suor frio.

– E é igualmente verdade que mãe e pai de Luís e Jerónimo morreram de paixão?

– Sim... eles... morreram...

– De paixão ou de qualquer outra doença, morreram... Parece-lhe que seria de sarampo ou de bexigas, doutor?... Não sabe...O que V. S.^a sabe melhor que eu é uma passagem que a sua bondade vai esclarecer-me. Que destino tiveram três quintas da casa de Garfe que Pedro de Magalhães reivindicara, tirando-as ao senhor seu pai, como fraudulentemente possuídas?...

– Essas quintas...

– Responda depressa, que não temos tempo de sobra para grandes reticências – disse Jerónimo, examinando o relógio – Essas quintas, dizia V. S.^a...

– Comprei-as.

– A quem?

– Aos curadores do degredado...

– E, quando o degredado voltou à pátria em 1810, e alcançou sentença contra a inválida compra das quintas, que razão se deu para que V. S.^a as não restituísse?

– Eu?...

– Aqui não está mais ninguém a quem eu me dirija. Esse *eu* é um pleonismo. Laconismo, doutor. Porque não restituiu o furto?

– Furto!... há de perdoar...

– Como quiser; retiro a expressão. Porque não restitui o que não era seu?

– Porque o Magalhães foi para França...

– A fugir à morte que o doutor lhe pôs no rasto, alcunhando-o de jacobino e herege...

– Há de perdoar...

– O que hei de eu perdoar?

– Isso é menos verdade...

– Não desfaço na sua palavra honrada, doutor. E as quintas? que é feito das três quintas? Eram das seis que vendeu agora por 150.000 cruzados?

– Sim, senhor.

– E o dinheiro? onde está esse dinheiro?

– O dinheiro?...

– Dispensemos o eco. Onde está o dinheiro?

– Mandei-o para Braga, logo que se fizeram as escrituras.

– Está aí fora uma canalha que não acredita isso, se eu lho disser. Vou chamá-los para que eles o ouçam da verídica língua do senhor doutor Peres de Castro.

Jerónimo tirou da algibeira um apito, e deu um silvo.

– Não os chame... pelo amor de Deus – balbuciou o desembargador pondo as mãos.

A malta rompeu de baldão.

– Diz este doutor que os 150.000 cruzados, importância das seis quintas vendidas, foram para Braga. Eu não duvido da palavra honrada do sujeito, e vocês?

– Nós – disse o *Apóstata* – acreditamos muito mais na palavra virginal das duas centopeias que, depois de amarradas à laia de peruas chocas em canastra, declararam que o dinheiro está nesse baú, em que o meretíssimo desembargador estava refestelado.

– Sinto muito que suas manas o desmentissem, doutor. Abra o baú, se o não quer arrombado. Já sabe o sistema.

O doutor caiu em joelhos, exclamando:

– Eu não tenho mais nada, senhores!

– Abra, e não desbarate inutilmente a sensibilidade.

O doutor soluçava, dando à cabeça uns movimentos de figura de gesso com arame atravessado no pescoço.

– *Moleiro!* – bradou Jerónimo.

– Pronto!

Já o machado do héracles da quadrilha media d’alto o golpe, quando o doutor, cuidando que a sua cabeça era a vítima, arrancou da algibeira duas chaves, exclamando:

– Aqui estão, e não me matem!

– Abra o doutor – ordenou o chefe.

– Ui! – bradou o *Apóstata*, curvado sobre o baú destapado, ao ver as sacas enfileiradas – Ui! o que aqui vai d’arame, ó povos!

– Vá dizendo – tornou Jerónimo – a quantia de cada saco até prefazer os 150.000 cruzados.

– Peça que se dispense o doutor desse luxo de aritmética – interpôs um mascarado que era Serafim Gonçalves – Se ele diz que estão aí 150.000 cruzados, e de facto estão, dispensa-se de nos dar contas segunda vez. O que eu lhe imponho é que diga por quanto negociou as três quintas roubadas à casa de Garfe. Pense a ver se condiz com a nota que tenho da escritura.

– Cinquenta e oito mil cruzados – respondeu o doutor em tom de voz, como a das palavras últimas de um agonizante.

– Está feita a liquidação – tornou o mascarado – *Abrunho*, amarra este homem às irmãs.

– Salte daí! – disse *Abrunho*, agarrando-lhe do braço.

– Não me prendam... – suplicou o doutor.

– V. S.^a – tornou Serafim – com tempo e pachorra desamarra-se a pouco e pouco. Porém, se, na nossa ausência, der um grito, voltaremos atrás, e teremos de lhe pôr na boca a mordança da morte. Vamos.

Quando o doutor ia como de rojo, a repuxões do *Abrunho*, o chefe mandou afastar o que o levava, e disse-lhe ao ouvido:

– Jerónimo de Magalhães não te mata, porque a pobreza há de dar-te as mil agonias de pior morte.

O doutor fixou-o com horror, e não articulou palavra nem exclamação.

– Então o homem vai-se? e as orelhas, que são minhas? – perguntou o farsola do *Apóstata*.

– Leva rumor! – bradou Serafim com severidade.

O doutor foi amarrado de pernas e braços, e depois cingido pela cintura ao grupo das irmãs. Noutros repartimentos da casa, estavam criadas também atadas; e um moço que escabujara no apertar das cordas, e se atirara à garganta de um da malta, caíra morto a ferro, e amordaçado com uma faixa de cintura.

A malta, durante o caminhar para Simões, fitara o ouvido. Nada ouviu. O doutor dera um grande gemido, mas fora o derradeiro, porque morreu de congestão cerebral, e era cadáver, quando as irmãs desderam as roscas da corda.

XIX

– Veja o sr. Magalhães se estão certos os cinquenta e oito mil cruzados, que eu apartei do monte – dizia Serafim Gonçalves, em Simões, ao seu hóspede, com quem se encerrara.

– Vi contar o dinheiro: estão certos os cinquenta e oito mil cruzados.

– Importância das três quintas que lhe foram roubadas. Levante daí o sr. Magalhães esse dinheiro que é seu.

– Mas...

– Não me ponha objeções. Recolha o dinheiro nestas sacas. A sua liquidação está feita, ou tem mais alguma indemnização a pedir?

– Nada mais, senão seguir o destino de Serafim, filho da minha benfeitora.

– O seu destino não pode ser o meu, sr. Jerónimo de Magalhães. Hoje à noite há de sair de Simões, e amanhã por noute há de estar no Porto. De lá siga para Lisboa, e de Lisboa tome o rumo que lhe prometer segurança e tranquilidade. Não volte mais a estas paragens. Seja qual for o meu destino, não me procure mais. Pode ser que nos vejamos ainda, mas não há de ser em Portugal.

– E porque não foge de Portugal hoje mesmo, sr. Serafim?

– Não se aconselha semelhante covardia a um homem que tem à volta de si cento e cinquenta homens que lhe obedecem como escravos. Fui eu quem os procurou à superfície da lama social, e, deixando-os, seria atascá-los, afogá-los no fundo do atoleiro. Se me

não engano, hei de abrir a todos uma evasiva, de modo que se não encontrem com a força. Veremos. Entretanto, o sr. Jerónimo de Magalhães já não tem nada que ver connosco, nem que fazer aqui. Sua mulher, esse anjo de dedicação que me faz parecer o mundo melhor do que é, desde que chegou a Simães, envelheceu dez anos em dez dias. Há pouco se lançou de joelhos aos meus pés, rogando-me que lhe salvasse o seu marido. «Está salvo», lhe respondi, e é forçoso que esteja. Quis convencê-la de que seu marido se ressarcira de um roubo, e não roubara; mas a pobre mulher tem ideias muito vulgares a respeito de ladrões. Segundo ela, provavelmente o doutor era um proprietário legal das quintas da casa de Garfe. Nós, meu amigo, não podemos – prosseguiu Serafim Gonçalves com agro sarcasmo – não podemos alterar a letra dos dicionários: o roubo formulado legalmente chama-se *propriedade*; a restituição da propriedade, imposta à mão armada, e sem a camaradagem da justiça, chama-se *roubo*. Sua senhora está com o dicionário; e nós estamos com a terminologia do futuro. Seja como for, transijamos com a santa mulher porque é digna de tudo. Tire-ma de este ar de sangue, que lhe atabafa a respiração. Vá dizer-lhe que hoje mesmo é a partida; que eu vou cuidar-lhe do passaporte, enquanto o senhor cuida de rapar essas barbas rentes, para que nenhum destes cento e cinquenta homens que o viram, possam reconhecê-lo em parte alguma. Esta gente tem de errar dispersa por esse mundo, e é muito possível que o meu amigo haja de encontrar-se com algum.

Serafim recusou discutir a deliberação tomada.

Ao escurecer, os dois e a canarim saíram de Simães, enquanto as esculcas, postadas em oiteiros distantes, atalaiavam as estradas e os atalhos, por onde se receava assalto das milícias de Braga.

Ao despedirem-se no Porto, a esposa de Jerónimo de Magalhães, abraçando o filho da caridosa senhora que em Paris lhe dera a casa, o vestido e a cadeira de maior honra à sua mesa, proferiu estas palavras:

– Se algum dia precisar das carícias de mãe, vá onde estiver esta mulher que há vinte anos vive de chorar ao lado dos que sofrem.

Se eu souber que é tão infeliz que até os meus serviços lhe podem prestar, ver-me-á, sem que me chame.

Serafim Gonçalves, agradecendo a comoção da indiana, dizia entre si: «Que figura pode ser na minha tragédia esta mulher? Que serviços pode fazer-me?»

Voltando para os seus bravos, o coronel reassumiu o comando, e repartiu proporcionalmente pela alcateia o remanescente da liquidação, principiada em Oliveira. Grande parte da jolda foi licenciada, dispersando-se em grupos errantes – estratégia necessária para divergir a atenção dos capitães-mores, que pactuavam montar a cerco os bandoleiros, posto que Serafim e alguns bravos se estadeassem desassombradamente nas feiras, e deixassem ver aos capitães-mores os punhos amarelos dos punhais.

No começo de 1830 convergiram as praças a Simões, mais aguerridas pelo repouso, e mais ladras pela precisão.

Romperam a campanha consoante o programa de Jerónimo de Magalhães.

Os herdeiros do *Brasileiro* de Travassos, assassinado em Braga, eram dois clérigos ricos, bem servidos de servos corajosos, que faziam rolda e sobre-rolda na casa, vazada de seteiras, por onde, a resguardo, os defensores podiam torná-la inexpugnável. Os dois padres, ainda robustos, caçadores e fragueiros, davam aos criados o exemplo do denodo, saindo a desoras, de bacamarte, a circuitar os muros da quinta, quando os molossos de Castro-Laboreiro arremetiam às gradarias dos mirantes, sobrepostos às paredes eriçadas de estrepes. Havia naquela casa uma raça de mastins, descendência dos cães ferocíssimos que acompanhavam o exército de Sout, e tantas pernas portuguesas escorcharam no passo de Salamondi e Carvalho d’Este. Contavam os padres, genealógicos dos feros rafeiros, que uma sua cadela concebera em Braga daqueles cães navarreses. O latir noturno da matilha de Travassos repercutia formidando nas quebradas dos outeiros, e afastava o viandante das vizinhanças da casa, onde o ouro se media aos alqueires e guardava em cisternas, no dizer do povo.

Era empresa séria o assalto aos padres de Travassos. Havia coragem e gente sobeja para lhes arrasar a casa; mas cada um dos bandidos, em via de liquidação, receava descontar a vida no ato de saldar contas.

A Serafim Gonçalves sorria a perspectiva de uma escalada a peito descoberto; mas os que tinham voto no conselho de guerra deliberaram empregar meios menos heroicos e mais salutares, comprando o feitor dos padres.

Se o leitor ainda se lembrasse da puerícia de Manuel Vieira, lá veria um mocinho chamado Joaquim da Gaivota, que comprava os traslados ao discípulo do cego. Manuel Vieira legara alguns mil cruzados ao seu benfeitor e amigo de infância, com os quais ele fora casar abundantemente a Giela, povoação do julgado de Valdevez. Tivera Joaquim um filho, que pouco herdara de seu pai, e se chamava Jacinto José da Silva. No decurso de anos, reduzido à precisão de assoldadar-se, Jacinto foi feitorizar os bens dos padres de Travassos, cuja riqueza lhe era peçonha de inveja e entranhada cobiça, ao lembrar-se que, ainda na mocidade, se julgara rico, e, falecido o pai, se vira pobre e expulso pelos credores.

O *Cavalaria* conhecia este homem, e propôs em assembleia corrompê-lo. Aceita a proposta, as tentativas lograram pronto êxito. Jacinto conchavou-se pela décima parte do espólio, comprometendo-se a introduzir pela avenida mais interior do edifício os homens necessários a colher de improviso as sentinelas que se revezavam por noite fora, desde o roubo de Oliveira.

Gizado o assalto, em noite borrascosa de janeiro, moveu-se a malta caminho de Travassos, e, a distância da freguesia, destacou-se a turma que devia achar aberta uma porta da mata, e ser desde aí guiada ao ponto por onde os criados não receavam o ataque. Os rafeiros não latiam, porque o feitor os prendera às correntes onde de dia ganhavam bravura, e além disso os invasores da mata calçavam alparcatas, e pisavam o solo abeberado da chuva sem o menor rumor.

Ora, o feitor ignorava que um dos padres, e às vezes ambos, a ocultas de seus criados, uma noite por outra, sem escândalo, saíam

de casa, e pagavam, o mais clandestinamente que podiam, tributo de amor a dois ídolos da freguesia próxima. Essa fora uma das noites assinaladas, e a porta da cerca era a peculiar das romagens a Cupido.

Quando os dois irmãos, de bacamarte à bandoleira, desciam por atalho fronteiro à porta do soveiral, viram entrar a mó de homens na quinta. Pararam em consulta, e deliberaram rodear o muro, e ganhar a passo rápido a igreja, a fim de repicar o sino a rebate, e alvoroçar os criados que deviam estar dormindo ou vigiando noutros lanços da casa.

Executado o plano do toque a rebate, já o feitor ganhara o interior do edifício; mas das seteiras eminentes à porta principal rompeu súbito granizo de pelouros sobre os magotes que esperavam na estrada a abertura combinada de algumas avenidas. Dos de fora alguns recebiam as balas no peito e caíam escabujando, enquanto outros lascavam com os machados o impenetrável castanho chapado do portão.

Se em parte se baldara a traição do feitor, já não era possível evitar-lhe o êxito traçado. Os ladrões introduzidos abriram o portal, guiados por Jacinto, e a turba dos de fora baldeou-se dentro de roldão, tirante uns que se estorciam em ânsias da morte.

A este tempo, já os padres, marinhando por árvores rentes do muro, estavam dentro da quinta, e pela porta que o feitor abria entraram eles, e assomaram ao topo da escada principal, seguidos de dez valentes criados. Travou-se a luta a fogo nas trevas. Os de baixo subiam compactos e envoltos, desfechando a esmo, atropelando-se nos cegos arremessões, e sentindo-se varados dos zagalotes. Na estrada o espingardear era por igual atroador entre o povo de Travassos e o das freguesias vizinhas chamado pelo sinal do rebate.

– Luzes, luzes! – bramia o chefe, quasi perdida a esperança de forçar a escada na escuridão, e tropeçando nos corpos que alastravam o pátio.

Neste conflito afuzilou de fora o lampejo de um facho de palha. Era Jacinto José da Silva, o valedor naquela angústia, dado que no seu contrato não se estipulasse tão valioso socorro.

– Leva arriba! – bradou Serafim, quando viu o terreno.

O tiroteio recrudesciu. Os salteadores, que se premiam escada acima, eram mais de cinquenta. Os padres e os criados não recuaram um passo. Alguns dos intrépidos defensores tinham caído; poucos se retraíram para o interior da casa. Quanto aos padres, esses morreram ambos, tendo ainda visto o seu feitor envolvido com os salteadores.

O povo, que acudira, fugiu, tão depressa enxergou o negrejar do extenso tropel de ladrões que os rechaçavam a descargas cerradas. Diziam uns a outros os lavradores que os padres, se eles fossem os assaltados, não sairiam dentre os lençóis. Assim que esta razão se propagou entre as turbas que confluíam, desandou tudo em covarde fuga para os seus lares, e à volta da casa espoliada reinava a quietação dos pavores, apenas quebrada pelo praguejar dos moribundos, e pelo ringir dos ramos nus das carvalheiras vergados ao pegão das ventanias.

Jacinto conduziu alguns salteadores à casa-forte dos padres – uma vasta caixa de granito abobadada, com relhas e estreita porta de ferro, para a qual se atravessava por um passadiço do teto arqueado. Fabricavam-se estas casas incombustíveis nas províncias do norte, quando o dinheiro se amontoava nas arcas e nos contadores de nossos selvagens avós, que não tinham inventado um banco para cada cidade, nem sonhavam que os nossos filhos hão de inventar um banco para cada aldeia.

O feitor descortinou o esconderijo das chaves dos baús e caixas ataxiadas de ferragem amarela. Por casual volver de olhos, Serafim Gonçalves leu na tampa de uma daquelas caixas inglesas o nome de Manuel Vieira em letras de cobre oxidadas; donde coligiu que o defunto pai dos defuntos padres deixara aos futuros liquidatários aquela peça sonogada na herança de Londres.

O dinheiro em oiro, por ordem do chefe, era despejado em monte sobre uma vasta mesa de pedra mármore, colocada a meio da quadra. A baixela de prata e oiro, em que se lia a firma dos Bearsley e de Manuel Vieira, foi amontoada à parte. Adereços, manilhas, gargantilhas, anéis, arrecadas, tudo de fábrica inglesa e da mesma procedência, formaram outro grupo.

Feito isto, Serafim mandou repartir a vulto, em dez porções o dinheiro, e assim os outros objetos valiosos. Depois, perguntou:

– Que ajuste fez com este homem que lhe abriu a porta da casa, ó *Cavalaria*?

– Dar-lhe a décima parte do espólio.

– Estão aqui dez montes de dinheiro, dez de alfaias, e dez de miudezas de oiro e pedras. Esse homem que escolha uma porção de cada coisa.

– Escolhe, Jacinto, que é o coronel que manda.

O feitor examinou e escolheu.

– Está satisfeita a condição da entrega que nos fez da casa de seus amos? – perguntou-lhe com sombria catadura Serafim Gonçalves.

– Sim, senhor – respondeu o traidor estupefacto.

– Pegue disso e retire-se da minha presença. Não consinto que, entre os meus valentes homens, se demore um infame que vendeu a vida de seus patrões. Você seria capaz de nos entregar às baionetas da tropa e à corda do carrasco. Retire-se.

O *Cavalaria* acercou-se dele, e segredou-lhe:

– Vai-te embora... e trata da tua vida que não vais mal arranjado...

Cuidaram em enfardelar o espólio com a pachorra de uma honrada família que muda de casa. Na estrebaria dos padres estavam três pujantes mulas, que serviram a transportar para Simões o saldo da liquidação.

Simultaneamente, vingaram dois assaltos.

O médico de Varziela foi roubado na mesma noite por um destacamento de trinta escolhidos entre os cento e cinquenta. Daqueles não voltara sequer ferido algum; mas também a empresa não surtira o previsto resultado. O médico pernoitara fora, e o grosso dos seus cabedais estava em Inglaterra, donde ele viera com a formatura e com ideias mais judiciosas que as dos padres, quanto a colocação de capitais.

Não obstante, a quadrilha, dizimada em onze homens no ataque de Travassos, recebeu avultado quinhão, e foi licenciada até nova ordem, salvo a guarda-de-honra do chefe, sua comensal, que se compunha de vinte estremados entre os mais façanhosos.

A justiça daqueles concelhos, auxiliada por tropa de linha e ordenanças, conseguiu capturar alguns bandoleiros, dispersos por suas aldeias e denunciados pelos vizinhos. Jacinto José da Silva, delatado por um dos criados dos padres, foi logo preso nos Arcos de Valdevez, ferropiado de algemas, e maniatado de anjinhos. Confessou a traição para respirar da tortura, e denunciou os cúmplices, que conhecera, orgulhando-se de dizer que o capitão da quadrilha era o sr. Serafim Gonçalves.

Este não vivia vida pacífica no seu antro de Simões; tinha, porém, amigos que previamente o avisavam de visitas incómodas. Nos dias em que era procurado em casa, dava ele um passeio mais extenso

ao seu cavalo, ou saía ao monte com os galgos e perdigueiros a beber o ar puro das cristas fragosas de S. Mamede, Ganidoura e Pena-província. Se a impertinência dos tímidos milicianos lhe era denunciada a horas mortas, Serafim reservava para uma das noites as suas intermitentes amorosas, que as tinha, e das mais seletas na beleza e linhagem das mulheres. Ele era belo, valente, rico e misterioso. Às mulheres que o adoravam dizia que era um anjo despenhado; e elas erguiam-no da queda, e amparavam-no ao seio, como se ele tivesse a predestinação destes arcanjos boníssimos, mansos e desadados que senhora nenhuma insculpe no seu coração, à guisa de querubim de altar.

No discurso de dois anos, os *Bravos de Simões* não emprenderam feito notável. Mais de um terço esperava nas cadeias de Braga a sentença de degredo ou morte. Alguns haviam morrido a tiro co-varde, se o lavrador pacífico os topava a jeito de uma bala certa, sem receio de retaliação; e grande parte alistara-se nas fileiras do exército liberal, logo que o duque de Bragança, em julho de 1832, se assenhoreou do Porto.

Quando o general realista, Raimundo José Pinheiro, foi organizar nos concelhos do Minho guerrilhas que simulassem exército, Serafim levantou oitenta homens, e declarou-se pela Rainha e Carta, escorraçando vitoriosamente as pávidas milícias dos concelhos da Póvoa e Vieira. Esta nova posição revestiu-o de carácter meramente político, e até simpático aos liberais, que a sua mesma coorte perseguira, e a outros que as forças do general realista vexavam com tributos forçados, espancamentos e prisões.

Em fins de 1834, Serafim Gonçalves projetou retirar-se para Lisboa, movido por instâncias de Jerónimo de Magalhães. Impulsava-o principalmente o despeito de se ver não só menosprezado, senão perseguido pelas autoridades liberais, logo que lhe dispensaram a camaradagem de guerrilheiro. Nos cartórios subsistiam processos por homicídios e roubos perpetrados por Serafim com agravantíssimas circunstâncias. Um governo, que precisava cimentar-se em bases de justiça, não podia trancar aqueles processos, e dar o

exemplo da tolerância que ajudara a perder no conceito do povo a façção indiferente aos crimes do capitão de ladrões. Quem mais ardentemente o perseguia era seu irmão, o abade de Rio-Caldo, filho de Josefina; prendê-lo, todavia, seria mais que difícil, tendo ele consigo oitenta celerados comprometidos nos mesmos processos e apostados a morrerem de bala, mas não em masmorras, patíbulos e degredos.

Aos oitenta acresceu um neto do padre Bento da Mó, filho de Leonel Roixo, marchante de Barcelos. Contara ele aos seus numerosos primos, bandedados com o de Simães, que andava foragido de Barcelos por crime de morte, e se acolhia à proteção dos parentes. Serafim aceitou-o de bom ânimo, ajuntando-o aos homens de mais confiança em respeito e sob palavra dos parentes.

Teotónio Roixo ia ali, de avenças com a justiça de Braga e esperança de bom prémio, tecer insidiosamente o arдил da prisão de Serafim. Informou-se das paragens noturnas onde ele ia acompanhado de três confidentes. Deu secreto aviso à força militar acantoadada na residência de Rio-Caldo. Espiou ao anoitecer o intento de Serafim, que o sentava à sua mesa: e nessa noite lhe pediu que o acompanhasse, visto que um dos três acostumados requererera dispensa por incomodado de saúde.

A denúncia já estava em Rio-Caldo. Vinte soldados cercaram a casa tão subtilmente que os dois companheiros de Teotónio, adormecidos no eirado, não despertaram. O alferes da guarda e o meirinho, que não conheciam o traidor, prenderam-no juntamente com os outros; e, quando Teotónio lhes explicava à puridade a sua missão naquele feito, os dois executores da justiça responderam-lhe que lá em Braga se deslindariam esses negócios. Um dos outros presos dera tento das explicações secretas, e desconfiara da traição.

Quanto a Serafim, foi facilmente preso como todos os célebres criminosos, que um súbito descorçoamento maniatou. Ao saltar de uma janela para um quintal, viu quatro baionetas apontadas ao peito, e quedou-se. Travaram dele como de uma criança tímida, e ataram-lhe o pulso direito ao pulso esquerdo de Teotónio Roixo.

Pediu que o desatassem, dando palavra de honra que não fugiria. O alferes recebeu às gargalhadas a hipoteca da honra de um chefe de salteadores.

Durante o trânsito pelas aldeias intermédias, dali a Braga, o povo deu morras aos presos, e quis arrancá-los à tropa.

Recolhidos à cadeia, o *Cavalaria* segredou a Serafim a desconfiança da traição de Teotónio.

– Mas ele está preso como nós... – observou o de Simães.

– Deixá-lo estar... Há de vê-lo sair...

– Não sai – disse Serafim, e dirigindo-se ao Roixo de Barcelos, falou-lhe assim com ar compassivo:

– Aí está preso o sr. Teotónio sem ter tido a menor parte nos crimes que me cá trazem e mais a estes dois...

– Isso é verdade...

– Naturalmente, logo que o senhor prove a sua inocência, está na rua.

– Assim o espero.

Ao romper da manhã do seguinte dia abriu-se a cadeia, e o carcereiro perguntou por Teotónio Roixo para lhe entregar um bilhete que recebera ao anoitecer, quando já estavam as grades fechadas.

– Eu lho entregarei, que ele está a dormir – disse o *Cavalaria* com indiferença.

Abriu-o, leu-o e levou-o ao quarto de Serafim, que estava escrevendo a Jerónimo de Magalhães.

Era do abade de Rio-Caldo, afiançando ao traidor que sairia na manhã do dia seguinte a perguntas, e não voltaria à prisão.

– Entrega-lho – disse serenamente Serafim, salivando na obreia, e enxugando-a à luz de uma bugia.

Teotónio leu o bilhete.

– É de tua mulher? coitada! – disse o *Cavalaria*.

– É... quem diabo lhe iria já dizer a Barcelos que estou preso!...

– Tu estás aqui, estás na rua, primo Roixo! Tomara-me eu nos teus lençóis!... Vê lá se nos fazes alguns serviços, quando lá estiveres fora...

– Conta comigo...

– Mas, olha lá, tu não estás processado por crime de morte em Barcelos?... Pelo menos assim mo contaste!... com que carga d'água irás tu para a rua?...

– Isso é outra coisa... eu ando à fiança...

– Ah! não sabia isso, meu rapaz! Pois estimo, estimo!

Ao meio dia, entrou o carcereiro chamando Teotónio Roixo, de Barcelos.

– Pronto.

– Desça, que vai a perguntas.

– Ó senhor carcereiro! – entreveio Serafim.

– Que quer o senhor?

– Já que se trata de perguntas, deixe-me aqui fazer uma a este sujeito. Olhe lá, sr. Roixo, por quanto vendeu você o homem que o recebeu em casa e o sentou à sua mesa?

– O que diz V. S.ª?

– Por quanto me vendeu ao abade de Rio-Caldo? Vejo que se esqueceu... Ora vá ver se lhe lembra no inferno, e diga-mo depois!

Proferida a última palavra, atravessou-lhe a garganta com tantas punhaladas, que as últimas já faziam espirrar o sangue de um cadáver.

E depois, dando-lhe com um pé na cara, disse ao carcereiro:

– Mande enterrar isto, se a justiça o não quiser embalsamar.

Todos os dias chegavam à cadeia de Braga alguns *bravos* algemados que contavam a morte de outros assassinados pela tropa ou pela plebe. Um dos mais avançados com o destino era o *Apóstata*, que citava versículos da Bíblia para demonstrar que muitos patriarcas e reis de Israel tinham sido ladrões, e também, acostando-se a Tito Lívio, afirmava que eram quadrilha de ladrões os fundadores de Roma, avós dos senhores do mundo. E embriagava-se, dizia ele, para não ver os *Bravos de Simões*, tristes, como melros de bico amarelo, metidos em gaiola.

Decorreram três meses de prisão, quando a mulher do carcereiro teve aviso de que uma senhora hospedada na Estalagem das Travessas lhe queria falar secretamente para negócio de seu interesse.

Foi, e entrou ao quarto de uma senhora, trajada com riqueza, já de anos que orçariam pelos cinquenta, rosto macerado, olhos desvidrados por lágrimas, e compunção insinuante na voz.

– É V. S.^a a senhora que me mandou chamar? – perguntou a carcereira respeitosamente.

– Sente-se; queira sentar-se aqui.

– É estrangeira? O seu falar é assim a modo de...

– Sou uma infeliz, que é rica, e vem valer-se de uma mulher pobre, que tem em sua mão o tesouro da minha felicidade.

– Ó minha senhora, se é rica, não dê bofetadas em Deus! quem é rico faz o que quer e ainda lhe sobeja tempo... Eu, a falar verdade, não sei de que possa servir a V. S.^a...

– Imagine que eu tenho um filho preso na cadeia de Braga.

– Tem? coitadinha da pobre senhora! E então? é dos que vieram da Póvoa?

– É.

– Mas não o Serafim que matou na cadeia o de Barcelos às facadas...

– É esse.

– É?! mas o meu homem disse-me que a mãe do sr. Serafim morreu; e então como é que?...

– Sou a mãe pelo coração; sou a mulher agradecida ao pão que a mãe de Serafim me deu nove anos, quando era preciso que meu marido, desterrado e pobre, mendigasse em terra estranha, se ela nos não acudisse.

– Coitada, a senhora foi pobre, e agora...

– Sou rica, e quero tornar a ser pobre com tanto que salve o meu filho das garras da justiça e do seu cruel fado...

– Ai! senhora, se é fado, que remédio lhe pode dar?

– Não sei; quero ver até onde chega a força humana contra o destino.

– Como a senhora é rica bem se arranja tudo.

– Então como?

– Pois não sabe? é comprar a justiça.

– Não quero comprar ninguém. Quero mover a piedade das pessoas que podem restituir-me o meu filho. Essas pessoas são vossemecê e seu marido.

– Ó senhora! nós que lhe havemos de fazer... Deixá-lo fugir?

– Sim.

– E depois vai meu marido para o lugar dele? e ficamos nós sem modo de vida.

– Não. Vossemecês recebem três mil cruzados, e a certeza de terem proteção em Lisboa que os livre de incómodo algum com a

justiça. Três mil cruzados são o preço de uns bens; são uma boa loja de mercaria; são mil modos de vida mais limpa e sossegada que a de guardar os ferros em que gemem bons e maus, mas todos desgraçados.

– Não sei que lhe responda... – disse meditativamente a carcereira

– Três mil cruzados, disse V. S.^a?

– Sim.

– Pois eu não decido por ora; falarei com o meu homem, e darei parte de mim amanhã. Ora agora, se a senhora quer que eu leve uma cartinha ou alguma encomenda ao sr. Serafim...

– Agradecida. Eu escrevo-lhe, há três dias, de manhã e de tarde pela ama dele.

– A tia Bernardina? Ah! que santa criatura aquela! Está sempre a chorar quando lá vai, a términos de ele lhe dar ontem ordem que lhe mandasse a comida, e não fosse lá. Mas a pobrezinha já lá estava hoje... Pois, minha senhora, amanhã por todo o dia aqui estou o mais tardar... Adeusinho.

A mulher de Jerónimo de Magalhães escreveu em cifra ao marido relatando o que passara, e a esperança que lhe preluzia bom resultado. Depois sobrescreitou a carta, destinando-a Lisboa. Em seguida, escreveu a Serafim Gonçalves em francês, e ainda assim muito misteriosa e vagamente na empresa encetada.

Bartolina contou as horas da noute e do dia, até perder, ao cair da tarde, a esperança de falar com a mulher do carcereiro. Era já noute fechada quando a suspirada mulher apareceu augurando boa nova no ar risonho.

– Vim mais tarde porque o meu homem quer isto feito com todas as cautelas.

– Aceita? – interrompeu em anseios de alegria a indiana.

– Diz que há de vir falar com V. S.^a hoje à meia noute à Senhora de Guadalupe; e eu um pouquinho antes hei de estar à porta da estalagem para acompanhar a senhora.

O encontro de Bartolina com o carcereiro deu como fechado o negócio, prontificando-se ela a antecipar os três mil cruzados, e

tirando ele a condicional que não trataria nada diretamente com o preso, mas sim Bernardina, que lhe levaria vestidos de mulher, com os quais sairia disfarçado às Avé-Marias. Quanto ao dia da fuga, resolveriam ulteriormente.

Escreveu a mulher de Jerónimo ao preso, referindo-lhe a resolução. Serafim respondeu que não sairia do cárcere sem levar consigo os seus amigos presos. Afligiu-se acerbamente a extremosa ama daquele desgraçado que tinha a virtude da lealdade no requinte da abnegação de si mesmo. Volveu Bartolina a intender-se com o carcereiro, e, contra o que previa, achou-o contente com a resolução do preso.

– Eu antes quero que eles encontrem as portas abertas, e desarmem as sentinelas. Um só não o faria, dezoito facilmente o fazem. Eu posso salvar-me dizendo que dezoito presos arrombaram a cadeia; e, sendo só um o fugitivo, ninguém me acreditará.

Convencionou-se o dia seguinte às onze da noute.

Os dezoito presos sufocaram três sentinelas, colhidas de sobressalto, sem que ouvissem o menor ruído no interior da cadeia. Gritaram às armas, quando os fugitivos transpunham a Senhora-á-Branca a passo indicativo de mediano terror. O *Apóstata*, que estudara em Braga seis anos, e conhecia os desvios da estrada de Lanhoso, deu-os como salvos, logo que se internaram na floresta de carvalheiras subjacentes ao Senhor do Monte.

Daí avante caminharam em grupos por despovoados, alimentando-se da esperança de cearem à noute no quartel-general de Simães.

Que intentos levava Serafim a Simães? Porque não cumprira a promessa feita a Bartolina de refugiar-se em Lisboa, e embarcar-se dali para o Brasil?

Entrava-lhe atrozmente na alma o aguilhão de uma nova vingança.

Na véspera da saída, Bernardina, por inocente imprudência, contara-lhe que D.^a Leonor de Monsul saíra do convento de Viana, assim que Serafim entrara no cárcere.

– E onde está?! em Monsul? – perguntou ele com os olhos empanados de névoa precursora das fuzilações medonhas.

– Não, menino; está em Santa Luzia, em casa do marido.

– Casou? Leonor casou? – voltou ele refreando o ímpeto da cólera.

– Sim, senhor, casou com o José Veloso, de quem ela dizia trapos e farrapos. Olhe V. S.^a se valia a pena afligir-se tanto, quando o berzabú da mulher lhe ia dando volta ao miolo...

E ele tornou com um sorriso que falta ao trejeitar feroz do tigre:

– Eu disse-lhe a ela que a mataria, se casasse com outro.

– Que a leve o diabo, Deus me perdoe – acudiu a ama. – Não se perdeu nada... Se o menino tivesse casado com essa criatura, a esta hora teria quatro ou cinco filhos! Veja que desgraçadinhas crianças!...

– Dizes bem, Bernardina, dizes bem... Vai-te embora, que eu vou escrever à nossa salvadora.

Desde aquela hora, notaram os seus bravos que o chefe já não era o indómito aspeito e a forte alma que olhava de frente para a perspetiva do patíbulo. Amodorrara-se em soturna tristeza; cavaram-se-lhe as faces; orlaram-se-lhe as órbitas de um debrum roxo que os carbúnculos interiores pareciam arraiar de luz sulfúrica.

À hora da fuga disse ao *Cavalaria*:

– Melhor me fora morrer traspassado da baioneta de uma sentinela!

– Porquê? desanima o rei dos valentes?

– Não; não desanimo; mas queria ter morrido ontem.

– Eu não o intendo, sr. Serafim! Quando teve segredos para o seu *Cavalaria*?

– Sabes que a Leonor de Monsul casou? – rugiu o de Simões

– E que lhe jurei matá-la, se ela me escarrasse à cara tamanha afronta? E que, se ela tivesse sido minha mulher, eu poderia ter achado no berço de um filho o anjo que me salvasse?...

– E chora! – interrompeu o neto do padre Bento – Eu nunca o vi chorar!...

– Dizem que todos os moribundos vertem uma lágrima quando morrem.

.....

Era a hora assinalada. Serafim passara o punho da jaqueta pelos olhos, saíra à rua, e dera o exemplo da investida contra a mais próxima sentinela.

Bernardina, depois da fuga de Serafim, aterrada pela agitação que ia em Braga, acolheu-se ao animoso amparo da indiana, cuja alegria se desvaneceu ao saber que o desgraçado voltara a Simães, tendo sido combinada a fuga em direção ao Porto.

Referiu a ama que era ela a culpada da mudança de plano porque irrefletidamente dera a Serafim a notícia do casamento de Leonor.

– Jesus! o que você foi fazer! – exclamou Bartolina com as mãos na cabeça – Pois não sabia que ele jurou matar Leonor, se ela casasse com outro?

– Eu sabia; mas cuidei que esse ódio tinha passado.

– Que hei de eu fazer, meu Deus! –olveu a consternada senhora.

E, após breve concentração, saiu da hospedaria, dizendo a Bernardina que a esperasse em Braga.

Entrou a esposa de Jerónimo em uma alquilaria da rua dos Chãos e alugou dois cavalos para si e criado, sob condição de anoitecer em concelho de Lanhoso. Após violenta jornada, como chegasse aos limites daquele concelho, tomou prático da terra que a encaminhasse à quinta de Santa Luzia, em Fonte-Arcada. Eram dez horas de borrascosa e escuríssima noite quando chegaram ao portão da casa. Bartolina, despedindo o guia, mandou aldrabar com força, e repetir as pancadas, até que se abriu uma janela a medo, e de lá perguntaram quem era e o que queria.

– É uma senhora que se transviou no caminho da vila, e pede à sr.^a D.^a Leonor a caridade de lhe dar agasalho por esta noite.

– E quem é a senhora? – perguntou José Veloso.

– Não sou conhecida ainda que dê o meu nome.

– Mas conhece minha mulher?

– Conheço-a de nome.

– E donde vem a senhora?

– De Braga.

Veloso, desconfiado de ladrões, circunvagou a vista receosa, certificando-se que não havia mais alguém.

Nisto assomou Leonor ao peitoril da janela, e disse ao marido que recolhesse a senhora.

Desceu ela ao pátio a receber a hóspeda, que lhe agradeceu, além da caridade, a delicadeza. Como Bartolina tiritava de frio, Leonor levou-a para o quarto mais agasalhado, serviu-a de chá, desvelando-se em cuidados próprios dos hábitos monásticos que adquirira em seis anos de cela de recolhida e trato com freiras.

José Veloso, que havia de madrugar para ir a uma feira distante, deitou-se; e Leonor, faminta de tagarelar com uma senhora de tão polidas maneiras, disse que ficaria no quarto até que a sua hóspeda sentisse sono.

Contou a graciosa menina, a propósito de coisas que a hóspeda acintemente dizia, que estivera no convento de Jesus, em Viana.

– Sei perfeitamente.

– Sabe? então conhece-me...

– Conheci o infeliz moço que esteve para ser seu marido...

– Ah! o Serafim?... Olhe que fim o desgraçado teve!... Se eu casava com semelhante homem!... Ainda tremo quando penso nele!... Então a senhora conhecia-o?

– Desde os doze anos. Fui muito amiga da mãe, que era uma santa.

– Santa! a senhora está enganada.

– Sim, diz bem a senhora; estarei enganada; que só Deus sabe quem é santo; mas, se não era santa, era excelente alma...

– Ora essa! – contradisse Leonor – pois não sabe que ela mandou matar a D.^a Josefina de Calvos, só porque o pai do Serafim casou com ela?

– Está enganada, minha senhora; quando a viúva de Alexandre de Calvos morreu de uma queda, estava eu ao lado de D.^a Rosa de Simões assistindo-lhe às serenas agonias da morte; e ao pé de mim estava um respeitável ministro da religião que me disse: «está no céu a alma desta mártir.»

– É a primeira vez que ouço dizer tal coisa! – duvidou Leonor – Então não foi o Serafim que matou a mãe do abade de Rio-Caldo?!

– Não, minha senhora.

– Mas não tem matado muita gente?!

– Assim dizem.

– E todos por aí esperam que ele vá à força.

– Deve ter dó do infeliz rapaz, não tem? Amou-o, pensou em ser esposa dele... estas coisas sempre deixam uma impressão de saudade nas almas bem formadas, como a da sr.^a D.^a Leonor...

– Isso é assim; mas olhe, minha senhora, ele não me tinha amor nenhum...

– Quem sabe? não era a menina tão formosa...

– O que ele queria era a minha riqueza... Qual amor! Ao fim de oito dias de namoro queria levar-me de casa como quem pega na filha dum jornaleiro, e a põe numa casa até se aborrecer dela. Eu tinha a minha mãe, que eu adorava e não a podia deixar para aí a morrer de vergonha; e ele queria por força que eu fugisse de casa, e ameaçava bater no confessor de minha mãe e neste homem, que é meu marido. Com estas maneiras, há de confessar, minha senhora, que não se cativa o coração de uma menina, quando ela já tem vinte e quatro anos para ter juízo. Não me dá razão?

– Dou sim, minha senhora; menos em uma imprudência sua, que peço licença para lhe recordar...

– Que foi?... Já sei!... dar-lhe o requerimento...

– Para a tirar por justiça... isso mesmo, e depois, quando ele chegou com o juiz, a menina ter-se refugiado no convento...

– Fiz mal; mas, se eu não vou para o convento, olhe que ele matava-me, porque jurou matar-me.

– E não receia que ele a mate?

– Sabe Deus! mas todos me dizem que ele não torna a ter liberdade, nem eu saí do convento enquanto não soube que ele estava preso... Mas – prosseguiu Leonor, reparando assustada no semblante amargurado da hóspeda – a senhora receia que o Serafim possa tornar a esta terra, depois de ter roubado e matado tanta gente?

– Receio.

– Porquê? diga, diga, que eu tremo de medo... Se ele cá torna, decerto me mata, e mais a meu marido...

– Ouça-me sem sobressalto... O Serafim arrombou a cadeia de Braga, e fugiu às onze da noite de ontem.

– Valha-me Nossa Senhora! – bradou Leonor – Vou avisar meu marido!...

– Vá; e diga-lhe que devem mudar de terra por algum tempo. Vão para sítio mais povoado, Braga ou Porto; e quando receberem uma carta minha, dizendo-lhes que podem voltar para aqui, venham e vivam tranquilos.

– A senhora é um anjo enviado por Deus! – tornou Leonor com veemência – Deixe-me ir chamá-lo à cama...

E hesitando sair da alcova, disse a tremer: – Até já tenho medo de atravessar este corredor às escuras!

– Eu vou com a senhora – animou a risonha Bartolina, pegando no castiçal – Não seja tão medrosa... Vamos lá, que o Serafim ainda não apareceu como fantasma.

– E a senhora ri-se? Olhe o meu coração como bate!

A indiana pôs-lhe a mão sobre as desordenadas palpitações, e disse-lhe:

– Quer ver também como bate o meu coração?

E, tomando-lhe a mão, ajustou-a ao lado esquerdo do peito, e acrescentou:

– Sente?

– Mas a senhora parece que está a querer ouvir alguma coisa lá fora! Esta bulha são os cavalos da senhora que estão aqui debaixo, não são?

– Creio que são... Eu nada ouço lá fora... – dissimulou a nervosa Bartolina, que no sentido da audição comprovava a subtilidade das mulheres tísicas.

– Mas o seu coração palpita de um modo... Diga-me o que ouve... diga-me pelo amor de Deus!

A atenção da hóspeda era mais acurada, quando o portão rangeu nos gonzos. Leonor expediu um grito estrídulo, e correu em direitura do quarto, a chamar o marido. A hóspeda travou-lhe de força no pulso, e disse-lhe com intimativa:

– Não se aparte um instante de mim...

– Ó minha senhora, é o Serafim que vem aí? – bradou em convulsões Leonor, revelando nos olhos baços desesperação e terror – Olhe... batem à porta do cimo da escada... ouve raspar de ferro na fechadura?... querem arrombá-la... Deixe-me chamar meu marido, que o não vão matar na cama...

– Não vá, ele aí vem... Recolha-se à minha alcova comigo.

José Veloso, em hábitos menores, vinha espavorido ao longo do corredor, com uma pistola de alcance em cada mão. A esposa chamava-o acenando-lhe da porta da hóspeda.

– Estão ladrões a arrombar a porta da sala da escada – disse ele em voz baixa.

– Não faça uso das armas – aconselhou a hóspeda.

– Que não faça uso das armas? – contraveio ele – está a zombar a senhora?

– Não faça uso das armas, porque morre com toda a certeza – insistiu a indiana.

– Então a senhora sabe... – objetou José Veloso.

– Olha que é o Serafim! – cortou Leonor.

– O quê?! – bradou ele abrindo descompassadamente os olhos, e sentindo falir-lhe a coragem com que saíra do quarto.

– Ele mata-me!? – exclamou Leonor, voltando-se suplicante para a hóspeda com supersticiosa confiança nos seus conselhos.

– Não há de matar, se fizerem o que eu lhes disser. O sr. Veloso chame um dos seus criados, e diga-lhe que abra todas as portas; se Serafim perguntar pela senhora, o criado diga-lhe que a senhora está na alcova; e deixe-o entrar. Não se demore, que eu já ouço ferir lume perto daqui.

– Já estão na sala... – confirmou o marido torvado de medo.

– Vá, faça o que lhe digo.

Os criados já vinham ao encontro do amo.

– Vá um de vocês abrir as portas todas, – disse Bartolina.

– Façam o que ela diz – ordenou o amo para os criados que o encaravam com estupendo assombro.

– O sr. Veloso vá para o seu quarto; e vocês, se alguém lhes perguntar pela sua ama, conduzam-no para esta alcova.

Ao abrirem a porta que separava o salão dos aposentos interiores, viram um só homem de capote, chapéu baixo, e uma lanterna já acesa, ao clarão da qual enxergaram o cinturão com pistolas e faca de mato. Reconheceram o Serafim de Simões com a mão na coronha de uma pistola, e recuaram ao vê-lo. Neste momento quatro vultos surgiram na soleira da porta exterior. Serafim deu-lhes o sinal que não entrassem.

– Onde está a sr.^a D.^a Leonor? na cama? – perguntou Serafim.

– Ainda não se deitou – disse um criado.

– Vai dizer-lhe que a espera nesta sala Serafim Gonçalves.

Foi um dos criados com o recado. Bartolina respondeu:

– Diga-lhe que pode entrar, que é esperado.

– V. S.^a pode vir que a senhora espera-o.

«Alguma emboscada» – pensou entre si Serafim, depondo a lanterna, e descinturando duas pistolas engatilhadas.

– Andem lá adiante! – disse ele aos dois criados.

– Está aqui neste quarto a senhora – indicou o guia.

Nisto, abriu-se de dentro a porta. Serafim pôs o pé no limiar, e estremeceu. Tinha em frente dele imóvel, hirta, majestosa de severidade, a mulher de Jerónimo de Magalhães.

– Que quer? – perguntou ela – Quer matar uma mulher que treme e chora? Ali a tem, cavalheiro! ali a tem, bravo! é uma proeza sem risco! Vá! um tiro! uma facada naquela mulher, que apenas lhe pode dar o incómodo de lavar as mãos sujas de sangue. Vá, sr. Serafim! Eu ainda ontem lhe chamava o filho do meu coração! Dê à sua segunda mãe o galardão de o ver assassinar uma mulher!

Leonor, inovelada no pavimento, a um canto da alcova, não tinha completa consciência do que ouvia.

Serafim ainda deu um passo no soalho do quarto, erguendo a cabeça por sobre o ombro de Bartolina, a fim de encontrar o rosto de Leonor. Viu no escuro aquele vulto agachado, a cabeça negreando no regaço do vestido alvacentos, e as mãos cruzadas nos joelhos.

Bartolina alongara o braço, quando ele entrou, querendo afastá-lo.

– A mulher está salva – disse Serafim – Deixe-me vê-la e ouvi-la.

– Agora me humilho eu, meu filho! – exclamou a canarim, pondo as mãos suplicantes e fazendo menção de ajoelhar – nem vê-la nem ouvi-la!

Serafim Gonçalves desandou pelo corredor, onde estavam os dois criados; e Bartolina, beijando a face de Leonor, que lhe humedeceu de lágrimas a sua, foi no seguimento dele.

Conseguiu a mulher de Jerónimo de Magalhães que Serafim saísse no dia imediato para o Porto, disfarçado em arrieiro, cortando as barbas, e desviando-se das grandes povoações. O itinerário marcado era por fora de Barcelos até ganhar o litoral, e acoitar-se em taverna onde a concorrência de gente da ínfima plebe desviasse suspeitas. Dali traçava o plano da canarim o seguimento da jornada até Lisboa com menos cautelosas precauções, evitando todavia paragens onde lhe reclamassem passaporte. Era convencionado que apenas Serafim chegasse a Lisboa, embarcaria com falso passaporte para o Brasil.

Neste propósito Bartolina foi esperá-lo no Porto, onde lhe indicou a hora e o local do encontro em determinado dia.

Jornadeou Serafim toda a noite, e repousou ao nascer do sol, tendo já passado a altura de Barcelos, em um palheiro de lavrador nas vizinhanças de Cacabaia.

Quando, ao pardejar da noute, quis seguir jornada, sentiu vagados, que atribuiu a cansaço e falta de alimento. Ainda assim prosseguiu até à «Ponte da Mulher morta» metendo-se à estrada real, a fim de procurar nas estalagens algum sustento que o revigorasse.

Enquanto esperava que lhe cozinhassem um caldo de frango na «Ponte da Mulher morta» chegou um destacamento de soldados de passagem para Barcelos com seis presos algemados, e conduzidos da cadeia da Madalena. Serafim mostrou-se quieto e inalterado como a inocência, à chegada da escolta.

E, reparando nos seis presos, reconheceu aquele Jacinto que lhe abriera as portas dos padres de Travassos.

Instigado pela curiosidade, perguntou ao cabo da escolta se aquele preso não estivera nas cadeias dos Arcos Valdevez. Explicou o cabo que os liberais, quando chegaram aos Arcos, abriram a cadeia, e lhe deram liberdade; mas que o parvo – dizia o cabo – em vez de safar-se, dera no sestro antigo de ladrão e assassino, até que o povo da Madalena e Casal de Pedro o catrafiara de novo.

Quando o cabo dava estas explicações, Jacinto, encarando com penetrante sagacidade nas feições de Serafim, disse lá consigo:

– Eu conheci-o sem bigode, e com bigode. Quando não tinha bigode era aquela cara. Se não é o de Simães, é o diabo por ele. Não vou daqui sem me desenganar.

E, com astúcia de professo maladrim, quando o oficial da escolta dava ordem de marcha, o filho do Joaquim da Gaivota disse em alta voz:

– Ó lá, sr. Serafim Gonçalves de Simães!

E Serafim rodou o pescoço com tal presteza que Jacinto exclamou:

– Não me enganei! Ali está o meu primeiro chefe! Ó patrão – clamou ele ao taberneiro – Deite meia canada do maduro, que quero beber à saúde do meu capitão, que arrombou a cadeia de Braga, há três noites!

Serafim obedeceu ao irreflexo impulso do medo que se manifesta na fuga que parece toda orgânica e superior à vontade. De um pulo ganhou o quintal da taberna, e resvalou de raspão por uma alta ribanceira; mas os soldados, que o perseguiam, desfecharam sobre ele à voz do alferes. O fugitivo caiu sobre um joelho, por onde lhe entrara a bala que o alcançou.

Cercaram-no soldados com as baionetas apontadas. Forçaram-no a erguer-se, e rodear grande espaço de terras lavradas para entrar na estrada. Era-lhe impossível caminhar. Pediu em termos de extremada cortesia ao alferes que lhe permitisse alugar uma cavalgadura. O militar, movido pela fidalguia da frase e da voz, cedeu com todos os resguardos de segurança.

Entrou Serafim Gonçalves na cadeia de Barcelos, onde lhe extraíram a bala. Requeceu que o removessem para os cárceres da Relação do Porto; mas a viúva de Teotónio Roixo, assassinado na cadeia de Braga, mulher de vastos recursos, e parte implacável contra o assassino, requeceu também, responsabilizando-se pela segurança do preso, cuja guarda seria feita por vinte homens armados e pagos à sua custa. A justiça aceitou-lhe a proposta.

Dias depois, a indiana estava em Barcelos, e não conseguira do carcereiro nem do corregedor licença para ver o preso. Com a alma excrucitada, foi para Lisboa, confiada ainda nos milagres que se operam no templo da justiça.

Bernardina lá se via no seu posto, a chorar ao pé do cárcere onde estava, homem perdido, aquela criancinha que tantas vezes lhe sorrira no seio.

Seis meses depois, Serafim Gonçalves foi julgado e sentenciado à pena última, na forca, arvorada no campo de Santa Ana, em Braga.

É de 1835 a sentença condenatória em primeira instância. A Relação do Porto confirmou-a, e o supremo tribunal de justiça anulou o processo.

Começaram os milagres esperados por Bartolina. Em 1837, o réu condenado foi segunda vez ao tribunal. A mesma sentença de morte na forca. A relação do Porto aceitou os embargos que se demoravam conclusos um ano, e o supremo tribunal anulou o processo por falta de certas solenidades na intimação da sentença.

O solicitador de Serafim Gonçalves era Jerónimo de Magalhães, com o patrocínio de jurisconsultos e estadistas, de titulares do novo regimen e de capitalistas poderosos em todos os regimens.

Voltou a ser julgado Serafim Gonçalves pela terceira vez em 1839. Lutava contra o ouro de Jerónimo, que provinha de Manuel Vieira, o ouro da viúva do marchante, que procedia da mesma origem fatídica. Estavam com ela os queixosos que instauraram vinte e quatro fabulosos processos contra Serafim, como se os verdadeiros não bastassem a condená-lo.

O juiz da primeira instância era inflexível. Terceira sentença: a forca, sempre a forca.

Os descendentes dos padres de Travassos, as irmãs do desembargador de Oliveira, o filho de Josefina de Fonte-Arcada, a viúva e filha de Teotónio Roixo, e não sei se o espectro de Leopoldo Aires Cortês, todo este cortejo de gente lagrimosa assediava a consciência do juiz que lavrava a sentença de morte.

Como se operou a maravilha de estar, depois da última sentença, ainda cinco anos preso nas cadeias de Barcelos o condenado? Perdeu-se o processo nos arquivos do supremo tribunal! Último milagre...

E ia ser novamente instaurado, quando Jerónimo de Magalhães, nas ânsias de mortal doença, apertou ao seio a esposa, e lhe disse:

– Deixo-te pobre! Gastei tudo na louca tentativa de salvar da forca o filho da nossa benfeitora. Morro quando, se vivesse, me seria forçoso saber a hora em que o carrasco saltava aos ombros do padecente... Que farás tu, ó santa amiga do degredado, que te deu como filho um condenando ao patíbulo?

– Morrerei, quando Serafim fechar os olhos. Vê-lo-ei perto da forca, para que ele saiba que entre as testemunhas da sua agonia estava uma que o chorou. Bernardina é já morta. Tu vais enfim descansar, meu dilacerado filho. Eu irei, quando não tiver no mundo ninguém... Bem sabes que eu sei como se adormece e não se acorda...

E o conselheiro Jerónimo de Magalhães expirou em dezembro de 1842, tendo exercido ofício importante na repartição dos negócios do reino.

Assim que ele ficou em sepultura pobre ali pelo cemitério do Alto de S. João, o processo ressurgiu das catacumbas do supremo tribunal, com negação de revista.

Serafim Gonçalves recebeu a nova de que não tinha para onde apelar, senão para Deus.

– É tribunal que está muito longe – respondeu ele ao solicitador – Se lá tem relações, senhor procurador, chegue lá, sonde a opinião do juiz, e volte com a resposta.

– Não se zomba de Deus! – observou o solicitador – Nas suas circunstâncias salva-se a alma, purificando-a com a contrição.

– Tem dois ofícios, amigo? Solicita, catequiza; faz favor de me dizer se inforca?

Era este o ânimo festivo, posto que algum tanto ímpio, do filho de Alexandre de Calvos.

Naquele ano de 1842 era já falecida em extrema pobreza a viúva de Teotónio Roixo, o rico marchante, que se vendera a um punhado de ouro.

Sua filha, casada pobremente, nos arrabaldes de Barcelos, assinara-se como parte contra Serafim, porque a mãe, em artigo de morte, assim lho pedira.

– Quando te falte a pitação que se dá ao carrasco, vai pedi-la de esmola; mas não consintas que outrem lha dê! – palavras da mãe que morria bastantemente convicta de que as estrelas lhe abririam alas para ela se abraçar a S. Pedro nos penetrais da glória.

No dia 23 de março de 1843, o condenado recebeu mandado de transferência para a cadeia de Braga.

– Até que enfim! – murmurou ele.

Vestiu-se com esmero, repartiu pelos presos parte do escasso dinheiro que tinha, entrou na escolta, ofereceu os braços à algema, que o comandante não deixou lançar-lhe sob sua responsabilidade; e daí até Braga conversou com o tenente da escolta, referindo-lhe anedotas e factos de Paris, com chiste, e desempenho de quem jornadaia em muito alegre companhia.

À entrada de Braga, desdobrava-se o crepúsculo da noite.

Era grande a multidão, que os soldados afastavam com mais cronhadas que reflexões. Todos simpatizavam com o preso, e receavam algum insulto.

Dentre as turbas apinhadas na «Cruz da pedra» rompeu uma mulher alta, vestida de negro, com os braços estirados para ele.

Um soldado quis repeli-la; mas Serafim disse ao soldado:

– Deixe-me abraçar essa mulher.

Bartolina abraçou-se nele, afogada por soluços que apenas lhe deixaram proferir a palavra «filho».

– Oh! porque me apareceu nesta hora, que me matou a alma antes do corpo? – disse ele lavado em lágrimas.

E voltando-se para o tenente, murmurou:

– Vamos, senhor tenente.

E desprendeuse dos braços dela, que caiu de encontro à mó do povo.

A indiana ainda o seguiu, sem poder desvencilhar-se do povo. Uns comiseravam-na; injuriavam-na outros, as mulheres principalmente, vociferando que devia ser muito desavergonhada a mulher que chorava por tamanho celerado.

Ela levava fechado na mão um frascozinho, que quisera meter na algibeira de Serafim, dizendo-lhe secretamente que se suicidasse; mas ele lançara-a de si tão de golpe que lhe não deu modo de lho passar.

Desde aquele momento as torturas que alancearam Serafim Gonçalves não se intendem nem se exprimem. Perguntava se o inforçariam no dia seguinte, como quem librava toda a sua esperança na aniquilação.

De noite, jazeu amadornado em febril letargia. Ao romper da manhã, puseram-no em oratório, assistido de um egresso carmelita.

Serafim relanceou a vista amortecida à cruz, e disse voltado para o padre:

– Aquele filósofo, conta-se que dissera uma vez «Bem-aventurados os que choram...»

– Porque esses hão de ser consolados, – concluiu o egresso e acrescentou: – Aquele filósofo era Deus. Humilhe-se, meu filho.

– Seria injuriá-lo supor que Deus carece das minhas humilhações.

O egresso ia redarguir, quando o padecente prosseguiu sem energia, mas com placidez:

– Senhor padre, eu não creio. Os seus argumentos podem ser bons; mas, na minha posição, há um só argumento para a conversão: é o terror da morte... Eu não a temo...

– Da morte, não, da vida imortal da alma.

– Que é a alma, senhor?

– Uma emanção de Deus, que volve à sua origem, depois de purificada pela contrição das culpas.

– Pois bem, senhor, pesa-me de não ter sido feliz, porque seria bom e digno de Deus. Pesa-me de haver nascido predestinado para o patíbulo. Pesa-me que Deus me não fizesse honrado, virtuoso, crente na imortalidade da minha alma. Eis aqui a minha contrição. Se não tem mais que me diga, deixe-me.

– Eu continuo a pedir a Jesus Cristo – volveu o ancião alçando os olhos lagrimosos à imagem – que lhe mova o coração.

– Peça por outros desgraçados maiores. O meu suplício começou no berço. O meu berço embalou-se na onda do ouro amaldiçoado. Quantos puseram a mão naquele dinheiro, têm o ferrete da maldição.

– Não todos.

– Quais são os felizes?

– Não há felizes neste mundo, meu filho. Se pergunta quais são os herdeiros da herança de Londres que não têm as mãos tintas de sangue, mostrar-lhe-ei as minhas. Eu sou um desses herdeiros.

– O senhor?

– Sim, meu filho. A mãe de Manuel Vieira chamava-se a Carlota das Courelas. Courelas é a aldeia onde eu nasci. Sou neto de uma irmã de Carlota. Todos os filhos das irmãs de Carlota viveram honrados como Manuel Vieira. E os netos daquelas mulheres pobres não são abastados, mas não são infelizes. Meu pai, sr. Serafim Gonçalves, recolheu aos mosteiros filhos e filhas; depois repartiu pela pobreza o que lhe sobejou, que era muito, reservando para si pouquíssimo. Dizia ele que Manuel Vieira deixara os seus haveres aos pobres, não

para serem ricos, mas para serem melhormente acondicionados, e criarem em si os generosos sentimentos que a mão da miséria esteriliza. Eu e meus irmãos vivemos hoje da esmola que nos dá o Estado. Se essa esmola nos for negada, mendigaremos sem pejo. Ferrete de maldição não o temos. A profecia do monge, ainda bem, não se realizou.

– Que profecia?

– Estava no leito da morte o convertido tronco dessas vergôntees que gotejam sangue e lágrimas, e disse ao filho que o seu ouro corromperia tudo por onde passasse. Estava morta a piedade nas almas que esse dinheiro embriagou; e apagados os vestígios do sacramento batismal nas mãos que converteram o ouro em lama de vícios, amassada em sangue de uns e em lágrimas de outros. Não me pergunte porque Deus permitiu que os descendentes das irmãs de Carlota recebessem os juros da sua herança em contentamento dos infelizes com quem a repartiram; ao mesmo tempo que a posteridade dos filhos de Bento Ribeiro, e de Leonardo, seu bisavô, e a do irmão do honradíssimo João Veríssimo, e a do alferes de Cima-de-Vila, e a do Joaquim da Gaivota, cujo filho foi enforcado ontem...

– Ontem? O Jacinto?

– Sim, meu filho, foi ontem enforcado em Viana.

– Há nove anos que o prenderam... Que longo tempo o fizeram esperar a sentença!...

– Três vezes fugiu do cárcere, e outras tantas mortes sobrepôs à carga dos seus crimes... Voltemos a nossa atenção para a sua alma... Ajoelhe a meus pés... Ajoelhe a meus pés, filho!

– Ajoelho – disse Serafim, ajoelhando – no seu semblante revela-se tudo quanto Deus pode dar a uma alma. Já vê que eu creio em Deus, e em nome dele lhe peço uma esmola...

– Esmola, meu filho?! diga...

– Está em Braga uma infeliz senhora que me foi segunda mãe durante nove anos de cadeia. Chama-se Bartolina, e é viúva de Jerónimo de Magalhães da extinta casa de Garfe. Esta senhora ou morre de dor ou tem de mendigar vivendo. Procure-a. Dê-lhe algumas migalhas do seu pão, ou ampare-a, se ela estiver agonizante.

– Assim o farei, meu filho. A vossa amiga é desde este momento minha irmã.

Serafim cobriu de lágrimas as mãos do sacerdote. Jesus Cristo, do alto da cruz, descera o olhar da misericórdia sobre aquele homem.

Instantes depois, o padecente repetia as palavras do egresso:

«Eu pecador me confesso a Deus todo poderoso...»

.....

Àquela hora, na estrada de Barcelos a Braga, realizava-se o lance previsto pela viúva de Teotónio Roixo, nas vascas da morte. Uma escolta, que conduzia dois carrascos para Braga, parou em S. Veríssimo, onde residia a filha de Teotónio; e, batendo à porta dela, o meirinho reclamou doze mil réis: meia moeda para cada algoz, outra meia para ele, e o restante para vinho dos soldados. A bisneta do padre Bento da Mó disse que não tinha dinheiro. Forçaram-na a pedi-lo, porque os carrascos não cediam dos seus direitos. Pôs-se a mulher caminho de Barcelos; mendigou os doze mil réis; voltou vigiada pelo meirinho; deu cinco pintos a cada algoz, e o remanescente à soldadesca.*

Em 23 de março, à tarde, entraram os carrascos em Braga.

Fez-se um alarido grande à volta da cadeia.

Serafim espertara do estupor em que imergira com o rosto apoiado nos joelhos de frei António da Virgem.

* *Periódico dos Pobres*, do Porto, de 27 de março de 1843: «– Barcelos 24 de março. Aqui pernoitaram os dois executores da justiça. Não seguiram à estrada real; mas outra que chamam 'de Barco' bastante freqüentada e mais curta. Nesta mesma direção e freguesia de S. Veríssimo, a pouca distância desta vila, moram José Joaquim do Vale e mulher, acusadores do réu Serafim José Gonçalves. À porta destes parou a comitiva e oficial de diligência que acompanhou os executores; exigiu-lhes 12.000 réis, dizendo que era de lei dar-se-lhe para repartir 2.400 a cada um dos executores, 2.400 a ele oficial, e o resto para dividir pela escolta. A mulher respondeu que não tinha ali dinheiro; mas tornou-se-lhe que o arranjasse. Teve de vir à vila, e andar em procura dos seus conhecidos para obter os 12.000 réis, sendo acompanhada do oficial que fez a exigência e de um soldado. Moralize quem quiser. Nós expomos o facto como aconteceu, e nada acrescentaremos por esta vez.»

Posto que a correspondência de Barcelos seja datada de 24, os algozes pernoitaram ali na noite de 22.

– Que é? – perguntou ele – oiço tanta bulha!

Rolaram duas grossas bagadas nas faces do confessor.

– É o algoz? – preveniu o padecente com indescritível terror.

– Então, meu filho? a sua coragem de há pouco? peça ânimo a Jesus Cristo...

– Trinta e cinco anos! – murmurou Serafim – Não tive um dia de felicidade em trinta e cinco anos! E que morte!... Ah! meu pai! meu pai! que feliz foste em morrer!... Padre, rogue outra vez a Deus que me deixe dormir... dormir... até que me vistam a alva... A força! a força! – bradou ele, arrancando punhados de cabelo, e correndo vertiginosamente no pequeno recinto do oratório.

Frei António abraçou-o, exorando-lhe com soluçantes preces que voltasse a ajoelhar diante de Jesus-Cristo.

O padecente ajoelhou, com o rosto no pavimento e os braços distendidos. O egresso, de par com ele, levantava os seus para a cruz, exclamando:

– Não o desampareis, não o desampareis, pai de misericórdia! Fizestes, ó Cristo, o milagre de o alumiar com o raio da fé; agora, Senhor, dai-lhe alento no angustioso trance!

Serafim desdobrou-se lentamente, e encostou a face ao braço do confessor, que lhe enxugava as lágrimas com a fimbria da batina.

Ao cerrar da noite, o padecente entrou em convulsões, que se aplacaram em longa síncope. O facultativo da misericórdia, chamado ao oratório, disse que a suprema felicidade de tamanho desgraçado seria a morte por combustão cerebral.

A febre remitiu ao romper da manhã. O aspecto de Serafim era cadavérico, mas tranquilo.

Frei António da Virgem convidou-o a reconciliar-se para comungar. O penitente ajoelhou com dificuldade, e amparado nos braços do ministro de Deus misericordioso, deteve-se meia hora. Depois tomou o Santíssimo Sacramento, e recusou o almoço que lhe ofereceram.

Desde as 6 horas da manhã do dia 24 de março, mais de dez mil pessoas juncavam o campo de Santa Ana, à volta da forca, arvorada em frente da igreja dos Congregados.

O dia era de formosa primavera. As andorinhas gazeavam nos beirais do telhado do oratório; os acres perfumes das florestas, que sobranceiam a louçã princesa do Minho, coavam-se pelas grades do ergástulo, onde Serafim Gonçalves vestia a túnica. Ele moveu os olhos, e contemplou o céu; atentou o ouvido e ouviu o profundo mugido dos dez mil espectadores da sua agonia. Voltou-se para o sacerdote, e disse-lhe como em segredo, com infantil pavor:

– Não me desampare...

Saiu o préstito, por entre um esquadrão de cavalaria, e alas de tropa de linha, que se formavam circularmente à volta do patíbulo. O padecente apenas podia mover-se, amparado no ombro do egresso, que lhe dizia tudo que Deus inspirara de consolações e sublimes tristezas naquela crucificada alma.

Às onze horas em ponto subiu à forca, amparado por dois padres. Ajoelhou, como se as pernas se paralisassem, antes do carrasco lhe lançar o esparto, e disse ao padre:

– Adeus, meu pai!... Morro...

Instantes depois, o corpo descaía impulsado pelo carrasco; mas os que mais de perto viram o trance, disseram que Serafim Gonçalves já estava morto, quando foi arrojado da prancha.

Frei António da Virgem permaneceu longo tempo em joelhos e mãos erguidas.

Eis aqui a lacónica simplicidade com que os historiadores periodistas daquele tempo relataram o trespasse de uma vida que tinha uma auréola de sinistros relâmpagos:

(*Periódico dos Pobres* de 27 de março de 1843.)

«Sexta feira às onze horas da manhã sofreu a pena última na cidade de Braga o padecente Serafim José Gonçalves,

tendo os executores chegado de Viana na véspera à tarde, de executarem Jacinto José da Silva, natural de Giela, do julgado de Valdevez. O réu, que tinha ido com muito ânimo pela estrada, comendo e bebendo, subiu ao patíbulo muito desanimado e abatido.»

CONCLUSÃO

Frei António da Virgem informou-se da residência de Bartolina de Magalhães. Disseram-lhe que a mulher do carcereiro recolhera em sua casa uma senhora que à Cruz da Pedra se abraçara no padecente; e acrescentaram que se era essa a mulher que frei António procurava, a encontraria morta, tendo expirado à hora em que Serafim saíra da cadeia para a força. Foi o egresso a casa do carcereiro, e viu a padieira e ombreiras da porta forradas de negro. Entrou a contemplar a segunda mãe de Serafim Gonçalves, e a viúva do seu amigo de infância e colegial de Braga, e viu um rosto macerado com visíveis sinais de envenenamento, denunciados pelo cheiro da morfina.

– Como foi a morte desta mulher? – perguntou o egresso à carcereira.

– Quando soube que o padecente ia sair, tirou um vidro do seio, bebeu uma água turva, dizendo que era para adormecer. Daí a uma hora parecia dormir profundamente, mas não respirava. Chamei a toda a pressa o médico, e ele disse que estava morta.

O egresso pôs-lhe a mão na frente, e murmurou:

– Deus não permitirá que te percas, nobre alma!

Os restantes personagens desta narrativa acabaram nas masmorras, na guerra da restauração do trono legítimo, nas garras do povo que os despedaçava em meio das escoltas. O *Cavalaria* foi

espingardeado no local onde escrevo este livro, quando, em 1836, capitaneava uma quadrilha de salteadores muito desmedrada da antiga afoiteza.

Não tenho notícia de existir alguém que proceda das famílias contempladas com os 1.200 contos de Manuel Vieira. Aquela santa gente das Courelas foi povoar o céu, depois que repartiu pelos pobres as últimas relíquias dos seus haveres.

Há coisa de dez anos que à porta de um recolhimento de Braga me mostraram uma velha maltrapida a olhar com estúpida atenção e alvar sorriso para uma tigela de barro que tinha no regaço.

– Aquela louca – disse-me o meu informador – é a mulher que devia ser a esposa, e talvez a salvadora de Serafim Gonçalves. Ali tem a Leonor de Monsul. O marido dissipou quanto possuía, e morreu aqui em Braga, ali mesmo onde ela está, em 1847, atravessado de uma bala, quando o MacDonell aqui veio dar cevo às hostes do conde de Casal. Saiu daqui menina, quando neste campo lhe arrastaram o pai; e voltou, quando aqui mesmo lhe mataram o marido. Quando lhe perguntam se ainda se lembra do Serafim, espanta-se, recorda-se, emerge das trevas, chora e diz: «Fui eu que o matei!» e crava os olhos, espavoridos, naquele sítio onde esteve a força.

FIM

ÍNDICE

5	PRIMEIRO VOLUME
9	I
19	II
27	III
33	IV
41	V
49	VI
53	VII
61	VIII
73	IX
79	X
85	XI
91	XII
99	XIII
105	XIV
115	XV
121	XVI
127	XVII
133	XVIII
139	XIX
145	XX
153	XXI
161	XXII
169	XXIII
173	SEGUNDO VOLUME
177	INTRODUÇÃO
181	I
189	II
197	III

205	IV
211	V
217	VI
223	VII
229	VIII
235	IX
239	X
247	XI
257	XII
263	XIII
271	XIV
277	XV
283	XVI
293	XVII
301	XVIII
309	XIX
317	XX
323	XXI
329	XXII
337	XXIII
343	XXIV
351	CONCLUSÃO

Uma herança de 3 milhões e 800 herdeiros;
sentimentalismo, virtude e acumulação de capital;
encontros e lances improváveis;
Inconfidência Mineira, invasões francesas, lutas liberais;
traições e homicídios, desejo e vingança e, como sempre,
profusão de filhos naturais e muitos padres...
O demónio é antes o do folhetim!

Abel Barros Baptista